

COLEÇÃO

NEGRA

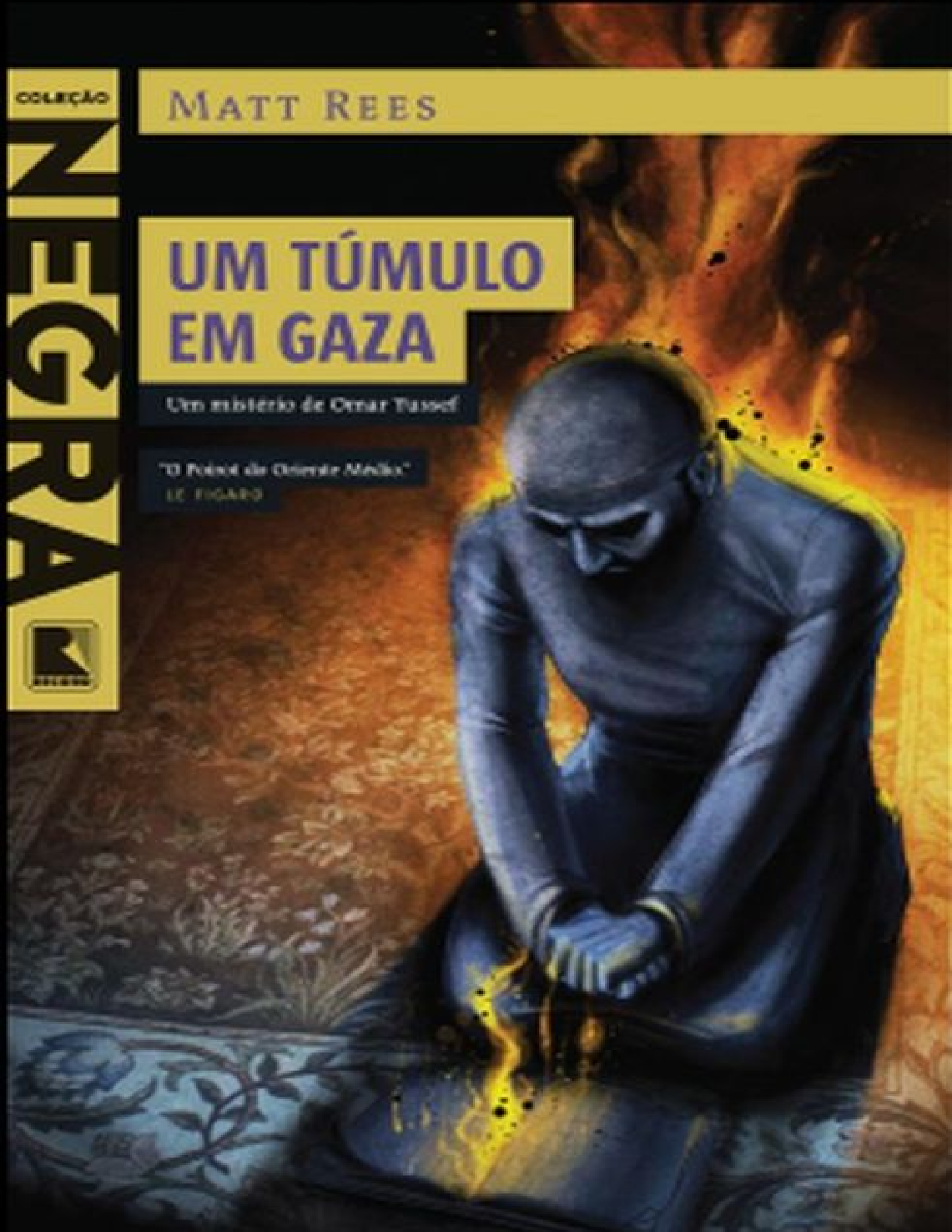


MATT REES

UM TÚMULO EM GAZA

Um mistério de Omar Tawfik

"O Polígrafo do Oriente Médio"
LE FIGARO







UM TUMULO EM GAZA

A grave in Gaza, 2008

Um túmulo em Gaza

Matt Rees

Um túmulo em Gaza

Tradução de Marcos Maffei

Editora Record

Rio de Janeiro—São Paulo 2009

CIP Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Rees, Matt, 1967-Um túmulo em Gaza / Matt Beynon Rees; tradução de Marcos Maffei. - Rio de Janeiro: Record, 2009.

Tradução de: A grave in Gaza ISBN 978-85-01-08686-0

1. Gaza - Ficção. 2. Ficção americana. I. Maffei, Marcos. II. Título.

CDD-813 CDU — 821.111 (73)-3

Título original em inglês: A GRAVE IN GAZA

© 2008 Matt Beynon Rees

Editoração eletrônica: Abreu's System Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

R256t

09-2805

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela Editora Record Ltda.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ-20921-380-Tel.: 2585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução Impresso no Brasil ISBN 978-85-01-08686-0

Pedidos pelo Reembolso Postal

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ - 20922-970



Para Jammil Hamad

*Os crimes neste livro são baseados em eventos reais em Gaza.
Embora as identidades e circunstâncias tenham sido mudadas,
os assassinos realmente mataram desta maneira,
e aqueles que morreram estão mortos do mesmo jeito.*

Quando Omar Yussef veio pela passagem, as moscas deixaram os banheiros entupidos para examiná-lo. A imundície nas latrinas logo atraiu a maioria delas de volta, mas uma pequena e zunidora escolta seguiu em sua órbita enquanto ele ia suando em direção a Gaza.

A passagem era ampla e estava vazia, apenas assombrada pelos milhares que se acotovelavam por ela duas vezes por dia. As paredes caiadas eram acinzentadas até a altura dos ombros, encardidas pelo roçar dos operários se empurrando ao amanhecer em direção ao trabalho na construção civil em Israel. O sol do meio da manhã incidia sobre a alta cobertura metálica, doentio e urinoso. O ar era pálido e fedorento, e todas as superfícies, repugnantes.

Omar Yussef avançava com dificuldade no concreto irregular, arrastando os mocassins malva e empurrando com o joelho sua mala a cada passo. Tocou o nariz com o dorso da mão, combatendo o fedor dos banheiros com o que restava de sua colônia francesa.

Magnus Wallender vinha ao lado dele. Com 40 anos, o sueco era 16 anos mais novo que Omar Yussef e 8 centímetros mais alto, com quase 1,80m. Seu cabelo ondulado era de um louro-grisalho e sua barba era aparada bem curta. Usava calça cáqui, uma camisa azul bem passada e óculos de tartaruga de bom gosto, retangulares.

— Nossa — ele disse, erguendo uma sobrancelha ante a poça pútrida em frente aos banheiros.

— O aroma de Gaza — Omar Yussef disse.

Wallender sorriu e virou-se para Omar.

— Você gostaria que eu o ajudasse com a mala?

O sueco estava tentando ser gentil, mas Omar Yussef detestava constatar que era óbvio que o peso da valise era um desconforto para ele no calor. Se fosse qualquer outra pessoa, ele teria retrucado rudemente, mas Wallender era seu chefe. Beije a mão que não pode ser mordida, pensou.

— Obrigado, Magnus. Eu me viro.

Um policial palestino estava sentado atrás de uma escrivaninha maltratada à sombra da encardida parede da passagem, depois de uma roleta que guinchava e um rolo comprido de arame farpado. Quando viu Omar Yussef aproximando-se com um estrangeiro, ele se empertigou, preparando-se para atender visitantes importantes. Estendeu a mão para a carteira de plástico verde que continha a identidade de Yussef e para o passaporte vermelho-escuro de Wallender. O policial examinou a página com a fotografia no passaporte.

— Senhor Magnus? — disse.

Wallender assentiu e sorriu.

— Seja bem-vindo — o policial murmurou, em inglês. — Qual a finalidade de sua visita a Gaza?

— Sou da UNRWA,¹ do escritório de Jerusalém — Wallender disse. — Viemos fazer uma inspeção nas escolas da ONU nos campos de refugiados de Gaza. — Fez um gesto na direção de Omar Yussef. — Meu colega é o diretor de uma de nossas escolas em Belém.

O policial assentiu, embora Omar Yussef tivesse certeza de que o inglês dele não estava à altura da explicação de Wallender. Omar notou que ele transcreveu incorretamente o nome do sueco no enorme livro de registro com dobras nas pontas.

— Quanto tempo faz desde a última vez que esteve em Gaza, *ustaz*?² — o policial perguntou a Omar Yussef.

— Vinte anos, meu filho. Não é fácil conseguir autorização.

— Vai perceber algumas mudanças em Gaza.

— Gaza vai perceber algumas mudanças em mim. — Omar Yussef deu uma breve risada que soou como se ele estivesse se preparando para expectorar. — Da última vez que estive em Gaza, tinha belo cabelo encaracolado e podia carregar minha valise sem ficar todo suado.

O oficial sorriu. Deu um olhar de relance da identidade de Omar Yussef para ele próprio e seu sorriso hesitou, indicando uma perplexidade polida. Ele terá ficado surpreso que não sou tão velho quanto pareço? Yussef pensou. Com um pouco menos do que a estatura média, ele parecia ainda mais baixo porque seus ombros se curvavam como os de um velho. Seu cabelo estava branco, havia manchas de idade em seu couro cabeludo ficando careca, e seu bigode bem cuidado era grisalho.

— Pelo menos, o senhor ainda tem juízo, tio. — O policial devolveu a identidade. — Diferentemente de Gaza.

Wallender avançou na luz além da passagem e olhou para o sol, espreguiçando-se.

— Vamos ser recebidos aqui pelo responsável pela segurança da ONU em Gaza — disse. — Um fulano chamado James Cree. Disseram-me que é escocês.

Omar Yussef parou atrás dele.

— O responsável pela segurança?

— Aparentemente Gaza é um lugar perigoso, quem diria.

— Wallender riu.

Motoristas de táxi estavam plantados na sombra feita por um posto policial de uma sala só. Alguns deles se aproximaram, dando boas-vindas vagamente

predatórias e apontando para seus veículos amarelos mambembes. Da sombra além do posto policial apareceu um homem alto e careca, olhando seu celular. Tinha quase 2 metros de altura, e o rosto e a careca estavam vermelhos do sol.

— Eu diria que esse é o senhor Cree, não acha? — Wallender disse. — Ele parece ainda mais estrangeiro do que eu. O que é uma proeza e tanto.

James Cree pôs o celular no bolso de sua camisa de manga curta. Seu rosto queimado de sol era suave e parecia arredondado como um ovo pochê num prato. Seus olhos eram de um azul esmaecido, delicado, e ele tinha um bigode ruivo não mais largo que um dedo mínimo. Seus membros eram longos e estreitos e sugeriam a força musculosa de um atleta de resistência.

Wallender apertou a mão de Cree.

— Este é nosso colega Omar Yussef, diretor da Escola para Meninas do Campo de Refugiados de Dehaisha — disse. — Tive sorte o bastante para obter dos israelenses a permissão para ele passar pelo posto de controle para trabalhar comigo nesta inspeção.

O escocês se inclinou para apertar a mão de Omar Yussef, que se sentiu pequeno, lerdo e barrigudo ante o homem alto e magro.

— O senhor Wallender só o leva aos melhores lugares — Cree disse gravemente, mal movendo os lábios.

Wallender estendeu a mão para dar um tapinha no ombro de Cree e foi rindo até o Chevrolet Suburban branco com as letras em preto *UN*, de United Nations, que veio do estacionamento buscá-los.

Instalaram-se no frio do ar condicionado do veículo. Do banco da frente, Cree olhou para Wallender por cima do ombro enquanto o motorista saía para a estrada.

— Temos uma situação de emergência aqui, Magnus. O escritório me ligou enquanto eu estava esperando vocês, e mandaram mais detalhes em mensagens de texto para meu celular. Um de nossos professores foi preso hoje de manhã cedo.

— Quem? — Wallender perguntou.

— Um colega chamado Eyad Masharawi. Ele é professor em tempo parcial na nossa escola no campo de refugiados de Shati. O restante do tempo ele dá aula na universidade.

— Na Universidade Islâmica? — Omar Yussef perguntou.

— Não, na outra, sei lá que raio de nome tem.

— Al-Azhar.

— Isso. Bom, o infeliz do sujeito foi preso. Então vou deixar vocês em seu hotel, se não se importarem, e vou direto para a casa de Masharawi para ver o que pode ser feito.

Magnus Wallender olhou para Omar Yussef.

— Não queremos atrasá-lo, James. Por que não vamos junto com você? Você pode nos levar para o hotel depois.

— Acho melhor deixá-los no hotel antes.

— Não, realmente preferimos ir com você.

Cree não estava olhando para eles agora.

— E quanto à sua inspeção? — perguntou, num tom baixo.

— Eu diria que isso faz parte de nossa inspeção, se um dos nossos professores está detido — Wallender disse. — Você não concorda, Abu Ramiz?

Omar Yussef percebeu os olhos azuis de Cree darem um olhar de relance a ele quando Wallender o chamou de Abu Ramiz, “o pai de Ramiz”, uma forma de tratamento respeitosa, mas também familiar. O escocês não deu a Omar Yussef a chance de responder.

— Certo, se é assim, então. — Ele virou para o motorista.

— Nasser, vamos primeiro para a casa de Masharawi.

Enquanto o Suburban se desviava de buracos e ganhava velocidade, Omar Yussef ficou pensando onde esse pobre Masharawi estaria detido e o que o teria levado a ser preso. Como um professor de história para crianças refugiadas, ele sentia uma afinidade com outros que tinham escolhido esse trabalho, por pouco dinheiro e ainda menos respeito.

Do lado de fora, o calor era intenso ao longo da estrada, e as dunas incandesciam brancas. Mesmo Belém é mais hospitaleira do que isso, ele pensou. Sua cidade natal nas colinas sem vegetação ao sul de Jerusalém tinha seus sérios problemas, mas mantinha o centro histórico e a dignidade de suas velhas pedras. Seu amigo Khamis Zeydan, o chefe da polícia de Belém, visitava Gaza regularmente e afirmava que o lugar estava tão arruinado que devia ser jogado no Mediterrâneo para nele afundar, com os milicianos e os ministros corruptos que lá mandavam. E, no entanto, essa pequena tira de terra — mais do que Belém — parecia representar a realidade dos palestinos: Gaza zurrava e se contorcia como um burro ferido, enquanto seus governantes desempenhavam o papel do fazendeiro zangado, furiosamente batendo no animal caído, mesmo sabendo que ele não podia se levantar.

Nasser breiou ao dar com um lento comboio militar e praguejou. Omar Yussef dirigiu um rápido olhar para os homens da ONU. Não mostraram sinais de terem compreendido o sujo impropério em árabe. Ele se inclinou para a frente e falou com o motorista.

— Devia se envergonhar — disse. — Atenção ao que diz.

O motorista reduziu a marcha e saiu acelerando com o Suburban para a outra pista para ultrapassar os veículos militares.



Eram cinco caminhões. Os três de trás eram pequenos e camuflados, cada um com tantos soldados dentro que tinham de ficar de pé. Encostavam-se nos ombros dos homens ao lado deles e balançavam com o movimento dos caminhões sobre a superfície danificada da estrada. Usavam uniformes camuflados cáqui e verde, boinas vermelhas e faixas vermelhas nos braços com a inscrição Inteligência Militar em branco.

O segundo da frente era um caminhão plataforma de comprimento médio. Em seu centro, um caixão estava coberto com o verde, branco, vermelho e preto da bandeira palestina.

Uma fileira de soldados estava de pé de cada lado do caixão, as pernas enfrentando o movimento do caminhão, olhando para a frente e tentando ficar em posição de sentido. Omar Yussef achou que eles se esforçavam para dar uma aparência de firmeza, mas seus rostos imaturos eram ossudos e nervosos.

O motorista da ONU diminui a velocidade ao passar pelo caixão.

— Alá é o único Deus e Maomé o seu profeta — murmurou ele, em benção ao morto.

Yussef inclinou-se para a frente em seu banco para ver melhor o caixão. Sob a bandeira, haveria uma caixa simples de tábuas sem acabamento, sem tampa. O morto estaria envolto numa mortalha, suas pernas amarradas no tornozelo. Depois que o enterrassem, iriam guardar o caixão para ser usado de novo.

— Você está do lado errado do raio da estrada, Nasser — Cree disse ao motorista entre os dentes.

Nasser pisou no acelerador e ultrapassou o caixão, voltando para a pista certa.

Omar Yussef perguntou-se quem estaria naquele caixão. Era sua primeira visão da morte em Gaza, convenientemente embalada numa caixa. Não chegara nem a 2 quilômetros do posto de controle e a morte o encontrara na estrada.

¹ United Nations Relief and Works Agency, a Agência das Nações Unidas para o auxílio aos refugiados palestinos. (N. da T.)

² *Senhor* em jawi, uma das versões do alfabeto árabe.

A casa de Masharawi, no bairro de Tuffah, na Cidade de Gaza, tinha reboco branco sobre o concreto e as esquadrias das portas pintadas de um púrpura desbotado. Seus dois andares ficavam atrás do muro do jardim na altura do ombro, tendo nele grafitadas a bandeira palestina e a Cúpula da Rocha em amarelo. Pontiagudos arabescos de arame farpado circundavam a pintura da mesquita.

Yussef desceu na via cheia de areia onde o Suburban estacionara. O caminho para a casa passava por um emaranhado de limoeiros com o dobro da altura do muro. As árvores exalavam um cálido aroma cítrico, como se tivessem sido fervidas para chá pelo sol forte. Um som baixo de pombas arrulhando veio reconfortante em meio ao calor.

Num canto do jardim havia um sombreado bosque de olivas e um bulboso *taboun* de barro, onde a mulher de Masharawi provavelmente estaria fazendo pão num dia normal. Um estranho silêncio vinha das portas e janelas abertas da casa na espessa calmaria do meio-dia.

Um menino magro e desengonçado, cuja orelha esquerda ficava num ângulo de noventa graus em relação à cabeça, apareceu na porta. Seus olhos hesitavam entre os estrangeiros e o chão. Omar Yussef falou com ele primeiro.

— Saudações — disse.

— Saudações duplas, *ustaz* — o menino sussurrou.

— Esta é a casa de *ustaz* Masharawi?

O menino baixou os olhos para os chinelos baratos de plástico e assentiu.

Cree deu um passo para o lado de Omar Yussef. O menino se inclinou para trás para olhar o homem enorme. Havia um leve tremor em seu queixo e seus olhos estavam perplexos e receosos.

— A senhora Masharawi está em casa? — Cree perguntou.

— Minha mãe? — o menino indagou, num inglês lento.

— A própria — Cree disse.

O menino não compreendeu. Olhou para Omar Yussef, que falou com ele gentilmente em árabe.

— Esses homens são da ONU. Estão aqui para saber o que aconteceu com o seu pai. Poderíamos falar com a sua mãe?

— Bem-vindos — disse o menino, de novo em inglês.

Eles o seguiram para dentro. O corredor escuro era um alívio para o sol quente brilhando ofuscante nas paredes externas brancas. Enquanto os olhos se acostumavam, Omar Yussef foi cegamente atrás do som que os chinelos de plástico faziam no piso de cerâmica. O menino levou-os para os fundos do andar térreo e

fez um gesto apontando os vários sofás grossos com estampas florais que se atulhavam junto às paredes do cômodo escuro e fresco.

— Bem-vindos — ele disse de novo, quando Wallender e Cree estavam entrando. Então voltou-se para Omar Yussef e falou em árabe: — Como o lar de sua família e o seu próprio lar.

Omar Yussef respondeu ao cumprimento.

— Sua família está com você.

— Querem chá ou café, *ustaz*?

Omar Yussef traduziu para Wallender e Cree.

Wallender sorriu, pediu café e sentou-se discretamente. Cree falou com o menino numa voz alta inteiramente surda ao silêncio infeliz que reinava na casa.

— Um café seria ótimo. Obrigado, garoto.

— O meu eu gostaria *saada* — disse Omar Yussef, que sempre tomava seu café assim, sem açúcar. — E peça à sua mãe para vir falar conosco, por favor.

O menino saiu da sala. Os três homens ficaram sentados nos sofás. Vieram sons baixos de um canto da casa, como se saias estivessem se movendo apressadamente no silêncio.

Uma acolhedora sugestão de gás aceso e café sendo feito pairou até a sala.

No canto entre Omar Yussef e James Cree havia uma estante barata de aglomerado coberta com acabamento falso de madeira. Uma fileira de fotografias se alinhava no topo. As estantes vergavam-se com o peso de volumes sobre educação e história em árabe, francês e inglês, exceto uma delas, que estava vazia. Omar Yussef levantou-se e a examinou. Viu que não havia nem um pouco de pó, embora a borda das outras estantes não tivesse sido limpa por semanas. Algo que ocupava a prateleira inteira tinha sido removido.

Omar Yussef supôs que a foto no centro no alto da estante fosse de Eyad Masharawi. O homem na imagem estava com a cabeça ligeiramente virada para a esquerda. Omar Yussef sorriu e se perguntou se Masharawi tinha uma orelha extremamente protuberante como seu filho e era vaidoso o bastante para escondê-la do fotógrafo. O homem era careca, mas o cabelo dos lados de sua cabeça era tão intensamente preto como o café amargo que estava sendo preparado na cozinha.

Os olhos eram fundos, aristocráticos e escuros. A boca era tensa e resignada, como se acostumada a notícias exasperantes.

O menino voltou com uma bandeja revestida, como a estante, de falsa madeira. Ele puxou duas mesinhas de canto envernizadas e colocou-as junto aos joelhos dos visitantes.

Então serviu o café, a primeira xícara na frente de Wallender.

— Que Alá abençoe suas mãos — disse Wallender, usando sobriamente a fórmula árabe tradicional de gratidão. Omar Yussef sorriu para ele.

— Que Alá o abençoe — o menino murmurou. Acomodou-se numa poltrona no canto.

Wallender se inclinou para a frente e sussurrou para Omar Yussef: — Devemos nos referir ao senhor Masharawi como *ustaz*?

— Ele é um homem culto, um professor, de modo que será respeitoso se referir a ele como *ustaz* Masharawi — Omar Yussef disse.

Provou o café aromatizado com cardamomo e pôs a xícara na mesinha. Duas mulheres entraram na sala em passos medidos, silenciosos.

A primeira mulher cumprimentou com a cabeça cada um deles e sussurrou saudações. Usava uma túnica comprida com grandes botões de ouro que ia ampla quase até o chão.

Seu lenço na cabeça envolvia o rosto, preso por um broche de ouro no queixo. O lenço era creme com uma estampa marrom floral em torno da parte de baixo, que caía sobre os ombros. Sua pele era marrom-clara, como seus olhos melancólicos, preocupados. Suas sobrancelhas escuras estavam erguidas, como se ela tivesse tomado fôlego e estivesse para soltar o ar. Seus traços eram miúdos, apesar do queixo mais cheio pela idade. Omar Yussef achou que ela devia ter em torno de 35 anos. Trazia uma pasta de papelão fino apertada junto ao estômago como uma bolsa, tamborilando nela com o dedo em que ficava sua simples aliança de ouro. Sentou-se na borda do sofá vazio, mantendo o pescoço ereto e as costas retas, com as palmas da mão abertas sobre a pasta agora em seu colo. O dedo anular fazia pequenos círculos nervosos na superfície.

A mulher atrás dela era alguns anos mais velha e vestia-se similarmente, embora seu lenço fosse liso, sua túnica, cinza e o corpo sob ele, mais volumoso. Sua boca era ampla, informe e saliente. Ao se mover, suas bochechas carnudas tremiam a cada passo. Ela sorriu para os visitantes e sentou-se no mesmo sofá em que estava a primeira mulher. Sua robustez fez Omar Yussef se lembrar de sua vizinha Leila em Belém e, com um arrepio de vergonha, ele recordou a atração sexual que com frequência sentia por ela. Uma curiosidade física similar lhe veio quanto à mulher roliça no sofá. Pegou-se segurando o fôlego ao observá-la acariciar a omoplata de sua amiga para reconfortá-la.

Aquele gesto de consolo deu a Omar Yussef sua deixa. Ele falou para a mulher de preto.

— É a esposa de Eyad?

Ela assentiu e ergueu um pouco mais a cabeça.

— Sou Abu Ramiz, Omar Yussef Sirhan, de Belém. Estes são meus colegas da ONU. — Yussef apresentou Wallender e Cree, então dirigiu-se em tom mais baixo a eles em inglês: — Pergunto a ela o que aconteceu quando vieram fazer a prisão?

— Não há necessidade de traduzir, Abu Ramiz — a mulher disse. — Sou professora de inglês.

Cree e Wallender sorriram agradecidos.

— Onde dá aulas? — Wallender perguntou.

— Às vezes na mesma escola da ONU onde Eyad ensina. Dou aulas para as crianças daqui, também. — Ela voltou-se para a mulher ao seu lado. — Esta é minha amiga, Umm Rateb. Ela trabalha na universidade, como secretária do presidente.

A mulher balofa sorriu, mostrando dentes grandes na boca ampla, e olhou por um bom tempo para Omar Yussef com uma expressão de curiosidade divertida.

— Eyad foi preso por causa de algo que aconteceu na universidade, não por causa de seu trabalho na escola da ONU — a mulher de Masharawi disse.

— Por que diz isso, senhora Masharawi? — Cree perguntou.

A mulher fez uma pausa. Aquela forma de tratamento deve ter soado tão estranha para ela quanto parecera a Omar Yussef.

— Meu nome é Salwa Masharawi. Os senhores podem me chamar de Umm Naji, a mãe de Naji. Este é Naji, meu filho mais velho. — Fez um gesto na direção do garoto magrelo, encolhido na poltrona no canto.

Cree assentiu, com ligeira impaciência.

— Quatorze homens armados vieram à nossa casa bem cedo esta manhã, quando todo mundo estava dormindo — Salwa disse.

— Soldados israelenses? — Wallender perguntou.

— Agentes da segurança palestina.

— O que eles queriam? — Wallender tirou do bolso um caderninho e uma caneta.

— Os agentes pediram a meu marido seus papéis.

— Seus documentos?

— Não, os da universidade. Houve exames na universidade recentemente, e ele os mantinha aqui. — Salwa apontou a estante no canto. — Levaram todos os papéis da prateleira vazia.

— Por que eles queriam esses exames?

— Houve uma... encrenca na universidade, senhor Wallender. — Salwa fechou os olhos e tocou a testa. — Bom, no mínimo, Eyad fez coisas que são, como creio que se diz em inglês, pedir encrenca.

— De que tipo?

— Três dias por semana, Eyad dá aula na escola de vocês da ONU. Ele gosta de estar lá, porque ele é de uma antiga família da Cidade de Gaza, e com frequência diz que devemos trabalhar com os refugiados para mostrar a eles que são sempre bem-vindos aqui. Pode parecer tolice, talvez, porque eles já são tão de

Gaza como qualquer outro, depois de sessenta anos em seus campos, mas ainda são as pessoas mais pobres da cidade, e Eyad acha que é seu dever trabalhar para eles. Os outros dois dias da semana ele trabalha na universidade. Dá aulas no Departamento de Educação. — Salwa hesitou e lançou um olhar à amiga, que assentiu para ela. — Diferentemente de seu serviço para a ONU, o trabalho na universidade não mais é uma fonte de prazer para Eyad. É uma batalha.

— Contra quem? — Omar Yussef perguntou.

— Talvez você ache que a corrupção da vida palestina não deveria infectar a universidade, Abu Ramiz? Que a academia devia estar acima de tal sujeira? — Salwa balançou a cabeça. — Infelizmente, não é o caso.

Cree bebeu o fim do café em sua xícara minúscula, limpou a grossa borra que aderira às pontas de seu bigode e colocou a xícara na mesinha com um ruído.

— Naji, faça chá, agora — Salwa disse. Ela franziu os lábios e suspirou, como que aliviada por seu filho ser poupado da história.

— Ele é um bom menino — Omar Yussef disse, depois que Naji saiu.

— Ele é idêntico ao pai na aparência, até mesmo na orelha. Viu, que fica para fora? — Salwa disse. — Mas ele é tranquilo e calmo. Não é como Eyad.

— O que aconteceu de errado com Eyad na universidade? — Omar Yussef perguntou.

— Eyad descobriu que a universidade está vendendo diplomas para agentes da Segurança Preventiva.

— Segurança Preventiva? — Wallender franziu o cenho. — O que é isso?

— A força policial à paisana — Cree disse.

Salwa assentiu.

— Por que um policial precisa de um diploma? — Omar Yussef perguntou.

Umm Rateb pôs a mão no pulso de Salwa e assumiu a história.

— Para serem promovidos rapidamente, esses policiais precisam mostrar que fizeram direito ou algum outro curso superior. Deixa-os no que se poderia chamar de via expressa para os postos mais altos. Claro, isso significa um salário melhor e poder maior.

— Então a universidade está lhes dando o diploma em troca de um pagamento? — Omar Yussef perguntou.

— Sim, eles têm de aparecer em algumas aulas, mas não estudar realmente — Umm Rateb disse.

Salwa estalou a língua e seu tom aproximou-se da raiva pela primeira vez.

— Eles nem conseguiriam estudar se tentassem. Não estão qualificados para estar na universidade. Esses homens nem mesmo terminaram o ensino médio. Estavam nas ruas aprontando confusão quando deviam estar nas aulas. Mas agora

os baderneiros são a lei em Gaza e eles querem receber algo de valor sem trabalhar por isso.

— O que Eyad fez quando descobriu? — Omar Yussef perguntou.

Salwa balançou a cabeça.

— Meu marido não é um homem calmo. Se vê algo de que não gosta, tem de agir contra. Eu sempre digo a ele: “Por favor, Eyad, vá com calma. Deixe-nos viver em paz.” Mas isso não é o que ele queria. Três semanas atrás, ele aplicou uma prova em sua turma na universidade.

— As provas que foram confiscadas esta manhã? — Omar Yussef perguntou.

Salwa entregou-lhe a pasta.

— Eles não levaram este exemplar da prova. Eyad o tinha deixado no criado-mudo.

Omar Yussef traduziu o início da primeira página: “Escreva um ensaio sobre a corrupção no governo.” Olhou para Cree, cuja face estava contida e impassível. Wallender curvou-se sobre seu caderninho.

Umm Rateb prosseguiu.

— O reitor da universidade, o professor Adnan Maki, ficou muito irritado. Chamou Abu Naji em seu escritório e discutiram em altos brados. Quando Abu Naji foi embora, ele até esqueceu de se despedir de mim em minha mesa na antessala do escritório do professor Maki, embora eu seja uma grande amiga de sua família. Durante todo o restante da tarde o professor Maki ficou extremamente mal-humorado.

— A universidade puniu Eyad? — Omar Yussef perguntou.

— Meu marido nem esperou ser punido — Salwa disse, com uma risada triste. — Foi direto para a sala de aula e passou outra prova para seus alunos. Dê uma olhada.

Omar Yussef passou à segunda página na pasta e leu: “Escreva um ensaio sobre a corrupção na universidade.”

— Todos os estudantes escreveram sobre a universidade vendendo diplomas para policiais à paisana — Salwa disse. — O professor Maki imediatamente suspendeu Eyad.

Wallender ergueu os olhos de seu caderninho.

— Se os estudantes já sabiam sobre a venda de diplomas, por que Eyad teve de ser punido?

— Não era algo para se dizer em público ou para se dar provas sobre — Umm Rateb disse.

— É mais do que isso — Salwa disse. — Tornou-se uma disputa pessoal.

— Entre Eyad e o professor Maki? — Omar Yussef perguntou.

— Pior. — Salwa fez um gesto com a mão. — O coronel al-Fara.

— Que inferno — Cree disse.

— Quem é esse? — Wallender perguntou.

— O chefe da polícia à paisana. Um dos homens mais poderosos de Gaza e certamente um dos canalhas mais nojentos que há por aí. — Cree deu um tapa na coxa.

— Ele já torturou mais prisioneiros do que você comeu arenque em conserva com Aquavit, Magnus.

— James — Omar Yussef disse, indicando Salwa com os olhos.

Cree olhou para a face solene da mulher.

— Desculpe, minha cara — disse, com uma pigarreada.

Salwa assentiu, mas sua boca estava tensa. Ela arrepiou-se um pouco antes de continuar.

— O professor Maki disse a meu marido que ele o havia constrangido na frente do coronel al-Fara. Conforme observou, senhor Cree, não é uma situação favorável para se estar em Gaza hoje em dia. Com homens como Maki e al-Fara, todos os tipos de político estão envolvidos, sobre as quais, como eu disse a meu marido, ele não tem a menor chance de estar informado.

— O reitor da universidade não devia resguardar a liberdade acadêmica? — Wallender perguntou.

Salwa e Umm Rateb trocaram um olhar que sugeria que o sueco bem podia ter caído de Marte.

— O professor Maki não se tornou o reitor da universidade por ser um acadêmico notável. Na realidade, foi por estar envolvido em política — disse Salwa. Voltou-se uma vez mais para Umm Rateb, que assentiu com resignada aprovação. — Ele é membro do Conselho Revolucionário do Partido Fatah e da alta hierarquia da OLP. O coronel al-Fara também. Sem dúvida, muitos acordos secretos poderiam ser prejudicados por um conflito entre eles. Eu avisei a meu marido de que eles iam precisar de um bode expiatório que lhes permitissem resolver suas diferenças.

— Depois que foi suspenso, o que o seu marido fez? — Wallender perguntou.

— Ele devia ter esperado até o ano que vem quando a suspensão seria revogada, quando todo mundo tivesse esquecido o que ele fizera. Mas ele foi a uma das organizações de direitos humanos, que tem feito campanhas contra a corrupção. Decidiram transformar o caso numa questão de liberdade de expressão na universidade.

Escreveram para o professor Maki sobre meu marido.

Omar Yussef sentiu uma treva a envolvê-lo. Pensou sobre o marido impulsivo daquela mulher, determinado e arrogante. Aqueles olhos altaneiros na fotografia

eram muito orgulhosos para Gaza, degradada como estava. Para viver aqui, era preciso aceitar as sombras, sufocar em quartos sem ar, engolir o ressentimento.

— Eles também escreveram para o coronel al-Fara.

Omar Yussef sabia no que aquela carta devia ter dado. O menino voltou com uma bandeja de copos pequenos cheios de folhas de hortelã e chá escuro. Omar Yussef viu um frêmito de medo no rosto de Salwa e seus lábios se apertarem, como se o menino diante dela estivesse correndo tanto perigo quanto seu marido. Naji colocou um copo na frente de Omar Yussef e deu uma olhada para a pasta aberta nos joelhos do homem mais velho. Omar Yussef estendeu a mão para o chá. Tremia, e ele a recuou. Seu pulso disparara.

— O coronel al-Fara deu alguma resposta para a carta do grupo de direitos humanos? — Cree perguntou.

— A prisão foi a resposta dele — Salwa disse.

— Você disse que eles pediram os papéis — Omar Yussef disse. — Podemos ver pela prateleira vazia que ele deu a eles os papéis que queriam. Por que então o prenderam, também?

— Os policiais o insultaram. Ouvi um deles dizer que os papéis pareciam muito suspeitos e que teriam de interrogá-lo sobre eles. Eyad perdeu a paciência e gritou com eles. Tenho certeza de que queriam provocá-lo, para poderem prendê-lo.

— Onde você estava? — Omar Yussef perguntou.

— Estava no andar de cima. Quando descí, vi Eyad sendo levado por eles pela porta desta sala e para fora pela frente da casa. Estava algemado e um deles o fazia se curvar enquanto andava, empurrando seu pescoço para baixo. Eu o chamei, mas um agente ficou na base da escada e se recusou a me deixar passar.

Omar Yussef ouviu o desespero do momento mesmo agora na voz de Salwa.

— Eram agentes da Segurança Preventiva?

— Sim. Usavam jaquetas de couro, mesmo não estando frio. Levaram Eyad pelo jardim e foram embora muito rápido.

— Alguém lhe disse por que ele foi preso?

— A primeira coisa que fiz esta manhã foi ir até o escritório local deles. Disseram-me que Eyad estava detido no quartel-general deles no sul da cidade.

Disseram que ele estava sendo investigado, que talvez ele trabalhasse para a CIA.

— A CIA? — Cree exclamou.

— Exatamente.

— Meu Deus, eles estão apontando direto para o topo. — Cree bateu as palmas das mãos. — Nada de ficar brincando com acusações pírias de colaboração com os israelenses aqui. Não, ele é um cara importante da CIA. Cristo.

Salwa se empertigou. Sua voz estava suave e precisa.

— Eu concordo, senhor Cree. Se meu marido é um espião, então levem-no à Praça da Palestina e o fuzilem, eu disse a eles. Mas ele deve ser julgado antes. É preciso haver justiça.

— Eles não mencionaram um julgamento para você? — Omar Yussef perguntou.

Salwa balançou a cabeça.

Cree fez uma expressão de escárnio e um gesto com a mão.

— Julgamento? Sem chance.

Magnus Wallender ergueu os olhos de suas anotações. Apoiou o cotovelo no joelho e cofiou sua barba curta.

— Seu marido terá todo o apoio das Nações Unidas, Umm Naji. Vamos nos esforçar para que ele seja libertado ou, ao menos, tenha um julgamento justo. Trabalharemos junto a todos nossos contatos com o governo aqui e informaremos nossos representantes diplomáticos.

— Obrigada — disse Salwa.

Omar Yussef percebeu que a conversa estava chegando ao fim. Sua mão parecia firme o suficiente para erguer o copo de chá na mesinha. Ele levou-o aos lábios e tomou um gole.

Umm Rateb inclinou-se para a frente.

— Talvez, senhor Wallender, fosse o caso de visitar o professor Maki na universidade para discutir o ocorrido?

— Sim, Umm Rateb, acho que iremos.

— Deixe para daqui a algumas horas — a mulher obesa disse. — Ele esteve em Rafah esta manhã e terá ido para casa almoçar e fazer a sesta antes de voltar para o escritório. Estará lá às 16 horas ou 16h30. Dirijam-se à entrada principal da universidade e peçam informações ali.

— Obrigado.

Umm Rateb levantou-se, apoiando o peso numa perna e pondo para frente o quadril do mesmo lado. Omar Yussef gostou de sua postura.

— Salwa, tenho de ir preparar almoço para a minha família. Conversamos depois.

Salwa levantou-se e beijou a bochecha redonda de Umm Rateb.

Umm Rateb sorriu para Omar Yussef, mostrando os dentes de sua boca ampla.

— Mais tarde nos veremos hoje, Abu Ramiz.

Omar Yussef ficou surpreso. Ela teria percebido sua atração por ela? Estaria lhe fazendo um convite na frente daquela gente toda? Sua mão tremeu e gotas de chá caíram na pasta e na frente de sua calça.

Wallender cobriu o embaraço de Omar Yussef.

— Na universidade, Abu Ramiz. Umm Rateb é a secretária do professor Maki, como deve lembrar.

— Vocês terão de passar por minha mesa para chegar ao escritório dele — Umm Rateb disse.

Omar Yussef pôs seu chá na mesa e limpou a garganta, se recompondo.

— Se Alá quiser — disse.

Omar Yussef ouviu tiros quando o Suburban da ONU estacionou na entrada do Sand's Hotel. Wallender olhou nervoso em sua direção. Os tiros pareciam perto, rajadas breves ressonantes.

— Vocês, rapazes, tratem de se acomodar bem confortáveis aqui e eu virei pegá-los mais tarde a caminho da universidade — Cree disse. Piscou para Omar Yussef, e o carro da ONU saiu da entrada e partiu.

O lobby do hotel se escondia atrás de portas de vidro fumê besuntadas com respingos de uma chuva suja. Apesar da claridade do dia, Omar Yussef podia sentir a aproximação de uma tempestade de areia pela pressão do ar aumentando e por uma dorzinha de cabeça das mais mínimas que ia como uma agulha em brasa de seu olho direito ao centro de seu ouvido. Os funcionários do hotel não se davam ao trabalho de lutar com os elementos: sempre haveria outra tempestade de areia e acabaria depositando uma camada de sujeira, pouco importando o quanto limpassem.

O balcão da recepção era de uma madeira escura, manchada. Do outro lado de mais um conjunto de portas de vidro fumê na extremidade oposta do lobby, Omar Yussef viu as toalhas brancas do salão de café da manhã. À esquerda da recepção, uma escadaria aberta de pedra polida levava aos quartos. Os patamares da escada ficavam de frente para a recepção e cada um deles era decorado por um par de cimitarras cruzadas montadas na parede sobre um pequeno tapete carmim com um espesso bordado beduíno.

A mulher na recepção virou-se de seu computador. Era baixa, magra e jovem. Usava um lenço na cabeça e seus olhos eram grandes, escuros e com cílios longos. Ela pegou o passaporte de Wallender e a identidade de Yussef.

— Os senhores tiveram sorte de encontrar um quarto, cavalheiros — ela disse, enquanto fotocopiava os documentos. Entregou a eles fichas para preencherem com seus nomes e endereços. — O Conselho Revolucionário vai se reunir daqui a dois dias. Muitos dos homens mais importantes da Fatah e suas comitivas já estão na cidade.

Gostam de ficar em nosso hotel.

— Por que gostam tanto dele? — Wallender claramente já vira lobbies mais atraentes. — Não que não seja um ótimo hotel.

Omar Yussef virou-se para o sueco.

— A Fatah é a maior facção da OLP, que é proprietária de todos os tipos de coisas, de linhas aéreas a companhias químicas. E hotéis. Imagino que este hotel

seja de propriedade da OLP e os figurões do partido gostam de ficar aqui porque, como são os proprietários, podem se comportar tão mal quanto quiserem.

— Ele riu.

— Isso é verdade? — Wallender disse.

— Claro, só que a OLP também tem dinheiro suficiente para pagar a equipe mais polida, educada e bonita. — Omar Yussef sorriu para a recepcionista.

A mulher riu.

— *Ustaz*, devia dizer isso ao meu pobre pai. Ele tem uma maneira mais simples de julgar a filha dele. Uma mulher com quadris bons, largos, traz um dote de sete camelos, porque dará à luz muitas crianças. Eu sou pequena e tenho quadris pequenos. De modo que mesmo que eu tenha meu diploma em administração de empresas, meu pai reclama que vai receber só um camelo por mim.

Magnus Wallender juntou-se à brincadeira.

— Abu Ramiz, com certeza você tem condições de comprar um único camelo.

— Vamos — Omar Yussef disse. — Voltaremos com um camelo.

A recepcionista riu de novo.

— Quanto pode custar um camelo, afinal? — Wallender disse, fingindo contar o dinheiro em sua carteira.

Uma voz veio da porta do salão de café da manhã.

— Senhor, pode guardar o seu dinheiro. Seu amigo é um palestino. Ele vai roubar o camelo.

Omar Yussef virou-se da recepção. O brigadeiro Khamis Zeydan veio do salão de café da manhã, rindo. Usava um paletó esporte xadrez e uma camisa creme aberta no colarinho.

Seu cabelo ralo e branco estava cortado curto e penteado para a frente. Seu couro cabeludo, usualmente protegido do sol por uma boina militar, era notoriamente mais claro do que sua face. Ele apagou o cigarro num cinzeiro de vidro no balcão da recepção, exalou fumaça sobre seu bigode manchado de nicotina e beijou Omar Yussef três vezes na bochecha.

— Magnus, este é o chefe da polícia de Belém — Omar Yussef disse. — Abu Adel, este é Magnus Wallender, da ONU.

Khamis Zeydan apertou a mão de Magnus Wallender. E acendeu outro cigarro.

— Conhece Abu Ramiz há muito tempo? — Wallender perguntou. Apontou para as bochechas, para mostrar que perguntara por causa dos beijos.

— Conheço-o faz muito tempo, e pode pôr tempo nisso — Khamis Zeydan disse, com a mão no ombro de Omar Yussef.

— Desde que estivemos na mesma época na universidade em Damasco. Lembro-me dele quando ainda tinha belos cabelos encaracolados e um bigodinho

preto. Ele parecia com o Charles Chaplin.

Omar Yussef percebeu que Wallender estava perscrutando com curiosidade a luva de couro preta apertada na mão esquerda de Khamis Zeydan sobre seu ombro. Gostaria de ter tido a oportunidade de contar ao sueco sobre a mão protética sob aquela luva. Pensou no ódio que Khamis Zeydan tinha pelo membro de plástico quando estava bêbado e desconsolado. Não queria que o olhar do sueco atraísse a atenção dele para a mão, contagiando seu humor com memórias da granada que o aleijara na Guerra Civil Libanesa.

— Eu não o reconheci sem uniforme — Omar Yussef disse.

— Sou assim tão pavoroso que você não pode me imaginar em roupa de gente? — Khamis Zeydan disse. — Na realidade, é que simplesmente há menos aborrecimento ao passar pelo posto de controle israelense para Gaza sem uniforme. Mas estou usando meias azuis para que você possa saber que sou um policial.

— Você está em Gaza para a reunião do Conselho Revolucionário? — Omar Yussef perguntou.

— Sim. Venham tomar um café comigo. — Khamis Zeydan puxou Omar Yussef pelo cotovelo. — Você também, Magnus, estou convidando-o.

— Muito gentil da sua parte — Wallender disse. — Mas tenho que ligar para meu escritório em Jerusalém. Para mantê-los a par.

Khamis Zeydan protestou, mas Omar Yussef apertou seu ombro.

— Tudo bem — o chefe da polícia disse —, morei na Europa. Não vou ser um desses árabes provincianos que se ofende quando sua hospitalidade é rejeitada. — Ele piscou para a recepcionista sorridente. — De todo jeito, Magnus, desça e venha tomar café depois de ter feito sua ligação. — Baixou a voz. — Ou talvez você prefira ir ao meu quarto depois. Tenho uma garrafa lá que é bem contra as leis do Islã.

Omar Yussef franziu o cenho, mas não por respeito às proscricções do Profeta. Embora tivesse renunciado ao álcool uma década antes, mantinha algum uísque em casa, só para as visitas de Khamis Zeydan. Ultimamente, andava percebendo que o chefe de polícia esvaziava essas garrafas mais rápido do que o usual. Pigarreou e deu um olhar à recepcionista.

Outra rajada de tiros fez-se ouvir vinda da rua.

— O que é esse tiroteio? — Wallender perguntou.

— Não se preocupe. Estão enterrando um soldado que foi morto em Rafah a noite passada — Khamis Zeydan disse. — O funeral é ao longo da praia junto à residência do presidente. Vocês acabaram de perder a parte principal da parada. Saiu da casa do general Moussa Hussein alguns minutos antes de vocês chegarem.

— Quem é esse? — Wallender perguntou.

— O chefe da Inteligência Militar. Ele mora do outro lado da rua, bem em frente ao hotel. Agora seus soldados estão dando salvas de tiros no ar. Tiros são o som dos palestinos de luto. — Khamis Zeydan deu um soquinho no braço de Wallender.

— Claro, se você for a um casamento, descobrirá que os tiros também são o som dos palestinos celebrando. Tiros são a música dos palestinos.



Omar Yussef lembrou-se do caixão que tinham visto sendo transportado pelo comboio militar quando vinham para a cidade. Aquele devia ser o soldado cujo funeral era a origem desses disparos.

— Qual a diferença entre esse pessoal da Inteligência Militar e os outros... a Segurança Preventiva? — Wallender cofiou a barba.

Khamis Zeydan deu uma longa tragada em seu cigarro.

— Imagine que você quisesse criar um Estado policial, Magnus. Precisaria de uma força uniformizada para as brutalidades e a intimidação cotidiana; essa é a Inteligência Militar. Então você iria querer a sua polícia secreta, homens à paisana que se envolveriam com as operações sinistras, escusas; essa é a Segurança Preventiva.

— Gaza é um Estado policial? — Wallender franziu o cenho.

— A intenção era ser um Estado policial, mas acabou sendo mais uma república das bananas. — Khamis Zeydan riu e deu uma tossida cheia de catarro. Baixou a voz e aproximou-se de Wallender. — A Inteligência Militar é um exército particular do general Husseini. Seu rival, o coronel al-Fara, o chefe da Segurança Preventiva, tem ambições maiores do que as de Husseini. Ele é muito próximo da CIA.

— Que inferno — Wallender disse. Lançou um olhar a Omar Yussef.

Ele está pensando no marido de Salwa na prisão de al-Fara, Omar Yussef pensou.

— Não se preocupe com os nomes diferentes dessas organizações, Magnus — Khamis Zeydan continuou. — A única coisa que um estrangeiro como você precisa lembrar é que são todos uns canalhas e nada do que eles fazem é do interesse dos palestinos comuns.

— Terei isso em mente.

Deixaram Wallender na recepção preenchendo mais formulários de registro e foram para o salão de café da manhã.

Khamis Zeydan dirigiu-se a uma mesa junto à longa janela que dava para a praia. Acenou com a mão para chamar um garçom.

Omar Yussef ficou parado junto à janela olhando as ondas quebrando na praia estreita. Fazia muito tempo que ele não via do solo palestino a costa mediterrânea. O mar se ondulava num turquesa profundo, como se fosse uma maré de gemas preciosas. Seu movimento era tão belo e livre que seus olhos se encheram de lágrimas.

Olhou para a areia. Havia lixo na praia, latões queimados de óleo e garrafas de plástico protuberantes em meio a algas de um preto brilhante. Dois meninos estavam atirando pedras noutro garoto que estava desemaranhando sua rede de pesca.

Khamis Zeydan pediu café, doce para ele e amargo para Omar Yussef, e colocou seu maço de Rothman's na toalha branca.

— O que você está fazendo aqui, Abu Ramiz? — Ele pôs outro cigarro na boca.

Omar Yussef olhou de novo para o mar. O menino com a rede se jogou com raiva sobre um dos atiradores de pedras e o derrubou na areia.

— O sueco é o meu chefe — respondeu. — Estamos aqui em princípio para inspecionar as escolas da ONU.

Khamis Zeydan arqueou uma sobrancelha.

— Em princípio?

— Um de nossos professores foi preso. Magnus quer ajudar a soltá-lo.

— Você conhece o provérbio: É da conta do *muezzin* fazer o chamado para as orações. Em Gaza, é mais seguro ater-se às próprias tarefas e não sair por aí se metendo nas dos outros.

— Ah, quer dizer que é a hora para provérbios, Abu Adel? Que tal este: Todo nó tem alguém para desfazê-lo. Talvez o destino nos tenha trazido a Gaza para ajudar esse pobre homem.

— Vocês não vão desfazer o nó. Vocês vão é acabar presos nele.

O garçom trouxe os cafés. Khamis Zeydan acendeu seu cigarro.

— Quero lhe dizer uma coisa, como alguém que se preocupa com seu caro e velho companheiro dos tempos de universidade, Abu Ramiz. Não se envolva no caso desse professor.

— Você nem mesmo sabe por que ele foi preso.

— Aposto que você também não. Não na verdade. Em Gaza, nada é como parece. A verdade estará muito abaixo da superfície. Você não pode prever quão fundo chegará, mas pode ter certeza de que alcançará outras vítimas e outros crimes. Você não pode solucionar todos os crimes em Gaza.

— Talvez eu possa solucionar este único crime.

— Não há crime único, isolado, em Gaza. Cada um é conectado a muitos outros, você verá. Quando você toca num deles, provoca reverberações que serão sentidas por pessoas poderosas, pessoas implacáveis. — Khamis Zeydan apertou sua prótese com a mão boa, pensativamente. — Por Alá, é perigoso aqui, Abu Ramiz. Você acha, por exemplo, que eu ando por aqui desprotegido? — O chefe da polícia fez um gesto na direção do canto do salão. Um jovem estava sentado fumando e se demorando com um chá de hortelã. Ele acenou com a cabeça para Omar Yussef. Tinha cerca de 25 anos, era esbelto e forte. Seu cabelo era curto e crespo. Tinha maçãs do rosto altas na face magra, bronzeada, escanhoadada. Estava sentado com a imobilidade absoluta e controlada que Omar Yussef observara em homens que tinham ficado confinados em celas de prisão israelenses. — Você sabe quem ele é?

— Não é Sami Jaffari? — Omar Yussef perguntou. — De Dehaisha?

— Os israelenses o deportaram para a Faixa de Gaza, porque era um miliciano em Belém. Mesmo os israelenses consideram Gaza uma punição adequada para um bandido.

— O pai dele é meu vizinho. Sami realmente é um dos bandidos?

— Sami era meu melhor policial. Só estava envolvido com as milícias porque o enviei incógnito para acompanhar as atividades delas. Agora ele trabalha para mim em Gaza.

— Como guarda-costas?

— Durante minhas visitas, sim. Mas quando não estou em Gaza, ele é meus olhos e ouvidos aqui. Ser um deportado dá a ele muita credibilidade junto às gangues locais e ele consegue uma boa quantidade de informação desse jeito. Ele tem amigos também nas forças de segurança. — Khamis Zeydan inclinou-se na direção de Omar Yussef. — Escute, eu lhe disse no passado para não meter o nariz em negócios sujos; não cabe a você ficar lidando com eles. Você não me deu atenção então, e tenho de admitir que você teve razão ao me ignorar naquele caso.

Omar Yussef fez uma careta e um gesto de modéstia.

— Não, é verdade — Khamis Zeydan disse. — Só posso pressupor que você não vai me ouvir dessa vez também. Se está determinado mais uma vez em se envolver com coisas que seria melhor não mexer, você devia fazê-lo com a ajuda de Sami. Gaza é um campo minado e Sami sabe onde pisar.

Omar Yussef não achou que Wallender iria gostar da ideia de trabalhar com um homem deportado pelos israelenses como terrorista, por mais inocente que Khamis Zeydan afirmasse que ele era.

— Obrigado. Mas acho que vou ficar bem. Não estou sozinho aqui. Estou com a ONU.

Khamis Zeydan inalou fumaça pelas narinas e ficou olhando para Omar Yussef, balançando a cabeça. Seus olhos azul-claros estavam tristes e incrédulos.

— Não vamos discutir, Abu Adel. — Omar Yussef tentou uma risada leve, rouca. — Diga-me, do que se trata essa grande reunião do Conselho Revolucionário?

Khamis Zeydan estalou a língua com amargura. Esmagou a ponta do cigarro e aqueceu as pontas dos dedos na xícara de café.

— Detesto esses aparelhos de ar condicionado. Está tão frio aqui, porra.

— É a sua diabetes. Prejudicou sua circulação. Você devia reduzir os cigarros e ter cuidado com o açúcar.

— Agora você sabe o que é bom para mim?

Omar Yussef retesou o queixo. Ergueu a voz.

— Para que é a reunião do Conselho? Para decidir quem vai ser morto a seguir?

— É mais apropriado perguntar quem não vai ser morto.

— Khamis Zeydan fez um gesto com o braço para indicar Gaza inteira, além das paredes do hotel. — Este lugar está em guerra. Não com os israelenses; as únicas pessoas ainda lutando com eles são os islâmicos. Estamos em guerra com nós mesmos. Essa reunião é uma tentativa sem esperanças de fazer com que paremos de matar-nos uns aos outros.

— Por que estamos matando-nos uns aos outros?

— O coronel al-Fara quer ser o próximo presidente e tem a CIA por trás dele. O general Hussein quer superá-lo no favor dos americanos. Até agora, Hussein e al-Fara estão um tentando encurralar o outro, cortar suas fontes de poder no partido. Assim que conseguirem, o vitorioso atacará. O perdedor e os que o apoiaram serão aniquilados.

— É sobre isso então que na realidade a reunião do Conselho é, certo? Decidir qual desses dois ganha.

— Talvez. — Khamis Zeydan esfregou os olhos. — Ninguém sabe qual dos dois apoiar. Não é uma aposta que se queira perder, afinal.

— Quem você está apoiando?

O chefe da polícia deu um olhar enviesado a Omar Yussef. Acendeu outro cigarro e olhou para o mar.

— Por que você não me diz? Não confia em mim? — Omar Yussef disse.

— Quanto menos você souber sobre isso tudo, mais seguro estará. A coisa vai ficar feia, pode acreditar em mim.

— Você está em perigo?

— Todo mundo está em perigo — Khamis Zeydan disse. — Estamos em Gaza.

Omar Yussef tocou a mão de seu amigo e sorriu.

— Vou me instalar em meu quarto.

Khamis Zeydan inclinou-se sobre a mesa e segurou os dedos de Omar Yussef entre as mãos. Omar Yussef sentiu o couro frio da prótese enluvada contra os nós de seus dedos.

— Lembre-se do que eu disse sobre a ajuda de Sami. Que Alá o proteja.

— Que Alá lhe dê vida longa.

Omar Yussef acenou para Sami Jaffari ao sair. O jovem sorriu e fez uma lenta continência.

Omar Yussef subiu as escadas para o segundo andar do hotel. Seus joelhos estavam doendo. Talvez Khamis Zeydan estivesse certo e Gaza fosse perigosa demais para ele.

Pessoas implacáveis como al-Fara lutavam pelos grandes prêmios da presidência e do poder absoluto ali. Um jovem astucioso e cheio de vida como Sami Jaffari podia se infiltrar nas redes deles e negociar os relacionamentos sombrios em seu interior.

Como poderia um professor de história cinquentão, prejudicado pelos efeitos em seu corpo de uma juventude dissipada, esperar encontrar um mundo tão sujo e manter sua decência, ou até a vida?

Ele entrou no quarto. O carregador pusera sua mala na cama. Omar Yussef abriu uma das cortinas. Como a entrada do hotel, a janela estava raiada com as marcas da chuva que encerrara a última tempestade de areia.

O quarto vazio fez Omar Yussef sentir-se solitário. Pegou o telefone. Precisou de algumas tentativas até conseguir uma linha para fora. Então discou para sua mulher.

— Maryam, sou eu — disse.

— Omar, querido, como você está?

— Bem, graças a Alá.

— Como está Gaza?

— Acho que está vindo uma tempestade de areia.

— Não saia na rua e tome montes de chá de hortelã. E não esqueça de pôr uma jaqueta, ou a areia vai entrar em seu peito.

— Farei isso. Como estão as crianças?

— Nadia está aqui. Está lendo histórias para Dahoud e Mirai.

Omar Yussef sorriu. Sua neta mais velha tinha 12 anos e parecia tanto com a mãe dele que não conseguia evitar de favorecê-la em relação aos seus outros netos. Imaginou-a sentada agora com Dahoud e Mirai. Ele ficara com as duas crianças no ano anterior, por sugestão de Nadia, depois da morte dos pais delas, que eram amigos dele. Podia ouvir a voz dela ao fundo, modulada e expressiva, não

monótona e entediada como as crianças em sua classe na Escola para Meninas da ONU em Dehaisha quando liam em voz alta.

— Deixe-me falar com ela, Maryam.

Enquanto a linha estava silenciosa, Omar Yussef pensou em Salwa e Eyad Masharawi, separados por uma prisão repentina. Perguntou-se como seria para Maryam se ela não soubesse quando ele iria voltar para a velha casa de pedras deles na borda de Belém. Ou para ele, se não tivesse certeza de quando comeria a comida dela e ouviria seus sermões bem-humorados de novo. Sentia-se solitário e com frio. Procurou em volta o controle do ar condicionado, mas não o achou.

Nadia pegou o telefone.

— Vovô, sou eu. — Ela soou muito longe dele.

Omar Yussef engoliu sua solidão.

— Não, sou eu — disse.

Nadia riu.

— Você pode tentar essa piadinha com meu irmão caçula, mas eu sei como usar o telefone, vovô.

— Evidentemente.

— Na verdade, sei também como usar um computador.

— O do papai?

— Esse é só para brincar. Estou tendo uma matéria nova na escola sobre computadores. Decidi que vou construir um website para você.

— Um o quê? Ah, uma dessas coisas. Para quê?

— Papai já tem um para o negócio dele, de modo que não posso fazer um para ele.

Omar Yussef nada entendia sobre computadores, mas queria encorajá-la.

— Vá em frente. Tenho certeza de que vai ser o melhor website de Belém.

— O melhor website da web.

— De onde?

— Vovô, até a vovó sabe o que é a web.

Sabe mesmo? Omar Yussef com frequência se sentia descontente com a percepção do mundo de sua mulher. Considerava-a simples e convencional, embora não pudesse deixar de prezar o elo que se formara entre os dois com os anos. Poderia Maryam realmente saber de coisas que estavam além de sua compreensão? Era verdade que às vezes ela parecia saber os pensamentos dele, mesmo quando ele queria ocultá-los dela. Lembrou-se da amiga de Salwa, a secretária da universidade Umm Rateb, e se perguntou se Maryam iria detectar em sua voz algum traço da atração sexual que sentira por outra mulher.

Maryam veio ao telefone.

— Omar, você almoçou? Não deixe que Magnus o faça trabalhar demais sem comer direito.

Omar Yussef relaxou e sentiu o amor por sua mulher com tanta segurança como se a voz dela fosse sua mão acariciando-lhe a pele.

— Prometo me cuidar, Maryam.

O céu estava azul-claro, mas Omar Yussef sabia que estava se enchendo de poeira. Sentia os primeiros grãos da tempestade em sua língua, e isso o deixava sem fôlego.

Parou para assoar o nariz, e então continuou a arrastar-se através do pátio quente da Universidade al-Azhar atrás de Magnus Wallender e James Cree. O campus era uma sinuosa coleção de retângulos de três andares, como um jogo de dominó gigante tingido da cor de café com leite. Bandeiras palestinas contorciam-se no teto do prédio administrativo com os breves movimentos do vento.

À frente, Cree segurou a porta aberta para Wallender, que esperou Omar Yussef alcançá-los. A porta estava inteiramente coberta de pôsteres. A maioria era decorada com os rostos ferventes, apreensivos de homens-bomba suicidas se preparando para partir em suas missões.

No fim do hall, eles entraram numa antessala com duas mesas, em cada uma delas uma secretária. A amiga de Salwa Masharawi, Umm Rateb, levantou-se e os cumprimentou.

Ela sorriu, inclinando a cabeça para a esquerda.

— Que a paz esteja convosco, *ustaz*.

— E com você a paz — Omar Yussef respondeu.

— O professor Maki acabou de chegar do almoço em casa — disse em inglês.

Omar Yussef notou Wallender dando uma olhada no relógio na parede. Eram 16h30.

— Vou avisá-lo de que estão aqui — Umm Rateb continuou. — Por favor, sentem-se.

Wallender e Cree sentaram-se. Omar Yussef encostou-se num arquivo. Leu a etiqueta na gaveta de cima. Históricos escolares: Alif a Ha. Pensou em Nadia e no computador dela: Os palestinos sempre querem as coisas no papel. Os computadores nunca vão pegar aqui. A outra secretária batia em seu teclado e a impressora ao lado de sua mesa zumbia.

Umm Rateb voltou do escritório.

— Entrem, por favor — disse.

Omar Yussef seguiu os estrangeiros para o escritório. As persianas estavam abaixadas, mas a luminária no teto era brilhante, e o ar condicionado, furtivamente eficiente.

O professor Adnan Maki levantou-se atrás de sua escrivaninha, projetada para parecer elegante e cara. Envernizada na cor de chá forte, descrevia uma curva que cobria noventa graus do vistoso telefone preto numa ponta ao computador na outra,

sua superfície brilhante sem nenhuma interrupção por papéis ou qualquer outro sinal de que trabalho era produzido sobre ela. Atrás da mesa, uma bandeira palestina estava pendurada num mastro na vertical. De cada lado da bandeira, Maki pendurara fotografias dele mesmo, sorrindo com o atual presidente à esquerda e, à direita, abraçando o presidente anterior.

Maki tinha um lábio superior comprido e protuberante e um queixo recessivo que o fazia parecer equino, mas não puro-sangue. Rugas profundas iam das narinas aos cantos da boca. Tinha mais ou menos a mesma idade de Omar Yussef, mas não tinha barriga e movia-se com rapidez. Seus olhos pequenos e ávidos eram tão pretos e úmidos que pareciam girinos nadando.

— Bem-vindos, bem-vindos — Maki disse, animadamente, em inglês.

Inclinou-se para a frente, quase paralelo em relação à mesa, para apertar as mãos enquanto eles se apresentavam. Cheirava fortemente a colônia cara. Quando pediu a Umm Rateb para trazer bebidas, chegou ainda mais perto de seus visitantes e estendeu um braço com a palma da mão comicamente aberta.

— Chá ou café? — Olhou para seu relógio. — Ou já é tarde o bastante para algo mais forte? — Deu uma risadinha e tapou a boca com a mão, exuberante a ponto de parecer palhaço.

Umm Rateb admoestou-o com o indicador estendido.

— O Hamas vai vir e queimar seu escritório por sua imoralidade, Abu Nabil.

Maki deu uma gargalhada.

— Umm Rateb, o senhor Cree é inglês...

— Escocês — Cree disse.

— Melhor ainda. A terra do uísque. Com certeza, Umm Rateb, você há de permitir que eu receba meus convidados como a cultura deles julga adequado. De onde é o senhor, senhor...

— Wallender. Sou da Suécia.

— Suécia? Vocês vivem bêbados o tempo todo na Suécia.

Wallender sobressaltou-se.

— Está vendo, Umm Rateb? Eu sei do que nossos amigos vão gostar. E tenho certeza de que nosso irmão aqui — fez um gesto na direção de Omar Yussef — não é islâmico.

— Não bebo mais álcool — Omar Yussef disse.

— Foi um grande baderneiro em sua juventude, Abu Ramiz, não?

— A baderna era toda interior — Omar Yussef respondeu.

— Aceito um chá, por favor — Wallender disse.

— Muito bem, chá para todos, Umm Rateb, e para mim um café.

Wallender observou a secretária saindo.

— É aceitável beber álcool em Gaza?

— Não em público. Os islâmicos na realidade incendeiam locais onde se serve álcool, o velho Windmill Hotel, o clube da ONU de vocês. Mas estou só provocando Umm Rateb. Ela é religiosa, sabe, com o lenço na cabeça. Ela entende que eu não abro a gaveta de baixo especial de minha escrivadinha até ela ter ido embora do trabalho.

— Maki bateu na madeira divertidamente. — Senhor Cree, o ano passado estive na Escócia. Um velho professor da Universidade de St. Andrews me convidou para dar uma palestra sobre os judeus e a ocupação e o sofrimento do povo em Gaza. Um velho cavalheiro muito solidário. Serviu-me um ótimo uísque em seu escritório. Agora, quando minhas secretárias vão para casa, imagino que não estou em Gaza. Em vez disso, me vejo transportado para o escritório daquele simpático professor na Escócia.

— Eu mesmo prefiro estar em Gaza — Cree disse com firmeza.

Isso surpreendeu Omar Yussef, que virou no mesmo instante a cabeça para olhar Cree.

— Então haverá de concordar em trocar de passaporte comigo, senhor Cree — Maki disse.

Cree sorriu, mas poderia igualmente ter sido uma contorção de dor.

— Só se eu ficar com o seu cartão VIP.

— Não tenho um. Os israelenses se recusam a me dar um. Eu, um membro do Conselho Revolucionário e reitor da universidade nacional. Sem cartão VIP. — Maki ergueu os dois braços amplamente para indicar a natureza estarrecedora e incompreensível desse ultraje. — Claro, eu devia estar entre os VIPs. Todos os oficiais importantes recebem este cartão de Israel pelos termos de nosso tratado de paz. Os VIPs passam facilmente com seus veículos pelos postos de controle israelenses.

Não têm de esperar em longas filas como os trabalhadores comuns.

— Isso não parece justo com os trabalhadores — Wallender disse.

Umm Rateb trouxe o chá, colocando os copos ao longo da borda curva da mesa.

— Justo, senhor Wallender? — Os braços de Maki abriram-se ainda mais e sua voz chegou ao falsete. — É justo que alguém como eu, com cargos tão importantes e o tempo tão tomado, tenha de esperar nos cercados de gado com os trabalhadores comuns?

— Cercados de gado?

— Com certeza em sua chegada os senhores passaram pelas barreiras de metal e as jaulas. É lotado e há empurrões e atropelamentos. O cheiro é repulsivo. — Maki riu e deu um tapa na mesa. — A semana passada, eu passei pelo posto de controle. Um dos soldados israelenses viu minhas roupas. — Maki ergueu a lapela

de seu paletó esporte e esfregou-a entre os dedos para ilustrar sua fina precedência. — Os trabalhadores usam camisetas velhas e sujas e calças cobertas de tinta e pó de seus serviços na construção civil em Israel. De modo que o soldado me perguntou quem eu era. Quando eu lhe disse, ele ergueu o rifle e abriu caminho entre os trabalhadores para eu passar. — Maki fez a mímica da ação do soldado empurrando para o lado os trabalhadores com a coronha do rifle para abrir passagem para ele. Riu e bateu palmas.

Wallender e Cree observavam o professor com sorrisos perturbados. Omar Yussef olhava para as mãos.

— Nós passamos pelo acesso VIP esta manhã, Abu Ramiz? — Wallender perguntou.

— Sim, passamos.

— Ah — disse Maki, apontando o dedo para Omar Yussef —, mas você não é um VIP.

Omar Yussef olhou para os olhos minúsculos, úmidos. Essa não era a hora para dizer o que realmente pensava. Ergueu a lapela de seu paletó e esfregou-a entre o polegar e o indicador como Maki fizera.

Maki riu e ergueu sua mão no alto. Omar Yussef estendeu sua palma aberta, e Maki bateu nela apreciativamente, então repetiu seu gesto de esfregar a lapela e bateu palmas de prazer.

— Bem-vindo, bem-vindo — disse.

Omar Yussef fez um gesto com a cabeça para Wallender. Podiam tratar de negócios agora.

— Obrigado por nos receber, professor — Wallender disse. — Abu Ramiz e eu viemos a Gaza para inspecionar as escolas da ONU nos campos de refugiados.

— Excelente trabalho.

— Mas nossa inspeção começa com um certo problema — Wallender continuou.

— Dificuldades com os israelenses no posto de controle? — Maki agitou a mão na direção de Omar Yussef, pressupondo claramente que ele teria sido a origem de qualquer problema dessa ordem.

— Não, um de nossos professores foi preso. Ele trabalha em tempo parcial para vocês na universidade e...

— A prisão dele nada tem a ver com o seu trabalho na universidade.

— Sabe de quem eu estou falando? — Wallender se endireitou.

— Sim, sim. Aquele terrível Masharawi. — A mão de Maki agitou-se mais uma vez, desta vez desdenhando o marido encarcerado de Salwa Masharawi.

— Eyad Masharawi — Wallender disse. — Ele foi preso esta manhã.

— Não tem nada a ver com a universidade, como eu disse.

— Mas quando ele foi preso, a polícia levou todos os exames que ele deu para seus alunos na universidade.

— Como os senhores sabem disso? — Sorridente e exuberante, Maki ficou virando sua cabeça entre Cree e Wallender. — A polícia os informou?

— Fomos visitar a esposa de Masharawi — Wallender respondeu.

— Como podem acreditar numa só palavra do que ela diz? Ela é uma encrenqueira como o marido. — As narinas do professor tremeram, como se confrontadas com um cheiro tão vil que poderia penetrar até mesmo a muralha de colônia à sua volta.

— Ela nos mostrou onde estavam os papéis. Agora não estão mais lá.

— E que papéis são esses? Apenas papéis da universidade? Quem sabe? Acredito que as forças de segurança estão investigando mais do que apenas as chocantes questões dos exames.

Wallender olhou para Cree, que assentiu.

— Masharawi acusou a universidade de vender diplomas fraudulentos para policiais — Wallender disse.

— Não me faltam estudantes querendo pagar por uma educação. Por que eu venderia diplomas?

— Eu disse que a universidade estava sendo acusada de vender diplomas, não o senhor — Wallender disse.

— Eu sou a universidade. Eu a construí do nada a partir de 1991, quando o Velho me pediu para criar uma instituição aqui que rivalizasse com a Universidade Islâmica. — Fez um gesto na direção da foto na parede em que aparecia abraçado com o falecido presidente. — Temos duzentos professores. Um deles tem reclamações; é o Masharawi. Mas 199 não reclamam. E temos dezenas de milhares de estudantes. Deveriam todos admitir agora que seus diplomas foram desvalorizados pelas acusações de um homem? É uma ofensa escandalosa.

Omar Yussef tomou o resto de seu chá e pôs o copo na mesa de Maki.

— Há estudantes na universidade que são das forças de segurança? — perguntou.

— Sim, e de todos os grupos combatentes.

— Grupos combatentes? — Wallender perguntou.

— O professor quer dizer as milícias que combatem os israelenses — Omar Yussef disse.

— Provavelmente mais conhecidos como terroristas, para os senhores. — Maki riu e deu de ombros.

— Há estudantes que são agentes da Segurança Preventiva? — Omar Yussef perguntou.

— Traga-me um nome, eu posso pegar a pasta desse estudante no escritório em que Umm Rateb fica. Na pasta, há o certificado de conclusão do ensino médio, para mostrar que está qualificado para estudar aqui. Então, quando se formam, há o registro de todas as matérias em que foram aprovados para obter sua qualificação legítima, bem como todos os pagamentos de mensalidades que fizeram.

— A Segurança Preventiva o contatou quanto ao professor Masharawi? — Omar Yussef perguntou.

— Por favor, ele não é um professor. É um assistente em tempo parcial.

Nenhum VIP, ele também, Omar Yussef pensou.

— Contataram-no?

— Eu fui ter com eles. Masharawi fez alegações perigosas contra a universidade, contra mim e até mesmo contra o próprio governo. Recusou-se a se retratar. De modo que fui à Segurança Preventiva quanto a isso.

— Pediu a eles para prenderem Masharawi? — Wallender veio para a frente em sua cadeira, as costas rígidas.

— Não, não o prenderam por isso, como eu disse aos senhores. Mas, ainda assim, acredito que tem de ser julgado por isso também.

— Então por que ele foi preso? — Wallender perguntou.

— Perguntei ao coronel al-Fara sobre Masharawi esta manhã, e ele me disse que há acusações bem mais sérias contra ele do que a responsabilidade por distribuir exames escandalosos.

— Maki baixou a voz para um sussurro. — Há provas de uma conexão entre Masharawi e a CIA. Fiquei tão perplexo quanto os senhores. Sim, talvez até a CIA.

Cree soltou ar por entre os lábios retesados e estalou a língua. Omar Yussef apertou os braços de sua poltrona. Wallender pigarreou.

— O senhor há de compreender, professor Maki, que precisamos acompanhar este caso, porque Masharawi é também funcionário da ONU — Wallender disse. — Ele é nossa responsabilidade.

— Com certeza é um assunto interno palestino. Os senhores não precisam se preocupar.

— A comunidade internacional vai considerar o caso algo muito sério. — A voz de Wallender revelava alguma impaciência.

— Um administrador universitário solicitando intervenção policial num assunto de liberdade acadêmica é uma evolução perturbadora.

— Liberdade acadêmica? Foi uma calúnia.

— Acredita que as alegações foram uma calúnia dirigida pessoalmente ao senhor? — Wallender perguntou.

— A mim e à universidade. É a mesma coisa. — Maki fez-se menor, mais calmo. Pôs a mão na testa e baixou a voz. — É perturbador para mim também,

cavalheiros. Como um gesto de boa-fé, permitam-me sugerir que eu faça contato com as pessoas que estão conduzindo a investigação e amanhã os informe. Talvez se o irmão Abu Ramiz pudesse vir a minha casa amanhã à noite para jantar, por exemplo. Eu darei a ele boas notícias sobre este caso. Ao menos, poderei passar detalhes os quais correntemente ignoram, sobre a gravidade dos crimes de Masharawi.



Omar Yussef sabia por que Maki queria separá-lo dos estrangeiros. Haveria apelos a ele em nome da causa palestina. Poderia até haver uma propina para tirar os homens da ONU do caminho certo. Ainda assim, Omar Yussef ponderou, da mesma forma que Maki achava que poderia persuadir melhor seu companheiro palestino sozinho, ele também poderia manipular o presidente da universidade através das sutilezas da língua materna deles.

— Será um prazer ir à sua casa, Abu Nabil.

— E será muito, muito bem-vindo — Maki disse, aumentando o volume de novo.

O ar frio soou como uma única, longa, mortal exalação. Omar Yussef estava acordado, congelando em sua cama de hotel porque não conseguira descobrir como desligar o ar condicionado. Ele gostaria que o som constante fosse o ruidoso ronco contínuo de sua mulher. Sempre que ele estava quase caindo no sono, uma chave era sonoramente virada numa fechadura no corredor ou uma voz dizia boa-noite a um amigo. Os barulhos pareciam tão próximos que a certa altura, achando que alguém tinha entrado em seu quarto, ele se sentou meio acordado com o coração disparado e suor no pijama, apesar do frio. Foi até o banheiro para um copo d'água um pouco antes da alvorada, enrolou-se nas toalhas finas para se aquecer e bebeu a água junto à janela. Espiando pela borda da cortina, viu o destacamento de soldados em frente à casa do chefe da Inteligência Militar do outro lado da rua. Em meio à obscuridade da tempestade de areia que começara durante a noite, ele contou as pontas dos cigarros deles, incandescendo laranja cada vez que eles tragavam, até sentir-se sonolento.

Quando Omar Yussef desceu de manhã, Magnus Wallender estava no balcão da recepção, rindo com a bela e jovem recepcionista.

— Abu Ramiz, manhã de alegria.

— Manhã de luz, Magnus.

— A Meisoun aqui está me dizendo que eles não têm os jornais em inglês em Gaza, como há em Jerusalém.

— Você quer que eu traduza as manchetes dos jornais árabes? Posso lhe dizer se há um artigo sobre nosso amigo Masharawi ou se a Suécia invadiu a Noruega.

Quanto a quaisquer outras notícias, você pode viver alguns dias sem saber delas.

Wallender riu.

— Você tem razão. Com fome?

Omar Yussef pegou um dos jornais árabes no balcão da recepção. A matéria principal era sobre o funeral do oficial da Inteligência Militar. Ele notou uma notícia menor na parte debaixo da página. Bateu nela com o indicador, mostrando o jornal para Wallender.

— Gaza é repleta de notícias das mais enaltecidas, Magnus. Veja: Cadáver exumado de sepultura é jogado perto de Deir el-Balah — leu. — Essa é a manchete.

Eis a notícia: Um fazendeiro descobriu os restos mortais de um homem perto da cidade de Deir el-Balah ontem. O fazendeiro informou à polícia que descobriu os ossos num canto de sua plantação de repolhos perto da estrada Saladino.

— Onde fica Deir el-Balah?

— Ao sul da Cidade de Gaza, a meio caminho da fronteira egípcia. — Omar Yussef continuou a ler. — A princípio o fazendeiro achou que tinha encontrado ossos de animais, mas então descobriu o crânio, que era claramente humano. A polícia transportou os restos para o hospital Shifa, na Cidade de Gaza, onde os médicos ficaram intrigados com a idade dos ossos. O dr. Maher Najjar, o patologista do Shifa, disse que era difícil identificar a data exata dos restos mortais, mas acrescentou que podia fazer até mesmo um século que o corpo fora enterrado. Não houve informações de sepulturas sendo profanadas, mas a polícia está investigando com a esperança de retornar a ossada ao seu local de repouso original. Você ainda está com apetite para o café da manhã depois disso? — Omar Yussef deu uma risadinha e dobrou o jornal.



Entraram no salão de café da manhã, sentaram junto à janela com vista para o mar e pediram torradas e uma cesta de *croissants*.

Wallender deu uma espiada lá fora na impenetrável tempestade de areia.

— Que inferno.

— Nós chamamos de *khamzin*, que quer dizer cinquenta — Omar Yussef disse. — Esse é supostamente o número de dias a cada ano em que nuvens de poeira como essa descem sobre nós do deserto. Mas quem é que conta?

— Quanto tempo essa vai demorar?

— Alguns dias, uma semana. Até chover um pouco ou o vento arrefecer. Você dormiu bem?

— Acordei volta e meia. Sentia como se houvesse alguém me asfixiando.

— É a pressão atmosférica da tempestade de areia. Em mim, dá uma dor de cabeça bem aqui. — Omar Yussef traçou uma linha de sua sobrancelha direita para sua orelha.

— Tenho um frasco de aspirina. Quer algumas?

— Não, vou simplesmente acrescentar essa à minha coleção de dores de cabeça aqui, aqui e aqui. — Omar Yussef apontou em volta de toda a cabeça e sorriu.

James Cree chegou ao mesmo tempo que o café da manhã deles.

— O que tem para mim, filho? — disse ao garçom.

— Café, senhor?

— Isso mesmo — Cree disse, catando um croissant da cesta na mesa. — Café está ótimo, rapaz.

— Café americano ou café árabe, senhor?

Cree deu um sorriso agressivo para Omar Yussef.

— Em que mundo polarizado vivemos, não, senhor Yussef? Americano ou árabe é toda a escolha que há. Ocidente ou Oriente. Capitalismo ou fundamentalismo. — Ele inclinou-se na direção do garçom. — Vou querer um café europeu, filho. Entenda isso como quiser. Vá em frente.

O garçom sorriu e saiu em direção à cozinha.

Cree abocanhou todo o croissant.

— Esse clima me deixa morto de fome.

— Tome, pegue o meu também — Omar Yussef disse.

— Tem certeza? Ótimo. — Cree pegou o segundo pão e o mordeu, antes de ter engolido o primeiro. Limpou uma migalha amanteigada em seu bigode e baixou a voz.

— Estou achando que a prisão de Masharawi pode ser um problema sério para a ONU.

— É um problema maior para Masharawi, no entanto — Omar Yussef disse.

O garçom voltou com uma xícara de café coado.

— Café europeu, senhor.

Cree cheirou-o.

— Isso é o que eu estou pensando, filho?

— À sua dupla saúde, senhor. — O garçom sorriu e foi para seu lugar junto às portas de vaivém.

Cree ficou olhando para as costas da camisa branca do garçom. Tomou um gole do café.

— Que diabo, há mesmo bebida de verdade aqui dentro.

Wallender inclinou-se para a xícara e inalou.

— Não é um café europeu. Eu diria que é mais um café escocês.

Cree bateu palmas e fez um gesto de aprovação com o polegar para cima para o garçom.

— Estou vendo que vou me tornar um viciado em cafeína — disse. Bebeu, com um suspiro.

Omar Yussef sentiu o cheiro do álcool atravessando a mesa. O aroma imediato de algo que ele se proibira o deixou ressentido com Cree.

— Temos de ver Masharawi o mais rápido possível. Quanto mais tempo ele ficar na prisão, mais difícil para nós será convencer o pessoal da segurança de que tudo não passa de um mal entendido — disse.

— Nós? — Cree inclinou a cabeça. — Veio aqui para inspecionar as escolas, senhor Yussef. Eu não pretendia envolver Magnus neste caso, para começo de conversa, e esta manhã quero discutir com ele se simplesmente ele não devia se retirar disso agora. Deixar o problema para aqueles entre nós que são profissionais treinados para lidar com as forças de segurança. Com certeza, acho que é inapropriado que o senhor continue tomando parte de nossas investigações.

— Acho que posso ajudar. Há sutilezas que vocês poderiam não perceber, por serem estrangeiros.

— Eu falo um pouco de árabe, sabe, e estou aqui há tempo suficiente para saber como falar com esses caras.

— Talvez conheça o pessoal da segurança — Omar Yussef disse. — Mas Masharawi? Acho que o tratará como um encenqueiro, se permitirem que fale com ele.

— Parece que ele de fato criou uma encenca, não?

— Ele apenas disse o que pensava.

— Como eu disse, ele de fato parece ser um encenqueiro.

Omar Yussef ergueu a voz.

— Então precisamos de mais encenqueiros na Palestina.

Cree colocou a xícara na mesa.

— O senhor precisa lembrar, senhor Yussef, que a responsabilidade de Magnus é tanto pelos escolares dos campos de refugiados de Gaza quanto pelas Nações Unidas.

Ele

e eu temos de considerar a situação de Masharawi não só de uma perspectiva humanitária. Há também a questão da política da ONU nas negociações de paz entre os palestinos e israelenses.

— Como o caso de Masharawi as afeta?

— Significa que temos de contrabalançar nossa reação ao caso de Masharawi com nossos interesses diplomáticos.

— Sem dúvida, os palestinos precisam manter a ONU do lado deles, diplomaticamente — Omar Yussef disse. — O que significa que, se a ONU exigir a libertação de Masharawi, eles terão de atender.

— Temos apenas uma certa quantia de capital para gastar com exigências como essa.

— Para que serve o capital, se não vale a vida de um homem? — Omar Yussef bateu com o punho na mesa.

— Ninguém está sugerindo que Masharawi está em vias de ser morto — Cree disse.

— Ele está sendo acusado de colaboracionismo. O que você acha que acontece com colaboracionistas? — Omar Yussef moveu rapidamente o pulso com a palma para baixo para indicar uma execução repentina.

— Todos sabemos que se trata apenas de um pretexto. Ele foi preso por causa das questões que fez aos estudantes sobre corrupção. É uma advertência para os outros professores, para que não investiguem a fundo.

— Isso também é algo que a ONU devia manifestar-se contra. A ONU devia pressionar pela liberdade de expressão. — Omar Yussef virou-se para Wallender. — É assim que a ONU reagiria se eu fosse preso em Dehaisha? Vocês diriam à minha mulher Maryam que havia questões diplomáticas muito importantes envolvidas e que eu não passava de um peixe pequeno que não merecia a atenção da poderosa ONU?

Wallender franziu o cenho.

— James, parece-me que se fôssemos imediatamente à Segurança Preventiva, tudo poderia ser resolvido sem os diplomatas ficarem sabendo de nada.

— Mas é justamente esse o problema: a Segurança Preventiva — Cree disse. — Se Masharawi tivesse sido preso por qualquer outra força, teríamos maior margem de manobra. Há uma dúzia de serviços de segurança aqui, e podemos basicamente ignorar 11 deles. Mas o coronel al-Fara é o mais importante contato que nossos diplomatas têm nas forças de segurança.

Omar Yussef grunhiu e esmurrou mais uma vez a mesa, chacoalhando as xícaras.

Cree colocou as mãos abertas dos lados de seu prato e respirou fundo.

— É assim: queremos que as conversações de paz continuem entre Israel e os palestinos, mas Israel se recusa enquanto houver terrorismo. Se al-Fara mantém os terroristas quietos de seu próprio jeito horroroso, todo mundo fica feliz. Mas se al-Fara decide não nos ajudar, haverá ataques terroristas a Israel e tudo vai para o inferno. Ergo, precisamos dele feliz.

— Então, esse crápula do al-Fara pode fazer o que quiser com o povo de Gaza, desde que não o deixe matar israelenses? — Omar Yussef sentiu que suas mãos estavam tremendo. Escondeu-as no colo, sob a mesa.

— Senhor Yussef, não é tão simples assim. Se al-Fara optar por não agir contra os grupos terroristas, os israelenses tomarão de assalto Gaza para combater os terroristas por conta própria. Al-Fara está disposto a deixar isso acontecer, porque ilustraria que, sem ele, Gaza não tem chance. Nossas alternativas: tanques israelenses nas ruas ou carta branca para al-Fara. — Cree recostou-se, dando de ombros.

— Por que nada disso foi dito ontem? — Omar Yussef perguntou. — Porque alguém em Nova York que não faz ideia do que seja ou de que cheiro tenha um

campo de refugiados palestinos o instruiu quanto a como lidar com isso, não? Falou com alguém do alto escalão em Nova York e disseram-lhe para abafar o caso Masharawi.

— Senhor Yussef...

— Não é “senhor Yussef”. Meu sobrenome é Sirhan. Omar e Yussef são meus dois prenomes. — Ele ergueu o dedo e o apontou para Cree, embora soubesse que ia tremer ao fazê-lo. — O senhor nem mesmo compreende os nomes árabes. E, no entanto, acredita que entende a duplicidade da mente de homens como al-Fara.

Cree olhou em dúvida para o dedo apontado para ele.

— Quer que eu o chame de senhor Sirhan, então?

— Não, o correto seria se dirigir a mim como Abu Ramiz, o pai de Ramiz. Mas quanto ao senhor, eu preferiria que não se dirigisse a mim e pronto.

Wallender pegou a mão de Omar Yussef.

— Abu Ramiz, acalme-se, por favor. Não se esqueça de que nós todos queremos que Masharawi seja solto. Precisamos garantir sua liberdade sem irritar nossos diplomatas em Nova York e sem despertar a inimizade do coronel al-Fara. Será necessário a engenhosidade de nós três para descobrir uma maneira de fazer isso. Precisamos trabalhar juntos. De modo que, por favor...

Omar Yussef olhou para seu prato. Mexeu com o dedo numa casca de torrada.

— Peço desculpas, James.

Cree o observou. Empurrou sua cadeira para trás.

— O carro está lá fora. Vamos à prisão. Talvez eles nos deixem falar com Masharawi.

Omar Yussef ergueu os olhos na direção dele.

Cree sorriu para ele.

— O café europeu me deixou inconsequente — disse.

O Suburban entrou nas ruas largas de Tel el-Hawa, o bairro onde os figurões da OLP tinham construído suas espalhafatosas mansões. Homens de uniforme se abrigavam junto às imitações de colunas gregas, tossindo com a poeira no ar. Nasser guiou rápido por uma rua comprida e reta. Chegaram a uma construção alongada branca de dois andares, um pouco antes de a rua desaparecer em meio a plantações de repolhos e dunas. Era cercada por um muro caiado de 2,5 metros de altura. Junto ao portão, havia um punhado de homens com jaquetas de couro, de pé, com as pernas afastadas e Kalashnikovs sobre o peito. Era o quartel-general da Segurança Preventiva.

Nasser parou o veículo da ONU no portão. Um dos guardas veio até a janela, de cara fechada.

— Deixem o carro aqui fora e tragam seus passaportes para a entrada — disse.

Fora do carro, Omar Yussef tossiu com a poeira e se encolheu com o vento quente. Na guarita, um guarda examinou os passaportes dos dois estrangeiros. Usava uma jaqueta de couro larga com um colarinho de pelo sintético e uma camiseta preta. Seu rosto era largo e suas mãos e estômago, volumosos. Era o tipo de obesidade de valentão que ocultava grande força, como a ampla solidez de um lutador turco. Ele pigarreou para tirar a poeira da garganta e limpou seu comprido bigode preto com o dorso da mão. Pegou o documento de identidade verde de Omar Yussef e o encarou com olhos vazios, sádicos.

— O que vocês querem?

— Somos da ONU — Omar Yussef disse. — Estes cavalheiros gostariam de falar com o coronel al-Fara sobre um caso importante.

— Você não parece nada importante para mim, parceiro.

Omar Yussef tocou a ponta do bigode e suspirou com impaciência.

— É o caso do professor da universidade, Eyad Masharawi. Precisamos falar com o coronel al-Fara sobre ele.

— Ele não está aqui.

— Vai voltar logo?

O guarda deu de ombros e deixou cair a identidade e os passaportes de uma altura suficiente para fazerem um pequeno ruído sobre a mesa.

— Há outro lugar em que poderíamos falar com ele?—Omar Yussef perguntou. — Ou alguma hora em que poderíamos marcar um encontro?

— Você está cometendo um erro, se acha que posso ajudá-lo quanto a isso. A secretária dele é muito mais bonita do que eu.

— O erro é seu. Se não o corrigir, o coronel vai trepar com você, em vez da bonita secretária dele.

Os punhos grandes do guarda se cerraram. Omar Yussef estimou que juntos tinham quase o tamanho de sua cabeça. O guarda pegou um telefone e discou. Murmurou algo no fone, esperou e desligou, reservadamente.

— Entrem pelo pátio, subam as escadas e sigam à esquerda até o fim.

— O coronel subitamente chegou?

O guarda pegou os passaportes e a identidade de Omar Yussef e colocou-os numa gaveta da mesa.

— Retirem seus documentos ao saírem.

— Obrigado.

O guarda grunhiu.

— Sorria. Você ficaria bem mais bonito — Omar Yussef disse.

Foi atrás de Cree e Wallender para um amplo pátio. Perto da escadaria, alguns sedãs Audi pretos estavam estacionados, cada placa com um só número. O desfile de automóveis de al-Fara, Omar Yussef pensou. Os carros eram novos e reluziam, mesmo sob a nuvem de poeira que descera sobre Gaza.

Cree ficou satisfeito.

— Você parece ter jeito para abrir portas, Abu Ramiz — disse.

— Depois que as batem na minha cara — Omar Yussef replicou.

Seguindo as instruções do guarda, chegaram ao fim de um corredor, onde uma placa junto a uma porta dupla de madeira tinha o brasão com a águia do governo. Nela estava escrito: Coronel Mahmoud al-Fara, Comandante, Serviço de Segurança Preventiva da Palestina (Gaza).

Cree bateu na placa com o indicador e sorriu.

— Vamos pegá-lo — sussurrou.

Omar Yussef achou que ele ainda estava sob a influência do café europeu.

Três homens com jaquetas de couro estavam postados junto a uma mesa vazia do outro lado da porta. O menor deles levou-os por uma série de escritórios, suas solas plásticas rangendo sonoramente no chão a cada passo. Fez um sinal com a cabeça para eles entrarem numa sala de espera vazia e plantou-se com as pernas abertas junto à porta, vigiando-os. Após alguns minutos, uma secretária esbelta os fez passar por uma porta para o escritório de al-Fara. As janelas tinham cortinas leves para evitar que se visse dentro e o ar condicionado forte mantinha fora o calor do dia. As paredes eram cor creme e inteiramente vazias, exceto por um único documento numa moldura preta do outro lado da sala. Nada de foto com o presidente, Omar Yussef pensou. Este homem não finge demonstrar fidelidade a ninguém. Ao lado da porta, fichários estavam espalhados numa estante. Uma televisão estava ligada numa emissora árabe de notícias, sem som. Uma comprida

mesa de conferência estendia-se no meio da sala. Na cabeceira estava sentado o coronel al-Fara numa poltrona preta de couro de encosto alto.

Seu cabelo era negro e cuidado, repartido do lado e caindo sobre um olho. Seu bigode fazia o mesmo serviço com a boca. A testa parecia úmida e febril, e seu corpo magro, de estatura mediana, estava afundado na poltrona. Tragou um Marlboro na mão esquerda e expectorou num lenço de papel na direita, que jogou no cesto de lixo.

Havia nele a economia nos movimentos de um ex-prisioneiro, igual a que Omar Yussef notara no guarda-costas de Khamis Zeydan no hotel.

Cree cumprimentou al-Fara e recordou-lhe que tinham se conhecido durante a recente visita de uma delegação da ONU de Nova York. Al-Fara não mostrou sinal de lembrar-se.

Cree apresentou Wallender e Omar Yussef. Quando Wallender apertou a mão flácida de al-Fara, o sueco prolongou o gesto colocando a palma da mão sobre o coração. Era um gesto árabe de sinceridade e Omar Yussef sorriu.

Al-Fara despachou sua secretária para preparar chá. Segurou um lenço de papel sobre a boca enquanto preparava outro catarro. Os olhos que examinaram Omar Yussef sobre a parte de cima do lenço estavam inflamados pela poeira no ar, mas eram matreiros e perigosos, mesmo assim. Omar Yussef franziu os olhos para ler o documento emoldurado na parede. Era um diploma de direito da Universidade al-Azhar. Talvez isso explique por que vale a pena prender um homem que acusa a universidade de vender diplomas para agentes de segurança, pensou. Quando ele olhou de volta para al-Fara, percebeu que o coronel havia acompanhado o movimento de seus olhos para o diploma.

Al-Fara manteve seus olhos em Omar Yussef e esgarçou no lenço.

— Coronel, gostaríamos de discutir a situação de nosso professor, Eyad Masharawi — Wallender disse.

Al-Fara ribombou uma tosse expectorante em sua garganta e cuspiu de novo. Wallender continuou.

— Acreditamos que houve apenas um simples mal entendido. Gostaríamos de ter garantias da libertação de *ustaz* Masharawi. Entendemos que ele está detido aqui.

— Está havendo uma investigação — al-Fara disse. Deu uma profunda tragada em seu cigarro. — Ela precisa estar completa antes que ele possa ser libertado.

— Poderia perguntar o escopo dessa investigação?

Al-Fara estalou a língua e ergueu o queixo. Negativo.

— Ao que tudo indica, *ustaz* Masharawi foi preso porque fez acusações de corrupção — Wallender disse —, relativas à universidade estar vendendo diplomas

para agentes da Segurança Preventiva.

— Estamos informados desta acusação — al-Fara disse.

— Mas com certeza isso pode ser resolvido facilmente. Um professor universitário tem direito à liberdade de expressão. Ele deve ter permissão de questionar as instituições do Estado, de modo a mantê-las livres de corrupção. Os acadêmicos podem ser cães de guarda especializados em nome do público.

— O senhor é... de qual país?

— Suécia.

Al-Fara fumou seu cigarro e então assoou o nariz, ruidosamente.

— Tudo está em paz na Suécia, de modo que vocês podem se dar ao luxo de ter todos esses diferentes direitos. Se o seu país estivesse ameaçado por uma ocupação iníqua, o senhor veria que essas liberdades de que está falando são bem menos úteis. Mais tarde, quando tivermos nosso Estado, teremos todas essas liberdades, claro.

O povo palestino as merece.

— É a posição da ONU que essas liberdades são um pré-requisito para a fundação de um verdadeiro Estado palestino. E o senhor poderia ajudar esse processo ao permitir que *ustaz* Masharawi fosse libertado.

— É mais importante permitir que as forças de segurança investiguem colaboracionistas, por causa da ameaça de Israel ao nosso povo.

— Quem disse algo sobre colaboracionistas? — Omar Yussef interviu. — Estamos falando sobre corrupção na universidade.

Al-Fara cuspiu num lenço de papel e o observou com uma careta.

— Pelo menos, o senhor poderia nos explicar as acusações contra Masharawi, para que pudéssemos começar uma defesa — Wallender disse. — É possível que isso tudo não passe de um equívoco.

A secretária trouxe xícaras pequenas de chá em pires com flores estampadas. Omar Yussef esperou al-Fara despejar o terceiro saquinho de açúcar em sua xícara. A unha do dedo mínimo direito do coronel tinha 1,5 centímetro a mais de comprimento; uma afetação comum entre aqueles que gostavam de mostrar que não trabalhavam com as mãos. A unha comprida era de um amarelo-escuro, como a urina de um homem desidratado.

— Como os senhores respondem à acusação de corrupção? — Omar Yussef perguntou.

— Corrupção? Esse colaboracionista se defende fazendo acusações contra as pessoas que protegem os palestinos de homens como ele — al-Fara disse, observando seu chá enquanto o mexia. — Não há corrupção. Erros foram cometidos, isso é verdade. Se ninguém cometesse erros, Alá não teria de mandar-nos profetas para mostrar a via verdadeira.

— Então, alguém vendeu os diplomas por engano? Não foi realmente corrupção; foi só alguma espécie de deslize? — Omar Yussef disse.

— Eu não sei se diplomas foram vendidos. Em todo caso, o que quer que seja este prédio, não é a universidade. O senhor está com o endereço errado.

— Iria repercutir em sua força, entretanto — Wallender disse —, se seus agentes estivessem comprando diplomas para poderem ser promovidos e conseguirem salários maiores do governo.

— Não temos falta de dinheiro. Podemos pagar salários mais altos se quisermos. Temos dois mil agentes. Não é um número grande. Não seria tão custoso aumentar o pagamento deles. — Al-Fara tomou seu chá e limpou o bigode com um lenço de papel. — Há interferência estrangeira em Gaza. Espiões. É isso que estamos investigando.

Al-Fara olhou atrás de suas visitas, ao longo da mesa até a televisão no outro lado da sala. A estação de notícias repetia imagens do funeral militar do dia anterior.

Com a mais vaga das expressões de escárnio, al-Fara assistiu à multidão se acotovelando em torno do caixão, coberto com a bandeira palestina. Estendeu o dedo mínimo e palitou os dentes com sua unha comprida e amarela.

— O senhor está investigando Masharawi por espionagem em nome da CIA? — Omar Yussef perguntou.

— Talvez. — Al-Fara não desviou os olhos da televisão.

Omar Yussef mudou para o árabe.

— O senhor também trabalha com a CIA.

Al-Fara não se moveu, mas um longo suspiro como o som de um jato a distância exalou de sua garganta.

— O que ele estaria espionando, precisamente? — Omar Yussef perguntou. — O reator nuclear em Gaza? As táticas do time de futebol da Palestina?

Al-Fara dirigiu lentamente seus olhos escuros para Omar Yussef.

— O senhor acha que não há espiões em Gaza?

— Eu acho que é fácil chamar alguém de espião e a acusação colar hoje em dia.

— Isso é porque há tantos deles.

— Admiro a sua lógica — Omar Yussef disse. Fez uma pausa. — O senhor Wallender e o senhor Cree gostariam de visitar Masharawi em nome da ONU, que o emprega nos dias em que ele não está na universidade.

Al-Fara desviou-se inteiramente da televisão para Omar Yussef. Seus olhos se franziram. Quando ele prendeu Masharawi, este sujeito não sabia que o professor era também funcionário da ONU, Omar Yussef pensou. O professor Maki não lhe disse. Agora ele está irritado, porque os estrangeiros vão culpá-lo. Um assunto

doméstico pode subitamente se tornar um incidente internacional. Ele não quer esse tipo de escrutínio.

— Não é possível para os senhores vê-lo — al-Fara disse.

— As Nações Unidas precisam insistir que seus representantes tenham permissão de ver Masharawi — Omar Yussef disse, erguendo a voz. — Para examinar suas condições e discutir seu caso. — Viu Wallender virar a cabeça para ele, querendo saber o que essas palavras em árabe queriam dizer, sentindo a tensão que fulgurava em torno de al-Fara como uma chama, mas não querendo interromper.

Al-Fara observou a ponta de seu cigarro queimando.

— Como um gesto humanitário, permitirei que a esposa dele o visite. Mas não posso permitir que ninguém mais o veja até a investigação estar terminada.

— Quando ela poderá vê-lo? — Omar Yussef perguntou.

Al-Fara jogou o cigarro num cinzeiro de vidro e abriu as mãos.

— Hoje, é claro.

— Obrigado. Seria possível discutirmos o caso com o senhor em maiores detalhes, depois que ela nos informar sobre a situação dele?

— Não estarei aqui.

— Talvez esta noite, então?

— Não será possível. Não estarei em Gaza.

— Onde vai estar?

Al-Fara sorriu e olhou firme para Omar Yussef.

— Estarei em Tel Aviv. Tenho uma reunião com o embaixador americano.

— A reunião o manterá fora de Gaza a tarde e a noite toda?

— A noite toda. Não é apenas um encontro para dizer olá. Estou visitando o embaixador americano, não a minha tia. Vamos discutir questões sérias, e com certeza a conversa se estenderá noite adentro. — Voltou a usar inglês e se dirigiu para Cree.

— Tenho certeza de que as Nações Unidas estão a par dessas conversações de segurança.

Omar Yussef deu um relance a Cree. Será que ele sabe sobre elas?, perguntou-se.

— Mas, claro, esses contatos são em alto nível, bem acima da cabeça dos senhores. — Al-Fara olhou de Omar Yussef para Wallender.



No pátio, Omar Yussef parou para assoar a poeira do nariz. Acima da fila de Audis havia janelas pequenas, com grades, na parede. Celas. Ele sentiu um clarão de abandono, frio através de seu peito, e ele sabia que essa devia ser a maneira que Masharawi estaria se sentindo, confinado ali em cima. Ele pensou em chamar o nome do prisioneiro, mas Wallender e Cree já estavam a caminho do portão, satisfeitos de terem arranjado um encontro entre Salva Masharawi e o marido.

Omar Yussef olhou de novo para as janelas. Atrás das grades, parecia não haver vidro nas esquadrias. A poeira suspensa no ar devia encher também aquelas salas.

Manchas de um laranja vívido vibravam por trás das pálpebras de Omar Yussef, decaindo para vermelho e púrpura. Sua cabeça doía. Seu fôlego estava curto e o ar estava quente, grosso e suarento.

— Péssimo lugar esse em que nos fizeram esperar — disse Cree.



Omar Yussef abriu os olhos, e o sol brilhante aguilhoou fundo em seu cérebro. Cree estava sentado na sala vazia numa cadeira de jardim de plástico, seu corpo alto dobrado desconfortavelmente. Ele segurou os ombros de sua camisa e ergueu-os da pele suada. Os olhos de Wallender estavam fechados. O dorso das mãos descansava sobre os joelhos e ele respirava lenta e profundamente através de seu nariz pequeno.

As janelas tinham sido pintadas fechadas e não havia persianas. Cree abrira a porta com uma cadeira para circular o ar, mas o corredor cheirava intensamente a fezes de um banheiro entupido. Esta era claramente uma sala onde as pessoas eram postas para fazer o tempo se arrastar excruciantemente, para tornar cada respiração um esforço esmagador, recompensado apenas com ar podre virtualmente desprovido de oxigênio.

Eram quase 14 horas. Tinham trazido Salwa Masharawi para o quartel-general da Segurança Preventiva ao meio-dia. O guarda corpulento com que Omar Yussef se altercara antes no portão os conduziu àquela sala no térreo, enquanto outro levava Salwa para o lado oposto do pátio, em direção às celas. O guarda trancara a porta no fim do corredor para impedir que eles percorressem as salas. Todas as portas no corredor levavam a salas tão vazias e fechadas como aquela.

O peito de Omar Yussef estava contraído. O ar morto na sala era familiar para ele, embora fosse uma memória que ele tentara enterrar. Voltava precipitadamente agora como uma cascata de fechos pesados, comida nojenta e ar que era quente e parado. Ele sentiu um impulso de confessar para os dois estrangeiros, mas se perguntou o que eles pensariam dele. Vocês sabiam, há muito tempo estive na prisão, também, ele iria dizer. Foi uma injustiça, um caso de vingança política. Não iriam acreditar nele. Iriam pressupor que ele tinha sido culpado, porque, afinal,

vinham de países onde havia lei e justiça. Talvez seja a vergonha que me mantenha calado, ele pensou.

Não a vergonha de ter sido preso, mas a vergonha de ter sido expulso da política pela ameaça de mais tempo na prisão. Vergonha por eu ter escolhido viver uma vida tranquila e fácil por tanto tempo, enquanto havia morte e sofrimento em toda a minha volta. Ele olhou para o sol e retesou a mandíbula para ter certeza de que não ia falar.

Uma chave foi virada na fechadura no fim do corredor e a porta se abriu. Ouviram pés se arrastando pesados no corredor e então parando.

— Por favor — o guarda chamou. Sua voz ecoou pelo corredor.

Wallender abriu os olhos e girou o pescoço.

— Um ótimo descanso — disse, com um suave suspiro de satisfação.

Cree olhou boquiaberto para o sueco.

Omar Yussef seguiu os estrangeiros pelo corredor escuro. Estava entorpecido, mas tentou se mover o mais rápido que podia para acompanhá-los. O guarda ficou observando-o todo o caminho, e ele não conseguiu evitar o temor de ser deixado para trás, encerrado naquele espaço sem a proteção da ONU, aprisionado com o fedor da imundície e o calor ensandecedor e a vulnerabilidade inevitável.

Salwa Masharawi estava esperando-os no portão do prédio em sua túnica larga e lenço florido na cabeça. Quando se aproximaram, ela ajeitou o lenço e enxugou o nariz com um lenço de papel rosa.

— Como está você, cara dama? — Omar Yussef perguntou.

Salwa sorriu e brincou com um dos botões de ouro de sua túnica. Seus olhos estavam vermelhos. Ela estivera chorando.

— Que sejam dadas graças a Alá, *ustaz*.

— Vamos levá-la para casa, e você poderá nos contar as notícias sobre Eyad.

Na casa dela em Tuffah, Salwa deu um longo olhar à pintura do arame farpado circundando a Cúpula da Rocha ao entrar no quintal. Naji esperava na porta, bulindo nervosamente com a orelha que se projetava de sua cabeça. Salwa cochichou com ele e conduziu os visitantes para a sala onde os recebera na primeira visita deles. Omar Yussef deu um olhar de relance para a foto do marido dela, ardente e altaneiro, a cabeça virada para ocultar a orelha deformada. Ele se perguntou se Masharawi se preocuparia com tais vaidades após uma noite na prisão.

Salwa sentou com as mãos cruzadas no colo. Ela olhou para a imagem de seu marido, como se precisasse sentir a presença dele antes de contar o encontro deles para Omar Yussef e os estrangeiros.

— Meu marido pediu que eu trouxesse saudações dele na prisão para vocês e que agradecesse pelos seus esforços — ela disse.

— Como ele está? — Omar Yussef perguntou.

— Lamento informar que ele foi torturado, *ustaz*.

Omar Yussef tinha pensado no calor e na poeira e no fedor dentro das celas, mas não tinha lhe passado pela cabeça que o homem iria ser torturado. Wallender gemeu e cofiou a barba.

— Depois que visitaram o coronel al-Fara, alimentaram Eyad, mas antes disso ele tinha ficado sem comida e sem água por mais de 24 horas — Salwa disse. — Mantiveram-no em *shabbah*. Sabem como é essa posição?

— Li sobre isso — Cree disse. — O corpo abaixado, curvado para a frente com as mãos amarradas nas costas e os calcanhares suspensos. Após alguns minutos, as pernas e as costas parecem estar em fogo.

Salwa cobriu a boca e o nariz com a mão. Ela soluçou e baixou a cabeça, então endireitou-se e respirou profundamente.

— Bateram nas solas de seus pés e puseram um saco sujo cheirando a vômito na cabeça dele. Amarraram suas mãos nas costas e o suspenderam por elas do teto.

Ele desmaiou várias vezes.

— Como puderam fazer isso? — Omar Yussef tocou a testa com os dedos. Pensou no desconforto que sentira na sala em que ficaram esperando Salwa. Estava envergonhado da pena que tivera de si mesmo, a pouca distância de onde Masharawi tinha sido submetido a um sofrimento real.

O filho mais velho de Salwa entrou com uma bandeja com chá. Omar Yussef ficou grato que o menino baixou a cabeça e os ombros com a falta de jeito da adolescência.

Não teria gostado que ele tivesse visto a piedade e o horror nos olhos das visitas ao observarem-no. Naji serviu as xícaras e saiu da sala.

— Eyad conversou comigo a princípio de uma maneira muito organizada. Mas quando me contou sobre a tortura, não conseguiu manter o controle. — A lembrança do instante fez Salwa se interromper e pegar um lenço de papel na mesa de centro.

— Pude vê-lo apenas através de um alambrado. Ele entrou curvado para a frente, arrastando os pés, como se cada movimento fosse uma agonia. Ele sorriu e perguntou sobre as crianças. Eu contei a ele sobre a sua ajuda, Abu Ramiz. Ele ficou muito agradecido. Mandou saudações.

— O que os interrogadores perguntaram a ele? — Omar Yussef indagou.

— Não fizeram perguntas. Apenas lhe ordenaram que assinasse uma confissão.

— Confessando o quê?

— Que ele é um espião da CIA, cuja missão é espalhar boatos contra o governo. Disseram que a universidade ia parar de pagar o salário dele e que não

haveria dinheiro para mim e as crianças.

— Ele continuará a receber o salário da ONU — Wallender disse.

Salwa assentiu em agradecimento.

— Ele perguntou ao interrogador quando seria levado a julgamento. O interrogador riu e disse: “Quando o Estado palestino estiver estabelecido, você terá um julgamento.” Vocês sabem — ela virou-se para Wallender e Cree — que isso é o que as pessoas aqui dizem quando se referem a uma coisa que nunca vai acontecer. É para ser uma piada. Então meu marido chorou e disse que sentia que já morrera quinhentas vezes. Estou tão preocupada, Abu Ramiz. Se Eyad estava nessas condições após um dia, talvez eles realmente tenham a intenção de matá-lo.

— Com certeza não — Omar Yussef disse. — Você disse que eles o alimentaram depois que se deram conta de que a ONU estava acompanhando o caso. A tortura seguramente vai parar, também. Ontem, ele era apenas um palestino, e todos sabemos como as forças de segurança tratam seus compatriotas. Hoje, ele está sob o olhar internacional.

No caso deles terem de apresentá-lo a investigadores da ONU, não vão querer que ele pareça ter sido torturado. Eles precisarão poder negar isso, dizer que ele está apenas falando mentiras e que estava sendo tratado bem.

Wallender levantou-se.

— Umm Naji, vamos entrar em contato com nosso escritório em Nova York. Vamos mandar um relatório sobre a tortura imediatamente, para que seja feita pressão sobre o governo para que esta situação seja resolvida o mais depressa possível.

— Magnus, se você não se importar, gostaria de ficar mais um pouco aqui com Umm Naji — Omar Yussef disse.

— Boa ideia, Abu Ramiz. Voltaremos ao hotel e entraremos em contato com o escritório.

— Ótimo. Provavelmente vou voltar no fim da tarde. Tenho de ter tempo de me aprontar para o jantar com o professor Maki esta noite. Vocês vão jantar no hotel?

— Não se preocupe com o seu velho Magnus — Cree disse. — Vou levá-lo para jantar no melhor restaurante de frutos do mar de Gaza.

Wallender e Cree foram embora. Salwa e Omar Yussef ficaram sentados em silêncio, enquanto o Suburban da ONU acelerava para sair de marcha a ré no acesso cheio de areia.

— Convido-o a almoçar conosco, Abu Ramiz.

— Que Alá a abençoe.

Ela baixou a cabeça e seu lenço balançou. Omar Yussef pegou um lenço de papel da caixa na mesa de centro e o entregou para ela. Ela enxugou debaixo de

cada olho, mas as lágrimas não tinham acabado.

— Abu Ramiz, estou apavorada.

— É uma história terrível e assustadora, minha filha. Mas você não tem de enfrentá-la sozinha.

— Estou apavorada por meu filho Naji. Você sabe o que acontece com os filhos dos colaboracionistas; ficam tão desesperados para limpar a reputação prejudicada da família que se tornam voluntários para missões suicidas contra os israelenses. Ele é um menino tão quieto. Poderia planejar algo terrível, e eu não iria saber até ouvir no noticiário.

— Ele não parece ser desse tipo — Omar Yussef disse. — Além disso, ele é apenas o filho de um acusado de colaboração, até agora. E vamos garantir que não passe disso.

Salwa soluçou.

— Obrigado, *ustaz*. É melhor eu preparar o almoço. — Ela saiu da sala.

Omar Yussef ouviu o som de travessas sendo tiradas de um armário na cozinha. Após o enorme e vazio salão de café da manhã no Sand's Hotel, era um som reconfortante, doméstico.

O menino veio até a porta. Juntou os dedos e ficou olhando para o dorso das mãos.

— Pois não, Naji?

— *Ustaz*, gostaria de ver os meus pássaros?

— Adoraria.

O menino levou Omar Yussef para um quarto grande e claro na parte de trás do andar de cima da casa. Ele ouviu as pombas cujos sons abafados percebera no bosque de oliveiras quando chegara à casa. O quarto era espartano. Um cobertor felpudo barato cobria a cama, colorido e sintético.

Havia uma pequena mesa junto à parede, com pilhas arrumadas de livros e cadernos de escola alinhadas rente à borda.

Naji abriu a porta de vidro para uma varanda. Uma gaiola de arame de galinheiro e compensado de cerca de 1 metro de cada lado ficava no canto mais afastado do quarto.

Um par de pombas estava empoleirado num grosso galho retorcido de oliveira preso dentro dela. Dois canários vojavam em órbita delas. Naji inclinou-se para a bandeja de sementes. Colocou mais sementes de um saquinho. Ergueu os olhos, e um sorriso venceu a rigidez de sua face desolada. Omar Yussef sentiu seus lábios tremerem de piedade.

— Está ouvindo o que eles dizem, *ustaz*? Ouça, estão dizendo *uzcouru Allah*. Está ouvindo?

Lembre-se de Alá. Essas palavras da pomba eram uma fantasia tradicional das crianças. Omar Yussef escutou o repetitivo canto dos pássaros brancos e observou a expressão terna na face de Naji.

O menino se endireitou. Enfiou os dedos através das aberturas do arame. Um dos canários pousou em seu polegar.

— Meu pai vai ficar bem, *ustaz*?

Omar Yussef fungou e pigarreou.

— Claro.

— Ele fez algo errado?

— Exatamente o oposto. Seu pai defendeu o que é certo. Num lugar cheio de coisas erradas, é algo perigoso de se fazer.

Salwa chamou Naji da escada. Gentilmente, ele deixou o canário voar de seu dedo. Observou-o pousando na bandeja de sementes.

— Acho que tem comida lá embaixo — disse.

A mesa estava posta numa pequena sala de jantar na frente da casa. Quando Omar Yussef entrou, Salwa colocou na mesa uma última travessa de salada de berinjela.

— *Babaganoush* é o prato favorito de Eyad — ela disse. — Por favor, Abu Ramiz, sente-se aqui.

Omar Yussef sentou à cabeceira da mesa. Salwa o apresentou aos quatro outros meninos. Os mais velhos o observaram com ar inquisitivo. Os dois mais novos pareciam ter por volta de 6 e 7 anos e cortaram o pão em tiras sem parecer notar a presença do visitante.

A mesa estava servida com homus e outras saladas — a vermelha e picante *Turkyyeh* e a branca e cremosa *labaneh*. Os meninos pareciam preferir o rabanete em conserva: cada um tinha um prato com eles, em fatias, com algumas azeitonas do lado. Omar Yussef abriu um *kubbeh*. De dentro de sua casca de trigo, o cordeiro moído tinha um cheiro doce de canela e pinhão. Ele sorriu para Salwa.

— Umm Naji, muito raramente como qualquer outra comida que não seja a que minha mulher Maryam prepara; ela é muito boa na cozinha. Por essa razão, não gosto de viajar. Mas suas habilidades como cozinheira fazem com que hoje minha ausência de Belém não seja uma provação tão grande.

Salwa sorriu.

— Seja bem-vindo. À sua dupla saúde — ela disse. — A sua família é de Belém, Abu Ramiz?

— Não, somos refugiados de uma aldeia dos arredores de Jerusalém. Meu caro pai chegou ao Campo de Dehaisha em 1958, quando eu era bebê. Mas eu pertenço a Belém. Não tenho vontade de voltar à aldeia.

— A aldeia ainda está lá?

— Os campos da aldeia estão agora cobertos por um shopping center israelense, como aqueles lugares reluzentes que se podem ver nos canais de televisão do Golfo. Não vi nada igual em nossas cidades, embora tenham me dito que estão construindo algo parecido em Ramallah.

— Você visitou alguma vez a aldeia?

— Voltei à aldeia uma vez, nos dias em que era fácil conseguir autorização. Para falar a verdade, não restava muita coisa, a não ser a mesquita, que está sem uso. Eu era apenas um bebê quando partimos, de modo que minhas memórias são só as histórias que meu caro pai contava sobre a vida nos velhos tempos. Agora, essas histórias parecem reais o bastante para serem minhas próprias memórias, no entanto. — Omar Yussef olhou para os meninos e pensou no pai deles. — Crianças, tudo o que parece ruim passa. A vida é muito longa. Quando se é jovem, é fácil ter a impressão de que um evento ruim é maior do que é. Mas, vejam, eu passei até pela grande Catástrofe de nosso povo e sou um homem feliz. Estudei com afinco na escola e trabalho duro em meu emprego e tenho uma boa família.

— O senhor fez exames na escola? — um dos meninos mais novos perguntou. Ele ficou observando Omar Yussef e encheu a boca de homus.

— Sim, fiz muitos exames. Fiz a universidade em Damasco.

— Por que não prenderam o senhor?

— Você não é preso por fazer um exame, Sufian — Salwa disse.

O menino não pareceu convencido. Ficou olhando para Omar Yussef com o cenho franzido, como se não acabar preso por ter feito um exame fizesse do homem mais velho parte da conspiração que tinha roubado o pai dele.

— Por que não prenderam o senhor, em vez de papai?

Omar Yussef mastigou o *kubbeh*, mas perdeu a vontade de engoli-lo.

— O senhor é policial? — o menino perguntou.

— Sufian, cale a boca. — Naji chacoalhou o ombro de seu irmão menor.

— Sou um professor, como o seu pai — Omar Yussef disse.

— Papai diz que os professores têm de ser como policiais — Sufian disse. — Tem de descobrir a verdade e depois garantir que as crianças fiquem sabendo dela.

— Estou ansioso por conhecer o seu pai. Acho que vou gostar dele. — Quando a polícia não está interessada na verdade, os adultos ficam quietos, Omar Yussef pensou. Quando é perigoso, só as crianças fazem perguntas. E talvez seus professores, porque eles se importam com a mente das crianças e com o futuro em que elas vão crescer. É por isso que Masharawi não pôde ficar calado, apesar do perigo. Talvez seja por isso que eu esteja aqui, também.

Os delegados do Conselho Revolucionário estavam lotando a recepção do Sand's Hotel quando Omar Yussef voltou do almoço na casa de Masharawi. Suas duas visitas ao quartel-general do coronel al-Fara naquela manhã o tinham esgotado. Sua camisa estava empapada e seu cabelo suado grudava no pescoço sob o colarinho. Seus olhos ardiam da tempestade de poeira. Queria um café, mas o salão de café da manhã estava repleto de políticos e seus assistentes.

Khamis Zeydan estava numa mesa perto da porta. Mais seis homens de terno estavam em volta da mesa, e também Sami Jaffari, usando uma camiseta preta que acentuava a musculatura flexível de seus ombros e peito. Todos fumavam cigarros ou tragavam do cachimbo de um narguilé. Os homens de terno estavam arrebatados pela história que Khamis Zeydan contava. Omar Yussef não ouvia o que seu amigo estava dizendo, mas sabia que o desenlace estava chegando pela maneira que Khamis Zeydan se recostava em sua cadeira e erguia os braços mais alto e mais abertos a cada frase. Quando os braços estavam sobre a cabeça, a mesa explodiu em gargalhadas.

Sami percebeu Omar Yussef do outro lado da porta. Piscou e ergueu os olhos para o alto, como se estivesse pacientemente aguentando.

Omar Yussef subiu para seu quarto. Sentou com calma na cama. Alguém fechou uma porta por perto e seguiu pelo corredor, discutindo no celular. Então ficou o silêncio.

Omar Yussef ouviu sua respiração. Pensou em Eyad Masharawi, agredido e atormentado, e nas crianças que sentiam a falta dele em casa. As chances de Masharawi escapar de mais tortura poderiam depender de como Omar Yussef lidasse com o professor Maki naquela noite. Ele sentiu uma solidão tão súbita e desesperada que seu queixo caiu e a pele de suas bochechas pareceu pesada. Pegou o telefone e teve de fazer um esforço para lembrar como se conseguia uma linha. Então ligou para casa.

Nadia atendeu.

— Saudações, minha querida — Omar Yussef disse. — Como vai você?

— Que sejam dadas graças a Alá, vovô. O que está acontecendo em Gaza?

— Há uma tempestade de areia aqui — ele disse. — Como está o tempo em Belém?

— Muito quente. Sem tempestade de areia.

— Vocês têm sorte. O que você andou fazendo?

— Estava lendo um de seus livros esta tarde, vovô. Aquele grande sobre o Egito antigo, com fotos das pirâmides e dos deuses egípcios.

— Tenho certeza de que não iriam me deixar trazer um livro assim para Gaza. O Hamas iria fazer objeções quanto ao seu paganismo.

— Exatamente. Que vergonha, vovô.

Omar Yussef tentou lembrar que idade tinham seus filhos quando desenvolveram a noção de sarcasmo. Não conseguia deixar de achar que Nadia, com 12 anos, estava adiantada até nisso.

— Pois é, eu li no livro que Seth, que tem a cabeça de um chacal, era o deus do deserto e que ele fazia as tempestades de areia — Nadia disse.

— Então o deus com cabeça de chacal está trabalhando duro em Gaza. Para a infelicidade dos homens de Gaza.

— Li também sobre os homens. Sobre de onde os homens vieram, segundo os egípcios.

— De onde eles vieram?

— O deus da criação era chamado Atum. Ele fez tudo. Primeiro, ele fungou o deus do ar de seu nariz. Então, cuspiu a deusa da água de sua boca. E então alguns outros de que não lembro, mas todos vieram de seu corpo. Quando ele olhou o resultado de sua obra, Atum chorou, e cada uma de suas lágrimas tornou-se um homem para popular o mundo. Então, veja você, todos começamos com um deus chorando.

Omar Yussef lembrou-se do mito. Recordou também que começava com Atum tendo uma ereção e engendrando os outros deuses com o seu orgasmo. Torceu para que isso não figurasse no livro que Nadia lera.

— O que você acha desse mito? — ele perguntou.

— Acho que faz sentido. Explica por que tanto na vida é triste e por que enfrentamos tanta maldade, não importa o quanto sejamos bons.

— Talvez Atum estivesse chorando lágrimas de alegria.

— Não tinha pensado nisso, vovô. Mas eu não acho que tenha sido esse o caso, de qualquer modo.

— Fico contente que você esteja lendo sobre história e como os povos antigos compreendiam o mundo. Há muito mais na vida do que só as opiniões expressas pela gente de nossa cidade e de nosso tempo. Tenho outros livros como esse. Vou mostrá-los a você quando voltar para casa.

— Vovô, fiz uma *homepage* para você. — Nadia ficou subitamente entusiasmada.

— Você desenhou alguma coisa para mim?

— O quê? Não. Para o seu website. Comecei-o ontem, depois que falamos. Registre o nome do seu domínio, escrevi o texto para a homepage, coloquei uma foto sua e também alguns detalhes gráficos.

— O que é uma homepage?

— Quando as pessoas digitam o endereço de seu website, a homepage é a primeira que aparece. Claro, tenho de fazer outras páginas, para que possam navegar pelo site.



Ela cresceu mais do que eu percebi, Omar Yussef pensou. Ela entende a tristeza no âmago do mundo na história das lágrimas do deus egípcio. Mas ela também tem esse entusiasmo tecnológico, que sugere que ela acredita no futuro. Ele se perguntou como aquela mudança em sua neta favorita ocorrera sem que ele visse. Talvez também não percebesse outras mudanças no mundo à sua volta, simplesmente porque não o afetavam diretamente. Lembrou que ficou surpreso quando Salwa Masharawi disse a ele que seu marido tinha sido torturado. Agora aquela surpresa lhe parecia insólita, como se fosse algo que seria de se esperar, que um homem preso por criticar o governo tivesse as solas dos pés surradas. Desde aquele período na cadeia tanto tempo atrás, ele passara décadas construindo um muro de inocência em sua volta, mas perdera alguma parte dela em Gaza. Talvez não fosse inocência de modo algum, mas cegueira. Compreendeu por que o deus Atum chorara ao ver o mundo que tinha criado.

— Vovô, tem um computador em seu hotel?

— Sim, tem um computador na recepção.

— Eles têm acesso à internet?

— Posso perguntar. Há uma moça muito simpática na recepção.

— Anote o endereço da sua homepage. É www.pa4d.ps.

Omar Yussef escreveu o endereço na web numa folha de papel do hotel.

— O que quer dizer?

Nadia riu.

— Você vai ver. Você vai ter de acessá-lo na web. Você quer falar com a vovó?

— Sim, querida, por favor. — Omar Yussef dobrou o pedaço de papel com o endereço e o enfiou no bolso de sua camisa.



Ele abriu as cortinas da janela. O acesso para carros do hotel ocupava 18 metros das portas do lobby até a rua da praia. A nebulosidade do ar cheio de poeira estava aumentando com o fim da tarde. Um burro trotava ao longo da avenida, puxando uma carroça cheia de caixas de tomate. Uma fila de táxis amarelos estava atrás, buzinando e concorrendo entre si qual seria o primeiro a ultrapassar. Um destacamento de soldados com boinas vermelhas estava junto à guarita em frente da casa do chefe da Inteligência militar do outro lado da rua. O prédio era um bloco simples de apartamentos de seis andares. Apenas um andar estava iluminado, com uma fluorescência doentia brilhando através da poeira.

Maryam atendeu.

— Omar, querido, o que você almoçou?

Ele sentiu a solidão de novo, aguda.

— Maryam, minha vida, eu a amo.

— Omar?

— Voltarei logo para casa, prometo.

— Omar, alguma coisa está errada?

Os olhos de Omar Yussef arderam. Ele pensou que poderia ser uma boa ideia chorar toda a poeira da tempestade. Sentia-se pronto para isso. Seu quarto estava frio e ele se imaginou aprisionado nele, longe de casa. Você sabe o que é estar trancado, aterrorizado e sozinho, ele pensou. Estava nauseado e temia arruinar tudo naquela noite vomitando de nervosismo na mesa de jantar do professor Maki. Respirou fundo e se esforçou para visualizar o rosto de sua mulher.

— Tive um ótimo almoço na casa de um amigo.

— Ótimo. Não deixe Magnus levá-lo a um restaurante. Eles economizam em suas receitas.

— Vou jantar na casa de um... um amigo agora à noite também.

— Nadia lhe contou sobre a sua homepage?

— Sim, você a viu?

— Não, ela não mostra para ninguém enquanto você não tiver aprovado.

— Ela é muito inteligente.

— Você ficou surpreso?

— Não, fiquei orgulhoso. Preciso me aprontar para o jantar agora, Maryam.

— Vá em frente. Todo mundo está bem aqui. que sejam dadas graças a Alá.

Ele hesitou.

— Você é toda a minha vida.

Maryam riu.

— Omar, você vai começar a cantar canções velhas para mim? Alá o abençoe, meu querido.

Omar Yussef desligou. Três jipes pararam na casa do general Moussa Husseiní do outro lado da rua. Ele supôs que estavam mudando o turno da guarda, mas os homens no portão mantiveram-se em seus postos e os jipes não foram embora. Em vez disso, formaram um cordão em torno da entrada. Os soldados nos jipes saltaram da traseira de seus veículos e correram para a porta do prédio de apartamentos. Em todos os andares, luzes foram acesas. E em seguida foram todas apagadas ao mesmo tempo.

Omar Yussef desligou a sua luz e observou a casa de Husseiní. Nada aconteceu, Ele esperou. Talvez tivesse sido apenas um reforço de rotina à guarda. Podia ser assim que eles sempre se preparavam para o início da noite. Exceto que hoje à noite há uma tempestade de areia, ele pensou. A escuridão será duplicada.

Um táxi deixou Omar Yussef na rua Émile Zola às 19h30. Ele apoiou a mão no tronco liso de um plátano e tossiu. Havia rajadas de poeira no ar. Com a noite caindo, a grossa tempestade de areia transformava a visão de Omar Yussef num borrão monocromático. Os galhos da árvore dançavam sobre ele, duelando com a bandeira tricolor do Centro Cultural Francês. As presilhas metálicas da bandeira arranhavam ritmicamente o mastro.

O vento veio por trás dele, pegou seus cabelos brancos e soprou os que ficavam penteados sobre a careca para a frente dos olhos. Ele moveu-se com cuidado. Mesmo ali, o bairro mais caro da Cidade de Gaza, a calçada era irregular. Acertou a ponta do sapato num tijolo protuberante, forçado fora de seu lugar no padrão em diamante pelas raízes de outro velho plátano, e tropeçou. Com alívio, chegou a um portão e encontrou uma campainha. Junto a ela, escrito na parede caiada, estava o nome Maki.

Dentro dos altos muros do jardim, o vento se amenizou. Omar Yussef arrumou o cabelo com um pente plástico do bolso de sua camisa. Esfregou os sapatos na parte de trás das calças para tirar a poeira. O jardim era luxuriante e tropical. Yussef se perguntou se Maki não poderia ser culpado pela falta de água em Gaza, pelo tanto que a grama era espessa e as bases espinhosas das tamareiras estavam afogadas em muitos arbustos de samambaia. O caminho até a casa era curto, mas fazia uma curva em torno de uma fonte de concreto moldado e cerâmica turquesa. Uma grande corça de plástico espiava por trás de um arbusto junto à água borbulhante. Omar pôs a palma da mão no focinho dela e acariciou-lhe a cabeça ao passar.

A porta de mogno abriu-se quando Omar Yussef chegou aos degraus da varanda. Uma criada minúscula num uniforme marrom de náilon abriu-a para ele e o cumprimentou num inglês deferencial e sussurrado. Ela era esguia, sem curvas e muito magra, quase como uma menininha. Yussef supôs pela sua aparência e sotaque que Maki a tinha importado da Índia ou do Sri Lanka. Omar Yussef agradeceu a ela e olhou em volta. Nunca tinha visto tamanho luxo na casa de um palestino. O piso era de um mármore marrom leitoso polido para brilhar como a superfície de um lago no verão. No centro da sala, havia um candelabro brilhante tão enorme que o último xá o teria considerado ostentação demais, e uma mesa de jantar e cadeiras não menos reluzentes do que o chão. Para uma mocinha pequena, a criada trabalhava pesado.

— O professor Adnan logo virá recebê-lo — ela disse. — Posso lhe trazer uma bebida?

— Obrigado. Água com gás, por favor.

A mesa estava posta com dois lugares com talheres de prata e cristais cintilantemente caros. Mentalmente, Omar Yussef colocou um lugar na mesa para Eyad Masharawi e lembrou a si mesmo de que precisava pensar cuidadosamente em todos os estágios da conversa daquela noite. A liberdade de Masharawi dependia disso.

A criada trouxe a água e desapareceu. O copo tremeu em sua mão.

Os tons graves de uma canção de amor de Fairuz se espalhavam pela sala. Em meio a tal opulência, Omar Yussef quase esperou que a diva libanesa aparecesse de detrás da cortina acompanhada por um quarteto de cordas.

Em vez disso, foi o professor Maki quem apareceu. Veio de um corredor cuja entrada estava disfarçada por um biombo chinês preto de esmalte cloisonné decorado com pássaros azuis e vermelhos. Estava usando uma camisa de seda azul-cobalto larga que o fazia parecer um pirata de filme, com calças de linho escuras. Ele abriu amplamente os braços.

— Meu caro *ustaz* Abu Ramiz — disse.

Omar Yussef avançou cautelosamente pelo mármore, para o caso de ser tão escorregadio quanto parecia.

Maki deu-lhe três beijos nas bochechas. O cheiro de colônia era mais uma vez poderoso.

— Considere esta a sua família e a sua casa — disse.

— Sua família está com você.

— Bem-vindo, bem-vindo, bem-vindo, Abu Ramiz. O misericordioso Alá o abençoa.

— Alá o abençoa.

Maki segurou a mão de Omar Yussef e o levou até a mesa. Puxou uma cadeira para ele e a empurrou enquanto ele sentava. Ele lançou um olhar para a água.

— Abu Ramiz, você não está mais em Hamastan. O interior desta casa nem mesmo fica em Gaza, no que me diz respeito. Fica onde eu bem quiser que esteja, e pode ser o lugar de quaisquer entretenimentos que me interesse providenciar.

Posso apostar, Omar Yussef pensou. Maki com certeza tinha razão quanto ao seu salão não parecer que ficava em Gaza.

— Como eu mencionei antes, não bebo álcool, Abu Nabil.

— Ora, ao menos um único copo, com certeza — Maki disse. — Seu xará, o antigo poeta persa, rimou divino com vinho. Ele não estava certo? Vamos brindar a ele.

— Por muito que eu aprecie a poesia de Omar Khayyam, minha saúde não me permite que eu me junte ao seu brinde, Abu Nabil — ele disse, fazendo um gesto vago na direção dos órgãos internos de seu abdômen.

Maki ergueu uma sobrelance cautelosa.

— Mas não tenho objeções quanto a você desfrutá-lo — Omar Yussef condescendeu.

Maki estalou os dedos e a criada apareceu, trazendo uma bandeja de prata com dois dedos de uísque num copo de cristal. Maki pegou-o sem olhar e o tragou. Enquanto ainda engolia, esticou o dedo para indicar que queria outro e sentou-se. Pareceu repentinamente sério e se inclinou para a frente.

— Abu Ramiz, é um prazer e tanto ter uma companhia culta. — Ele soltou o gemido de um homem há muito tendo que tolerar tolos ignorantes. — Você não pode imaginar o quanto me é sufocante Gaza e seu provincianismo. Minha mulher não consegue suportar ficar aqui por mais tempo do que algumas semanas. Como pode ver pelos lugares postos na mesa, ela não vai jantar conosco. Não, ela está jantando num estabelecimento bem melhor esta noite. Ela está em Paris.

A criada serviu outro uísque, e Maki mergulhou no copo como se estivesse pulando do trampolim mais alto no clube de praia nas dunas ao norte da Cidade de Gaza. Voltou à tona, tremendo enquanto engolia, e espiou a mesa com os olhos arregalados de um homem nadando debaixo da água.

— Temos um apartamento em Paris. Um *pied-à-terre*, como dizem. Um lugarzinho construído no século XVII. Fica no Marais. Você conhece essa região de Paris?

Era antigamente o bairro judeu, nas hoje é bastante exclusivo. — Maki riu. — Gosto muito disso, de ser um ocupante do bairro judeu. Sim, essa é a minha pequena vingança pela ocupação de nossa terra na Palestina.

Ele esvaziou o segundo copo e, enquanto sua garganta se recuperava, ele agitou o dedo para indicar que tinha uma história para contar.

— Alguns velhos judeus ainda moram em nosso prédio no Marais. Gosto de ver seus pequenos ataques do coração quando digo que compartilham a escada deles com um membro importante da OLP. Eles se recusam a me cumprimentar, de modo que eu apenas sussurro *Allahu akbar* quando passo por eles nas escadas. Minha mulher está lá agora, uma refugiada da poeira e do calor de Gaza. O único aspecto negativo de sua ausência, do ponto de vista dela, é que ela não terá a chance de conhecê-lo, caro irmão Abu Ramiz.

Omar Yussef achou que um sorriso era esperado dele. Ele esticou os lábios e deu uma piscadela.

— Seus filhos estão em Paris também?

— Sim, um menino e uma menina, que sejam dadas graças a Alá. Os dois estão fazendo pós-graduação na Sorbonne.

— Eles fizeram a graduação aqui na al-Azhar?

Maki riu e se inclinou para dar um tapinha na mão de Omar Yussef, como se ele fosse um menino deliciosamente travesso.

— É uma vergonha que você não beba, Abu Ramiz. É tão espirituoso, mesmo quando está sóbrio. Iria ser hilário se compartilhasse um uísque comigo. Claro que eles não estudaram aqui.

A criada trouxe uma garrafa de vinho tinto e serviu Maki. Omar Yussef cobriu o seu copo de vinho com a palma da mão, para que ela não o servisse. O cristal emitiu uma nota suave e redonda quando a mão dele roçou na borda.

— Então é inspetor de escolas para a ONU, Abu Ramiz?

— Estou fazendo uma inspeção escolar no momento. Normalmente, sou o diretor da Escola para Meninas da UNRWA no campo de Dehaisha.

— Ah, que excelente povo é o de Dehaisha. Progressistas, de esquerda, não todos islâmicos, como em Gaza.

— Embora eu seja o diretor, minha atividade principal ainda é dar aulas. Sou há três décadas professor de história.

Maki abriu amplamente os braços.

— Essa é a minha área também. Abu Ramiz, somos dois historiadores. Esta é uma noite maravilhosa. Bem-vindo, bem-vindo, Abu Ramiz. Vamos conversar sobre história a noite toda e esquecer os problemas atuais de Gaza.

Omar Yussef sorriu, polidamente. Novelas marroquinas ou futebol egípcio seriam distrações mais neutras. Mas se Maki estivesse descontraído, talvez se mostrasse mais inclinado a ajudar Omar Yussef no caso Masharawi.

A criada trouxe uma bandeja de *mezzeh*, distribuindo as pequenas travessas de saladas e pastas por toda a mesa. Maki entregou a Omar Yussef um largo pão folha com o qual comer as saladas e empurrou solícito cada travessa na direção dele.

— À sua saúde — disse.

Omar Yussef pôs uma pasta de um vermelho profundo de nozes moídas, cominho e pimenta num canto de seu pão e o comeu.

— Este é realmente o melhor *mouhammora* que provo em muito tempo — disse.

— Esse pessoal do Sri Lanka conhece a culinária árabe melhor até mesmo que os árabes. Todavia, receio que seus colegas, o sueco e o escocês, não tenham a mesma apreensão da cultura árabe. Não podem realmente entender a nossa situação aqui em Gaza — Maki disse. — E por que não? Porque não compreendem a história. Se é apenas a política recente que se considera, então todo mundo parece mau: os nacionalistas, os islâmicos, os refugiados, a resistência.

Não é possível entender o comportamento dos palestinos sem antes revisar as profundezas obscuras de nossa história.

— Você acha que os homens na resistência conhecem nossa história?

— Talvez não a tenham estudado para um doutorado, mas acredito que eles lutam em nome do profeta Maomé, que era uma figura real, ou Saladino, que pessoalmente lutou por Gaza contra os cruzados.

— Que lição meus amigos estrangeiros deveriam tirar disso?

— Que nosso povo vem combatendo os invasores desde muito antes dos judeus terem vindo. Tem sido uma batalha constante, toda a nossa história. — Maki pegou uma oleosa folha de uva, comeu o arroz embrulhado nela e arrematou com um generoso trago de clarete. — Dois mil anos antes de começarmos a contar o tempo a partir da fundação do Islã, o faraó Thutmose foi o nosso primeiro invasor. Os cananeus tomaram Gaza dos egípcios, apenas para os filisteus capturarem-na deles. Na parte mais antiga de nossa cidade, você ainda pode ver uma construção de pedra em ruínas conhecida como o templo que Sansão fez desabar sobre a cabeça dos filisteus. É bobagem, naturalmente; o que sobra daquele prédio não tem mais do que quinhentos anos, mas tem seu lugar em nossa memória histórica.

— A Bíblia judaica diz que Gaza foi reservada para a tribo de Judá — Omar Yussef disse.

— Claro, mas nunca mencione isso; um relâmpago pode cair dos céus para nos aniquilar. — Maki olhou para o alto fingindo terror. — Ou um dos foguetes caseiros Qassam que nossa resistência dispara contra Israel.

— Você evocou essas invasões antigas. Mas que importância elas têm para o atual conflito?

— Grande importância, de fato. Elas são as raízes do conflito de hoje. Seus amigos estrangeiros olham para Gaza e veem o quê? Uma latrina, claro. Quem pode culpá-los? O escocês é provavelmente de Edimburgo, a Atenas do Norte, como a chamam. Muito cultural. Talvez o outro seja da altamente organizada cidade de Estocolmo, onde ninguém atravessa a rua e peida ao mesmo tempo. Para eles, Gaza é a epítome do mais absoluto caos, sem valor algum. Mas Gaza era uma encruzilhada do comércio internacional quando eles ainda estavam se pintando de azul para pilhar a aldeia vizinha e roubar seus porcos.

Maki tomou um gole tão comprido de seu clarete que ficou momentaneamente sem fôlego.

— Veja, se você ler as pesquisas, verá que as mulheres suecas têm os menores seios, em média, do mundo inteiro. — Maki esfregou sua camisa de seda como ilustração.

— E por quê? Porque elas não entendem como compartilhar a vida e a sua prodigalidade. São individualistas. Agora, as mulheres de Gaza: sob suas roupas carregam seios enormes, grandes, pesados e repletos, como a corcova de um camelo. — Ele franziu os lábios, revirou os olhos e ergueu as palmas das mãos

como se estivesse suportando um grande e sensual peso. — Isso é porque estamos cercados pelo deserto, de modo que compreendemos o valor da vida e da comida, do alimento e da comunidade. A natureza à nossa volta é impiedosa. Não podemos contar com ela para um fácil sustento, como eles podem na Suécia, com seus lagos e florestas. Precisamos encontrar nutrição uns nos outros, nos corpos plenos de nossas mulheres e na sensação de pertencer a um clã e na luta compartilhada contra os judeus. Essa é a história de Gaza.

Omar Yussef assentiu e esticou os lábios em alguma espécie de sorriso. Estava satisfeito que Maki estivesse se deleitando com sua culta discussão noturna.

A criada do Sri Lanka trouxe uma travessa de costelas de carneiro gordas grelhadas, kebab em espetos de metal e frango na brasa pontilhado com drupas vermelhas de sumagre. Maki fez o kebab deslizar dos espetos num pedaço dobrado de pão e encheu o prato de Omar Yussef, Pegou uma cebola grelhada e a abriu com os dedos.

— Os invasores continuaram a vir. Saladino lutou contra os cruzados aqui, e então vieram os turcos. — Maki fez círculos no ar com os pedaços de cebola, refinadamente, como um maestro com sua batuta. — Os ingleses lutaram três batalhas aqui antes de tomar Gaza em 1917. Você pode imaginar? Você acha que o povo inglês sabe disso, viajando no metrô de Londres e balançando a cabeça com desgosto ao ler as histórias sobre a violência em Gaza no *Daily Telegraph*? — Maki fez um gesto de desdém com um segmento da cebola. — Conforme entendem, a violência aqui é toda relativa ao nosso conflito imediato com os judeus; poderíamos ter paz, se ao menos fôssemos razoáveis, como os ingleses. Eles não compreendem nossos três mil anos de opressão.

— O problema não é que os leitores do *Telegraph* não conhecem nossa história, Abu Nabil — Omar Yussef disse. — Nosso próprio povo não a conhece, tampouco. Apenas aprendem história em sua horrível versão caricatural ou da boca dos políticos. Quantas pessoas que alegam lutar em nome de Saladino sabem alguma coisa sobre ele, exceto que foi um herói que combateu os cristãos? Provavelmente pensam que ele era palestino, em vez de curdo.

Maki observou seu copo de vinho. Tornou sua voz séria e baixa.

— Como um historiador, gostaria de assistir às suas aulas, Abu Ramiz — disse. — Mas sou também um político. Gostaria de falar sobre política com você agora.

— Agradeço a oportunidade de ser seu aluno.

— A situação de Masharawi é muito delicada — Maki disse. Ele fez o vinho girar em seu copo e observou a luz do candelabro filtrando através dele. — Devo apelar a você como um irmão palestino para que esse caso não siga adiante.

— Isso não é da minha competência.

— Eu acho que é.

— Eu o prendi? Eu não informei sobre ele ao coronel al-Fara. Ah, e esqueci de trazer as chaves de sua cela comigo esta noite.

Maki ficou olhando para o vinho.

Omar Yussef lembrou a si mesmo que tinha de se manter calmo. Precisava de Maki do seu lado se pretendia garantir a libertação de Masharawi. Fez sua voz soar suave.

— Perdoe-me. Você tem novas informações sobre a investigação sobre Masharawi, Abu Nabil?

— É um caso muito sério, Abu Ramiz. Há provas de seu envolvimento em espionagem.

— Como pode um professor ajudar uma agência de espionagem?

— Prejudicando o trabalho da universidade envenenando a mente de nossos melhores estudantes contra o governo e as forças de segurança.

— Que provas há disso?

— Ele assinou uma confissão.

— Ele assinou?

Maki ergueu o queixo e estendeu as palmas das mãos para a frente num gesto de finalização.

— Confessando tudo.

— Sob tortura.

— Nós não torturamos prisioneiros.

— Nós? Não estou me referindo à universidade, Abu Nabil.

— Nem eu. Quis dizer que nós palestinos não torturamos prisioneiros.

Omar Yussef aguardou enquanto a criada punha uma travessa de frutas sobre a mesa. O professor pegou uma faca e cortou uma laranja em seções.

— Então ele será submetido a julgamento? — Omar Yussef perguntou.

— Se as forças de segurança o levarem a julgamento, apenas estarão permitindo que ele espalhe mais uma vez sua falsa propaganda.

— Então o que pretendem fazer com ele?

— Isso depende da ONU, se ela vai fazer disso um caso sério. Se a ONU permanecer quieta, então é possível que venhamos a permitir que Masharawi seja libertado.

— Libertar um espião?

— Após um período adequado na cadeia sendo punido por seus crimes.

— Mais tortura?

— Punição. — Maki ergueu as sobrancelhas e acenou com um segmento da laranja para Omar Yussef. — Mas será necessário persuadir a ONU a manter-se

quieta. Se isso se tornar uma questão diplomática, será difícil para o coronel al-Fara voltar atrás. Masharawi poderá ter de ser executado, como traidor.

— Wallender já foi informado que Masharawi foi torturado. Ele não vai simplesmente deixar passar.

— O sueco está à sua mercê, Abu Ramiz. Ele não fala árabe, certo? Ele não entende a cultura ou o que está em jogo. Ele sabe apenas o que você permite que ele saiba. — Maki sorriu como um homem satisfeito afundando numa banheira quente. — Eu não espero a sua cooperação só por causa de meus belos olhos, Abu Ramiz. Posso lhe oferecer incentivos.

Omar Yussef lançou um olhar para a sala em volta. Ele pensou na mobília de sua própria casa. Ele e Maryam viviam confortavelmente, mas havia algo de sedutor numa sala de tão opulento excesso. A criada do Sri Lanka trouxe café e o colocou na frente dele. Ela cheirava a temperos e labuta de cozinha.

Maki sorriu e indicou com a cabeça a menina do Sri Lanka enquanto ela saía da sala.

— Incentivos para qualquer gosto que você possa ter.

— Ela é muito magra para mim — Omar Yussef disse. Mantenha uma abertura, ele pensou. Não deixe que ele saiba que você não pretende ajudá-lo. — Farei o que puder, Abu Nabil. Mas você tem de me dar alguma coisa que eu possa oferecer ao sueco. Alguma maneira para que ele sinta que salvou Masharawi. Talvez se Masharawi fosse simplesmente suspenso da universidade?

— Ele teria de ser suspenso por abrir a boca. O idiota não consegue não ficar espalhando acusações desagradáveis toda vez que abre a boca.

— Se o coronel al-Fara permitisse que eu e Wallender visitássemos Masharawi, talvez pudéssemos persuadi-lo a chegar a um acordo. Para ficar com a boca fechada.

— Eu preferiria fazer você feliz de alguma maneira.

— Discutiremos isso, claro, mas você precisa me dar alguma ajuda, para que eu possa persuadir Wallender.

— Temos um acordo, então?

Omar Yussef assentiu. Olhou para o relógio e levantou-se para se despedir.

— Chamo um carro para você? — Maki perguntou.

— Não, obrigado. Preciso andar para fazer a digestão dessa excelente comida que você me ofereceu esta noite. Meu hotel não é longe.

Quando Maki acompanhou Omar Yussef até a porta, ele segurou sua mão e o beijou. A poeira entrou pela porta e Yussef conteve uma tossida. Maki olhou para ele bem de perto e toda a suavidade da noite tinha se esvaído de seu rosto. Seus olhos estavam duros na meia-luz. Ele não acredita em mim, Omar Yussef pensou.



Ele desceu os degraus. Na fonte, a corça de plástico teve o focinho envolto por sua mão de novo. Chegou ao portão. Maki estava na soleira da porta, uma silhueta com a luz do grande candelabro por trás. O professor apertou o interruptor para abrir o portão e ele se abriu no vento, mais rápido do que Omar Yussef esperava.

Atingiu-o doloridamente no pulso quando estendia a mão na direção dele. Lá fora na rua, a tempestade de areia tinha ficado pior.

A escuridão espreitava Omar Yussef, vigilante e predatória. A cada movimento indistinto que percebia no negrume, ele parava e perscrutava o vento poeirento até ter certeza de estar sozinho. E estava. As ruas encontravam-se tão vazias quanto nas horas mais solitárias da noite, embora ainda não fossem 23 horas.

Na esquina da rua de Maki, ele olhou ao longo da rua da praia em direção ao seu hotel. A nuvem de poeira tremia no fulgor ocre das luzes da rua, como se todos aqueles que tinham passado por ali durante o dia estivessem cercando Omar Yussef agora, erguendo a poeira no ar em seus rastros silenciosos. O vento ressoava nos ouvidos de Omar com o mesmo ronco pesado das ondas do Mediterrâneo, a uns 100 metros de distância da rua. Estava úmido e sua camisa grudava em suas costas. Ele se perguntou se ficara suando durante o jantar ou só depois que começara a andar. A tensão que sentira com Maki o havia deixado exausto. Parecia ter transformado seus joelhos em gelo, e ele hesitava como uma criança ficando de pé pela primeira vez. Tinha de se manter em movimento.

Omar Yussef começou a caminhada para seu hotel. Andava no asfalto, em vez da calçada, porque pelo menos no meio da rua havia alguma luz. A Cidade de Gaza já estava na cama fazia uma hora, e as luzes estavam apagadas em toda ela, exceto nas vias mais importantes, de modo a observar atacantes israelenses de pontos de referência geográficos — fosse vindo do alto de helicóptero na calada da noite ou avançando pelas ruas no carro de um esquadrão incógnito. Algumas janelas brilhavam com luz fluorescente, mas a maioria estava apagada e fechada contra o vento quente.

Ele alcançou o primeiro poste de luz e se descobriu sem fôlego. Sentou no alto meio-fio e tossiu em seu lenço. Sabia que esta tempestade de areia poderia não cessar por mais um ou dois dias; ele a amaldiçoou e desejou desesperadamente o fim dela. Queria respirar e ver com clareza. Queria que a pressão atmosférica baixasse e a dor em suas têmporas parasse. Queria ouvir silêncio e calma, não o arfar ruidoso e quente do khamsin. Cuspiu catarro poeirento na rua.



Sob o som da tormenta, Omar Yussef ouviu um ruído de motores. Dois jipes vieram da esquina da rua Émile Zola. Seus motores rugiam tão alto que poderiam ser a fonte do vento que gemia. Omar Yussef perguntou-se se o centro da tempestade estava para sugá-lo e lançá-lo nos céus sobre Gaza. Iria ser uma jornada turbulenta, mas se o depositasse em qualquer lugar longe de Gaza, não teria nenhuma objeção a fazer.

Os jipes pararam em frente a Omar Yussef. Eram verde-escuros e sem identificação, e os faróis estavam apagados. Ele percebeu os vultos de quatro milicianos dentro de cada um, seus rifles na vertical entre as pernas.

A janela da frente do primeiro jipe foi abaixada revelando um homem usando um gorro cobrindo o rosto, com buracos cortados para os olhos e a boca. Em volta da testa ele amarrara uma tira de pano preto com uma inscrição em branco ao longo dela: As Brigadas de Saladino. Embaixo do rosto coberto, havia uma jaqueta camuflada. O braço da jaqueta terminava em uma mão grande apontando uma pistola automática para Omar Yussef. O professor ficou de pé, rígido, e tirou o lenço do rosto. Queria que eles o vissem.

— Que a paz esteja convosco — ele disse.

— E com você, a paz — o homem com a pistola disse. — De onde você é, tio?

— Belém.

— Você está bem longe de casa.

— Estou visitando Gaza. Estava voltando a pé para meu hotel. Não achei que o tempo iria me fazer demorar tanto, mas eu tive de me sentar. Estava sem fôlego.

— Qual hotel?

— O Sand's. Você poderia abaixar a arma, por favor? Não está me ajudando nada a respirar melhor.

O miliciano retirou a pistola.

— Desculpe, tio. Há unidades israelenses incógnitas nas ruas.

— Se eu for de uma delas, então o resto de meu esquadrão me deixou para trás porque eu os estava retardando. Não se preocupe, imagino que sou bem menos perigoso do que eles.

O miliciano olhou para o homem no banco ao lado dele, que também usava gorro cobrindo o rosto e uma faixa das Brigadas de Saladino, e sussurrou. Voltou a olhar para Omar Yussef.

— Nós o levaríamos para o hotel, tio, mas estamos no meio de uma missão.

— Tudo bem. Vou andando. Estou ficando acostumado com a poeira agora. Vou ficar bem.

— São apenas cinco minutos a pé até o seu hotel, tio. Mas não deveria se apressar. Leve mais tempo do que isso.

— O que você quer dizer?

— Nossa missão é perto do hotel. Não quero que você seja pego no meio de alguma coisa. Então vá devagar.

— Sua missão?

— Que Alá lhe conceda a graça, tio. — Os jipes puseram-se ruidosamente em movimento.

Omar Yussef observou-os desaparecendo na nuvem de poeira. A missão deles era perto do Sand's Hotel? Devia ter algo a ver com o general Hussein. Talvez ele tivesse reforçado a guarda para aquela noite porque sabia que esses milicianos estavam vindo atrás dele. Mas por quê? E o que eram as Brigadas de Saladino?

Ele esperou no fulgor laranja. Poderia haver um tiroteio na frente do hotel. Ele sabia que devia se manter a distância, mas queria ver o que ia acontecer. Notou que estava firme em seus pés, sua exaustão anulada pela adrenalina. Foi andando ao longo da praia na direção do hotel.

A cada passo, ele esperava rajadas de tiros. Havia apenas oito homens nos dois jipes; estariam em desvantagem numérica em relação à guarda na casa do general Hussein.

Mas eles podiam não ser os únicos milicianos se dirigindo para a batalha, se de fato fosse haver uma batalha. Ele riu ao pensar que, se não estivessem numa operação, poderiam ter dado a ele uma carona para seu hotel. Não tenho trocado para a gorjeta, pensou.

Ele chegou ao final da fileira de hotéis ao longo da praia. Talvez fosse mais seguro esperar onde estava. Se ia haver uma batalha armada, ele não queria estar em espaço aberto quando os dois lados comesçassem a atirar. Ele olhou ao longo da faixa de hotéis. Letreiros de néon brilhantes piscavam sobre as entradas, irradiando um feio rosa e verde no ar poeirento. Onde estavam os milicianos com seus jipes? Talvez a missão deles fosse dentro do Sand's Hotel. Eles poderiam já estar lá. O Conselho Revolucionário estava no hotel. Os delegados podiam ser o alvo dos milicianos, em vez do general Hussein. Ele avançou.

Omar Yussef estava a menos de 180 metros do hotel quando enfim percebeu através da poeira e do vento a situação armada. Os dois jipes estavam do lado de fora da entrada do Sand's Hotel. Um estava em ponto morto na frente do portão e o outro no meio da rua. Ao se aproximar, ele viu os guardas na frente da casa do general Hussein, quietos e imóveis. Ele se moveu com mais velocidade. Talvez conseguisse passar por eles antes que a coisa comesçasse, o que quer que fosse. Se ele parasse onde estava, seria suspeito. Não queria uma arma apontada para ele duas vezes na mesma noite.

Quando Omar Yussef chegou perto dos jipes, um dos milicianos olhou na direção dele e pareceu reconhecê-lo. Esperando que aquele fosse o homem que

falara com ele antes, Omar Yussef apontou para a entrada do hotel, para lembrá-lo para onde estava indo. O miliciano pareceu indeciso, e então o som de um motor irrompeu no vento, e ele se voltou para a direção de onde vinha.



Um Suburban da ONU vinha da outra ponta da faixa de hotéis. Seu vulto branco era claramente visível no meio da escuridão. Pareceu um tanto ingênuo da parte dos ocupantes do carro andar com os faróis acesos, em vez de se esgueirar nessas ruas perigosas no escuro. O carro foi na direção dos jipes. Omar Yussef olhou fixamente. Se eram Cree e Wallender, eles estavam indo bem para o meio de uma batalha armada. Na melhor das hipóteses, os milicianos iriam detê-los e dar-lhes um susto.

O carro da ONU diminuiu a marcha. Passou em segunda pelo jipe mais distante. Omar Yussef deu um passo para fora da calçada e agitou ambos os braços sobre a cabeça.

Ele tinha certeza de que Cree e Wallender estavam no carro, voltando para o hotel. Ele precisava adverti-los.

O primeiro jipe fez um ruído estrondoso, como um jato voando a baixa altitude. Atravessou bruscamente a entrada para o Sand's Hotel e bloqueou a rua. No mesmo momento, o segundo jipe estacionou atrás do Suburban, fechando-o. Os milicianos saltaram de seus veículos e apontaram suas Kalashnikovs para o carro da ONU. Omar Yussef deu uma olhada para a casa do chefe de Inteligência Militar. Os guardas tinham desaparecido.

Ele se apressou adiante, tossindo através da poeira e acenando com os braços. O vento quente parecia ventar direto dentro dele, diminuindo sua velocidade, sufocando-o.

Ele tinha de chegar até Wallender e Cree.

Os milicianos puxaram os dois estrangeiros para fora do carro, com as mãos para o alto. Omar Yussef não conseguiu entender os gritos por causa do vento. Wallender parecia aterrorizado. Fizeram-no se curvar sobre o capô do carro com uma Kalashnikov cutucando-o nas costelas.

Cree recusou-se a se curvar. Ele pareceu ainda mais alto do que quando Yussef o conhecera. Estava com as mãos ao alto, mas estava falando calmamente e sem fazer pausas com os dois milicianos à sua frente.

Omar Yussef chegou ao primeiro jipe. Apoiou a mão na porta aberta do motorista para se firmar. Tomou fôlego, pronto para gritar, mas engasgou numa

tosse poeirenta.

Sua face afogueou-se com a frustração. Cuspiu um bocado de bile e esfregou os lábios com seu lenço.

— Parem com isso — ele gritou. — O que estão fazendo?

O miliciano que parecera tê-lo reconhecido se virou, mas manteve sua arma em Cree. Ele berrou para Omar Yussef, de modo a ser ouvido sobre a excitada gritaria dos outros milicianos.

— Vá para o seu hotel, tio.

— Esses são meus colegas. São inocentes. Estão aqui para ajudar o povo palestino.

— Vá para o seu hotel.

Omar Yussef avançou na direção do miliciano. Conseguiu dar um sorriso na direção de Cree.

— Vai tudo ficar bem, James.

— Não acabe ferido, Abu Ramiz — Cree disse. — Eles não vão fazer nada estúpido com nós estrangeiros, mas podem perder a paciência com você.

O miliciano pôs a mão aberta contra o peito de Omar Yussef.

— Tio, isso não é da sua conta.

— Eu disse a você, são meus amigos.

— Caia fora daqui, tio.

— Isso é um sequestro? Vocês os estão levando para algum lugar? Então me levem. — Omar Yussef tentou ouvir a si mesmo, para medir a calma em sua voz. Mas as palavras pareceram as de uma outra pessoa. Alguém desesperado e estridente.

Cree estava falando, informando seu papel na ONU, e o miliciano estava gritando e empurrando Yussef pelo peito, e Omar Yussef estava tentando avançar e uma arma que estava apontada para Cree foi virada para Yussef, que olhou para ela e deu um passo à frente e sentiu o cano dela em sua clavícula.

— Eles são da ONU — ele gritou.

— É por isso que os estamos levando, tio.

— Então me levem. Trabalho para a ONU.

— Precisamos de um estrangeiro.

— Sou muito mais importante para a ONU do que eles são. Sou importante para toda a operação da ONU na Palestina. Levem-me.

— Não, tio. — O miliciano grunhiu cada palavra com um empurrão do rifle. Seus olhos estavam amarelados por trás do gorro.

— Abu Ramiz, está tudo bem. Vá para o hotel... — Cree mal tinha aberto sua boca para falar, e o miliciano se virou e deu com toda força com o cano de seu rifle nos dentes do escocês. Cree caiu de joelhos. O miliciano puxou a pistola.

Ele vai atirar nele. Omar Yussef agarrou freneticamente a arma do miliciano, mas o homem robusto desvencilhou-se dele.

O miliciano ergueu o braço e golpeou com a coronha da pistola a parte de trás da cabeça de Cree. O escocês projetou-se na direção do asfalto poeirento, nocauteado.

Omar Yussef tentou segurar o homem que caía. Ele não conseguiu conter sua queda, mas baixou-o suavemente. Ficou de pé.

— Você é um idiota — gritou para o miliciano. Sabia que essa não era a maneira de falar para sair de uma situação de risco, mas ele passara a noite sendo dissimulado na frente de Maki em prol da liberdade de Eyad Masharawi, até insinuando que poderia ser tão corrupto quanto o professor gostaria que ele fosse. Estava farto de diplomacia. — Você o matou. Você matou um funcionário da ONU.

Os outros milicianos viram o estrangeiro alto caído no chão, e sua gritaria ficou mais intensa com o pânico. Dois deles agarraram Wallender e o empurraram para o banco de trás do segundo jipe. Um deles deu uma bofetada no sueco enquanto entrava no jipe, que saiu roncando na escuridão, levando quatro dos milicianos nele. A face fantasmagórica de Wallender apareceu pela janela e se foi.

O miliciano que golpeara Cree estava junto ao corpo. Ordenou aos outros milicianos que partissem.

Omar Yussef agarrou o antebraço dele.

— Eu disse, você o matou. Para onde vocês estão levando o outro?

— Logo mais você vai descobrir. Este aqui não está morto, e eu não teria precisado acertá-lo se você tivesse agido como eu mandei, tio.

— Não me chame de tio, seu canalha. Você não faz parte do meu povo. Você é um destruidor da Palestina. Cachorros como você dão desgosto a mim e a todos os palestinos decentes. Ninguém nunca fala na cara de vocês o quanto os odeiam, porque todo mundo tem medo de vocês. Mas eles os odeiam mesmo assim. Mas eu não estou com medo. Não me importo o que você...



Na escuridão e na poeira, com lágrimas saindo dos olhos, Omar Yussef não pôde ver a pistola, de lado na mão do miliciano. Ele sentiu um clarão branco que atravessou do lado esquerdo de sua cabeça pelo seu corpo inteiro e explodiu fora da órbita dos olhos. A erupção iluminou Gaza tão claro quanto o dia e Omar Yussef viu o lugar nitidamente. Ouviu as palavras que Khamis Zeydan dissera a ele no salão de café da manhã: Não há crime único, isolado, em Gaza. Cada um é

conectado a muitos outros, você verá. Quando você toca em um deles, provoca reverberações que serão sentidas por pessoas poderosas, pessoas implacáveis. Que perversidade ele revelara que esses homens precisavam contra-atacar assim? Na fração de segundo que a luz branca brilhou em sua cabeça, Omar Yussef viu todos os crimes já cometidos em Gaza. Ele ia começar a solucionar esses crimes quando acordasse. Ele se perguntou se iria acordar.

O clarão branco acabou e a tempestade de areia tinha cessado. Havia tranquilidade dentro de Omar Yussef. Ele só podia ter ido embora de Gaza.

Estava frio e escuro quando Omar Yussef voltou a si. Ele se arrepiou, abraçou a si mesmo e ouviu uma voz notando que ele tinha se movido. Onde está Magnus?, pensou. Eles nos prenderam no mesmo quarto? Ele procurou ouvir indícios de que Wallender estava ali.

Omar Yussef ficou arrepiado de novo. Uma das mãos ergueu sua cabeça e lhe deu água. O movimento de seu pescoço foi como ter um espeto atravessando seu cérebro, e ele gritou de dor. A água espalhou-se em seu queixo e peito, mas ele engoliu o máximo que pôde. Tinha gosto de uma nascente alpina, e ele se perguntou se estava ao ar livre na noite gelada. Esperou que fosse verdade, porque não há Alpes em Gaza, então talvez estivesse em algum outro lugar. Quando ele engasgou, virou de lado. Sua cabeça deu um único e maciço latejo de dor, e ele gritou de novo. Alguém pôs a mão em seu ombro, dando um tapinha. Sequestradores afáveis, ele pensou. Os canalhas.

Ele empurrou a mão.

— Sem essa, porra.

Houve uma risada.

— Juro por Alá, está quase de volta ao normal dele, tão simpático — uma voz disse, e houve outra risada. Ele reconheceu a voz, mas seu dono estava em Gaza, e Omar Yussef se convencera de que o miliciano o golpeara com tanta força que ele fora parar do outro lado da fronteira, fora da fedorenta Faixa de Gaza.

— Sami, me ajude a colocá-lo numa posição ereta.

A voz familiar de novo, e ele conhecia o nome que ela disse. Seu cérebro abalou-se consideravelmente quando eles o apoiaram na cabeceira acolchoada. Os sequestradores afáveis tinham lhe dado travesseiros e — agora ele podia senti-lo sob si — um colchão. Seu cérebro latejante deixou a dor cair para o pescoço e os ombros, e daí para o estômago, onde rolou como os meninos que ele vira brigando na praia junto às redes de pescar. A dor apagou as agradáveis vistas montanhosas que imaginara ao provar a água e o forçou a lembrar que estava em Gaza. Ele estava na maldita Gaza, ele sabia, e praguejou de novo.

— Que vergonha — disse Khamis Zeydan.

Omar Yussef respirou fundo. Pôs a mão no rosto, no lado esquerdo, onde a dor era pior. Seus olhos estavam cobertos por um pano. Ele pôs um dedo sob o pano para levantá-lo e um clarão de luz relampejou em seu olho. Vagarosamente, ele enrolou o curativo testa acima e expôs os olhos à luz.

— Tentamos consertar seus óculos — Khamis Zeydan disse. — As lentes não quebraram, mas a armação entortou um pouco.

Omar Yussef pegou os óculos. Colocou-os. Ficaram desengonçados em seu nariz, a lente direita 1,5 centímetro mais alta o que a outra. Seu quarto de hotel entrou em foco. Instalados na cama um de cada lado dele estavam Khamis Zeydan e Sami Jaffari. Eles sorriram, os rostos pálidos, sensíveis à dor do golpe que o nocauteara de primeira. Ao pé da cama, James Cree estava sentado numa poltrona rococó com o cotovelo apoiado na penteadeira. Havia uma faixa em volta de sua cabeça e seus olhos estavam bem abertos, fixos, fatigados e insones.

— Sami encontrou vocês do lado de fora — Khamis Zeydan disse. — Ele estava lá embaixo no lobby, ouviu os gritos e foi ver o que era. Encontrou os dois inconscientes. Parecia que tinham sido agredidos com uma pistola. James voltou a si uma hora atrás. Você está acordado faz um tempinho, mas não estava falando coisa com coisa.

— Magnus?

— Sequestrado pelas Brigadas de Saladino. Como está se sentindo?

Omar Yussef gemeu.

— Dá para desligar o ar condicionado? Estou com muito frio.

Sami foi até o canto do quarto junto à porta, fora da visão de Omar Yussef. O exasperante ronronar parou e ele se sentiu mais aquecido. Fechou os olhos e escutou o silêncio, mas não conseguiu voltar para as montanhas, de modo que abriu os olhos e endireitou as costas.

— Você está bem, James? — disse.

Cree ergueu um copo de uísque.

— Estão cuidando bem de mim.

— Havia uma garrafa na penteadeira ao seu lado.

Khamis Zeydan riu.

— Scotch foi a primeira coisa que James pediu ao voltar a si no lobby. Por sorte, não havia nenhum islâmico por perto. Ele estava cercado por delegados do Conselho Revolucionário que, como você bem sabe, não são seguidores convictos das prescrições do Profeta, que a paz o tenha. Alguns delegados foram imediatamente capazes de atender ao nosso amigo escocês com suas garrafas de bolso. Embora um deles, que disse ser médico, quisesse lhe dar sais para reanimá-lo.

Omar Yussef ficou confuso.

— Eu disse a ele: Por acaso parece que meu amigo simplesmente desmaiou? Guarde os seus sais idiotas. Nosso partido está cheio de gente que obteve seu diploma médico do outro lado da Cortina de Ferro. — Khamis Zeydan sorriu. — Para fins medicinais, eu também dei a James uma garrafa do suprimento em minha mala.

— Quem são as Brigadas de Saladino? Era isso que estava escrito nas faixas que os milicianos usavam na cabeça. Mas como vocês sabem que eles sequestraram Magnus?

Khamis Zeydan tirou uma folha de papel do bolso do paletó. Desdobrou-a e a deu a Omar Yussef. No alto da página havia um emblema com uma águia rampante e duas cimitarras. Quando Omar Yussef tentou ler, seu cérebro latejou e girou e, em seu estômago, o tumulto começou de novo. Entregou o papel para Khamis Zeydan.

— Não consigo. Por favor, leia para mim.

— As Brigadas de Saladino exigem a libertação do irmão e combatente Bassam Odwan de Rafah. Forças corruptas na Inteligência Militar querem transferir a culpa de seus crimes cruéis para Odwan e as Brigadas de Saladino. As brigadas exigem a libertação de Odwan em troca da liberdade do suposto funcionário da ONU correntemente detido pelas brigadas. O funcionário estrangeiro da ONU, que está sob investigação por atividades de espionagem, será entregue às autoridades em troca da libertação de Odwan. Odwan precisa voltar a seus camaradas em Rafah para continuar a resistência contra a Ocupação. — Khamis Zeydan dobrou o papel e o colocou no criado-mudo. — Há mais do tipo habitual de verborragia heroica, mas isso é a essência.

Omar Yussef deu uma exasperada, furiosa expiração.

— Do que se trata isso tudo? Quem diabos é Bassam Odwan?

— Bassam Odwan foi preso por assassinar o oficial do funeral grandioso ontem. Vocês ouviram os camaradas do oficial disparando para o ar durante o funeral dele quando chegavam ao hotel.

Omar Yussef lembrou-se do caminhão e do caixão coberto com a bandeira palestina no caminho para a Cidade de Gaza.

— Por que Odwan matou o soldado?

— Odwan é membro das Brigadas de Saladino. — Khamis Zeydan olhou para Sami. — Geralmente, a polícia não toca nas Brigadas de Saladino. É a gangue mais poderosa da Faixa de Gaza. Nessa ocasião, um agente da Inteligência Militar tentou prender Odwan. Aparentemente, Odwan não quis ser preso e matou o soldado.

— O que isso tem a ver com Magnus? E ele não é um espião.

— Não fique muito perturbado por essa acusação — Khamis Zeydan disse, pondo a mão na perna de Omar Yussef. — Eles não podem anunciar que sequestraram um estrangeiro apenas para usá-lo como refém. Têm de fazer parecer que fizeram isso para proteger o povo palestino.

— Precisamos encontrar Magnus.

— Não acho que seja assim tão simples.

— Do que você está falando? — Omar Yussef agarrou o braço de Khamis Zeydan.

— Isso precisa ser abordado num nível mais alto. Mesmo que consigamos descobrir onde eles estão mantendo Magnus, eles não vão simplesmente nos entregá-lo se batermos educadamente na porta deles. E se levarmos junto as forças de segurança, haverá um tiroteio infernal. Isso seria muito mais perigoso para Magnus do que o que quer que estejam fazendo com ele agora. Afinal, não estamos no Iraque; eles não estão em vias de cortar a cabeça dele.

— Então, temos de convencer quem quer que esteja detendo Odwan a deixá-lo ir. Depois disso, Magnus poderá ser libertado.

— O comandante da Inteligência Militar, o general Hussein, foi pessoalmente a Rafah para coordenar a prisão de Odwan. Você acha que eles vão simplesmente deixar o assassino sair andando? — Khamis Zeydan fez uma careta. — Veja, as Brigadas de Saladino operam túneis sob a fronteira egípcia para Rafah para contrabandear armas para a Faixa de Gaza. Um oficial da Inteligência Militar chamado tenente Fathi Salah tentou prender Odwan, para interromper o contrabando. Então Hussein fez uma parada por toda a Faixa de Gaza e encenou um funeral de herói para Salah, como uma maneira de mostrar que seus homens fazem sacrifícios para manter a lei e a ordem. Ele não pode simplesmente soltar Odwan um dia depois.

Omar Yussef apoiou-se em seus cotovelos. O atordoamento manchava sua visão com cores brilhantes.

— No panfleto, as Brigadas de Saladino alegam que Odwan é inocente. Se Odwan matou o tenente Salah, precisamos provar para as Brigadas de Saladino que o homem deles cometeu um erro. Ou se alguma outra pessoa matou o tenente Salah, podemos mostrar para o general Hussein que Odwan não é o culpado. Mas precisaremos investigar, para descobrir a verdade.

— Realmente o golpearam com força na cabeça. Você perdeu todo o senso de realidade.

As manchas desapareceram dos olhos de Omar Yussef e ele se sentou ereto.

— Fizeram a minha cabeça ir parar longe de Gaza — ele disse. — Estou pensando do jeito que as pessoas pensam lá fora no mundo real, não como fazem num hospício.

Khamis Zeydan balançou a cabeça e acendeu um Rothman's.

— Não fume aqui dentro — Omar Yussef disse. — Estou sentindo enjoo.

Khamis Zeydan hesitou, olhou para o cigarro, horrorizado de ficar sem sua nicotina, e então o apagou no cinzeiro junto à cama. Ele ficou tamborilando com os dedos no criado-mudo e balançando o joelho para cima e para baixo. Omar Yussef pensou que teria sido menos irritante simplesmente deixar o homem fumar.

Cree tomou um gole de uísque.

— Eu acho que você está certo, Abu Ramiz. Seu resumo de nossas opções está corretíssimo.

Khamis Zeydan olhou para Cree, incrédulo.

— Não sei direito qual dos dois teve a concussão pior.

— Eles bateram em mim pelo menos duas vezes, mas estou disposto a apostar que tenho a cabeça mais dura do que Abu Ramiz. — Cree riu e ergueu o copo num brinde a Khamis Zeydan.

O chefe da polícia de Belém serviu-se de um drinque da garrafa ao lado de Cree.

— Escutem, quando vocês dois estavam apagados, confesso que pensei a mesma coisa. Mas eu discuti a realidade do que vocês estão sugerindo com Sami. Ele compreende Gaza melhor. É por isso que eu sei que a ideia de vocês é maluca.

Omar Yussef pôs a mão no antebraço firme de Sami.

— Do que ele está falando?

Sami sorriu. Seus dentes eram descoloridos mas saudáveis, e foi um sorriso com empatia.

— Eu ouvi dos sujeitos das Brigadas de Saladino que o tenente Fathi Salah tinha ido encontrar com Odwan tarde naquela noite em Rafah quando foi morto.

— Encontrar com ele? E não prendê-lo?

— Encontrar. O pessoal das Brigadas de Saladino em Rafah não quis me contar muito, porque tenho boas relações com o braço deles aqui na Cidade de Gaza e há uma enorme rivalidade entre as duas alas — Sami disse. — Mas consegui extrair um pouco de informação deles. Eles estão inflexíveis quanto a Odwan não ter matado Salah.

— Quem poderia querer incriminá-lo?

Sami deu de ombros e olhou para Khamis Zeydan.

O brigadeiro assentiu.

— Haveria tantos candidatos, tantos inimigos contra um homem como Odwan. Há contrabandistas rivais em Rafah. Então há as forças de segurança, que querem criar problemas para obter orçamentos maiores. Gaza vive num estado de anarquia. Vocês podem ver da sua janela pela guarda que o general Husseinini tem diante da casa dele.

— Ele tinha providenciado soldados extra essa noite. Eu os vi chegando.

Khamis Zeydan olhou para Sami.

— Esses militares estão todos lutando pelo poder — Sami disse. — Especialmente o general Husseinini e o coronel al-Fara.

— Sami, há uma rivalidade, você disse, entre as Brigadas de Saladino de Rafah e da Cidade de Gaza? — Omar Yussef franziu o cenho. — Não entendo.

— Elas são a mesma organização apenas no nome, Abu Ramiz — Sami disse. — Discutem quanto aos lucros do contrabando de armas sob a fronteira egípcia. Peças de mísseis são o item quente do momento. Em Rafah, os líderes das Brigadas dizem que são eles que trazem as armas, então devem ficar com a maior parte do dinheiro. A gangue da Cidade de Gaza diz que enfrenta um risco maior de ataques israelenses, então mais dinheiro devia vir para eles.

Omar Yussef tomou outro gole de água. Não tinha mais o gosto de montanhas alpinas. Estava morna e deixava um gosto amargo na boca. Ele pôs a mão no antebraço de Khamis Zeydan.

— É estranho. Quando o miliciano me acertou, eu me lembrei do que você me disse no salão de café da manhã: que cada crime em Gaza está conectado a todos os outros aparentemente separados e diferentes. Poderia haver uma conexão entre o caso de Eyad Masharawi e o sequestro de Magnus?

Khamis Zeydan fez uma expressão de descrença zombeteira e bebeu seu uísque.

— Eu estava vindo a pé da casa do professor Maki — Omar Yussef disse. — Os milicianos que fizeram o sequestro vieram da rua de Maki depois de mim.

— Você está dizendo que o professor armou o sequestro? Ora, vamos e venhamos. Esses mesmos milicianos estiveram no hotel quando você estava fora — Khamis Zeydan disse.

— Aqui?

— Enquanto você ainda estava jantando com o professor Maki, eles apareceram no lobby. Sami estava sentado lá flertando com a bela recepcionista, e ele os viu chegando um pouco depois das 21 horas. Alguns deles falaram com a recepcionista e subiram. E então foram embora. Sami foi descobrir o que queriam. No fim, o que perguntaram à recepcionista foi em quais quartos estavam o sueco e o outro inspetor de escolas da ONU.

— Precisamos ver esse Odwan — Omar Yussef disse.

— Você quer ajudá-lo a escapar da cadeia? — Khamis Zeydan serviu-se de mais um copo de Scotch.

— Teremos de pedir ao general Hussein para nos deixar falar com ele.

— Se você pedir com educação, por que não?

Omar Yussef ficou irritado com o humor tolo de seu amigo e o aroma do uísque no quarto que o fazia desejar um drinque proibido.

— A casa dele fica bem do outro lado da rua. Por que você não vai até lá e pede para ele? Você é amigo de todos esses canalhas. Hussein faz parte do Conselho Revolucionário e você também. Dê a ele o aperto de mão secreto.

Khamis Zeydan olhou firme para seu *scotch*.

— O aperto de mão secreto geralmente tem 10 mil dólares dentro, no mínimo.

— Eu poderia tentar conseguir uma reunião com o general Hussein — Sami disse. Voltou-se para Khamis Zeydan. — Não quero que você arrisque um envolvimento nesse caso, Abu Adel. Seria perigoso para você. Politicamente.

Khamis Zeydan sorveu o resto de seu uísque. Bateu o copo vazio na mão protética e deu de ombros.

— Conheço algumas pessoas próximas a Hussein — Sami disse. Ele pôs a mão na perna de Omar Yussef. — Preciso adverti-lo, o general Hussein é realmente um sujeito mau. Obviamente é um mentiroso e um ladrão, isso nem é necessário dizer. Mas Hussein é também um sádico. Ele tortura pessoalmente alguns de seus prisioneiros, para sua própria diversão. Ele gosta de cortar as pontas dos dedos dos prisioneiros e arrancar as unhas. Na prisão, isso é chamado de *A Manicure de Hussein*.

Omar Yussef cruzou os dedos e apoiou-os na barriga. Apertou-os firme para que ninguém percebesse que suas mãos estavam tremendo. Aquilo não era mais uma questão de um mal entendido na universidade ou mesmo um caso de um chefe corrupto vingativo punindo alguém que botara a boca no trombone.

Havia se ampliado para sequestro e assassinato. A vida de seu amigo estava em perigo. Ele se lembrou de sua sensação na estrada para a Cidade de Gaza, quando o carro da ONU passou pelo caixão de Fathi Salah, de que a morte estava no seu encalço. Ele sentiu o hálito frio do morto em seu pescoço.

— *A Manicure de Hussein* — Khamis Zeydan disse, enchendo de novo seu copo de uísque. — Ele começou com isso ainda em Beirute, na guerra civil. Eu conheci bem o canalha naquela época. Nós dois trabalhávamos na equipe pessoal do Velho. Hussein era sujo, cruel e corrupto já naquela época.

— Ele deve ter se encaixado bem — Omar Yussef disse. Ele encarou Khamis Zeydan. O chefe da polícia não desviou os olhos, girando o *scotch* em seu copo.

Cree serviu-se de outra dose grande de uísque.

— Antes dos milicianos pararem nosso carro, Magnus disse para mim: “Veja, é Abu Ramiz.” E lá estava você, correndo na nossa direção e agitando os braços.

— Ele bebeu lentamente. — Foi como se você soubesse o que estava para acontecer.

— Os milicianos me pararam alguns minutos antes na rua — Omar Yussef disse. — Disseram que estavam numa missão. Quando eu vi o carro de vocês indo na direção deles, achei que poderiam estar correndo perigo. Eu estava tentando preveni-los.

Cree girou o copo de uísque em seu queixo e ficou quieto, mas manteve os olhos fixos em Omar Yussef.

— Então agora você não confia em mim? — Omar Yussef ergueu a voz. — Acha que eu informei os milicianos, apontei para o carro de vocês, para garantir

que eles não pegassem as pessoas erradas da ONU? E, claro, então eles me deram uma porrada na cabeça para fazer parecer que não tinha sido uma armação.

Cree engoliu em seco.

— Suponho que não. — Sua voz soou baixa e sombria.

Omar Yussef praguejou e deu um murro no criado-mudo. O movimento balançou-o na cama e seu copo de água derramou-se bem na frente de sua calça.

Cree pareceu se apiedar dele. Pôs a mão de maneira afável nas costas de Khamis Zeydan, apontou para Omar Yussef e usou um tom mais leve.

— Meu árabe não é grande coisa, mas eu entendi um pouco do que Abu Ramiz disse para os milicianos durante o confronto. “Sou muito mais importante para a ONU do que eles. Sou importante para toda a operação da ONU na Palestina”, ele disse. Veja, aqui está ele, o peixe grande da ONU, com suas calças molhadas. — Cree e Zeydan riram. Sami apertou o joelho de Omar Yussef, reconfortando-o.

Khamis Zeydan bateu seu copo no de Cree, brindando à piada.

— Você costumava ter uma vidinha boa e tranquila, Abu Ramiz — ele disse. — Hoje em dia você parece atrair encrenca. O ano passado com as milícias em Belém, e agora aqui com as Brigadas de Saladino e só Alá sabe quem mais. O que aconteceu?

— Sou o mesmo de sempre — Omar Yussef disse. — É só que há mais encrencas sobrando em volta.

Khamis Zeydan acordou Omar Yussef a cada duas horas, por causa do risco de uma concussão. Cada vez que acordava, Omar Yussef olhava confuso em volta e se perguntava por que James Cree estava bebendo e cantarolando ao pé da sua cama. Às 8 horas, o brigadeiro o acordou quando Sami entrou no quarto.

— O general Husseini vai nos ver às 9h30 — Sami disse. — Quer que vocês tomem o café da manhã com ele em sua casa.

Omar Yussef respirou devagar. Lembro quem é o general Husseini, mas por que ele quer tomar café da manhã comigo? Ele levou alguns segundos para lembrar. Esfregou a cabeça. Obviamente tinha sido um golpe mais forte do que imaginara. Olhou para Khamis Zeydan. Viu pela tensão nos olhos cansados de seu amigo que sua confusão tinha sido notada.

— Você precisa estar com a inteligência alerta para lidar com uma cobra criada como Husseini — Khamis Zeydan disse. — Você não está em condições de enfrentá-lo.

— Vou fazer o papel do fulano quieto e forte e deixar James falar — Omar Yussef disse. — Ele parece bem.

Cree estava assobiando “*Flowers of the Forest*”. Ergueu seu copo. O uísque na garrafa estava perto da parte debaixo do rótulo. — Estou na minha melhor forma, rapazes.

Pronto para tudo. Deixem comigo.

— Aquele lá ligou para o pessoal da ONU para alertá-los sobre Magnus enquanto você estava dormindo. Estava com a voz pastosa. Não está em condições melhores do que você. — Khamis Zeydan sussurrou para Omar Yussef.

— Por Alá, não estou com medo — Omar Yussef disse. Inclinou-se para a frente, pegou o cotovelo de Khamis Zeydan e o trouxe mais perto. — É só que estou com a sensação de que Gaza é complicada demais para eu entender onde estou pisando.

— Eu o avisei.

Omar Yussef esfregou os olhos e gemeu.

— Inteligência Militar, Segurança Preventiva, as Brigadas de Saladino da Cidade de Gaza e seus rivais, as Brigadas de Saladino de Rafah. É como se eu tivesse de achar lugar na minha cabeça para cada quilômetro quadrado de Gaza e espaço para cada soldado em todos esses grupos diferentes, para acompanhá-los.

— Você quer que eu desenhe um diagrama para você?

— A vida de Magnus depende dessas pessoas, e eu não sei em qual delas confiar. — Omar Yussef podia ouvir o desespero em sua voz. Estarei perdendo a

coragem?, ele se perguntou. Não posso. Magnus precisa de mim.

— Deixe-me simplificar para você. — Khamis Zeydan pegou as duas mãos de Omar Yussef e olhou firme para ele. — Esqueça todos esses grupos. Não confie em nenhum deles. Pense apenas no homem que está sentado à sua frente num dado momento. Esqueça o nome e a organização dele. Apenas lembre que naquele momento ele é o primeiro na fila para comê-lo vivo.

— É uma longa fila.

— Gaza está cheia de *gourmands* desagradáveis.



Sami trouxera jornais do lobby. Nenhum deles mencionava o sequestro de Wallender, mas Hussein saberia a razão de ir vê-lo. Omar Yussef perguntava-se por que os guardas do general tinham desaparecido momentos antes da emboscada. O que Hussein sabia sobre o sequestro?

Yussef pôs as pernas para fora da cama. Removeu o curativo em frente ao espelho do banheiro. Seu rosto estava inchado do fim de seu maxilar ao começo das sobrancelhas, e preto, vermelho e púrpura. Seu pescoço estava verde-esmeralda. Ele levantou o cabelo branco sobre a orelha; a pele ali embaixo estava da cor de folhas de pinheiro.

Os pelos dentro da orelha estavam gosmentos com o sangue secando. Ele olhou suas pupilas. Uma parecia maior do que a outra — achou que aquilo era um sinal de concussão.

Bom, ele estava tendo bastante dificuldade para pensar direito; que outra prova precisava de que sofrera uma concussão? Ele entrou no chuveiro e deixou a água salobra correr em suas costas enrijecidas.

Às 9h30, Omar Yussef pôs uma camisa limpa de mangas curtas e transferiu o papel em que anotara o endereço na web de Nadia para o bolso no peito, junto com o folheto das Brigadas de Saladino e a caneta Mont Blanc preta que usualmente mantinha em seu paletó. Ele desceu vacilante os degraus do hotel com Cree e Sami. De seu computador na recepção, Meisoun sorriu flertando com Sami, deu um olhar solidário a Omar Yussef e desejou-lhe saúde. Ele pensou em pedir a ela para acessar o site de Nadia, mas não havia tempo para isso agora. Preocupou-o que ele pudesse pensar em tamanha irrelevância quando a vida de Wallender podia estar em risco. Tocou o ferimento em sua cabeça e se perguntou se ele realmente tinha afetado seu juízo. Ele agradeceu a gentileza de Meisoun.

No momento em que ele saiu na nuvem de poeira, ainda mais grossa do que estivera no dia anterior, soube que aquele não ia ser o dia de saúde que a recepcionista desejara para ele. Sami atravessou a rua da praia e cumprimentou com um aperto de mão firme o oficial na guarita em frente à casa do general Hussein. Os outros guardas, as bocas envoltas em *keffiyehs* xadrez contra o ar poeirento, olharam Omar Yussef e Cree com olhos franzidos, desconfiados. Sami fez um gesto para eles o seguirem.

O oficial levou-os para dentro do prédio, ainda segurando a mão de Sami.

A casa de Hussein era construída como um prédio de apartamentos. Os andares de baixo eram as residências dos filhos do general e suas famílias. Ele mantinha a mulher no sexto andar e a via com a frequência com que alguém casado havia trinta anos e tendo de subir seis andares de escadas o faria. O terceiro andar era onde recebia visitantes.

Quando Omar Yussef alcançou os outros na porta da sala de recepção de Hussein, Cree estava olhando fixamente pela janela, oscilando, soprando ar entre os lábios como um atleta se concentrando antes de uma corrida. A mão do oficial estava pronta para bater na porta. Sorriu para Omar Yussef, que assentiu para que ele prosseguisse.

O professor inalou o máximo de ar que pôde, mas a poeira na escada estava quase tão densa quanto do lado de fora. Um guarda abriu a reluzente porta de jacarandá.

— Entrem, e que Alá lhes conceda uma entrada segura no Paraíso — o oficial alto disse, antes de voltar ao seu posto lá embaixo.

A sala de recepção do general Hussein tinha a largura do edifício e ocupava quase todo o comprimento. Não era o tipo de lugar que se podia ter com salário de policial: era o fruto de anos de corrupção. Quatro conjuntos de mobiliário de sala seccionavam o espaço em áreas independentes em quadrados arrumados, de forma a possibilitar a um grupo grande se dividir em menores para conversar. Os sofás e poltronas em cada conjunto eram de um tom pastel diferente, com padrões vistosos como os de um suéter barato. Uma cristaleira na parede na outra extremidade cintilava com copos e garrafas de cristal. Uma comprida mesa de jantar com uma dúzia de cadeiras de madeira curva ficava paralela à parede. Sobre a mesa, havia um candelabro que parecia ter sido feito no mesmo ateliê que produzira o extravagante exemplar da sala do professor Maki. Omar Yussef percebeu com uma apreensão no estômago que a mesa estava, de fato, posta para o café da manhã.

O guarda acompanhou-os até a mesa e retomou seu lugar junto à porta. Um jovem em uniforme verde-oliva perguntou se eles queriam café ou chá. Era magrelo e, no alto das bochechas, havia o tipo de acne púrpura que afeta profundamente a pele. Seu uniforme não tinha nenhuma insígnia de patente, nem

mesmo a mais baixa. Ele retirou-se com o pedido por uma porta que levava a um corredor curto.

Três homens apareceram no corredor. Omar Yussef conseguiu ver apenas as silhuetas, mas supôs que o mais baixo no meio era o general Hussein. Estava falando num celular e andava com os passos lentos e distraídos de um homem que esquecera que podia falar igualmente bem se estivesse sentado. Hussein chegou à grande sala.

Os dois homens com ele assumiram seus postos um de cada lado da porta. Eram altos, mas só um deles, um homem corpulento com a cabeça raspada que respirava pela boca, observou os visitantes como um guarda-costas. O outro dobrou os dedos sobre uma prancheta e apoiou o queixo no peito. Era evidentemente o *aide de camp* de Hussein.

Hussein fez um gesto para indicar que logo terminaria de falar ao telefone. Ele estava mais ouvindo do que falando e olhava fixamente a tempestade de areia, como se o que quer que o homem no outro lado da linha estivesse lhe dizendo estivesse para emergir da nuvem em frente à janela. Era mais baixo do que Omar Yussef, que não media nem mesmo 1,70 metro. Usava uma camisa de batalha verde-oliva, que devia ter sido especialmente ajustada para acomodar sua barriga rotunda, e calças que estavam enfiadas em botas altas de paraquedista. Seus dedos eram curtos, grossos e peludos, sua pele, da cor de uma batata assada. Ele voltou-se da janela, fechou o celular, acariciou pensativo seu bigode grisalho aparado e então abriu amplamente os braços em cumprimento. Tinha um sorriso amplo e avaro, e olhos que pareciam pedrinhas na chuva.

O general Hussein beijou Sami cinco vezes, franzindo os lábios grossos e fechando os olhos com prazer. Entre cada beijo, disse um cumprimento. Sami apresentou Cree e Omar Yussef. Hussein apertou a mão de Cree e puxou-a para baixo, de modo que o escocês soube que devia se curvar para os beijos. Quando os beijos acabaram, Hussein manteve baixa a mão de Cree. Deu uma risadinha e, com a mão livre, limpou um pouco de sangue coagulado do bigode de Cree. O escocês ficou profundamente embaraçado.

Omar Yussef ficou satisfeito de ter aproveitado a oportunidade de tomar um banho, em vez de ficar bebendo a noite toda.

— Não se preocupe, soube do problema pelo qual passaram por meio do irmão Sami — Hussein disse. Sua voz esganiçada era baixa, adulatora e confortante, como se estivesse acalmando um animal nervoso.

Omar Yussef perguntou-se quão próximo o irmão Sami era daquele homem. Pensou na Manicure Hussein quando o general apertou sua mão e lhe deu três beijos. Os lábios de Hussein deixaram úmida uma parte da bochecha direita de

Omar Yussef. O general acariciou a têmpora ferida de seu convidado, gentilmente, murmurando em seu tom de reconforto.

Ele levou Omar Yussef pela mão até a mesa e puxou uma cadeira para ele. O rapaz do café trouxe as bebidas e Husseinini assentiu secamente para ele, indicando que estava na hora da comida.

— O irmão Sami me disse que você é um homem respeitado em Belém, Abu Ramiz. — Husseinini sorriu.

Omar Yussef assentiu, modestamente.

— Conhece o meu comandante local lá? — o general perguntou.

— Major Qawasmeh?

— Ele é coronel. Mas sim, Qawasmeh é o nome dele.

— Não o conheço pessoalmente. — Omar Yussef sabia que isso era uma advertência, uma lembrança de que o poder de Husseinini ia além de Gaza, até Belém, e que a família de Omar Yussef poderia ser ameaçada lá.

— Ele é um bom homem. Um homem forte. — Husseinini veio para a frente na cadeira e balançou um pouco com o entusiasmo. — Gosto de homens fortes. Não deixam cair as coisas que eu peço para eles levantarem. A menos que eu diga para eles fazerem isso. — O general riu. A voz baixa lisonjeira rendeu-se a um guincho agudo, como um papagaio desalojado de seu poleiro. — E desde que eles não sejam fortes o bastante para me levantar. — Ele deu um tapa em sua gorda barriga e ergueu a mão aberta para trocar uma palma com Sami.

O rapaz trouxe uma travessa grande o bastante para caber uma criancinha. Estava cheia de homus e cordeiro grelhado. Com uma sensação incômoda no estômago, Omar Yussef percebeu que o homus e a carne estavam misturados com pequenos grumos de gordura de cordeiro que ficavam quase invisíveis na pasta de grão de bico. Cree levou a mão à boca; Omar Yussef podia ver que já tinham oferecido aquele prato ao escocês em algum café da manhã anterior e que ele estava agora lamentando todo o uísque.

O general Husseinini parou junto ao rapaz e serviu copiosas porções do homus com carne nos pratos dos convidados com uma colher chata e larga. Enquanto Omar Yussef comia, teve de se esforçar para manter uma expressão de prazer em seu rosto.

— Senhor Cree, peço desculpas em nome de todos os cidadãos de Gaza pela escandalosa agressão ao senhor e seus colegas — Husseinini disse.

A boca de Cree estava cheia de homus. Parecia que ele ia levar algum tempo para engolir, de modo que ele apenas assentiu gravemente.

— Também vimos as ultrajantes acusações das Brigadas de Saladino contra minha Inteligência Militar nesse folheto que distribuíram após o sequestro. — Husseinini fez uma expressão de desdém e um gesto de descartar com as mãos. —

Asseguro aos senhores que não descansaremos enquanto não tivermos libertado seu amigo, nosso amigo...

— Magnus Wallender — Sami sussurrou.

— Nosso amigo Wallender.

Omar Yussef engoliu um bocado da comida. Achou que era melhor falar, para tirar sua mente do café da manhã e de seu estômago.

— O senhor Cree gostaria muito de falar com Bassam Odwan.

— Um assassino criminoso. Não posso permitir.

— As Nações Unidas gostariam de auxiliar em sua investigação de qualquer modo que estiver ao alcance.

— Odwan não sequestrou o homem da ONU.

— Mas os amigos dele sequestraram.

— Então deviam falar com os amigos dele, não com ele.

— Talvez ele possa ajudar no contato com os amigos dele.

— Você acha que não fizemos as mesmas perguntas a ele? — Husseiní deu um amplo sorriso para a mesa toda.

— Ele talvez possa considerar o senhor Cree uma pessoa mais neutra.

— Como alguém pode ser neutro numa questão de assassinato? Esse Odwan matou um dos meus melhores oficiais a sangue-frio.

Cree pigarreou.

— Há uma equipe do escritório das Nações Unidas em Jerusalém chegando esta tarde. Eles vão negociar pelo refém, claro, num nível muito alto. Mas eles consideram importante que não se perca tempo enquanto estão a caminho de Gaza. Eles me pediram para obter uma visita a Odwan.

Omar Yussef não tinha ficado sabendo dos negociadores. Devia ter sido decidido na ligação telefônica de Cree, enquanto Yussef dormia. Era outra carta para usar com Husseiní.

— Os negociadores da ONU sabem que, entre os chefes da segurança palestina, o general é o que os diplomatas com posto em Tel Aviv mais confiam — Omar Yussef disse.

Husseiní pareceu interessado.

— Essa é uma excelente oportunidade para incrementar ainda mais essa posição — Yussef falou.

Cree deu um jeito de engolir um pouco mais de homus.

— Estamos coordenando a reação ao problema do sequestro com o embaixador americano, porque os americanos têm os melhores contatos com as suas forças de segurança.

O embaixador deles está muito interessado em ouvir suas ideias — ele disse.

Husseiní fechou seus olhos cinza e assentiu lentamente.

— Sou um bom amigo do embaixador. — O prazer em seu rosto sugeria que o general estava antecipando um jantar agradável com o embaixador em sua residência com vista para a praia em Herzliya Pituach. Omar Yussef perguntou-se se Hussein cobia aquela conexão pelos dividendos que podia render ou pelo poder de um favorito do embaixador para brutalizar e matar seus inimigos com impunidade.

— O embaixador o estima como amigo e deseja que todo o auxílio lhe seja dado para conduzir suas operações — Cree disse.

Todo o auxílio, Omar Yussef pensou. Numa valise ou transferido para uma conta num banco suíço.

Hussein assentiu.

— Vou ligar para ele para informá-lo dos progressos de nossa investigação nesse importante caso.

— Ele estará esperando a sua ligação, com interesse.

— E os suecos?

Omar Yussef quase sorriu. Hussein tinha os americanos e a ONU prometendo-lhe propinas e o prestígio de suas conexões, mas ele não hesitava em espremer um pouco mais.

— O embaixador sueco comunicou a meus superiores que ele, também, gostaria muito de sua assistência — Cree disse.

— Ele está preparado para cobrir os custos de qualquer operação empreendida para assegurar a libertação do senhor Wallender.

Hussein pegou um pickles numa travessa e o mordeu.

— Odwan está detido na Saraya, nossa prisão central. Será simples os senhores fazerem uma visita a ele. Apenas gostaria de solicitar que não se deixem levar por este homem. Os senhores são pessoas inteligentes, mas não são policiais. São necessários anos de serviço na polícia para confrontar um assassino e não cair em seus truques. Não acreditem em nada do que ele diz.

— Poderemos visitá-lo? Obrigado — Cree disse.

— Qual é a sua interpretação dos eventos que resultaram na morte do tenente Fathi Salah? — Omar Yussef perguntou.

Hussein limpou seu prato com um pedaço de pão pita e deu um arrotto pensativo.

— O tenente Salah foi prender esse Odwan por suas atividades de contrabando. Não podemos permitir que armas passem sob a fronteira egípcia sem controle, como às vezes tem sido o caso em Rafah. Quando o tenente Salah confrontou Odwan, o criminoso resistiu e matou Salah.

— Como Odwan acabou sendo preso?

— Ele se entregou, quando meus homens foram até a casa de sua família uma hora depois do incidente.

— Por que ele se entregou?

— Porque ele é um covarde.

— Se ele estava disposto a matar Salah para evitar a prisão — Omar Yussef disse —, por que ele se entregaria uma hora depois?

— Ele foi confrontado por uma força muito superior. Eu disse a meus comandantes para não correrem nenhum risco. Fui a Rafah para controlar pessoalmente a operação. Enviei todas as minhas forças para a ação, até mesmo as de Khan Yunis e Deir el-Balah. — Hussein deu o guincho de papagaio mais uma vez.

— Se alguém tivesse atacado a prisão aqui na Cidade de Gaza naquela noite, a teriam encontrado guardada por ninguém a não ser esse rapazola do café.

O rapaz com acne mudou o peso de um pé para outro, com um olhar furioso para Hussein, como quem adoraria ser o único guarda da prisão, tendo o general como o único prisioneiro.

— Garanti que as Brigadas de Saladino não pudessem se opor à operação, deslocando uma força tão grande. Cercamos a casa da família de Odwan. Eles são muito pobres e vivem numa parte esqualida do campo de refugiados em Rafah. Realmente, Odwan é escória. Eu anunciei pelo megafone que iria destruir cada casa no campo, se fosse necessário, mas iria encontrar Bassam Odwan e prendê-lo. Então ele saiu.

Hussein parecia estar gostando de se vangloriar da operação. Omar Yussef decidiu demonstrar sua admiração pelo serviço policial do general.

— Foi muito determinado e eficiente da sua parte, *pasha* — disse. — Se me permite, gostaria de perguntar sobre a noite passada. Ouviu alguma coisa durante o sequestro?

Hussein deu de ombros.

— Por que deveria?

— Ocorreu sob a sua janela. Wallender estava voltando para o Sand's Hotel do outro lado da rua quando foi pego.

— Levo uma vida tranquila. Vou para a cama cedo. Não fico acordado a noite toda como esses ocidentais. — Hussein sorriu para Cree.

É o momento de alfinetá-lo um pouco, Omar Yussef pensou.

— O senhor poderia estar dormindo, mas havia guardas extras em serviço na noite passada. O que eles viram?

Hussein ignorou isso.

— Em honra de meu amigo estrangeiro o senhor Cree, gostaria de oferecer um prazer negado à maioria em Gaza. — Os olhos de pedregulho úmido brilharam

maliciosamente.

Husseini estalou os dedos duas vezes, e o rapaz do café trouxe uma das garrafas da cristaleira. O líquido movendo-se em seu amplo fundo parecia conhaque, e Omar Yussef ouviu Cree respirar pesado de novo. Evidentemente, o homus não caíra muito bem com todo o uísque da noite, e acrescentar conhaque não iria fazer nenhum favor ao seu estômago. O escocês estava pálido. O sangue parecia ter se esvaído até mesmo de seus lábios machucados e inchados.

O general tirou a tampa da garrafa e inalou profundamente o aroma do conhaque. O rapaz do café trouxe copos.

— Este é um pequeno vício meu — Husseini disse. Ele riu.

— Não estou me referindo ao conhaque. Não, estou me referindo à garrafa. É cristal de primeira, da Boêmia. Gosto do peso, é tão pesada e, no entanto, tão delicada. Coleciono muitas delas, como podem ver. — Ele fez um gesto na direção da reluzente parede de tigelas e garrafas, castiçais e vasos, todos cintilando com a luz refletida do candelabro. — Adquiri o gosto por cristal da Boêmia quando era estudante em Praga trinta anos atrás. Eu fiz mestrado em Economia, mas não é preciso qualificação para compreender o valor dessas pequenas bugigangas. Em Praga, são tão baratos que quase são descartáveis. Essa garrafa custou menos de 150 dólares.

Isso deveria ser quase três meses de salário do rapaz do café. Omar Yussef olhou para a tampa da garrafa na mão grossa de Husseini. Era lapidada em centenas de superfícies minúsculas.

Omar Yussef pediu a Husseini para não servi-lo. Cree hesitou, mas aceitou o conhaque e o bebeu em silêncio. Sami acendeu um cigarro e ficou rodando o conhaque em seu copo. Husseini sorveu dois duplos antes da conversa amena terminar. O relógio de porcelana na mesa mostrava 10h30.

— Agora vou ligar para o embaixador americano e colocá-lo a par da situação — Husseini disse, ao acompanhá-los até a porta —, e vocês vão para a cadeia.



Quando Omar Yussef chegou ao fim das escadas, ainda podia ouvir Husseini rindo.

Para o desânimo de Omar Yussef, Cree insistiu em assumir a direção do Suburban, alegando que o jeito errático de guiar de Nasser o deixaria nauseado no seu presente estado. O escocês tinha de se concentrar só para se manter em linha reta para a prisão e quartel-general militar central de Gaza.

O muro de 3,5 metros que cercava a Saraya era um suporte de primeira para artistas de grafite político. Suas paredes caiadas estavam cobertas de verde, vermelho e preto com exortações a Alá, ao presidente e seu antecessor, ao povo, à pátria e aos mártires. Omar Yussef se perguntou quando Bassam Odwan iria entrar nessa lista.

Os guardas ergueram uma cancela vermelha e branca na entrada e indicaram para Cree que seguissem para o lado do prédio principal, um bloco de três andares cinza encardido. No fim de uma fila de caminhões camuflados, um agente da Inteligência Militar os aguardava. Ele reconheceu Sami.

— Como vai, *ya zalameh*? — disse, erguendo a mão e descendo para um cumprimento sonoro com palmas. Omar Yussef de novo ficou intrigado com as conexões de Sami.

Em todos os lugares que ia, essas pessoas da segurança eram amigas dele. Aquele até o chamara de cara.

O oficial segurou o braço de Sami, levando-o para a cadeia e subindo a escada encardida. Omar Yussef e Cree foram atrás, resfolegando. O ar estava denso com a poeira que pairava sobre a Cidade de Gaza e o cheiro forte de homens encarcerados, de suor e lavanderia, de carne cozida e cigarros.

O oficial os conduziu pela prisão como um animado guia turístico, ávido por compartilhar seu conhecimento de um lugar que pouca gente vira e ainda menos gostaria de ver.

— Este andar é onde ficam os oficiais. No fim do corredor fica o escritório do comandante das Forças de Segurança Nacional.

Eles subiram mais dois lances de escada. Um guarda no fim delas ficou de pé e posicionou sua Kalashnikov sobre o ombro, ao se aproximarem. Suas chaves abriram ruidosamente uma pesada porta metálica pintada de um azul cosmético, e ele a trancou atrás deles.

O bloco tinha 30 metros de comprimento com cinco celas de cada lado da passarela. Da primeira cela veio o farfalhar de homens flexionando-se em oração e as palavras do líder das orações, respondida em uníssono num crescendo grave, murmurado. O vento trazia o ar poeirento para o corredor por uma janela sem vidro com grades na outra ponta. Dois guardas em uniformes camuflados e boinas

vermelhas estavam encostados na porta da primeira cela, fumando, com os cotovelos apoiados em seus rifles.

— Os prisioneiros não estão trancafiados no momento — o oficial informou a Cree. — Está na hora das orações do meio-dia, então eles estão congregados na cela número um. Esse fulano conduzindo as orações, sabe, é um xeque importante lá fora. Esta é a mesquita mais exclusiva da Cidade de Gaza.

Cree espiou a cela através da grade metálica que cortava o corredor na altura da cabeça.

— Imagino que seja — ele disse.

— Odwan está no fim do corredor — o oficial apontou. — Está em confinamento solitário.

— Ainda mais exclusivo — Cree sussurrou para Omar Yussef.

O oficial destrancou uma porta de ferro sólido. Omar Yussef entrou em um cômodo pequeno, sem luz, com uma pia de aço inoxidável, alguns baldes vazios e esfregões.

Fedia a pano sujo. Do outro lado do cômodo, uma grade cobria uma abertura em outra porta metálica. Omar Yussef olhou através dela.

— Este é o assassino Odwan — o oficial disse.

Bassam Odwan estava de pé com a cabeça baixa e as palmas da mão abertas estendidas à frente. Ele se ajoelhou e se prostrou num tapete barato, tocando com a testa a vistosa trama sintética. Omar Yussef não orava fazia anos. Ele observou Odwan abaixando-se.

O prisioneiro estava com as costas para a porta enquanto orava. Buracos em sua camiseta branca fina e suja expunham seu torso robusto. Seus ombros desciam de um pescoço grosso e os músculos da parte de cima das costas ondulavam-se quando ele levantava as mãos para cobrir o rosto na oração. Ele tinha músculos amplos e torneados como um camponês. Odwan fez sua última prostração e enrolou o tapete de orações.

— Ele acabou de rezar — Omar Yussef disse.

O guarda destrancou a porta. Odwan não se voltou. O oficial falou com ele numa voz não mais com a animação de guia turístico.

— Ei, Odwan. Você tem visita.

Odwan pôs o tapete de orações enrolado no canto da cela. De frente, seu corpo parecia ainda mais firme. Seu peito era largo e volumoso e sua barriga, profunda e rija contra a camiseta. Estava usando calças do Exército e seus pés estavam sujos e sem sapatos. Sua barba negra era espessa e os lábios eram grandes, vermelhos e úmidos. Seu cabelo era preto e em camadas até uma franja reta no meio da testa. As pontas do cabelo ficavam sobre uma marca marrom-escura no centro de sua testa, a abrasão de anos por encostar-se no tapete de orações. A

marca parecia uma verruga enorme. Omar Yussef estimou que Odwan tinha pouco menos de 30 anos.

Odwan inteirou-se da figura de Yussef com rapidez e brandura. Seus olhos franziram-se de desconfiança quando Cree abaixou a cabeça para passar pela porta, e ele olhou Sami com uma desconfiança ainda maior. Sami sorriu e se encostou na parede. O oficial fechou a porta atrás deles.

Omar Yussef aproximou-se de Odwan e apertou-lhe a mão. O aperto foi suave, mas engolfou os dedos de Yussef. Era a mão de um trabalhador, tornada forte, grande e desajeitada por gerações de trabalho braçal simples. Com um repentino alívio que o surpreendeu, Omar Yussef notou que Odwan não tinha sido submetido à Manicure de Hussein. Ele se apresentou e, em seguida, apresentou Cree.

— Como com sua família e em seu lar — Odwan disse. Ele olhou em volta para a cela e sorriu pelo absurdo do cumprimento tradicional. Seu sorriso era sincero e simples, lembrando a Omar Yussef o sorriso inocente dos deficientes mentais, mas seus olhos eram duros e astutos.

A cela estava vazia a não ser por um colchonete junto à parede e um balde para as necessidades. Odwan tinha seu tapete de oração e uma garrafa plástica de água, o rótulo gasto pela reutilização. Uma única janela, muito alta para se poder olhar por ela, estava fechada, e o ar na cela era opressivamente quente. O suor se destacava no rosto de Odwan, e logo Omar sentiu sua própria transpiração sob as axilas na camisa. Cree e Omar Yussef sentaram-se no colchonete. Odwan sentou de pernas cruzadas no centro da cela e manteve os olhos em Sami, que se agachou junto à porta.

— Quem é ele? — Odwan perguntou. Sua voz estava rouca. Omar Yussef pensou nas torturas às quais Eyad Masharawi tinha sido submetido e se perguntou se Odwan teria ficado rouco gritando de dor.

— É Sami Jaffari, um deportado de Belém. Ele está nos ajudando em nossa investigação.

— Qual investigação, tio?

— Inicialmente, achamos que estávamos investigando o caso de um de nossos professores que foi preso pelo coronel al-Fara.

Odwan deixou seus lábios grossos se abrirem e franziu o cenho, intensamente.

— Mas desde a noite passada nossa investigação mudou de rumo. As Brigadas de Saladino sequestraram nosso colega, um sueco que administra as escolas da ONU em Gaza e no West Bank. Em troca de sua libertação, querem que você seja solto.

— Se for a vontade de Alá.

— Bassam, precisamos encontrar nosso amigo.

— Houve um panfleto?

Omar Yussef assentiu.

— As Brigadas de Saladino distribuíram um panfleto assumindo a responsabilidade pelo sequestro.

Odwan olhou para a cabeça ferida de Omar Yussef e o nariz inchado de Cree.

— Sinto muito que eles os tenham ferido. Eles os feriram, tio?

— Não faz mal. Como podemos chegar a nosso amigo?

— Vocês terão de falar com Abu Jamal.

Omar Yussef deu de ombros.

— Ele é o líder das Brigadas de Saladino em Rafah—Odwan disse.

— Como podemos chegar até ele?

— Não acho que ele falará com você, a menos que consigam convencê-lo de que podem conseguir um acordo para mim.

— Que tipo de acordo?

— O que você acha? Para me tirar daqui.

— Mas o general Husseinini não vai libertá-lo.

Foi então a vez de Odwan dar de ombros.

Yussef conteve sua frustração. Precisava repassar os elementos básicos do caso com Odwan.

— O que aconteceu quando o tenente Salah tentou prendê-lo?

— Você está procurando seu amigo ou me investigando?

— Talvez possamos descobrir o que realmente aconteceu, e então poderemos convencer o general Husseinini de que você é inocente.

— Eu sou inocente. — Odwan ergueu a voz e tossiu asperamente.

— Podemos ajudá-lo a provar.

— Você acha que provas fazem parte da equação? Eles não precisaram de provas para me colocar nesse buraco. Nem para me pendurar pelos pulsos na frente de um ar condicionado o dia todo ontem.

— Bassam, a única maneira de libertarmos nosso amigo é provar que você não matou Salah. Se as Nações Unidas souberem que você é inocente, o general Husseinini terá que aceitar isso. Particularmente se pudermos lhe apresentar a pessoa realmente culpada.

Odwan fechou os olhos e apertou suas duas mãos enormes.

— Irmão Abu...?

— Abu Ramiz.

— Abu Ramiz, eu acredito que a vida e a morte estão nas mãos de Alá. Se eu tiver de morrer, ninguém poderá me salvar da morte.

— A justiça, também, está nas mãos de Alá.

— Não em Gaza. — Odwan riu alto e deu um tapinha no joelho de Omar Yussef.

Ele é simples, mas não burro, Omar pensou. Ele decidiu irritar Odwan para provocá-lo a contar a sua história.

— Por que você matou o tenente Salah?

— Eu não o matei, já lhe disse.

— Se você fosse inocente, nos contaria o que aconteceu. O que você está escondendo?

— Você acha que estou tentando proteger alguém?

— Qual outra razão você tem para manter-se calado? Se acha que tem de morrer, que Alá tenha misericórdia de você. Mas eu quero salvar meu amigo.

Odwan não se moveu. Omar Yussef tentou manter o desespero fora de seu rosto. Tentou uma direção que já lhe pareceu inútil mesmo enquanto ele dizia as palavras.

— Quem sabe, se meu amigo for salvo com a ajuda de um muçulmano, talvez ele queira se converter ao Islã?

— Converter-se? — Odwan riu, o melhor que pôde sem tossir de novo. — Você acha que ele vai solicitar um passaporte palestino, também?

Yussef ficou irritado consigo mesmo. Ele avaliara Odwan mal; o homem não era tão simplório quanto parecia. Sua frustração acabou vencendo e ele estendeu o braço para Cree.

— Ajude-me a levantar. Esse canalha não vai fazer nada por nós. Vamos embora.

Odwan pôs sua mão enorme no ombro de Omar Yussef.

— Espere, tio, espere. Acalme-se, por favor. Beba um pouco. — Ele estendeu a garrafa de água turva.

Omar Yussef ficou comovido com aquela melancólica demonstração de hospitalidade. Ele despejou um pouco da água em sua boca. Tinha gosto de chumbo.

— Obrigado.

Odwan mudou de posição das pernas cruzadas e esfregou as costas, fazendo uma careta.

— Fui encontrar Salah. Ele tinha algo para vender.

— O quê?

— Algo que roubou de nós.

— Das Brigadas de Saladino?

— Tio, você não vai querer se envolver nisso.

Yussef inclinou-se para a frente.

— Pode acreditar, já estou envolvido. Preciso saber.

Odwan olhou para Cree.

— Como posso saber que este estrangeiro não é um espião?

— Por ele não falar árabe — Omar Yussef disse. — De todo modo, todos os espiões em Gaza são palestinos.

Os olhos de Odwan passaram por Sami, relaxado junto à porta. Então ele sorriu.

— Fico feliz que tenha vindo, tio. Que Alá dê forças a seu amigo da Suécia e o guie para casa.

Omar Yussef assentiu e ergueu as sobrancelhas com expectativa.

Odwan suspirou.

— Arranjamos como receber o protótipo de um míssil. Foi contrabandeado por um dos túneis sob a fronteira egípcia. Salah estava vendendo esse míssil.

— Mas já há mísseis em Gaza. Os mísseis Qassam.

— Queríamos algo melhor que o Qassam. Construir um míssil mais confiável e com um alcance maior.

— Que diferença faz trazer um só míssil?

— O Qassam foi baseado num protótipo norte-coreano que foi contrabandeado pelos túneis há alguns anos com a ajuda do Hizbollah do Líbano. Os engenheiros aqui usaram esse protótipo para construir centenas de mísseis para nós. Pretendíamos fazer a mesma coisa de novo, só que melhor.

— Então esse míssil roubado ia ser copiado para criar um arsenal novo de mísseis mais avançados?

— Abu Jamal ia batizá-lo de Saladin I. Soa bem, não? — Odwan parecia tão orgulhoso quanto se o nome tivesse sido invenção dele.

Yussef assentiu para encorajá-lo.

— Alguém roubou o míssil quando estava vindo pelos túneis — Odwan disse. — Eles devem ter pago um traidor dentro das Brigadas para informar o plano. Armaram uma emboscada para o nosso pessoal depois da fronteira. Mataram dois homens e roubaram o míssil.

— O tenente Salah roubou o míssil?

Odwan passou a língua por dentro da bochecha.

— No dia seguinte, Salah contatou Abu Jamal e disse a ele que estava com o protótipo. Abu Jamal mandou que eu me encontrasse com Salah para ter certeza de que ele estava falando a verdade. Se estivesse, Abu Jamal iria lhe dar o dinheiro.

— Por que vocês iam pagar por algo que ele roubara?

— O importante era obter o míssil imediatamente. Poderíamos ajustar as contas com Salah mais tarde.

— Quanto Salah pediu?

— Vinte mil dólares; é um monte em Rafah. Então eu encontrei com Salah nos arredores do campo de refugiados, tarde da noite. Era um lugar tranquilo; havia construções em volta, mas bombardeadas e vazias. Saí do meu carro e andei até o jipe de Salah.

— Ele estava sozinho?

— Só ele. Eu pedi a ele para me mostrar o engradado com o míssil. Ele disse que estava escondido em outro lugar. Discutimos isso, porque Abu Jamal não queria entregar o dinheiro sem que eu tivesse realmente visto o míssil. Andei de volta para meu carro para telefonar para Abu Jamal. Salah me seguiu, falando coisas sem sentido. Então, houve um disparo de algum lugar. Acertou Salah bem aqui. — Odwan deu um tapa em seu peito, produzindo um som grave.

— O que você fez?

— Fui direto para o meu carro e saí dali. Houve mais tiros de um dos prédios bombardeados. Alguém estava tentando me matar também.

— Quantos atacantes dispararam?

— Apenas um. Os tiros vieram todos do mesmo lugar e ouvi só uma arma.

— O que você fez depois de ter ido embora?

— Liguei para Abu Jamal. Ele mandou gente para o local. As forças de segurança já estavam lá. Fui para casa e, quando vieram me prender, eu me entreguei.

Odwan se calou. Omar Yussef tentou esconder sua agitação. Se Odwan estivesse falando a verdade, ele não era o assassino. O general Husseini poderia ser persuadido a libertá-lo, se conseguissem provar isso. Mas isso também significava que havia um assassino à solta que iria fazer tudo o que pudesse para impedir que Omar Yussef o identificasse.

Odwan balançou a cabeça.

— Não fazia sentido.

— O que não fazia sentido?

— Toda vez que eu perguntava onde ele escondera o míssil, Salah ficava dizendo alguma coisa numa língua estrangeira. Acho que era inglês. Você fala inglês, tio?

Omar Yussef assentiu.

— O que *price* quer dizer? — Odwan perguntou.

— Significa quanto alguma coisa custa.

— Foi o que pensei. Quando eu perguntei onde o míssil estava, ele ficava dizendo alguma coisa sobre *price*, e eu dizia, “tudo bem, você vai receber seu dinheiro, mas fale em árabe e me diga onde o míssil está”. Então ele dizia alguma coisa sobre o preço de novo. Lamento agora, mas na hora admito que fiquei irritado, porque achei que ele tinha perdido o sangue-frio com a pressão.

— Ele falou mais alguma coisa em inglês ou só a palavra *price*?

— Ele disse *high noon price*.

— *High noon price*?

— Algo assim. Ele dizia, “você vai tê-lo, bem no *high noon price*”. O que isso quer dizer, tio?

— O custo quando o sol está alto ao meio-dia. Ou o custo ao meio-dia é alto.

— Está vendo, não faz sentido. Era meia-noite, não meio-dia, e eu já sabia o preço. Fiquei furioso com ele. — Odwan deu um soco na palma da mão com a frustração.

— Mas depois que o pobre homem foi alvejado, eu comecei a pensar no assunto. Ele estava realmente tentando me dizer alguma coisa. Ele parecia desesperado quando me seguiu para o carro, ainda repetindo essa frase em inglês maluca. Mas alguém queria matá-lo; talvez ele soubesse disso.

Omar Yussef imaginou Salah falando sem parar, freneticamente tentando passar uma mensagem a Odwan, e o miliciano simples, muito cabeça-dura para entender.

— O que aconteceu com o míssil? Abu Jamal conseguiu negociar para comprá-lo depois?

— Não sei. Você terá de perguntar a Abu Jamal. Eu não fiquei sabendo de mais nada depois que fui preso.

— Por que você se entregou?

— Eu podia ter fugido. — Odwan olhou em volta e baixou a voz. — Há um túnel sob a casa de minha família que leva até o Egito. Em princípio é só para transportar mercadorias, cigarros e alimentos para bebês, esse tipo de coisas. Vai tudo num vagãozinho que corre em trilhos de metal, sendo puxado dos dois lados. Teria sido horivelmente apertado para um homem do meu tamanho, mas eu poderia ter passado, com esforço.

— Por que você não tentou?

— Eles teriam prendido toda a minha família. Tenho 13 irmãos e irmãs, e mãe e pai. Se eu fugisse, todo mundo iria acreditar que eu havia matado Salah, e a polícia teria destruído a casa de meus pais. — Odwan baixou os olhos para suas mãos grandes.

O prisioneiro soou como uma criança das classes de Omar Yussef, culpado quanto à mentira que inventara para encobrir sua própria covardia. Yussef reconheceu as hesitações que solapavam a dissimulação.

Odwan ergueu os olhos para Omar Yussef e viu que não o convencera.

— Na verdade, Abu Ramiz, eu simplesmente não consegui ir pelo túnel — disse. — Para a minha vergonha, eu comecei a fugir, apesar do risco de represálias contra minha família. Sabia que a polícia iria me torturar. Eu até desci para onde o

túnel começa, mas era tão estreito, comprido e escuro que eu fiquei com medo de ficar preso. Fiquei com muito medo de morrer sufocado lá dentro.

Omar Yussef pegou o panfleto das Brigadas de Saladino no bolso e o mostrou a Odwan.

— Talvez isso lhe dê esperanças, Bassam.

Odwan leu o panfleto e o devolveu.

— Alá é a minha esperança, Abu Ramiz.

Omar Yussef pôs o panfleto de volta no bolso da camisa.

— Que Alá lhe conceda graça — ele disse, levantando-se com dificuldade.

— Vão em paz — Odwan disse.

Eles saíram em silêncio do bloco de celas. Os prisioneiros estavam em seus beliches e os observaram com olhos emaciados através da grade na altura da cabeça na parede.

Na escada, Omar Yussef resumiu sua conversa com Odwan para Cree, que só entendera parte do árabe.

— *High Noon Price?* — Cree disse. — Será que tem a ver com o filme ou coisa parecida? Sabe, aquele filme com o Gary Cooper. Não, não pode ser. É muito esquisito, Abu Ramiz.

O acompanhante deles beijou Sami cinco vezes. Ele ergueu a mão e deu um tapa na palma de Omar Yussef.

— Que Alá lhe conceda graça, *ya zalameh* — ele disse.

Omar Yussef ainda podia sentir o aperto da mão enorme de Odwan.

— Não me chame de cara — ele retorquiu. — Prisões não me deixam amigável.

O oficial deu de ombros. Virou-se para Cree e fez continência. O escocês devolveu a continência e deu a Omar Yussef um envergonhado baixar de sobrelance.

— Velho hábito — disse, enquanto o oficial voltava para a prisão.

— Vou tentar verificar isso tudo com as Brigadas de Saladino aqui na Cidade de Gaza — Sami disse, acendendo um cigarro.

— As circunstâncias do ataque, você quer dizer?

— Talvez eles também me informem se estão esperando a entrega desse protótipo de míssil. Anote o número de meu celular, para o caso de descobrir mais alguma coisa.

Omar Yussef pegou o panfleto das Brigadas de Saladino, tirou sua Mont Blanc do bolso da camisa e escreveu o número de Sami no verso.

Sami deu a volta na barreira na entrada e fez sinal para um velho táxi caindo aos pedaços.

A poeira entrou na garganta de Omar Yussef e fustigou sua têmpora, cada grão de areia atingindo seu ferimento como a picada de uma agulha. Ele queria descansar, mas sabia que ia ser um longo dia. Olhou para o céu, encoberto e alaranjado com a areia. *High noon price*. O que isso Queria dizer? Era um significado tão oculto quanto o próprio sol ficava por tr s da tempestade de areia de Gaza.

— Você está se sentindo bem para dirigir? — ele perguntou a Cree.

— Para falar a verdade, não estou cem por cento — Cree disse, tocando cautelosamente seu nariz danificado. — Mas isso está ficando realmente interessante.

Omar Yussef sorriu soturnamente.

— Vamos para Rafah — disse.

Tinham deixado para trás os bairros do sul da Cidade de Gaza e estavam atravessando o trecho arenoso onde um assentamento israelense abandonado tinha sido demolido, quando Omar Yussef sentiu o Suburban desviando para o lado da estrada Saladino. Com um súbito estrondo oco como o bater de asas enormes, os pneus rolaram nas pedras e na terra irregular do limiar do campo. Yussef agarrou o braço de Cree e jogou a direção para a esquerda. O escocês levantou a cabeça e voltou bruscamente à estrada, piscando para espantar sua momentânea cochilada. Ele continuou guiando devagar, passando por um decadente amontoado de casas térreas de refugiados, com os olhos arregalados e concentrados de um homem se esforçando para distinguir uma estrada do interior em meio a uma neblina impenetrável.

— Você devia descansar um pouco, James. Nós dois tivemos uma noite dura. Talvez devêssemos procurar um médico para dar uma olhada em nossos ferimentos.

— Um médico deu uma olhada em nossos ferimentos.

— Era um médico com assento no Conselho Revolucionário. Estou falando de um médico de verdade.

O vento levantava espirais de poeira laranja das fileiras de repolhos e tomates dos dois lados da estrada e os fazia fustigar o para-brisa. Cree encurvou sua longa espinha até seu queixo ficar quase na direção, com os olhos fixos nos rodamosinhos de poeira.

— Não se preocupe. Estamos quase chegando.

— A Rafah? Só estamos na metade do caminho.

— Não foi isso que quis dizer. Algo que eu quero lhe mostrar aqui. — Cree saiu da estrada principal e parou sob uma alta tamareira. Ele soprou algumas vezes, forte pela boca, abriu bem os olhos usando os dedos e flexionou os ombros.

— Onde estamos? — Yussef perguntou.

Cree piscou um olho lacrimejante, saiu do carro e esticou as costas.

Omar Yussef fechou a porta atrás dele. O cheiro acre de galinhas pairava no ar quente, denso. Uma pequena e simples casa de fazenda de dois andares de concreto se aninhava sob a tamareira, atrás de um muro de blocos de concreto. Uma cerca viva de arbustos perenes bem aparados ia da casa até a saída da estrada principal. O vento em rajadas erguia uma ponta do teto de metal corrugado do anexo da fazenda e a deixava cair com um ruído repetitivo. Atrás da parede da casa, Omar Yussef ouviu as vozes finas de crianças pequenas brincando.

— Aqui é parte da aldeia de Zuweida — Cree disse. Ele estava olhando para o sul, onde havia uma ampla plantação de repolhos. — Para lá, em algum lugar na poeira, fica Deir el-Balah.

Em geral dá para ver as fileiras de tamareiras na rua principal da cidade. Não dá para ver nada agora, mas está lá mesmo assim.

O vento estava mais forte lá do que na Cidade de Gaza, onde os prédios o bloqueavam. Omar Yussef franziu os olhos contra a areia que se elevava agitando as folhas dos repolhos na plantação.

— James, se você não está se sentindo bem, eu posso guiar. Admito que não guio muito bem, mas precisamos continuar. Temos de falar com os milicianos em Rafah sobre Magnus e descobrir mais sobre o míssil.

Cree inclinou a cabeça para escutar.

— Ele precisa consertar o maldito telhado. Está ouvindo o barulho que faz? — Ele se voltou. — Como eu disse, tenho algo para lhe mostrar aqui. — Ele caminhou vacilante até a porta no muro do lado da casa. Bateu na madeira e espiou por cima do muro de concreto. As vozes das crianças pararam. Os passos de um homem se aproximaram pelo quintal e a porta se abriu.

— Saudações, Suleiman — Cree disse.

O homem devolveu a saudação e apertou a mão de Cree.

— Este é o senhor Suleiman Jouda. Ele administra o lugar — Cree disse para Omar Yussef.

Jouda era baixo e magro, de uns 30 e poucos anos. Seu cabelo estava penteado para trás num topete moderado e era tão preto quanto seu bigode espesso. Duas crianças de cabelos escuros estavam uma de cada lado de um triciclo rosa, seus pés descalços no chão de terra batida do quintal, encarando Cree com o dedo na boca. Jouda levou-os através do quintal até um portão bem cuidado nos fundos da casa. Quando ele o abriu, um choque de verde atingiu Omar Yussef.

O amplo gramado era mais verde e mais luxuriante do que qualquer outro pedaço de terra em toda a Faixa de Gaza. A cerca perene se estendia em volta de todo o gramado, cada um de seus quatro lados com uns 200 metros. A cerca viva cortava o vento e mesmo a poeira era incapaz de prejudicar o brilho da grama. Um pouco para trás do centro havia um obelisco de granito de 1,20m sobre um pedestal da mesma altura. Por todo o campo, fileiras de sepulturas, entalhadas em arenito branco, estavam agrupadas em pequenos grupos quadrados.

Cree foi até o centro do campo. Omar Yussef o seguiu. À esquerda do caminho, a terra tinha sido mexida em volta de várias das sepulturas, e Omar viu os sinais de consertos apressados em algumas lápides, mas Cree passou direto por elas. Jouda manteve-se a uma distância respeitável.

— Você é o homem da história, Abu Ramiz — Cree disse. — Viu onde estamos?

— É um cemitério militar britânico.

— Exatamente. Da Primeira Guerra Mundial. O consulado britânico paga o salário do senhor Jouda para ele cuidar do lugar. É uma beleza, não?

— Francamente, é o único lugar de Gaza de que eu poderia dizer isso. Realmente nem parece Gaza.

— Concordo. Parece que é preciso morrer para ter alguma paz em Gaza. — Cree sorriu com um olhar distante, amargo. — E morrer numa guerra de muito tempo atrás para desfrutar de paz num belo lugar que alguém se importa em cuidar.

— Um esquecido teatro de operações de guerra também.

Cree rolou a língua no interior da boca.

— Eu não esqueci.

Omar Yussef ponderou isso. Ele era professor de história, mas não era o único a se lembrar do passado.

— Falei sobre a campanha britânica na Primeira Guerra Mundial com o professor Maki no jantar ontem à noite. Ele me disse que os ingleses atacaram Gaza três vezes até tomá-la e avançar para Jerusalém.

Cree assentiu.

— Olhe as datas nas sepulturas. Está vendo este aqui? Morreu em abril de 1917. Mas o outro na fileira seguinte faleceu em novembro.

— As batalhas foram aqui nesta aldeia?

— Na época em que eles estabeleceram este cemitério em março de 1917, o confronto tinha se deslocado para o norte, na direção da Cidade de Gaza. Quando alguém morria em combate, era enterrado mais ou menos onde tinha caído. Mas os feridos vinham para o hospital de campo de Deir el-Balah e, quando não sobreviviam, eram enterrados aqui.

Omar Yussef contemplou o amplo gramado.

— Quantos há aqui?

— São 750 sepulturas. Alguns naquele canto são indianos. Há sete soldados judeus aqui, também. Mas a maioria era apenas britânicos pálidos, descorados, à moda antiga, como eu. — Cree olhou para Omar Yussef e franziu o cenho. — Deus, dá para imaginar crescer na Inglaterra, onde é cinza, molhado e um frio de rachar, mas ao menos é seu lar, e se descobrir forçado a combater até a morte por esse pedaço de terra estrangeiro e esquisito?

— Infelizmente, James, sempre houve alguém lutando por este pedaço de terra. Geralmente sem qualquer conhecimento ou direito efetivo a ele. Os judeus estiveram aqui há milênios, e os árabes por mais de mil anos, mas todos os outros

que combateram por este lugar eram estrangeiros, levados pela cobiça, ou pelo ódio, ou Deus.

Os cruzados, Napoleão, os turcos, todos eram estrangeiros nesta terra.

Cree caminhou devagar junto à fileira de sepulturas. Yussef olhou o relógio. Era uma hora. Ele queria obter a informação de que precisava em Rafah e estar de volta à Cidade de Gaza antes que escurecesse; não lhe agradava a ideia de pegar a estrada Saladino através da nuvem de poeira com a visibilidade ainda pior e Cree dirigindo do jeito que estava. Ele seguiu os passos de Cree com impaciência, perguntando-se se o escocês não estava ganhando tempo, tentando fazer passar sua noite de bebedeira e a concussão antes de ter de continuar a guiar.

Cree ajoelhou em frente a uma das sepulturas. Omar Yussef aproximou-se e leu por cima do ombro dele a inscrição: Soldado James Cree. 4 Battalion Queen's Edinburgh Rifles. 21 anos. 5/11/17.

— Meu bisavô. Meu nome vem dele. Casou, deixou a esposa grávida do meu avô Billy, foi para a guerra. Não soa muito como uma vida, não?

— Como ele morreu?

— Não sei. Os registros dos soldados rasos eram mantidos em Londres e a maioria foi destruída pelos bombardeios alemães na Segunda Guerra Mundial. Realmente nada sobrou de sua vida.

— Exceto o seu nome.

— É, tem isso. — Os olhos de Cree tinham estado vermelhos pela poeira no ar e a pancada em seu rosto, mas agora, pensar em seu bisavô, os tinham feito arder.

Ele enxugou uma lágrima com o dorso da mão e fungou. — Esta terra significa algo para mim, Abu Ramiz. Devo a meu bisavô que aqueles que vivem em Gaza não morram pelo tipo de violência que tomou sua vida. E a vida dos turcos que combateram contra ele. — Ele sorriu com um lado da boca.

Omar Yussef pôs a mão no queixo. A ida para Rafah poderia esperar um pouco mais.

— Entrei no Exército quando era jovem — Cree disse. — O Edinburgh Rifles tinha sido amalgamado com o Royal Scots, então eu me alistei nele. Achei que isso me deixaria mais próximo dele.

— Não próximo demais, por sorte.

— Tanto quanto eu saiba, ninguém especificamente tentou me matar — Cree sorriu, com ar ausente. — Graças a Deus, eu não tive de matar ninguém, também. De qualquer forma, porque eu sabia tão pouco sobre esse fulano sob nossos pés, eu construí uma conversa em minha cabeça com o homem que acho que ele foi. Ele me disse que eu estava fazendo tudo errado. Ele foi recrutado. Ele não escolheu uma vida usando uniforme e ele não queria lutar. Saí do Exército e fui trabalhar

para as Nações Unidas. Sabia que ia ver gente em seus piores aspectos, mas tinha a esperança de às vezes vê-las em seu melhor.

— E qual foi o resultado?

— Eu lhe direi depois que acharmos Magnus.

Omar Yussef pôs a mão no alto da lápide. Tinha sido erodida para a consistência de uma lixa por noventa anos de tempestades de areia como a que fustigava a cerca viva agora.

— A inumanidade dos homens com os homens deixa de luto incontáveis milhares — ele disse.

— “O homem foi feito para o luto”, de Robbie Burns. Pensei que você fosse só da história, Abu Ramiz.

— Às vezes as coisas que os historiadores precisam dizer são mais bem ditas pelos escritores de literatura.

Os dois homens trocaram um longo olhar, com firmeza. Cree assentiu. Ele deu um olhar de relance para o lado leste do cemitério. Percebeu as lápides danificadas e a terra revoluta que Omar Yussef vira ao entrar.

— O que aconteceu aqui? — ele perguntou.

— Vândalos entraram algumas noites atrás — o zelador disse. — Eu não os ouvi, senhor Cree, porque estava dormindo. Entraram pela cerca viva no canto mais afastado de minha casa. Cavaram a grama em volta de algumas sepulturas e quebraram algumas lápides.

— Isso já tinha acontecido antes? — Omar Yussef perguntou.

— Nunca. Mas as pessoas estão muito furiosas com o papel do Exército britânico na ocupação do Iraque. Eles colaram alguns panfletos nas lápides e picharam uma delas com comentários insultuosos.

Omar Yussef foi até a parte vandalizada do cemitério. A grama sobre alguma das sepulturas tinha sido arrancada, como se seu verde fosse uma ofensa contra os túmulos áridos dos palestinos mortos de Gaza, e a terra sob ela tinha sido espalhada. Três das lápides tinham sido quebradas no meio. O zelador tinha apoiado a parte quebrada das lápides na que ficara de pé. Perto das quebradas, cópias baratas de fotos de jornais tinham sido coladas em mais três lápides. As fotos mostravam um soldado britânico urinando num prisioneiro iraquiano. Omar Yussef lera sobre a foto, depois que se descobriu que era falsa. O morto daquela sepultura estava pagando por um furo forjado.

— Não removi ainda o papel colado, porque estou esperando uma orientação de como fazê-lo sem danificar a pedra — o zelador disse. Ele coçou o pescoço, nervoso.

— Esta tinha um slogan pintado nela. Usei terebintina para limpar, mas acho que pode ter prejudicado a pedra, então decidi pedir a opinião de quem entende

antes de tentar arrumar as outras.

Omar Yussef olhou na única lápide que fora pichada.

— Não ficou danificada, Suleiman. As pedras estão todas um pouco sujas. Quando você limpou esta, você achou que a manchou. Na verdade, você removeu as camadas de sujeira encardida. Vai ficar como sempre foi, com a exposição ao sol e ao vento por um ou dois anos.

— Obrigado, *ustaz*. Eu estava bastante preocupado. Os mortos dormem aqui há tantos anos, a sensação que tive foi que essas pessoas que profanaram as sepulturas queriam matá-los uma segunda vez.

— Felizmente, isso não é possível.

O zelador deu a Omar Yussef um olhar em dúvida. Ele se sente ligado a esses estrangeiros mortos, guardando-os e cuidando deles o melhor que pode, Yussef pensou.

Sente a injustiça dessa profanação muito profundamente.

— Ainda assim, é muito perturbador — Omar Yussef disse. Ele pôs a mão no ombro do zelador e recebeu um olhar grato.

Cree foi sozinho para a sepultura de seu bisavô de novo. Ele passou a mão na lápide, traçando onde o nome tinha sido entalhado na pedra. Ele se levantou e moveu-se com decisão para a entrada. Ao passar por Omar, seus olhos estavam claros e determinados e seus passos, firmes.

— Obrigado por parar aqui comigo, Abu Ramiz. Eu precisava me recompor. Estou pronto para ir agora.

Omar Yussef seguiu-o no caminho, longe da grama arrancada e das sepulturas vandalizadas. Ele se curvou para tirar a poeira de seus sapatos com o lenço. Olhou em volta o cemitério ao se endireitar, esticando suas costas doloridas. Lembrou-se da história de Nadia sobre o deus Atum, cujo choro produziu a humanidade. O homem de fato fora feito para o luto. A única maneira de secar as lágrimas de Atum era tornando-as pó.

Na rua principal de Rafah, Omar Yussef pôs a cabeça para fora da janela do Suburban da ONU para pedir informações sobre a casa de Salah. Uma rajada quente de poeira o recebeu e ele pigarreou enquanto fazia sinal para um jovem abrigado na soleira da porta de uma loja de ferramentas. O homem atravessou lentamente a calçada, as mãos nos bolsos de seu jeans e os ombros encurvados sob o *keffiyeh* xadrez vermelho que tinha enrolado em volta do pescoço como proteção. Deu uma olhada além de Omar Yussef para Cree, que estava com os olhos fixos à frente.

— Onde fica a casa do tenente Fathi Salah? — Omar Yussef perguntou.

— O mártir Salah?

Omar Yussef julgou ter detectado um sorriso nas pontas da boca do jovem.

— Isso mesmo.

— É perto da fronteira no outro lado da cidade. — O jovem enfiou a cabeça para dentro da janela de Omar Yussef ao dar a informação, evitando a poeira dançando no ar.

Cree gemeu em concerto com as marchas do Suburban reclamando, ao entrar numa rua cheia de areia e parar atrás da casa onde Fathi Salah morara. Ele puxou o freio de mão, desligou o motor e deixou suas mãos na direção relaxarem pela primeira vez em meia hora.

— Aposto que você achou que não fôssemos conseguir, hein? — disse.

— Desde quando uma pancada na cabeça e uma mera tempestade de areia podem deter os Royal Scots? — Omar Yussef disse.

— Certo, então eu sou um ex-militar que é muito ignorante para saber quando parar. Qual é a sua desculpa para persistir?

— Sou palestino. Estou acostumado a comer merda.

A casa de Salah ficava num terreno pequeno, uma construção em concreto não terminada de dois andares. No teto, ferragens se projetavam enferrujadas dos pilares como tufo de cabelo desgrenhado, esperando a adição de mais um andar. As folhas de um prateado fosco de algumas oliveiras balançavam sobre o muro do jardim. Do outro lado do muro, o tecido preto da tenda de luto da família era fustigado pelo vento. Dois dias tinham se passado desde o funeral, e a tenda estava vazia, exceto por um velho.

Omar Yussef avançou com dificuldade até a tenda, seus sapatos enchendo-se de areia que arranhava através de suas meias de algodão leve. O vento estava quente depois do frio dentro do carro e ele franziu os olhos. Sob o toldo o vento era

menor, mas ainda sentiu poeira em sua língua ao cumprimentar o velho. Cree veio atrás dele, abaixando-se sob a borda da tenda.

O velho estava sentado, composto e pequeno, numa das cadeiras de jardim de plástico branco sujas que estavam alinhadas ao longo dos lados da tenda. Ele cobrira o rosto com a ponta de seu *keffiyeh*, enrolando-o sob os olhos para proteger o nariz e a boca da poeira. Seus olhos eram castanhos e pesarosos e seu aperto de mão, flácido. Ele foi até o portão do jardim e gritou um nome que se perdeu no vento. Enquanto o homem estava de costas para ele, Omar Yussef removeu os sapatos e esvaziou a areia que continham do lado de fora da tenda. O velho arrumou seu longo e puído *jalabiya* branco e o ergueu um pouco nos quadris para poder sentar confortavelmente.

No centro da tenda, um pequeno quadrado de pedras abrigava uma pilha de carvão e madeira em brasa. A fumaça da madeira tornava acre o ar poeirento. Um bule de café de cobre, ornamentado e enegrecido, estava entre os carvões.

Ao longo do muro do jardim atrás do velho, cartazes anunciavam a morte heroica do tenente Fathi Salah. Uma fotografia do rosto sombriamente ameaçador do oficial estava justaposto com uma imagem da Cúpula da Rocha em Jerusalém. Fathi Salah era exaltado como um mártir num breve panegírico devoto no alto do cartaz. O canto de um dos cartazes se agitava com o vento, um frenético contraponto de tenor ao baixo retumbante do toldo.

Um adolescente emergiu do jardim e serviu café do bule enegrecido em minúsculos copos de plástico e os entregou a Omar Yussef e Cree. Omar Yussef saboreou a breve sensação amarga, limpando a poeira em sua boca. Ele se voltou para o velho e ofereceu seu voto de que Alá mostrasse misericórdia pelo falecido.

O velho assentiu e murmurou aceitação das condolências, removendo polidamente o keffiyeh do rosto.

— Estamos procurando o pai do tenente Fathi Salah — Omar Yussef disse.

— Eu sou o pai dele.

— Como é o seu nome, meu caro senhor?

— Zaki Salah. Abu Fathi.

Omar Yussef repetiu seu voto pela proteção do falecido e mais uma vez foi aceito.

— Irmão Abu Fathi, estamos aqui para descobrir a verdade sobre a morte de seu filho. Esperamos desse modo libertar nosso amigo que foi sequestrado pelas Brigadas de Saladino. Ele será libertado se Bassam Odwan for solto. Queremos ter certeza quanto às circunstâncias da morte de seu filho Fathi.

— São bem conhecidas — Zaki Salah sussurrou.

— Odwan nega ter matado Fathi.

— Isso é uma mentira. Já houve uma investigação.

— O que os investigadores descobriram?

— Exatamente o que está nos jornais. Fathi recebeu a ordem de prender o criminoso Odwan. Durante a prisão, Odwan deu um tiro em Fathi e fugiu. Logo depois, Odwan foi preso. Agora ele será condenado à pena de morte, como é apropriado para um assassinato a sangue-frio. — Os olhos de Zaki Salah estavam furiosos e úmidos.

Omar Yussef observou aqueles olhos. Ele não queria pressionar o homem de luto, mas havia a urgência do tempo.

— Odwan diz que ele foi se encontrar com Fathi porque Fathi queria vender algo para as Brigadas de Saladino.

— Como você sabe o que Odwan diz?

— Fomos visitá-lo.

— Na cadeia?

Omar Yussef assentiu. Zaki Salah balançou a cabeça. Os lábios do velho eram uma linha fina e amarga. Ele se levantou.

— Venha comigo.

Omar Yussef pôs seu copinho de café na cadeira a seu lado. Cree levantou-se.

— Só você, *ustaz* — Zaki Salah disse.

Cree sentou-se, com um ar de alívio.

Zaki Salah conduziu Omar Yussef através do jardim. O vento fazia os galhos das oliveiras baterem no muro. Quando entraram na casa, a poeira do ar foi vencida pelo aroma cálido, forte de *foule*. O cheiro da pasta avinagrada de fava o fez querer estar em sua própria casa, com aromas apetitosos chegando até ele enquanto Maryam preparava o almoço.

Salah seguiu pelo corredor, suas sandálias fazendo barulho no piso de cerâmica barato. Ele provavelmente não era mais velho do que Omar Yussef, mas movia-se ainda mais lentamente e era ligeiramente encurvado na cintura.

Na sala de estar, Zaki Salah parou na frente de três diplomas pendurados na parede em vistosas molduras douradas e prateadas. Ele ergueu um dedo escuro e enrugado e apontou para o primeiro deles.

— Este é o diploma que meu filho Fathi recebeu da Universidade al-Azhar. Ele estudou ciências políticas — Zaki Salah disse.

— Por que um homem com diploma universitário e um bom cargo nas forças de segurança iria fazer negócios escusos de noite com um criminoso como Odwan?

Omar Yussef aproximou-se da parede e ajustou a armação torta de seus óculos. Leu os outros dois diplomas. O primeiro era em ciências políticas concedido a alguém chamado Yasser Salah; o segundo, um diploma de direito obtido pelo mesmo homem. Ambos tinham o emblema da Universidade de al-Azhar, o domo e os minaretes de uma mesquita junto a um livro aberto.

— Quem é Yasser Salah? — ele perguntou.

— Meu outro filho. Ele também é um oficial.

— Em qual das forças de segurança?

— Yasser é da Segurança Preventiva — Zaki Salah pôs o dedo na moldura do último diploma na parede. — Depois que ele obteve o segundo diploma, foi promovido capitão.

— Parabéns. — Omar Yussef fez uma pausa. — Abu Fathi, as Brigadas de Saladino exigiram a libertação de Odwan.

— É contra todas as leis da justiça.

— Mas as Brigadas de Saladino são muito poderosas.

— Meu filho fazia parte das forças de segurança. Elas também são muito poderosas.

— Então acredita que o general Husseini vai executar Odwan, mesmo que isso o ponha em conflito com as Brigadas?

— Eu exijo a pena de morte. Se Husseini for fraco e o soltar, eu vou matar Odwan.

— O senhor?

— Minha família. Meu filho Yasser assumirá a responsabilidade. Como um agente de segurança, está apto. Odwan é um assassino. Se o governo é muito fraco para nos fazer justiça, então você conhece nossos costumes e leis como qualquer outro e compreende o que eu devo fazer. — A voz de Zaki Salah soava sem inflexão e sentimento, como se uma vingança fatal fosse um evento corriqueiro. — Quando Odwan matou Fathi, ele matou toda uma família. Fathi tinha uma filha com apenas três meses. Se Odwan for libertado, eu vou matá-lo, e se não puder matá-lo, meu filho vai matá-lo. Mesmo que tenhamos de esperar mais tempo, meu neto irá matar alguém da família de Odwan.

Omar Yussef fechou os olhos e respirou fundo. Ele odiava as velhas leis tribais. Tinham sido feitas para um lugar onde não havia governo e onde ninguém podia ser visto através da tempestade de areia a não ser o homem que vinha como uma ameaça. Zaki Salah podia ter dito essas palavras mil anos atrás, e ele poderia ainda acalantar um desejo de vingança por mil anos.

— O general Husseini tem de contrabalançar a justiça familiar tradicional com a possibilidade de que um estrangeiro esteja correndo risco — Omar Yussef disse.

— Quem se importa com o estrangeiro? O que o faz tão importante? Se Husseini libertar Odwan, ele não é um muçulmano. Minha vingança é o que o Islã requer.

O assassino deve ser assassinado. Não posso renunciar ao sangue de meu filho.

— Zaki Salah esfregou as mãos como se as estivesse lavando. Sua voz soou com raiva e na defensiva. — Você precisa explicar isso para os estrangeiros.

Omar Yussef imaginou Magnus Wallender morto e se perguntou quem iria vingar seu sangue derramado. Fechou os olhos e expulsou a imagem.

— Abu Fathi, alguma vez seu filho esteve envolvido com contrabando?

— Ele nunca esteve envolvido em crimes.

— Crimes incluem contrabando de armas? Ou considera isso como ação de resistência, em vez de crime?

Zaki Salah ficou irritado.

— Ele sempre estava muito ocupado lutando contra os contrabandistas. No trabalho, era o seu dever. Mas então vinha para casa e o contrabando estava em sua porta; então mesmo aqui era forçado a confrontar os criminosos. Estamos muito perto da fronteira egípcia.

— Estamos? Quanto?

— Se não fosse pela tempestade de areia, você a teria visto atrás dessa casa, quando chegou. São cem passos até a cerca da fronteira de onde estamos agora nos fundos da casa. — Zaki Salah foi até a janela e abriu a cortina. — Lá está ela, está vendo?



Omar Yussef espiou através da grossa poeira do lado de fora. Havia um jardim atrás da casa e uma garagem malconservada no fim dele. Além da garagem erguia-se uma cerca de 9 metros de metal escuro, ondulado como o zinco de um telhado barato. Era a fronteira egípcia.

— Esta região está repleta de túneis. Contrabandistas os cavam sob a cerca — Zaki Salah disse.

Um jovem saiu da garagem e trancou a porta com um cadeado. Ele avançou encurvado contra o vento no jardim. Omar Yussef ouviu-o entrar na casa, tossindo.

O aroma saboroso do *foule* chegou até a sala de estar e ficou em torno deles junto à janela.

— É melhor você voltar para a tenda do luto, para que as mulheres possam servir o almoço — Zaki Salah disse a Omar Yussef. — Ficarei honrado se ficar para almoçar conosco.

A têmpora machucada de Omar latejou em protesto à menção de comida.

— É uma grande honra — disse —, mas preciso continuar a investigar esse caso. Meu amigo pode não ter muito tempo, a menos que eu descubra a verdade.

Talvez seu filho possa me ajudar, como um membro das forças de segurança e com conhecimento da investigação.

— Direi a ele para ir sentar com você.

Omar Yussef saiu para a tenda. Cree estava sentado no mesmo lugar. Ele flexionou os ombros, girou o pescoço e sorriu para Yussef. O bule enegrecido de café estava nos tijolos que cercavam os carvões quentes. Cree sorriu se desculpando.

— Receio ter esvaziado todo esse pequeno bule — disse. — Deu um certo trabalho com esses copinhos minúsculos, mas era um caso de extrema necessidade.

— À sua dupla saúde — Omar Yussef disse.

O jovem que atravessara o jardim nos fundos da casa veio até a extremidade dos tapetes empoeirados no chão da área de luto. Ele olhou fixamente para Omar Yussef.

— Você é o Yasser? — Yussef perguntou.

O jovem assentiu.

— Alá será misericordioso com seu irmão. Por favor, sente comigo. Seu pai acredita que você pode nos ajudar.

O jovem hesitou. Sentou em frente a Omar Yussef e se acomodou para a frente, com os cotovelos nos joelhos. Olhou Yussef de cima a baixo com olhos castanhos duros, franzidos, raivosos. O ângulo de sua cabeça revelava um proeminente bico de viúva com uma ponta tão aguçada que parecia a lâmina de um machado. Ele franziu suas sobrancelhas espessas para baixo na direção do nariz, onde freiriam como o gatilho sensível de uma pistola pronta para disparar. Seu nariz era reto e pontiagudo, e seus dentes eram irregulares, quebrados e à vista sob seu bigode. Cada traço de sua face parecia uma arma, e Yasser Salah parecia pronto para usá-las.

— Yasser, o que é o Saladin I?

A face de Yasser Salah ficou ainda mais afiada. As armas estavam preparadas para agir. Ele se manteve em silêncio.

— Você sabe alguma coisa sobre o Saladin I? — Omar Yussef perguntou.

— O que é?

— Eu perguntei a você.

— Parece que você já sabe. Então por que me pergunta?

— É um protótipo de um novo modelo de mísseis a serem produzidos aqui na Faixa de Gaza. Seu irmão estava tentando vendê-lo para as Brigadas de Saladino quando foi morto.

Yasser Salah coçou a testa. Omar Yussef se perguntou se ele poderia cortar o dedo na ponta de seu bico de viúva.

— Ele estava prendendo Odwan — Yasser disse.

— Isso não é o que Odwan diz.

— Ele matou meu irmão como um covarde; agora está inventando desculpas covardes.

— Talvez ele esteja falando a verdade.

Yasser Salah balançou a cabeça. Omar Yussef sentiu o desprezo do jovem com tanta intensidade que era como se ele tivesse avançado e lhe dado um tapa no rosto.

— Você trabalha para as Nações Unidas? — Yasser fez um gesto na direção do Suburban, pintado com as grandes letras pretas identificando-o como da ONU.

Omar Yussef assentiu.

— O que você sabe sobre as Brigadas de Saladino? O que você sabe sobre a vida em Rafah? Este é o lugar esquecido da Palestina. Tudo aqui é pior do que em qualquer outro lugar. Mais mártires durante a intifada do que em qualquer outro lugar. Mais invasões pelos israelenses. Você não faz ideia de como é a vida aqui nem de como meu irmão trabalhava para o povo. — Yasser Salah prefaciava cada frase com uma expiração impaciente que soava como um homem esticando um músculo enrijecido.

— Quando você ficou sabendo sobre a morte de seu irmão?

— Imediatamente. Fui chamado para a cena do crime.

— Por quê?

— Estava de serviço naquela noite. Sou um oficial da Segurança Preventiva.

— Seu irmão estava sozinho quando tentou efetuar a prisão?

— Não, estava com um esquadrão de seus homens.

— É mesmo? — Omar Yussef pensou na cena erna que Bassam Odwan descrevera como a de seu encontro tarde da noite com Fathi Salah. — O que você viu na cena do crime?

— O corpo de meu irmão sob um lençol branco. Seus camaradas num cordão por perto. Marcas dos pneus de um carro que parecia ter partido com pressa.

— Onde foi isso?

— Nos arredores do campo de refugiados. Perto da fronteira.

— Por que Fathi foi a um lugar tão ermo para prender Odwan? Por que não o prendeu em casa, como seus camaradas fizeram um par de horas depois?

— Não conheço os detalhes da operação. Talvez ele tenha combinado um encontro com ele, mas na verdade pretendia prendê-lo.

— Ele o atraiu a um encontro para poder prendê-lo?

— Pode ser. — Yasser Salah limpou a garganta com um pigarro úmido, foi até a borda da tenda e cuspiu na areia. Pegou o bule de café e estalou a língua ao descobrir que estava vazio. Acendeu um cigarro.

— Como oficial das forças de segurança, ouviu falar de uma nova arma sendo contrabandeada para Rafah? — Omar Yussef perguntou.

— Os israelenses têm todas as armas. Nós não temos nada. Os israelenses têm dispositivos sônicos que fazem as mulheres palestinas abortarem. Quando abandonaram seus assentamentos aqui perto, encheram-nos de radiação para deixar todo mundo em Rafah doente. Eles têm tanques que disparam raios sônicos que fazem seus intestinos se liquefazerem.

— Nós temos os mísseis Qassam.

— Não são nada. Precisam acertar na sua cabeça para matá-lo, mais ou menos.

— Então precisam ser melhorados?

— Sim, mas é algo difícil de fazer.

— Por quê?

Yasser Salah manteve os olhos fixos em Omar Yussef e nada disse.

— Difícil, porque seria necessário trazer um novo protótipo para faixa de Gaza, sob as vistas dos israelenses — Omar Yussef disse. — Não é isso?

— Há montes de túneis sob a fronteira egípcia, mas a maioria deles é muito pequena para trazer um míssil — Yasser disse.

— É por isso que seria difícil.

— Mas qualquer um que estivesse de posse de um novo míssil poderia pedir um alto preço para um grupo como as Brigadas de Saladino, que poderiam usá-lo para fabricar mísseis melhorados, certo?

Os olhos de Salah estavam franzidos, mas ele os relaxou e ergueu as sobrancelhas dando de ombros.

— As Brigadas de Saladino querem que Odwan seja libertado — Omar Yussef disse. — Sequestraram um de nossos funcionários estrangeiros como refém.

— São criminosos.

— Se Odwan é inocente, nosso amigo poderia ser libertado.

Yasser ergueu o queixo com uma expressão de desdém.

— Se Odwan for libertado, eu o matarei, de qualquer modo.

— Você não se preocupa de enfurecer as Brigadas de Saladino por matá-lo?

— Não tenho medo de morrer. Vingar meu irmão é o meu dever. Essa é a justiça tribal e é no que eu acredito.

Omar Yussef observou Yasser Salah atentamente. Já tinha visto essa certeza nos olhos de seus alunos com o passar dos anos, violenta e absoluta. Ele tinha as suas próprias convicções — e com determinação similar, mas esperava que não tivesse chegado a elas através da fé cega na tradição ou em detrimento de outros.

Cree pigarreou.

— Abu Ramiz, temos de ir para o posto de controle da fronteira buscar os negociadores de sequestro. Eles vão chegar às 16h30.

Omar Yussef assentiu e se levantou.

— Advirto-o a não confiar nas Brigadas de Saladino — Yasser Salah disse. — Eles são assassinos e criminosos. — Ele pegou o bule de café mais uma vez, lembrou que estava vazio e o jogou com raiva junto ao fogo.

Omar Yussef voltou para o Suburban, seus sapatos se enchendo de areia mais uma vez.

Cree ligou o motor.

— São quase 15 horas. Eu podia deixá-lo na Cidade de Gaza e ir pegar os negociadores. E então os levo para o hotel em seguida, para que você possa dar um informe a eles. Você pode esperar por mim lá e descansar sua cabeça dolorida.

Yussef assentiu. O Suburban avançou laboriosamente na areia funda passando ao lado da casa de Salah. Ele olhou para a precária garagem de blocos de cimento nos fundos do jardim murado. Era larga e funda o suficiente para quatro carros, dois por vez. Deveria haver marcas de pneus na areia indo da garagem para a rua que seguia paralela à fronteira, mas não havia nenhuma. Talvez a tempestade de areia as tenha coberto, Omar Yussef pensou. Mas mesmo numa tempestade como essa, levaria dias. Talvez não seja usada para carros.

A estrada Saladino os levou de volta à Cidade de Gaza. Aboletado no banco de passageiro, Omar Yussef contemplava os eventos das últimas 24 horas. Só saía de seu devaneio quando Cree desviava bruscamente para evitar um pedestre que negligentemente se deixava derivar para a estrada. Cree xingava, e Omar Yussef sorria, dava um tapinha no longo antebraço do escocês e voltava a seus pensamentos.

Saladino avançou por essa estrada para libertar a Palestina dos cruzados. Nenhum libertador passava por ela agora. Apenas milicianos brutais, policiais corruptos e funcionários do governo que só se importavam com seu status como VIPs. Nenhum libertador, a menos que se considerasse Omar Yussef e James Cree.

Uma carroça com melancias puxada por um burro saiu de uma estrada de terra e Cree desviou mais uma vez.

— Pelo amor de Deus — disse, esfregando a testa.

Omar Yussef viajava pela mesma estrada do grande guerreiro Saladino. Ele iria libertar Magnus Wallender e Eyad Masharawi. Ele fechou os olhos e tentou visualizar o momento em que iria apertar as mãos deles para celebrar a libertação.

Ele sentiu um pânico súbito. As mãos dos homens estavam mutiladas pela Manicure de Hussein e o sangue deles se derramava nele. Forçou-se a abrir os olhos. Ambos podiam estar sendo torturados naquele preciso momento, e ele estava sentado num carro, impotente. Omar gemeu.

— Tudo bem com você? — Cree perguntou.

Omar Yussef não se dera conta de que seu gemido fora audível.

— É só a minha cabeça.

— Ainda sentindo o choque, não?

— Sinto-me como se tivesse levado um coice de um burro.

— Omar Yussef pensou sobre o cemitério britânico e a maneira como Cree lhe falara lá sobre o passado dele. — James, sua conexão com todas essas coisas acontecendo em Gaza é o seu bisavô — ele disse. — Eu, também, tenho uma razão para levar isso mais pessoalmente do que você pode achar.

Cree manteve os olhos na estrada, mas ergueu o queixo.

— É?

— Como Eyad Masharawi, uma vez eu fui preso por razões políticas.

Cree sorriu.

— Seu menino malvado. Quando foi isso?

— Foi quando eu era muito jovem, na década de 1960.

— Os israelenses?

— Não, os jordanianos. — Fazia anos que não falava sobre aquela época e Omar Yussef ficou surpreso que isso lhe trouxesse uma sensação de alívio. — Eu costumava estar envolvido na política em Belém, era bastante radical, na verdade. Alguns dos meus oponentes armaram uma incriminação contra mim.

— Incriminação de quê?

Omar Yussef hesitou.

— Assassinato.

— Que inferno.

— Pouquíssimas pessoas que ainda estão vivas sabem disso. Eu nunca contei a ninguém, exceto a minha mulher. E agora, você. Depois que aconteceu, eu fui para a Universidade de Damasco e tive um papel de liderança na política estudantil. Mas quando voltei a Belém, confesso que estava com medo. Então eu me acomodei. Dava aulas em minha escola e vivia discretamente. A prisão foi tão terrível... eu sabia que não poderia deixar que eles me mandassem para lá de novo.

— Omar Yussef baixou a voz. Parecia estar falando para si mesmo. — Só que recentemente, todavia, minha raiva com o jeito como nosso povo é governado começou a pesar mais do que meu medo.

É por isso que não vou descansar enquanto Masharawi e Magnus não forem libertados.

— Eu sei que você não vai. — Cree pôs sua mão grande no ombro de Omar Yussef e sorriu.

O escocês deixou Yussef no Sand's Hotel e partiu para o norte, para a passagem na fronteira com Israel. Eram quase 16 horas. Antes que a equipe da ONU chegasse, Omar Yussef teria tempo para tomar um chá e limpar-se da sujeira que se acumulara nele na tenda de luto da família Salah.

Omar fechou a porta fumê do hotel atrás dele. Esfregou os olhos e tossiu. A tosse se apossou dele, que se curvou.

Da recepção, a bela funcionária fez um sinal para ele.

— *Ustaz*, venha até aqui e beba um pouco de água — ela disse.

Ele esvaziou o copo.

— Obrigado, Meisoun.

— Estava roubando um camelo para trazer para meu pai?

Omar Yussef achou que era simpático da parte dela flertar com ele quando estava coberto de poeira, com todo um lado de sua cabeça machucado, e roxo de tanto tossir.

— Meu plano é libertar Gaza inteira, como o Emir Saladino, e farei de você a minha Emira para sentar ao meu lado em todos os grandes banquetes — ele disse.

Ela fingiu fazer bico.

— Se fosse um emir, não iria querer saber de uma mulher pequena como eu. Poderia pagar o dote de uma mulher com quadris grandes que lhe daria muitos filhos.

— Talvez eu tenha as quatro esposas tradicionais: três com quadris grandes, e você para ser a minha favorita. — Omar Yussef riu do seu jeito gutural. Tossiu de novo e, ao fazê-lo, deu uns tapas no peito. Sentiu os papéis no bolso da camisa e tirou dele o papelzinho onde anotara o endereço do website que Nadia fizera para ele. — Meisoun, seria possível digitar essas letras em seu computador, por favor?

— Claro, *ustaz*. — Meisoun virou o monitor para um ângulo reto com o balcão, para Omar Yussef poder vê-lo. Ela digitou www.pa4d.ps. A tela ficou momentaneamente branca e então azul-escura. Elementos de design foram aparecendo um a um na tela até Omar Yussef estar olhando para o seu website.

Ao longo do alto da tela, em letras amarelas, estava o nome: Agência Palestina para Detecção.¹ Embaixo dele, uma citação: “Onde quer que haja injustiça e aborrecimento, sou o seu homem”

— Agente O. Do lado esquerdo da tela, emoldurada por uma borda suave, oval, estava a fotografia da face de um homem: por volta da metade dos 50 anos, ficando careca e com cabelos brancos, com um bigode branco e óculos de armação dourada e um sorriso radiante para a câmera porque era para a sua neta favorita.

— Ora, se não é o próprio, *ustaz*? — Meisoun perguntou.

— Parece que é.

No centro da tela, havia um texto em amarelo sobre um fundo vermelho: Sou o Agente O, o paladino secreto da justiça na Palestina em nome da Agência Palestina para a Detecção. Sou bem-vestido e sóbrio e compreendo agudamente os quase impenetráveis meandros da mente palestina. Solucionei o caso do Colaboracionista de Belém, mesmo a solução não tendo sido percebida por nossas forças de segurança. De minha base clandestina no campo de Dehaisha, eu enfrento todas as perversidades com bom humor e um alto grau de decência e honra. Se você precisa de ajuda contra as forças das trevas, contate-me: agente@pa4d.ps.

— É muito famoso, então? — Meisoun disse.

— Notório, quem sabe — ele disse. — Meisoun, por favor não mostre a ninguém este computador, quero dizer, a coisa que está nele agora, sabe, seja lá como for que se chame.

— Sem dúvida, Agente O. Seu segredo estará seguro comigo.

Omar Yussef forçou um sorriso e foi até o salão do café da manhã, que estava tranquilo. Pediu chá e sentou junto à janela. As ondas quebravam com força na praia com o vento poeirento.

Ele imaginou Nadia escrevendo o texto para o site e sorriu. Ela o via como um herói, até um libertador, como Saladino. Ele queria partir de Gaza e ir vê-la agora.

Iria contar a ela histórias de detetive. Seria mais agradável do que ser um detetive de verdade — e menos arriscado.

Ele estava tomando seu chá com um sorriso quando Khamis Zeydan se precipitou no salão de café da manhã. Sua face estava tensa e sombria. Ele se inclinou sobre a mesa de Omar Yussef e aproximou-se para sussurrar no ouvido de seu amigo.

— Seu amigo Cree foi atacado. Uma bomba na estrada, uma enorme, perto do posto de controle israelense.

Omar Yussef derramou seu chá na toalha branca.

— Ele está bem?

— Eu não sei. Sami recebeu a ligação há poucos momentos de um de seus amigos na segurança.

Yussef se levantou.

— Preciso ir até James.



Sami guiou rápido ao longo da rua Omar al-Mukhtar num jipe Cherokee preto e reluzente. Khamis Zeydan ia na frente e Omar Yussef estava sentado atrás com as palmas das mãos abertas apoiadas no banco dos dois lados, firmando-se contra as guinadas na trajetória do veículo. Sua mente estava a toda. Podia sentir seu coração acelerando-se mais do que as rodas do jipe. O ferimento em sua têmpora enviava uma dor de eletrocutar para seus olhos e para a parte de trás de seu cérebro. Talvez não tenha sido uma bomba, mas só um acidente de carro, ele pensou. James estava muito cansado e zozzo, não estava realmente em condições de dirigir. Ele pode ter simplesmente saído da estrada. O jipe entrou na estrada Saladino, ultrapassando caminhões de cimento e carroças, tocando longamente a buzina toda vez que uma criança saía da calçada para atravessar.

Além dos armazéns e prédios de apartamento sem acabamento dos refugiados na extremidade norte da Cidade de Gaza, passaram por planícies escabrosas de oliveiras cobertas de poeira. Omar Yussef se perguntou se não teria havido um engano. Estavam quase no posto de controle. Talvez Cree tivesse chegado lá afinal.

Uma multidão bloqueava a estrada adiante. Sami diminuiu a velocidade. Mesmo com as janelas fechadas por causa da poeira, Omar Yussef ouviu os clamores de vozes com raiva se acumulando. Tiros soaram ocos e destacados, e a multidão recuou. Sami estacionou. Khamis Zeydan abriu o porta-luvas e pegou uma pistola. Ele saiu do carro e enfiou a arma no cinto. Omar Yussef foi atrás dele.

A grossa poeira arranhava seus olhos. Havia um cheiro forte de combustível queimando no ar. Ele espiou com olhos semicerrados a multidão de jovens, avançando e recuando a cada rajada de tiros. Um martelar recortado pontuava as investidas deles, o som de pedras contra metal. Além dos jovens, um grupo de homens da Inteligência Militar ia e voltava, empurrando alguns dos meninos e disparando para o alto. Além de suas boinas vermelhas, Omar Yussef podia ver as labaredas.

Ele seguiu Khamis Zeydan até um oficial que estava a alguma distância da multidão com um walkie-talkie.

— O que aconteceu aqui? — o chefe da polícia perguntou.

— Quem é você?

— Brigadeiro Khamis Zeydan da Polícia Nacional e também do Conselho Revolucionário.

— Saudações, senhor. Foi uma bomba na margem da estrada. O veículo da ONU foi jogado pela explosão daquele lado da estrada, onde dá para ver a cratera grande, para o outro lado. Dá para ver ali, atrás da multidão de jovens, onde estão as chamas.

O oficial continuou a falar, mas Omar Yussef não o escutou. Saiu andando na direção dos destroços. Sentiu a mão companheira de Khamis Zeydan em seu ombro, mas se desvencilhou dela. Ele sentiu algo obscurecendo sua mente, algo que sabia que era ódio.

Ele investiu em meio aos jovens. Eles o empurraram, e ele teve de se esforçar para manter o equilíbrio, agarrando os braços deles para não cair. Viu que eles sorriam, exultando diante dos destroços em chamas.

O Suburban da ONU estava de cabeça para baixo. Fumaça preta e chamas saíam do motor, e a cabine de passageiros estava quase totalmente achatada. James está lá dentro, ele pensou. Tenho de tirá-lo dali. Omar Yussef forçou a passagem para a frente do grupo de jovens. Um menino de uns 14 anos preparava-se para jogar uma pedra no carro. Omar Yussef agarrou o braço do menino, arrancou a pedra da mão dele e a jogou no chão. Ele fez o menino virar em sua direção e o olhou de perto.

— Você devia ter vergonha — grunhiu.

A expressão do menino era de êxtase, mas seu frenesi desapareceu quando Omar Yussef olhou para ele. Seu queixo caiu e ele tentou se soltar.

— Você devia ter vergonha do que faz, seu filho de uma prostituta — Yussef disse, apertando o pulso do menino, sentindo seus músculos tremerem braço acima com o esforço de segurar o garoto e com a adrenalina em seu sangue.

O menino desvencilhou-se de Omar Yussef e se refugiou na multidão. Os homens da Inteligência Militar dispararam mais tiros para o alto e os jovens

recuaram. Isso deu a Omar um breve intervalo nas pedras, e ele precipitou-se na direção do carro da ONU. Um dos policiais gritou para ele, mas Omar não ouviu as palavras sob o terrível troar do fogo. Ergueu a mão na frente dos olhos para protegê-los do calor das chamas. O vento mudou de direção e fez a fumaça do combustível envolvê-lo.

Ele ficou de joelhos e olhou por baixo da nuvem negra para o banco do motorista. Não conseguiu ver James.

Rastejou até o carro, agora a apenas alguns metros. A fumaça negra cercou-o de novo. Havia suor em seus olhos e sua garganta ardia. Ele percebeu uma súbita calmaria ao seu redor e sentiu seus olhos se franzindo até se tornarem incisões no ébano e cada linha em sua face ser preenchida pela sombra do ódio.

Ele se levantou e deu um passo na direção do carro. Sentiu algo segurá-lo e puxá-lo para trás. Ele resistiu. Um braço apareceu em torno de seu peito, mas ele pôs todo o seu peso contra ele. Pedras voavam no ar mais uma vez. Uma delas acertou seu ombro e quebrou o silêncio dentro de sua cabeça. Ele ouvia o ruído das chamas do carro incendiado agora, o júbilo dos jovens atrás da fumaça e a voz de Khamis Zeydan.

— James não está aqui. Pela graça de Alá, ele está no hospital. Venha, vamos sair daqui.

Omar Yussef não se moveu.

— Dê-me a sua pistola. — Puxou Khamis Zeydan para perto, pela lapela do paletó. — Vou matá-los. Vou matar todos.

Os olhos de Khamis Zeydan demonstraram firmeza ao reconhecer o ódio que se apossara de Omar Yussef. Ele arrastou seu amigo à força, mas com ternura e compreensão, para longe dos destroços. As pedras caíam em volta deles, que deixaram para trás o carro da ONU e a multidão de jovens.

— Não há mais ambulância aqui, está vendo? — Khamis Zeydan disse. — Já veio e o levou para Shifa, para o hospital. Vou levá-lo até lá para encontrar James.

Omar Yussef claudicou até o jipe, apoiado no ombro de Khamis Zeydan, ofegante e com ânsia de vômito. Sami o observou, confuso. Ele entrou no carro. Pensou em James Cree, agachado defronte da sepultura de seu bisavô no Cemitério Militar Britânico, e odiou a história cruel de Gaza. Sentia o cheiro da fumaça do carro destruído da ONU em suas roupas e na pele. Ele viu seu rosto no retrovisor. As sombras iam fundo.

¹ Palestine Agency for Detection, em inglês. (N. do T.)

O vento quente do começo da noite fazia um estrépito nas folhas das palmeiras no largo quadrilátero do hospital Shifa quando Omar Yussef desceu do jipe. Khamis Zeydan precipitou-se pela entrada central, onde as lâmpadas fluorescentes estavam acesas mais cedo contra o pesado crepúsculo da tempestade de areia. Omar Yussef entrou pela porta e inspirou profundamente, enchendo os pulmões de ar. Não tinha poeira ou fumaça de combustível, mas ainda era insatisfatório; continha um substrato de odores corporais e entranhas corruptas encoberto por produtos de limpeza antissépticos. Ele esfregou os olhos, removeu a sujeira que ficara das lágrimas e limpou as lentes dos óculos com seu lenço.

Khamis Zeydan voltou da recepção, acendendo um cigarro.

— Ele está na Unidade de Terapia Intensiva? — Omar Yussef perguntou. Ele pôs de volta seus óculos tortos e viu o pesar na expressão de Khamis Zeydan.

— Ele está no necrotério — seu amigo disse.

Os joelhos de Omar Yussef tremeram. Ele tropeçou até se apoiar na parede. Seu ombro recebeu seu peso no local sensível onde a pedra o acertara quando estava tentando chegar ao veículo em chamas de Cree, e ele deu um grito abafado de dor. Sentiu-se débil e ficando cada vez mais fraco.

— A enfermeira perguntou se você poderia identificar o corpo.

Ele buscou a firmeza e a força que sentira perto dos destroços do carro da ONU.

— Vamos para o necrotério — disse.

Khamis Zeydan levou-o no ar poeirento para o outro lado do gramado do quadrilátero, queimado amarelo pelo sol. O necrotério ficava no ângulo sudeste da praça, um prédio térreo de arenito com uma escada de alguns degraus na entrada. Uma enfermeira levou-os ao escritório do patologista.

— Abu Fawzi virá falar com vocês logo.

O escritório era grande, atulhado de arquivos e pintado do mesmo verde-água dos aventais cirúrgicos. Omar Yussef leu as etiquetas nos fichários pretos grandes na estante: Ferimento com arma de fogo, Explosivo, Ferimento na cabeça, Estrangulação/Enforcamento, Abuso Sexual, Envenenamento. Todos os fichários estavam cheios de casos. Ele tocou o etiquetado Explosivo com o indicador e apoiou a mão nele, pensando em James Cree, cujo caso logo seria arquivado ali dentro.

Ele se lembrou de quando confessou para Cree sobre ter sido preso quando jovem e da maneira como o escocês sorria e pusera a mão em seu ombro. Parecia

quase como se a simples menção da palavra assassinato tivesse sido o bastante para provocar um. Quando vem da minha boca, ao menos, ele pensou.

— Aqueles garotos — ele disse. — É inumano da parte deles apedrejar os destroços do carro.

Khamis Zeydan sentou numa cadeira raquítica em frente à escrivaninha do médico-legista. Apagou seu cigarro num cinzeiro equilibrado numa pilha de envelopes de papel pardo, aferiu a estabilidade da cadeira pelo seu estalar ao se recostar nela e acendeu outro Rothman's.

— Tudo que representa autoridade é um objeto de ódio para eles — disse. — Eles não pensam no pobre coitado dentro do carro. Para eles, é um ataque a tudo que mantém a vida deles uma merda.

Omar Yussef tocou o bigode com os dedos sujos. Cheiravam a fumaça do carro de Cree. Quando você é uma vítima, não há espaço na sua vida para o sofrimento de outras pessoas, ele pensou.

Ele se lembrou da expressão chocada do menino perto do carro incendiado, quando ele o agarrara e tirara dele a pedra que ia jogar. Gostaria de ter esbofeteado aquele rosto. É para as pessoas que fizeram isso com James que eu preciso reservar minha raiva, não para aquele garoto idiota, disse a si mesmo. É para as pessoas que ainda mantêm Magnus em cativeiro. Ele sentiu remorso pelo que dissera para Khamis Zeydan, de querer matar todos eles.

Um homem com um avental verde entrou pela segunda porta do escritório, onde estava escrito Consultório. Por trás dele, Omar Yussef viu a luz refletindo em congeladores de aço inoxidável. Ele fechou a porta e os cumprimentou.

— Sou o doutor Maher Najjar, o patologista do hospital. De fato, o único patologista da Faixa de Gaza.

— Deve ser um homem muito ocupado — Khamis Zeydan disse.

— Tenho seis estagiários. É uma profissão em expansão — o patologista disse.

Najjar era grande e corpulento sob o avental. Um gorro cirúrgico estava puxado para trás na cabeça careca, e sua máscara estava abaixada para o meio de sua barba grisalha. Omar Yussef procurou sinais em sua face que o marcassem como o homem que via todos os cadáveres da Faixa de Gaza, os abria e os investigava, dava a cada morte o nome do que a causara.

— Você é um colega do cavalheiro falecido das Nações Unidas? — o médico perguntou a Khamis Zeydan.

— Não, estou acompanhando meu amigo Abu Ramiz. Ele estava trabalhando com o homem da ONU.

Najjar voltou-se para Omar Yussef, gravemente.

— Alá terá misericórdia com ele, o que se foi. — Apertou a mão de Omar Yussef e pôs a palma da mão sobre seu coração. — Gostaria de um chá para acalmar seus nervos antes de identificarmos o corpo?

Omar Yussef balançou a cabeça. Najjar pegou-o pelo braço e levou-o para a luz brilhante do outro lado da porta com Consultório escrito. Em todas as paredes havia freezers de aço inoxidável. Um círculo vermelho sobre fundo branco afixado no primeiro deles indicava que tinham sido doados pelo governo japonês. Najjar conduziu Omar Yussef até as quatro mesas mortuárias no centro da sala. A primeira mesa estava vazia. Havia um furo no centro dela para escoar o sangue para um ralo no piso de cerâmica. As outras três estavam ocupadas, cada uma com um corpo coberto por um lençol creme de plástico. O corpo mais perto de Omar Yussef era muito alto. Ele poderia ter dito a Najjar que aquele era Cree sem erguer o lençol e ficou aliviado que o escocês estivesse intacto o suficiente após a explosão para que ele ainda o pudesse reconhecer pela altura.

— Sinto muito quanto ao número de corpos. São casos incomuns. Preciso pensar seriamente sobre eles. — Najjar parecia escolher suas palavras cuidadosamente.

— Em geral os corpos que chegam aqui não são tão complicados: ou são acidentes domésticos, ou acidentes de carros, ou algum membro da resistência morto pelos israelenses. Esses dois aí atrás requerem maior ponderação. — Ele pôs as mãos nos ombros de Omar Yussef e o guiou para o lado da mesa onde estava o corpo comprido.

Omar Yussef assentiu. Najjar ergueu a ponta do lençol.



A face de Cree estava vermelha e negra, como se tivesse sido esfolada. Na nuca, o cabelo estava escarlate com o sangue, e o resto fora queimado. Os lábios tinham desaparecido e os dentes estavam expostos e horríveis. Traços de seu bigode apareciam no que restava do nariz. O rosto redondo tinha encolhido ao queimar. Ele tinha a aparência de uma múmia de um museu egípcio levemente úmida. Omar Yussef assentiu, e Najjar cobriu o corpo de novo com o plástico.

— Há alguma burocracia, mas primeiro vou trazer o chá, afinal. — O médico deixou Omar Yussef com Khamis Zeydan.

Omar Yussef olhou para o corpo de Cree, agora coberto. Ele se perguntou se iriam enterrá-lo com seu bisavô no Cemitério Militar Britânico. Provavelmente a ONU iria despachar o cadáver para casa. Ele imaginou a terra fria em que ele

jazeria em Edimburgo. Percebeu que Khamis Zeydan estava amparando seu membro protético na palma da mão boa. O policial apertava firme a luva preta de couro que usava para disfarçar a mão falsa.

— Você já tinha visto um corpo com essa aparência? — Omar Yussef perguntou, fazendo um gesto na direção da mesa onde Cree estava.

— Lamento dizer que sim — Khamis Zeydan respondeu.

— É a minha triste sina que, se você erguesse o lençol nas duas outras mesas, eu provavelmente também já teria visto homens mortos com a mesma aparência daqueles.

Omar Yussef se perguntou que horrores seu amigo vivenciara em suas décadas percorrendo o Oriente Médio e a Europa para a OLP. Imaginou a precária enfermaria de campo onde Khamis Zeydan fora atendido quando da perda de sua mão por uma granada no Líbano.

A enfermeira trouxe dois copos de plástico com chá. Omar Yussef aspirou o calor do vapor saindo da água. O mostrador de temperatura na geladeira japonesa mostrava três graus Celsius. Essa deve ser a temperatura em que eles guardam os cadáveres, ele pensou, com uma súbita necessidade de se sentir o mais quente que podia. Tomou um gole do chá e sentiu-o esquentar a garganta.

Ao encostar-se na mesa de dissecação vazia, imaginou que ela logo poderia estar suportando o seu peso morto. Ele se perguntou se Najjar iria descrever sua morte como de rotina, ou se o dele seria um caso complicado que iria requerer um monte de ponderação da parte do patologista.

Najjar entrou com uma prancheta. Ele perguntou detalhes sobre Cree, ao menos os que Omar Yussef sabia, e lhe deu a prancheta para assinar.

— Você poderia pedir para o escritório das Nações Unidas entrar em contato com a minha enfermeira? Ela pegará com eles os detalhes completos e o parente mais próximo — o médico disse.

Omar Yussef assentiu.

— Ele sofreu?

— Abu Ramiz, a resposta que a compaixão indica a essa questão é sempre “não”, mas neste caso posso dizer com honestidade que a resposta é “não”. Ele morreu instantaneamente.

Foram as ondas de choque da explosão que o mataram, não as chamas.

Omar Yussef sentiu sua raiva se acumulando no peito. Ele não estava com raiva do médico, mas alguém tinha de recebê-la.

— E quanto a este? — Omar Yussef perguntou, apontando para o corpo seguinte. — Ou aquele último ali? Eles sofreram?

— Ele deixou seu copo entornar um pouco, e o chá queimou seu dedo.

— Eu disse que minha resposta era sempre “não”. Mas isso é só uma questão de sensibilidade em relação ao parente ou amigo que identifica o corpo — Najjar disse, calmamente, observando Omar Yussef e considerando a emoção do professor. — Estou liberado para responder a verdade quanto aos outros dois. Este aqui no meio, bem, não posso afirmar com certeza, mas suspeito que ele morreu uma longa e lenta morte por infecção. Quanto ao terceiro posso afirmar com certeza: ele sofreu horivelmente.

Omar Yussef olhou para os dois corpos. Lembrou-se dos fichários pretos na estante do patologista. Tantas maneiras de morrer. Tanto sofrimento, tanto para temer.

Tantas pessoas prontas para tirarem a vida de outras.

— Peço desculpas por estar falando com raiva, doutor — ele disse. — É que cheguei a Gaza há apenas três dias, e desde então um dos meus colegas foi sequestrado, outro está na prisão submetido à tortura, e agora este foi morto. É demais para um velho professor de história.

Najjar pegou a prancheta e, ao conferir brevemente os detalhes, aproveitou a oportunidade para desviar a conversa do corpo de Cree.

— Um sequestro? De quem?

— Um sueco chamado Wallender. Ele foi sequestrado pelas Brigadas de Saladino na noite passada. Estão exigindo que um de seus homens seja solto da prisão em troca da liberdade.

— Essas coisas acontecem frequentemente em Gaza, Abu Ramiz. O governo sempre acaba cedendo. Não se preocupe. Eles vão libertar o homem das Brigadas de Saladino e seu amigo será solto. — O médico assinou o formulário na prancheta. — Não vai ser um processo agradável para você ou para ele, mas pode ficar tranquilo quanto ao desenlace.

— Não tenho tanta certeza disso. O homem das Brigadas de Saladino matou um oficial da Inteligência Militar. O general Hussein parece determinado a condená-lo à pena de morte.

Najjar ficou completamente imóvel.

— Doutor? — Omar Yussef franziu o cenho.

— Ele matou um oficial da Inteligência Militar?

— Sim, aquele que foi enterrado dois dias atrás. Tenente Fathi Salah.

Najjar lançou um olhar às mesas na sua frente. Seus olhos foram e voltaram entre o cadáver de Cree e o na mesa mais distante.

— Bassam Odwan — ele disse.

Omar Yussef e Khamis Zeydan subitamente se retesaram.

O médico foi até a porta e a fechou.

— Você sabe como Bassam Odwan é?

— Eu o visitei na cadeia esta manhã — Omar Yussef disse.

— É ele? — Najjar puxou parcialmente o lençol da última mesa.

Os largos ombros de Bassam Odwan estavam nus. Seu rosto estava pálido e seus lábios grossos se projetavam púrpura da barba negra. O cabelo estava raspado acima das orelhas e a pele ali estava amarela, azul e chamuscada.

Omar Yussef virou-se para Khamis Zeydan.

— É Odwan.

Najjar cobriu o rosto de Odwan, mas Omar Yussef puxou o lençol, revelando o corpo inteiro do homem. Ele recuou, com o lençol ainda na mão.

O torso forte, musculoso de Odwan estava tão machucado que ele parecia estar usando uma camiseta camuflada. Os genitais estavam parcialmente raspados e cortados.

As pontas dos dedos tinham sido decepadas e havia feridas sangrentas onde as unhas deviam estar. A Manicure de Hussein. Um fedor de carne queimada e fezes emanava do corpo.

Khamis Zeydan pegou o lençol na mão de Omar Yussef e cobriu o cadáver. Ele deu um olhar de relance para Omar Yussef e sua expressão estava desolada e raivosa.

— Suponho que não haverá burocracia a cumprir neste caso, doutor — ele disse.

Najjar assentiu.

— Não vai nem mesmo haver uma autópsia oficial — disse.

— Os guardas da prisão o trouxeram para cá não muito antes de seu amigo das Nações Unidas chegar. O médico da prisão disse que ele morreu de um súbito ataque do coração. Eu nem mesmo tinha certeza de que era Odwan, porque eles trouxeram corpos com nomes falsos antes, quando aconteceu uma morte na prisão.

— Eles trazem muitas pessoas mortas da prisão? — Omar Yussef perguntou.

— Parece que acontece um monte de ataques do coração na prisão — o médico disse, num tom conspiratório e baixo.

Omar Yussef sentiu uma pontada de tensão pulsando em seu próprio coração. Com Odwan morto, as Brigadas de Saladino vão matar Magnus em vingança, ele pensou. Agora eu tenho ainda menos tempo do que achava.

— O que foi feito com este homem, doutor?

Najjar olhou seriamente para Omar Yussef, antes de falar.

— Ele foi submetido a choques elétricos nas têmporas e nos genitais. Foi espancado. Você pode ver o que aconteceu com as mãos, é claro. Não posso dizer se essas coisas o mataram, mas duvido. Vou ter de examinar o cérebro dele, por exemplo, para ver se houve hemorragia quando ele foi surrado. O interior de sua

boca e o esôfago superior estão gravemente cortados, o que é algo que ainda não entendi bem. É como se ele tivesse engolido lâminas de barbear.

Najjar ergueu as pálpebras de Odwan. Omar Yussef deixou escapar uma exclamação quando o globo ocular escuro, ausente, olhou para ele.

— Está vendo aqui, há vasos sanguíneos rompidos, vasos mínimos nesta membrana onde a pálpebra se junta ao globo ocular — o médico disse. — Isso é um sinal de asfixia.

— Ele se engasgou até morrer? — Khamis Zeydan perguntou.

Omar Yussef lembrou o tremor de medo de Odwan quando ele confessara que se entregara aos homens de Hussein por medo de sufocar no túnel sob a fronteira egípcia.

— Não com um pedaço de kebab. Lembre-se das lacerações na boca — o médico disse. — Terei de fazer uma autópsia para saber ao certo. Até eu ter verificado se há alguma obstrução mais embaixo na traqueia, é realmente difícil dizer com certeza que alguém morreu engasgado.

— Quando terá os resultados da autópsia? — Omar Yussef perguntou.

— Devo lembrá-lo que recebi a ordem de não realizar a autópsia. O veredicto do médico da prisão é suficiente para as autoridades.

— Um ataque do coração?

— É algo para dizer aos parentes. O corpo deve ser enterrado hoje, claro, mas recebi ordem para mantê-lo aqui até as autoridades se decidirem a informar a família que ele morreu. De um ataque do coração.

— Ninguém vai acreditar — Omar Yussef disse.

— Não pedem a ninguém que acredite. Pedem apenas que fiquem quietos. Tão quietos quanto o corpo de Odwan, aqui.

— Quietos? — Omar Yussef disse. — Quando olho para este corpo, sinto como se pudesse ouvi-lo gritando.

— O pobre infeliz, que Alá tenha misericórdia dele — Khamis Zeydan disse.

Omar Yussef pôs o dedo na ponta da segunda mesa e se voltou para Khamis Zeydan.

— Todo mundo que eu conheço em Gaza acaba torturado ou morto. Se eu não o estivesse vendo aqui de pé na minha frente, iria supor que você estava sob o lençol nesta mesa.

— Felizmente nos conhecemos bem antes de você vir a Gaza. Caso contrário, eu estaria correndo extremo perigo — Khamis Zeydan disse.

Najjar cofiou a barba.

— Como um professor de história, Abu Ramiz, você se interessará por este corpo. Não é realmente um corpo, apenas ossos.

— Ele tirou o lençol. Na mesa havia um esqueleto, amarelado e empoeirado. Torrões grossos de terra seca estavam grudados às juntas nos joelhos e ombros. — Este aqui veio para mim há dois dias, todo despedaçado. A polícia o trouxe num saco de lixo. Eu o coloquei em ordem de novo. Não tenho certeza quanto ao que fazer com ele, na verdade. Estou esperando os religiosos decidirem onde será enterrado de novo.

Omar Yussef lembrou-se da matéria na parte debaixo da primeira página do jornal, sob a cobertura do funeral do tenente Fathi Salah.

— Esse é o corpo que foi descoberto por um fazendeiro em Deir el-Balah?

— Sim, no canto de sua plantação. Ele informou à polícia, e eles o trouxeram para cá.

— E é um homem?

— Sim. A pélvis é mais pesada e grossa que a de uma mulher. E a abertura do púbis é triangular, enquanto nas mulheres tem quatro lados.

— Esperam que você identifique o corpo?

— Isso seria praticamente impossível. É um velho esqueleto. Não há tecido mole sobrando, o que significa que ele foi enterrado há pelo menos cinco anos. Mas os ossos ainda não estão se esfarelando, que é como ficam depois de cem anos na sepultura.

— De modo que ele morreu entre cinco e cem anos atrás.

— É muito difícil ser mais preciso do que isso. Eu poderia testar para ter certeza de que não tem mais de cem anos cortando um osso. — O médico pôs a mão de lado como uma serra sobre o longo osso da coxa do esqueleto. — Sob luz ultravioleta, haverá muito pouca fluorescência num osso mais velho do que cem anos. Não é tão urgente, claro, como os casos de Odwan e de seu amigo.

— Talvez este seja velho o bastante para ter tido uma morte tranquila em seu lar — Omar Yussef disse.

— O esqueleto é velho, mas eu não disse que ele era um homem velho quando morreu. Em todo o caso, você esqueceu, Abu Ramiz, que estamos em Gaza. É pouca a probabilidade de uma morte tranquila. — Najjar apontou para a caixa torácica do esqueleto. — Olhe a terceira costela do lado da mão direita.

A costela estava quebrada no meio de seu comprimento.

— Aqui está o resto dessa costela — Najjar disse, mostrando alguns centímetros de osso. — Mas não se encaixa com o resto da costela de onde foi quebrado.

— O que isso quer dizer? — Omar Yussef perguntou.

— Não quebrou apenas. Foi despedaçada. Se tivéssemos aberto a sepultura deste fulano, em vez de encontrá-lo jogado no canto de uma plantação,

provavelmente veríamos muitos fragmentos minúsculos dessa costela. Acredito que este é um ferimento de arma de fogo. A bala acertou a costela e a despedaçou.

— O médico suspirou ao colocar o fragmento da costela na mesa de metal junto ao esqueleto. — Teria sido um ferimento terrível. Lascas do osso resultantes do impacto teriam criado múltiplas lacerações no pulmão atrás dele.

— Então ele morreu devido a um tiro no pulmão direito?

— A perfuração de uma bala, mesmo bem através do pulmão, não mata. Mas a massiva destruição de tecido por todos esses minúsculos fragmentos de osso iria ser impossível de reparar. Se ele fosse um homem pobre sem acesso a tratamento médico adequado, ou se vivesse em Gaza há muito tempo, digamos, mais perto dos cem do que dos cinco anos possíveis, a infecção dessas muitas feridas minúsculas o teria matado.

— E agora ele sofre a indignidade de ter seus ossos jogados na plantação de um fazendeiro.

— Nenhuma indignidade nos devia surpreender em Gaza, Abu Ramiz.

Omar Yussef contemplou as três mesas com seu horrível fardo. A maneira que a morte finalmente levava um homem parecia sempre uma surpresa pavorosa num lugar como aquele. Estar vivo era saber da constante ameaça da morte e da macabra realidade de sua chegada. Mas até além desse momento não havia paz, nem mesmo quando seus ossos já tinham quase se esfarelado em pó.

— Estou hospedado no Sand's Hotel — Omar Yussef disse a Najjar. — Se tiver questões sobre o falecido, James Cree, espero que me ligue.

Najjar olhou com firmeza para Yussef. Seus olhos eram francos e seu queixo estava cerrado sob a barba. Deu um olhar de relance para a mesa onde estava Odwan.

— Ficarei ocupado a noite toda na sala de autópsia. Entrarei em contato.

Na entrada do necrotério, Khamis Zeydan acendeu um cigarro.

— Você está ficando sem tempo — disse.

— Agora que Odwan está morto, eles vão realmente matar Magnus? — Omar Yussef encostou-se no corrimão dos degraus.



O silêncio de Khamis Zeydan foi sua resposta. Ele sorriu sombriamente.

— James Cree e Bassam Odwan, mortos na mesma sala. Você com certeza veio ao necrotério certo.

Omar Yussef acenou para Sami, que veio com o Cherokee em meio à escuridão que aumentava até a base dos degraus.

— Como assim? — disse. — O doutor Najjar disse que é o único necrotério de Gaza.

— Então preciso corrigir a frase — Khamis Zeydan disse. — Você era o homem certo para vir ao necrotério.

Enquanto Sami avançava rápido ao cair da tarde, Khamis Zeydan virou-se do banco dianteiro e olhou seriamente para Omar Yussef no de trás.

Yussef franziu o cenho e ergueu o queixo.

— O que foi? — disse. — Por que você está me olhando assim?

Seu amigo continuou a olhá-lo.

— Tenho de ir para a residência do presidente agora. A reunião do Conselho Revolucionário vai começar.

— Se vocês decidirem começar a revolução, me avise. Fora isso, vocês podem todos ir para o inferno.

— Garantirei que isso seja incluído na pauta. Escute, eu não quero deixá-lo sozinho. Estou preocupado com você. Sami vai ficar contigo.

— Sami é seu guarda-costas, não meu.

Khamis Zeydan ergueu os olhos para o alto e suspirou.

Omar Yussef ficou olhando pela janela, quando tiveram de diminuir a velocidade no trânsito congestionado da praça da Palestina. Quanto mais movimentadas ficavam as ruas, mais ele se sentia sozinho. Ele teve de reconhecer que não queria ficar sozinho, com a cabeça cheia do horror dos corpos no necrotério.

— Leve-me à casa de Salwa Masharawi. Vou passar algumas horas lá, enquanto vocês estão começando a revolução. É uma boa família. Vai me ajudar a me acalmar depois disso tudo.



Quando chegaram à rua arenosa da casa de Masharawi, Khamis Zeydan pegou um dos dois celulares no cinto de Sami.

— Tome — ele disse, jogando-o no colo de Omar Yussef. — Se eu precisar achá-lo, ligarei para esse telefone.

— Eu não gosto de celulares — Omar Yussef disse. — Fazem mal à saúde. — Ele tocou o lado não ferido de sua cabeça e tentou devolver o telefone na mão de Khamis Zeydan.

— Para ter câncer no cérebro, é preciso primeiro ter algum cérebro — Khamis Zeydan disse. — Por Alá, é só para manter contato enquanto as coisas estão

perigosas.

Coloque-o no bolso e esqueça-se dele.

— E se eu receber uma ligação para Sami?

— Diga que ele não tem dinheiro para pagar uma secretária mais bonita e para ligar para o outro telefone dele.

— O outro telefone dele? É o número que eu anotei antes?

— Omar Yussef lembrou-se dos dígitos escritos no verso do panfleto das Brigadas de Saladino no bolso de sua camisa.

— Não, esse é o número do celular que está com você — Sami disse. — O outro número está escrito na etiqueta colada na parte de trás desse telefone, Abu Ramiz.

Omar Yussef acenou quando o Cherokee deu marcha a ré na rua. Estava se sentindo exausto. Mal conseguia levantar o braço.

Deixou-o cair ao longo do corpo e observou as lanternas traseiras saindo de vista.



A rua estava escura. Uma fluorescência azul brilhava da casa atrás do bosque de oliveiras. As pombas de Naji estavam quietas. A Cúpula da Rocha pintada com spray estava indistinta na parede caiada. Omar Yussef apoiou a testa no áspero bloco de concreto. Fechou os olhos e viu o cadáver queimado de James Cree, o corpo torturado de Odwan, o velho esqueleto empoeirado no necrotério. Pensou na voz de Magnus, seu sotaque escandinavo inquiridor, sua risada. A respiração de Yussef estava pesada.

Ouviu alguém gemer e descobriu que era ele. Colocou um dedo sob a armação torta de seus óculos e enxugou uma lágrima.

Na porta da casa da família Masharawi, Naji o cumprimentou com um sorriso tímido. Salwa veio da sala nos fundos da casa. Ela olhou com ar de expectativa para Omar Yussef. Então, quando ele se arrastou para dentro da luz, a expressão dela ficou desolada.

— Não se preocupe, minha filha — ele disse. — Não estou aqui com más notícias sobre o seu marido.

— Abu Ramiz, você está...

— Parecendo o lombo de um burro depois de chicotadas demais?

Naji deu uma risadinha e Salwa cobriu a boca com a mão, sorrindo.

— Seja bem-vindo, Abu Ramiz. Venha sentar conosco. — Ela o conduziu à sala e Naji foi para a cozinha fazer café.

Umm Rateb levantou-se de uma poltrona quando Omar Yussef entrou na sala. Apontou um controle remoto para a televisão para tirar o volume.

— Abu Ramiz, estou contente de vê-lo. Por favor, sente-se. — Ela fez um gesto na direção da poltrona. — Salwa e eu estávamos assistindo ao noticiário para ver se havia algo sobre Abu Naji.

Omar Yussef sentou e as duas mulheres foram para o sofá. O celular de Sami incomodou-o nos quadris. Ele ajustou sua posição para que o volume não ficasse debaixo dele. Odeio essas coisinhas estúpidas, pensou. Provavelmente vou pegar câncer no intestino de ficar sentado nele desse jeito. Eu me pergunto se esses telefones não são até mais letais em Gaza.

Salwa sorriu para a visita.

— Quem esteve surrando o burro, Abu Ramiz?

— Só outros burros — ele disse. Ele tocou o ferimento em sua têmpora. Parecia eras atrás que Magnus tinha sido sequestrado. — Meu colega sueco foi capturado pelas Brigadas de Saladino. Como um refém.

Umm Rateb pegou a mão de Salwa.

— Abu Ramiz, eles o sequestraram porque ele queria libertar o marido de Salwa?

Omar Yussef não tinha prova de uma conexão, mas lembrou mais uma vez o que Khamis Zeydan dissera sobre cada crime estar ligado a muitos outros em Gaza. Mesmo assim, ele não queria aumentar a preocupação das duas mulheres.

— Creio que é outra coisa. Eles querem um de seus homens libertado pelas autoridades em troca da liberdade de Magnus.

— Se for a vontade de Alá, ele será libertado logo — Umm Rateb disse.

O desespero que Omar Yussef sentira na rua passou. Com aquelas duas mulheres, ele experimentou um pouco da tranquilidade e do calor que conhecia em casa. Estava com saudade de sua mulher e se sentiu culpado por estar passando tempo com outra mulher pela qual se sentia atraído. Mas ele precisava sair dos mundos solitários e violentos dos hotéis e prisões, e a sala de estar de Salwa Masharawi agora lhe parecia o lugar mais relaxante da terra.

Naji trouxe o café. Omar Yussef lhe agradeceu. O menino estava para sair da sala quando se deteve na frente da televisão.

— *Ustaz*, não é aquele seu amigo, o estrangeiro?

Omar Yussef se virou para a tela. O canal estava transmitindo um videoclipe borrado. Um homem com uma camisa azul estava sentado ereto num quarto simples na frente de um pôster da Cúpula da Rocha. Seu cabelo tinha um topete louro-grisalho e em seu queixo havia uma barba curta. Seus óculos escorregaram

no nariz, e ele ergueu a cabeça para fazê-los voltar ao lugar, evidentemente porque suas mãos estavam amarradas nas costas. Era Magnus Wallender.

— Aumente o volume, rápido — Omar Yussef disse.

— O controle remoto está no braço da sua poltrona — Umm Rateb disse.

Omar Yussef pegou o controle. Olhou desamparado os botões coloridos.

— Naji — disse, passando-o para o menino.

Naji apontou o controle para a televisão e a voz de Magnus irrompeu na sala. A má qualidade da gravação e o eco do cômodo vazio em que estava toldavam suas palavras.

Omar Yussef se mexeu para a beira da poltrona. Só então percebeu o miliciano de máscara no canto do quadro. Usava uniforme camuflado e um gorro preto cobrindo o rosto, com dois buracos cortados para os olhos. Apontava o cano de sua Kalashnikov para Magnus.

— ...o governo da União Europeia para garantir a libertação do irmão Bassam Odwan, que é um combatente pelos direitos e pela liberdade do povo palestino.

— Magnus fez uma pausa e deu um olhar de esguelha para o miliciano. O cano da Kalashnikov moveu-se, dirigindo o olhar do sueco de volta para a câmera. Ele falava num tom monótono e rouco, franzindo os olhos em seus óculos para ler a mensagem, que parecia estar sendo segurada por alguém ao lado da câmera. — Se o irmão Odwan não for libertado, as Brigadas de Saladino declaram que algo de ruim acontecerá comigo em dois dias.

Magnus parou. Sua boca ficou aberta.

A xícara de café tremeu na mão de Omar Yussef. Ele a colocou na mesa de canto. Pensou no cadáver torturado de Odwan no necrotério. Quando as Brigadas de Saladino ficassem sabendo daquilo, Magnus seria morto. Talvez essa gravação fosse mais do que de algumas horas atrás. Eles poderiam já estar sabendo até mesmo agora. Magnus poderia já estar morto.

O miliciano empurrou Magnus de joelhos e ficou sobre ele. Ergueu o rifle e gritou *Allahu akbar*. Com a outra mão, agarrou o cabelo de Magnus e puxou a cabeça dele para trás. O gesto expôs o pescoço queimado de sol do sueco. Omar Yussef piscou duro, engasgando ao imaginar o miliciano decepando a cabeça de seu amigo daquele pescoço.

O vídeo terminou e um âncora com uma gravata vistosa começou uma matéria sobre as demoras na travessia da fronteira entre Rafah e o Egito causadas por operações israelenses contra os túneis dos contrabandistas. Salwa olhou de relance para Naji e ele tirou o som da televisão de novo.



James está morto por causa desse lugar nauseabundo, Omar Yussef pensou. Não posso deixar que isso aconteça com Magnus, também. Ele olhou para suas mãos. Tinha certeza de que as manchas da idade tinham crescido. Seus punhos tremiam, mesmo quando apertados juntos. Ele estava muito fraco e velho para ajudar seu amigo, muito frágil para ajudar qualquer um. Ficou com vergonha da pena que sentiu de si mesmo, de suas lágrimas em frente à casa de Salwa e do contentamento caseiro que vivenciara sentando-se com as duas mulheres.

— Eu simplesmente não sei o que fazer — ele disse.

— Não se preocupe. Você vai salvá-lo, tenho certeza, Abu Ramiz — Salwa disse.

— Do mesmo modo que vai libertar o marido de Salwa. — Umm Rateb segurou entre as duas mãos a de sua amiga.

O professor Masharawi, eu me esqueci dele, Omar Yussef pensou. Olhou para as duas mulheres. Salwa parecia perdida e abalada. Ele sentiu um impulso de afeição protetora, paternal por ela e respirou fundo para evitar derramar uma lágrima.

— Você está certa, Umm Rateb — ele disse. — Não vou descansar enquanto os dois homens não estiverem aqui para comer da mesa de Salwa.

Salwa ergueu os olhos.

— Espere, você jantou, Abu Ramiz?

Quando ela perguntou, ele soube por que tinha vindo. Queria sentar com uma família e comer uma refeição preparada com amor, não pelo lucro. Mas isso tinha sido uma fraqueza, disse a si mesmo. Você não tem tempo para ficar sentado aqui, mesmo que seja bom. Você não pode fingir que não acabou de ver aquele vídeo com Magnus.

— Eu já comi — Omar Yussef mentiu. — Agora preciso ir para o meu hotel. Preciso falar com um pessoal da ONU. Não se preocupe com o seu marido.

Umm Rateb acompanhou-o até a porta da frente. Nas sombras da entrada, Omar Yussef sentiu o sabonete de água de rosas dela.



— Esses homens que levaram seu amigo, Abu Ramiz, eles me deixam doente
— ela disse. — Não são muçulmanos.

— Receio que sejam, Umm Rateb.

— Não muçulmanos como deveriam ser.

— Não, não como deveriam ser.

Omar Yussef caminhou pesadamente pela areia para a rua principal para pegar um táxi.

Meisoun deu a Omar Yussef um recado telefônico numa tira de papel quando ele chegou ao Sand's Hotel.

— Era uma senhora chamada Nimberger — ela disse. — Ela falava muito rápido em inglês, de modo que não entendi os outros detalhes, *ustaz*. Espero que tenha escrito o número corretamente. Talvez ela também seja um agente secreto. — O sorriso simpático dela o fez se sentir fraco. Queria largar-se no balcão da recepção e contar a história perturbadora de seu dia. Decidiu ligar para sua mulher, em vez disso, assim que retornasse a ligação.

Ao subir as escadas, ele sentiu o aroma de frango grelhado vindo do salão de café da manhã.

— Meisoun, esse *shish tawouk* está cheirando bem. Por favor, peça à cozinha que mande um pouco para o meu quarto, junto com uma travessa de homus. — Ele sentiu uma pontada de culpa por estar tomado pela sensação banal de fome tão logo após ter visto o cadáver de Cree.

— Claro. À sua saúde, *ustaz* — ela disse.

O corredor dos quartos estava tranquilo. Os ocupantes do hotel estavam com Khamis Zeydan na residência do presidente para a reunião do Conselho Revolucionário. Omar Yussef escutou seus passos lentos no carpete. Parecia um pensamento insensato, mas ele sentia que a morte permanecia em seu encalço, não mais que alguns passos atrás dele, como estivera em todos os seus dias em Gaza. Ele ouvia as pegadas dela no silêncio enquanto andava, sibilantes como palavras de advertência.

O quarto de Omar estava quente e abafado. Ele procurou junto à porta o interruptor que Sami usara para desligar o ar condicionado, para poder religá-lo. Encontrou nele um medidor digital, um pequeno botão e ícones minúsculos de um sol vermelho e de um floco de neve azul. Ele buliu com o botão, suscitou alguns bipes eletrônicos e esperou, mas nada aconteceu. Abriu os botões da camisa, foi até o telefone e discou o número anotado por Meisoun. A linha conectou-se a um celular cercado pelo som baixo do interior de um carro em movimento.

— Alô, é Nancy — disse em inglês uma voz no carro.

Era um viva-voz, como Ramiz, o filho de Omar Yussef, tinha no carro. Dava a ele a sensação desconfortável de estar falando para o nada.

— Senhora Nirnberger? — Omar Yussef disse.

— Nirnberger falando. Sem o “senhora”, por favor.

Omar Yussef se perguntou o que aquilo queria dizer.

— Quem fala é Omar Yussef.

— Senhor Yussef, obrigada por retornar a minha ligação.

— Nancy Nirnberger soou americana para Omar Yussef. Falava com um entusiasmo deliberado, como se estivesse deliciada por receber a ligação, e que ligação poderia ser mais inesperada e encantadora que uma do diretor da escola para meninas da ONU no campo de Dehaisha? — Lidero a equipe de negociação que estava a caminho do posto de controle quando James foi atingido.

Omar Yussef assentiu ao telefone. Então se lembrou de que ela não podia vê-lo.

— Sim, claro.

— Discutimos a situação com o nosso pessoal em Jerusalém e Nova York e estamos inclinados a achar que é muito arriscado para pessoas de nacionalidade estrangeira permanecer na Faixa de Gaza no momento. Em vista do que aconteceu com James. De modo que demos meia-volta no posto de controle e estamos a caminho de Jerusalém de novo. No presente momento, todos os outros funcionários estrangeiros de nosso escritório na Cidade de Gaza estão saindo da Faixa. — E então, como se estivesse mostrando um vestido novo para ele contemplar, Nimberger acrescentou: — O que o senhor acha?

Eu acho que é muito arriscado para mim também, mesmo eu não sendo um estrangeiro que valha a pena manter fora do perigo.

— Concordo que é muito perigoso.

— Vamos coordenar as negociações para a libertação de Magnus do escritório em Jerusalém. Achamos que de lá poderemos fazer contato com pessoas do alto escalão do governo e da segurança no lado palestino. Mas precisamos que o senhor permaneça no campo em Gaza para fornecer avaliações da situação e fazer contatos materiais.

— Fazer o quê?

— Encontrar os caras que têm Magnus, se eles quiserem uma reunião.

Omar Yussef segurou o telefone com mais força.

— Entendo.

— Nenhum dos funcionários locais em nosso escritório da Cidade de Gaza está tão próximo ao caso quanto o senhor, de modo que o senhor é o homem certo para esse caso, senhor Yussef. — O tom de Nirnberger lembrou a Omar os políticos americanos que vira em entrevistas na televisão. Ele a imaginou com a cabeça inclinada para o lado, assentindo descontraída, um sorriso sabido ligeiramente suprimido, como se ela estivesse a par de todos os segredos. — Há alguma coisa de que precise, enquanto isso? É só dizer.

— O hospital gostaria de mais informações sobre James para eles poderem notificar o parente mais próximo e trasladar o corpo.

— Tratamos disso, senhor Yussef. Já está providenciado. Não ficamos apenas sentados esperando. Não se preocupe. Estamos nos mantendo atrás do senhor.

Sem dúvida nenhuma estão.

— James tinha uma família?

— Não sei, na verdade. Não fui eu pessoalmente quem cuidou disso.

— Ele tinha um bisavô que está enterrado no Cemitério Militar Britânico aqui em Deir el-Balah. Eu sei que essa sepultura era muito importante para ele. Talvez a família fosse gostar que ele fosse enterrado aqui, por causa de sua ligação pessoal com o lugar.

Nirnberger deixou a bonomia de lado. Ela soou como se estivesse falando sem mover a mandíbula.

— Bem, posso sugerir isso a eles, mas acho que seria um erro estabelecer um novo túmulo que poderia vir a ser foco de manifestações contra a ONU aí. — Ela pigarreou e voltou ao seu tom simpático. — De modo que há um cemitério britânico em Gaza, então? E como isso foi acontecer?

— Perdão?

— Quem iria pensar que havia uma turma de ingleses mortos enterrados longe para diabo aí em Gaza?

— Gaza tem uma relação especial com os mortos. — A mão de Omar Yussef apertou ainda mais o telefone. — Tratarei de mantê-la informada do que descobrir aqui, Senhora Nirnberger.

Ela deixou a senhora passar dessa vez.

— Não se preocupe. Nós vamos tirar Magnus daí.

— Se for a vontade de Alá.

— Pode apostar que é.

O quarto do hotel estava escuro. Omar Yussef acendeu o interruptor no abajur ao lado da cama. Esfregou o ombro onde a pedra o atingira no tumulto junto ao carro em chamas de Cree. Ele deu uma risada áspera quando percebeu que o ombro doía tanto que quase esquecera do ferimento enorme em sua cabeça. A ideia de comer o deixara nauseado o dia todo, mas agora ele estava morrendo de fome. Ele tirou o *shish tawouk* da cabeça; só o deixava ainda mais faminto pensar nele sendo preparado lá embaixo.

Ele ligou para casa. Mais uma vez, foi Nadia quem atendeu.

— Alô, Nadia. Como vão as coisas por aí? Tudo está bem?

— Vovô, você olhou o website?

— Só tive tempo de dar uma olhada muito rápida.

— O que você achou?

A voz de Nadia estava esganiçada com o entusiasmo. Omar Yussef se perguntou quanto ele poderia contar a ela da realidade do que o Agente O dela

tinha enfrentado desde que a vira da última vez. Ele temia que a imundície cercando-o como a poeira no ar pudesse fazer mal a ela.

— Gostei do website — ele disse. — A moça que o mostrou para mim no computador ficou muito impressionada, só que agora ela acha que sou um espião.

Nadia riu.

— Quando eu for para casa, quero que você me mostre como fez o design — Omar Yussef disse — e como você o coloca no computador de modo a aparecer no computador aqui, também.

— É fácil, vovô.

— Só porque você é muito esperta. A vovó está aí?

Quando Maryam atendeu ao telefone, uma criança estava soluçando ao fundo.

— É o Dahoud — ela disse. — Está com saudade de você. Viu alguma coisa sobre Gaza no noticiário e ficou chorando a noite toda. Ele disse que não iria para a cama “enquanto o tio não ligasse”.

Maryam e Omar Yussef tinham adotado Dahoud e sua irmã Mirai na passagem do ano, depois que a violência em Belém os deixara sem pais. A preocupação do menino com ele comoveu Omar Yussef. O pobrezinho já perdera um pai que amava e sem dúvida temia a morte do homem que assumira o lugar dele.

— Diga-lhe que estou bem, que ele pode ir para a cama agora, e que logo o verei.

— Quando isso vai ser, Omar?

— Não sei. — Ele pigarreou e tentou soar despreocupado.

— Você viu o noticiário?

— Não, eu lhe disse, foi Dahoud que viu. Mas eu não consigo que ele me diga nada que faça sentido. Por quê? O que aconteceu? — A voz de Maryam saiu incisiva e alta, como se ela tivesse mergulhado no telefone.

Omar Yussef hesitou.

— Bom, Magnus foi sequestrado pelas Brigadas de Saladino e outro companheiro da ONU que estava trabalhando comigo foi explodido em seu carro.

Maryam soltou uma exclamação aguda.

— Por Alá, Omar, você precisa sair daí.

— Tenho de cuidar da libertação de Magnus, Maryam. A ONU não vai mandar nenhuma outra pessoa. Estão apavorados de ter outro estrangeiro aqui.

— Eles não têm uma equipe local em Gaza?

— Suponho que eles estejam querendo distância do assunto.

— E você também devia querer. Por que você tem de se sacrificar?

— Maryam, posso lidar com isso. — Ele pôde imaginá-la balançando a cabeça do outro lado da linha.

— Você não é tão durão assim, Omar. Só porque enfrentou as gangues em Belém no ano passado, não quer dizer que você possa fazer a mesma coisa numa cidade que não conhece. Gaza é um lugar terrível.

— Sei cuidar de mim mesmo. E Abu Adel também está aqui. Ele não me deixará fazer nada arriscado.

— Abu Adel pode ser o chefe da polícia em Belém, mas em Gaza ele não é nada. Eles vão matá-lo como se estivessem esmagando um inseto. E ele pode ser tão temerário quanto você, Omar.

— Quem são eles, Maryam?

— Quem quer que tenha sequestrado Magnus e explodido o outro homem.

— Pode não ser o mesmo grupo.

— Isso apenas duplica a ameaça.

Omar Yussef jamais gostara de discutir com Maryam. Em geral, a perspectiva dela era mais simplista que a dele, e ele ficava bravo quando ela não conseguia entender as sutilezas que eram evidentes para ele. Dessa vez, ele sabia que ela tinha razão, bem como sabia com a mesma certeza que não tinha escolha a não ser desafiar a lógica dela.

— Maryam, preciso que você fique calma. Não quero que você deixe Dahoud mais nervoso do que ele já está, ou Nadia e as outras crianças. Agora, vá dizer a Dahoud que ele não precisa ficar preocupado. E Maryam...

— O quê?

— Se você não for muito convincente, Nadia vai perceber. De modo que é melhor você realmente se convencer de que vai dar tudo certo com o seu pobre marido.

— Sei lidar com Nadia.

— Ela é muito mais difícil de enganar que os milicianos de Gaza, minha querida. De modo que é bom levar a sério.

Bateram à porta.

— Maryam, o serviço de quarto está aqui com o meu jantar. Veja, você estava tão alvoroçada que nem conferiu se eu estava comendo direito.

— Fui negligente em meu dever como esposa — Maryam disse. — Venha para casa e você ficará a salvo; de homens perigosos e de cozinheiros de hotel.

Omar Yussef desligou após algumas palavras carinhosas.

Ele pegou um pedaço de frango grelhado e usou o pão folha no prato de homus. Ele se perguntou o que Magnus estaria comendo, no sabe-se lá qual quartinho imundo em que as Brigadas de Saladino o tinham escondido. Sua mente gravitava para os cadáveres no necrotério do Hospital Shifa, por mais que ele tentasse se concentrar na comida. Seu estômago estava ávido por ser nutrido, mas ficava virado com a lembrança dos homens mortos nas mesas de autópsia. Sua

cabeça estava pesada; o ferimento em sua têmpora tinha voltado à vida e estava latejando e dando pontadas em seu cérebro. Ele abriu o frigobar. Havia uma garrafa grande de água mineral, alguns refrigerantes de água de rosas e sucos de fruta em lata. Ele sorriu desolado para os compartimentos vazios da pequena geladeira, projetada para miniaturas de uísques e vodcas.

Que sejam dadas graças a Alá pelos islâmicos de Gaza colocarem tão poucas tentações em meu caminho, ele pensou.

Ele sentou na cama até o frango esfriar, lentamente consumindo a garrafa plástica de água. Isso fez com que a náusea cessasse e aliviou a sensação de latejamento em sua têmpora. Considerou dormir, mas não conseguia diminuir a velocidade de seus pensamentos. Em vez de dormir, ficou ouvindo o vento, alto contra as janelas panorâmicas, e o barulhinho da poeira que ele soprava nos vidros.

Já era quase meia-noite quando bateram à porta. Omar Yussef gelou. Uma pausa, e bateram de novo.

— Abu Ramiz?

Era a voz de Sami. Omar Yussef abriu a porta. O jovem estava parado no corredor, à vontade, fumando um cigarro. Sua camiseta preta aderira ao seu torso musculoso e ele estava com um polegar casualmente no cinto do jeans. Olhou Omar Yussef de cima a baixo, evidentemente achando divertido o seu desleixo, e sorriu. Pôs a mão no braço de Omar Yussef.

— Como está se sentindo, Abu Ramiz?

— Nada bem, Sami. Onde está Abu Adel?

— Ele está em seu quarto fofocando com alguns outros membros do Conselho Revolucionário.

— A reunião acabou?

— O Conselho? Sim, por ora. Mas esses canalhas nunca param de falar.

— Entre.

Sami sentou à mesa e olhou de relance para o frango.

— Sirva-se — Omar Yussef disse.

Sami pegou os pedaços de frango e comeu languidamente.

— Obrigado, Abu Ramiz. É o melhor *shish tawouk* que como em muito tempo. Não tenho comido bem desde que fui deportado de Belém.

— Sente falta da comida de sua mãe?

— É a melhor.

— Eu sei, já provei.

— Claro que já. Meu pai fala muito bem de você, e naturalmente conheço a sua reputação na cidade como uro homem íntegro.

— Quando os israelenses vão deixá-lo voltar para casa, Sami?

O jovem virou um cubo de frango nos dedos, olhando-o meditativamente, como um *connoisseur* com um charuto caro.

— Quando minha casa estiver queimada até o solo e demolida por meus vizinhos. — Ele mastigou o frango e olhou para Omar Yussef. — Não antes disso.

— Teve alguma notícia de Magnus?

Sami balançou a cabeça.

— Estou tentando descobrir quem matou James. Acredito que isso nos vai levar a Magnus.

— Lembra-se do que você me falou sobre a Manicure de Hussein? Foi o que aconteceu com Odwan antes de morrer. Pensei em lhe contar, quando você estava dirigindo na volta do necrotério, mas simplesmente não consegui suportar falar nisso.

Sami comeu outro pedaço de frango. Lambeu os dedos e assentiu mostrando compreensão a Omar Yussef.

— As Brigadas de Saladino podem matar Magnus em vingança pela morte de Odwan — Omar Yussef disse. — Conseguiremos encontrá-lo antes que eles descubram que seu camarada foi morto?

Sami balançou a cabeça.

— Sem chance. Se eles já não sabem que Odwan está morto, terão descoberto antes do amanhecer. Eles têm homens dentro da prisão com celulares escondidos. Eles sabem de tudo o que acontece na Saraya e em todas as outras prisões e bases militares. Mas eu não acho que eles vão matar Magnus.

— Eles têm de mostrar uma reação, para vingar Odwan.

— Não fiquei com a impressão de que eles estão prontos para aumentar a guerra a esse ponto, matando mais estrangeiros. Eles escolherão alguma outra coisa.

Algo doméstico que enviará um recado para as pessoas certas em Gaza, mas não voltará o mundo inteiro lá fora contra eles. — Sami segurou o prato de homus na palma da mão e passou o pão na borda da pasta de grão de bico, pensativo.

— Como foi a reunião do Conselho Revolucionário?

— Abu Adel disse que foi tumultuada. E perigosa.

— Perigosa? — Omar Yussef lembrou o que Khamis Zeydan dissera sobre o crescente confronto entre os chefes da segurança.

— O general Hussein acusou o coronel al-Fara de corrupção. Exigiu uma investigação oficial de al-Fara.

— Mas o general Hussein é corrupto também, não?

— Sim, mas esses conselhos são estranhos. Se alguém o acusa de alguma coisa, você não pode simplesmente virar e dizer “por Alá, você é tão corrupto quanto eu”. Faz com que você fique parecendo um menino estúpido cuja única

defesa é devolver a acusação a quem o acusou e, ainda mais importante, você estará admitindo a verdade da acusação.

— Então o que o coronel al-Fara fez?

— Abu Adel diz que al-Fara ficou em silêncio. Mas todos os outros estavam num completo tumulto.

Se al-Fara ficou em silêncio, Omar Yussef calculou que era um sinal perigoso. Naquele silêncio, o coronel estaria tramando a sua vingança.

Omar Yussef lembrou-se da exuberância cômica, da pança enorme e dos olhinhos úmidos do general Hussein, o homem que provavelmente asfixiara Bassam Odwan. Do outro lado da mesa no Conselho, ele imaginou o bigode e o cabelo liso e preto do coronel al-Fara, a mão ossuda coletando catarro num lenço de papel e a fumaça do cigarro saindo pelas narinas. Al-Fara, o torturador de Eyad Masharawi. A reunião do Conselho configurara o confronto final dos dois homens. Com quais novas jogadas perversas eles iriam partir para os lances finais?

— Quem vai perder essa batalha, Hussein ou al-Fara?

— O primeiro a mostrar fraqueza — Sami disse. — Você sabe do provérbio: Quando a vaca cai, muitas facas aparecem. Cada um dos dois tem inimigos que estarão ávidos para cortar um pedaço da carcaça, assim que ficar vulnerável.

— Alguém mencionou a bomba que matou James?

— No Conselho Revolucionário? Não, não tocaram no assunto. Todo mundo estava concentrado na disputa entre Hussein e al-Fara.

Omar Yussef pegou um suco de banana e morango no frigobar e deu um dos refrigerantes para Sami. Ele despejou o líquido espesso, xaroposo num copo para si mesmo.

Era a coisa mais parecida com comida que ele podia manter no estômago. Queria dormir, mas ainda havia uma coisa de que precisava falar.

— Sami, a história que Odwan contou sobre os mísseis Qassam, é correta?

— Que eles trouxeram um único protótipo a Gaza pelos túneis de Rafah e o fabricaram em massa aqui?

Omar Yussef assentiu.

— Sim, foi um míssil norte-coreano transportado pelo Irã — Sami disse. — Agora todo mundo está querendo possuir uma arma ainda maior. O grupo que a usar com sucesso contra Israel vai ganhar um monte de prestígio nas ruas e poderá ditar sua vontade ao presidente.

— As Brigadas de Saladino?

Sami deu de ombros.

— Quanto mais problemas as Brigadas de Saladino criam, mais o presidente precisa mantê-los do lado dele. Se você quer dinheiro do presidente, o primeiro passo é criar um monte de problemas em Gaza e matar alguns israelenses de

tempos em tempos. Vai chegar um momento em que o presidente vai pagar para dar um basta a isso.

Omar Yussef pôs o indicador no queixo e franziu o cenho.

— Sabemos que as Brigadas de Saladino não têm esse novo protótipo de míssil, porque foi roubado deles depois de ter sido contrabandeado para Rafah. Então, quem está com ele? É isso o que precisamos descobrir. Talvez possamos dar o míssil para as Brigadas em troca da liberdade de Magnus.

Sami ficou sério enquanto terminava o que sobrara do homus.

— É melhor pensar nisso direito, Abu Ramiz. Quem quer que tenha o míssil não vai entregá-lo a você, e os piores homens em Gaza estarão tentando encontrá-lo e tirar deles também.



Omar Yussef se deu conta de que, mesmo se encontrasse o míssil, ele nunca poderia entregá-lo às Brigadas de Saladino. Quem quer que possuísse o míssil, iria usá-lo para matar, para trazer o Exército israelense para os campos de refugiados e para dominar a política corrupta de Gaza. Se ele o encontrasse, teria de destruí-lo.

Mas então como iria barganhar pela vida de Magnus?

Ele gemeu e pôs a mão no ferimento na têmpora.

— Os negociadores da ONU não virão. Eles deram meia-volta no posto de controle. Acham que está muito perigoso aqui. Estamos sozinhos, Sami.

— Estaremos melhor sem eles. Essas pessoas pensam que têm todas as respostas, mas não sabem como escutar. São inúteis para nós. Não valem nem um *shekel* de merda.

Omar Yussef olhou para o jovem, surpreso com a veemência dele.

— Vou tentar conseguir uma reunião com o pessoal das Brigadas de Saladino aqui em Gaza, para que você possa perguntar o que aconteceu com James. — Ele limpou as mãos num guardanapo, tirou um maço de cigarros do bolso e se levantou. Sorriu em desculpa. — Eu sei que você não gosta que se fume aqui, Abu Ramiz, então vou dizer boa-noite. Você precisa dormir.

Omar Yussef sonhou com a morte. Ele souou durante a explosão que matou James Cree, sacudido pelo estrondo horrível e envolto pelas chamas, atingido pelo metal retorcido do Suburban, ferido pelas pedras que os meninos locais atiraram. Sufocou nas últimas respirações de Bassam Odwan, enquanto o sangue jorrava da ponta decepada de seus dedos. Recuou quando um rifle antiquado disparou uma bala em sua costela, fragmentos de osso rasgando seus pulmões. O tiro veio de novo e de novo, afundando-o no colchão. A morte não estava mais o seguindo. Estava em sua cama, não como uma esposa, mas como uma amante ilícita, ciumenta e furiosa, não lhe permitindo sono algum.

O telefone tocou. As balas do rifle destroçavam suas costelas e o telefone tocava. Ele rolou até o criado-mudo e atendeu. Não conseguiu falar; engasgou-se ao telefone.

— Abu Ramiz, é você?

Outro engasgo. Os tiros continuaram. Ele gemeu.

— Está tudo bem? Aqui é o doutor Najjar, do necrotério. Isso são tiros?

Omar Yussef olhou em volta. Estou no meu quarto no hotel, pensou, mas foi uma percepção vaga.

— O que é esse barulho, Abu Ramiz? — o médico perguntou.

— Estavam atirando em mim.

— Abu Ramiz? — O médico ficou alarmado.

Omar Yussef pôs o fone no travesseiro e enxugou o suor em seu rosto com a ponta do lençol. Eram tiros mesmo. Ele olhou para a luz vermelha do relógio digital no criado-mudo: 6h. Ele pegou o telefone de novo.

— Sim, há tiros do lado de fora. Não sei do que se trata. Estava tendo um pesadelo.

— Desculpe ligar tão cedo, mas fiquei trabalhando a noite toda e estou indo para casa agora. Queria que você soubesse o que descobri o quanto antes.

Omar Yussef pigarreou e se endireitou sobre o cotovelo, tentando deixar o pesadelo para trás.

— Obrigado.

— Isso precisa ficar entre mim e você, Abu Ramiz. Como sabe, a causa oficial da morte de Bassam Odwan foi um ataque do coração que ele sofreu em sua cela na cadeia. Todavia, minha suposição inicial de que ele morrera por asfixia estava correta. Um bloqueio nas vias respiratórias o sufocou.

Omar Yussef sentou na borda da cama.

— Odwan engasgou com a comida?

— Não foi comida. Você lembra que a parte de dentro da boca e a parte superior da garganta estavam cobertas de cortes minúsculos? Um pouco mais embaixo na traqueia, bloqueando o ar, eu encontrei uma espécie de vidro.

— Vidro?

— Na realidade, é algo que eu nunca vi em Gaza. Mas uma vez, quando estava num bar de hotel na Jordânia, vi algo parecido. Eu acho que é uma tampa de uma dessas garrafas de vidro que as pessoas usam para pôr bebidas alcoólicas.

Omar Yussef pensou na coleção de cristal boêmio do general Hussein.

— De cristal?

— Isso, de cristal. A tampa foi lapidada em muitas superfícies planas minúsculas, de modo a refletir a luz como uma pedra preciosa. Mas a aresta entre cada uma das superfícies é quase tão dura e afiada quanto um diamante. Era grande e, quando foi forçado para dentro da garganta dele, causou as lacerações. E então o sufocou. — O médico fez uma pausa. — Esses tiros parecem muito próximos, Abu Ramiz.

Omar Yussef se levantou e foi na direção da janela para abrir a cortina. O fio do telefone não o deixou chegar até lá. Os disparos lá fora eram rajadas ensurdecedoras e graves, com o tilintar de vidros quebrando por cima.

— Não posso ver no momento. As cortinas estão fechadas — ele disse, erguendo a voz para ser ouvido acima do tiroteio.

— O corpo de Odwan foi levado para aí direto da prisão?

— A Inteligência Militar o trouxe. Poderia ter vindo de qualquer lugar.

Omar Yussef escutou os tiros. Pareciam estar concentrados na casa do general Hussein do outro lado da rua. De qualquer lugar. Até daqui, pensou. Agradeceu ao médico e desligou.

Ele se esgueirou junto à parede e levantou a cortina. Havia uma dúzia de jipes na rua em frente ao hotel, uma mistura de camuflados com pintura lisa, parda. Os homens se protegendo atrás dos jipes estavam vestidos como o esquadrão das Brigadas de Saladino que sequestrara Wallender: gorros para disfarçar sua fisionomia, jaquetas camufladas e camisetas pretas, calças militares e botas de trabalho pesadas. Disparavam Kalashnikovs e M-16s na casa de Hussein.

As janelas em todos os andares do prédio do general Hussein estavam fechadas. Omar Yussef franziu os olhos na luz empoeirada da aurora. Clarões em bocas de armas no terceiro andar da casa de Hussein brilhavam através do ar cinza, sujo.

Bateram à porta. Omar Yussef pôs a calça e a abriu. Khamis Zeydan passou direto por ele, a camisa aberta sobre os pelos brancos do peito, o cabelo branco em volta de sua careca ainda desganhado do travesseiro.

— Que diabos é isso? — Khamis Zeydan disse. Ele tossiu e foi como se tivesse acionado um spray de *scotch* no quarto.

As narinas de Omar Yussef se abriram com o uísque no hálito de seu amigo, e ele pensou que talvez não tivesse sido o único cujos pesadelos tinham sido perturbados pelo tiroteio.

— Você veio direto de suas orações matinais?

Khamis Zeydan esfregou o rosto.

— Que Alá o perdoe, é muito cedo para sarcasmo.

— Algo está acontecendo na casa de Hussein — Omar Yussef disse.

— Filho da mãe. Não podia ver do meu lado do hotel.

— A gerência deu ao pessoal do Conselho Revolucionário a bela vista para o mar.

— Mas você ficou com a vista para os fogos de artifício. — Khamis Zeydan ergueu a ponta da cortina. — Puta que o pariu — ele disse, num tom de assombro.

Omar Yussef espiou lá fora da outra ponta da cortina.

— O que está acontecendo?

— Ao que parece, o Conselho Revolucionário se reuniu para uma sessão extraordinária.

— Você acha que é algo entre Hussein e al-Fara?

— Pode ser. Ou talvez as Brigadas de Saladino tenham decidido mostrar a Hussein que eles sabem quem matou Bassam Odwan. — Khamis Zeydan sorriu. — Pode ser uma manobra conjunta: as Brigadas de Saladino e os homens do coronel al-Fara.

Detrás de um dos jipes, um miliciano camuflado saiu com um lançador de mísseis apoiado no ombro.

— Por Alá — Khamis Zeydan disse, os olhos arregalados.

— O que é aquilo?

— Um míssil antitanque LAW.



O míssil decolou do ombro do homem como a inspiração de um demônio e atingiu o terceiro andar, onde Omar Yussef tomara café da manhã no dia anterior com o general Hussein.

Os disparos do prédio de Hussein cessaram. Mesmo os milicianos na rua pararam para se maravilhar com a destruição. Alguns deles ficaram parados, os rifles só numa das mãos, apontados para o chão. Omar Yussef viu-os rindo de um

de seus colegas que tinha tapado os ouvidos contra o estrondo. Outro cumprimentou o homem que disparara o míssil. Quando retomaram seus disparos, foi como cobertura para um esquadrão de homens que correu abaixado pela rua para dentro da entrada. Passaram por cima de um corpo em uniforme militar e uma boina vermelha e subiram as escadas. Omar Yussef não tinha notado que havia homens alvejados. Perguntou-se se não devia ligar para o doutor Najjar e dizer a ele para ainda não ir para casa; logo iriam precisar dele no necrotério.

A fumaça se dissipou no terceiro andar, onde o míssil acertara. Só um pequeno buraco, do tamanho da cabeça de um homem, apareceu na parede, mas havia chamas dentro. Omar Yussef imaginou que os sofás e poltronas deviam ter pegado fogo. Movimento era visível na sala. Alguns tiros soaram, e homens desceram a escada rapidamente.

O general Moussa Hussein apareceu na base das escadas. Estava nu exceto por uma cueca frouxa branca. Sua barriga enorme era coberta de pelos brancos e suas pernas pareciam muito magras para suportar seu torso obeso. De sua testa careca e escura jorrava sangue. Um dos milicianos o empurrou por trás. Ele escorregou na poça de sangue produzida por seu guarda morto e tropeçou nas pernas do cadáver, rolando os degraus. O miliciano o seguiu, chutando-o. Ele saiu de joelhos na rua.

— Não pode ser — Khamis Zeydan disse.

A face de Hussein estava contorcida, chorando. Um dos milicianos ficou de pé atrás dele, ergueu sua Kalashnikov e atirou no pescoço dele.

Foi um só tiro, repentino. Omar Yussef deu uma inspiração súbita.

O mesmo miliciano esvaziou seu cartucho no corpo de Hussein. Os agressores caminharam rapidamente para seus jipes e foram embora. Alguns seguiram a rua da praia, enquanto outros entraram na rua Omar al-Mukhtar para o centro da cidade. O general Hussein jazia com a face na rua.

Omar Yussef apoiou a testa na janela e fechou os olhos. Khamis Zeydan pôs a mão no ombro de Omar Yussef. Inclinou a cabeça na direção da rua.

— Vamos — ele disse.

— Você acha que é seguro? — Yussef perguntou.

Khamis Zeydan deu de ombros.

— Seguro ou não, a menos que você queira se conformar com a versão oficial, melhor irmos lá e ver o que aconteceu. — Ele bateu o ombro no armário ao ir vacilante na direção da porta e, quando praguejou, deixou uma nuvem de vapor de uísque que fez Omar Yussef tossir.



Eles foram os primeiros a passar pela entrada do hotel e chegar à cena. As pernas de Omar Yussef se comportavam como se os ossos da coxa tivessem sido virados noventa graus nas juntas no quadril — seus pés rejeitavam qualquer linha reta que ele lhes ordenava e sua pélvis estava formigando. Seu corpo estava exausto após os pesadelos que tinham arruinado seu sono. Mas quaisquer que fossem os sonhos a atormentá-lo, eram com certeza melhores do que estar acordado em Gaza.

Khamis Zeydan ajoelhou junto ao corpo de Hussein. A rua estava vazia.

— Onde está a polícia? — Omar Yussef perguntou.

— Hussein deve ter se esquecido de ligar para a emergência — Khamis Zeydan ergueu uma sobrancelha sarcástica. Ele sentiu peremptoriamente o pulso no pescoço de Hussein.

Omar olhou para a parte detrás destroçada do crânio e as perfurações no torso balofo onde o miliciano disparara em automático. Excremento enchia a cueca frouxa de Hussein e a poeira já tinha começado a depositar uma camada áspera sobre os ferimentos à bala.

— Que horror.

— Ao menos ele morreu com as pontas dos dedos intactas — Khamis Zeydan disse.

Omar Yussef olhou fixamente para seu amigo.

— Mesmo o pior dos homens merece ser respeitado na morte — disse.

— Relaxe. Você sabe exatamente o que estou dizendo. Vamos dar uma olhada na casa dele. — Eles deram um passo sobre o guarda morto na entrada para o prédio e o sangue se acumulando em volta dele.

A porta para o salão no terceiro andar estava aberta. A espuma nos sofás queimava, enchendo a sala com uma fumaça sufocante. Havia uma marca negra de explosão no centro do teto, onde o candelabro de cristal ficava, e vidro sob os pés deles.

— O míssil veio pela parede e atingiu o teto ali — Khamis Zeydan disse. — Qualquer um nesta sala teria sido atingido pelos estilhaços.

— Ou pedaços do candelabro.

Atrás da comprida mesa de jantar, Omar Yussef encontrou o rapaz do café, seus braços abertos e uma bala através de seu rosto ossudo cheio de acne. Seus olhos estavam abertos. Parecia não mais que um pouco perplexo, mas estava bem

morto. Yussef deu uma olhada para o corredor. Mais dois guardas jaziam contorcidos e imóveis.

As estantes de cristal ao longo da parede tinham desabado. A coleção de garrafas e copos de Hussein estava despedaçada sobre o chão de mármore. Omar Yussef inclinou-se com dificuldade e pegou o gargalo de uma garrafa quebrada.

— No momento em que isso tudo estava começando, o doutor Najjar me ligou do necrotério — ele disse. — Ele encontrou a tampa de uma dessas na garganta de Bassam Odwan. O prisioneiro sufocou com ela.

Khamis Zeydan cheirou o líquido escuro no fundo de outro pedaço de cristal parcialmente quebrado.

— Conhaque. Você acha que Hussein convidou Odwan para um drinquezinho aconchegante?

Khamis Zeydan foi para as outras salas para dar uma olhada. Omar Yussef sentiu o peso do gargalo da garrafa na mão e rolou-o na parte macia de sua garganta debaixo do pomo de adão. O toque frio em sua pele flácida fez voltar a ele os momentos de sufocação do pesadelo. Teve um arrepio e colocou o pedaço de cristal na mesa.

Uma sirene aproximava-se ao longo da rua da praia. Omar Yussef sentiu seu pulso bater mais rápido. Quando você ouve uma sirene, pensou, você não consegue deixar de pensar que estão vindo atrás de você. Um jipe turquesa da polícia parou junto ao corpo de Hussein. Cinco policiais saltaram da traseira do jipe e um oficial se juntou a eles do banco da frente. Formaram um grupo indeciso a alguns metros do cadáver. O oficial se aproximou de Hussein e o observou de pé. Ele puxou seu quepe azul para trás e coçou a testa.

Khamis Zeydan veio observar por trás do ombro de Omar Yussef.

— Estou ansioso pela investigação enérgica das forças de segurança — ele disse, sorrindo.

— Você não tem uma reunião para ir?

— Qual é o seu problema? — Khamis Zeydan disse, surpreso com o tom irritado de seu amigo.

— Vocês do Conselho Revolucionário, vocês se matam uns aos outros, depois convocam uma reunião e fazem as pazes até a próxima vez que decidirem se matar uns aos outros — Omar Yussef gritou. — Enquanto isso, são pessoas comuns, como aquele pobre coitado do rapaz do café no chão ali, que pagam o preço.

— Você acha que eu gosto que seja assim?

— Você parece se sair muito bem com esse sistema, apesar de seu cinismo quanto a ele.

— O que você quer dizer? — Khamis Zeydan pôs um cigarro na boca e procurou o isqueiro no bolso.

— Quem está pagando o seu ótimo quarto de hotel? E seus jantares caros? E seu apartamento em Belém? E a bebida a qual você está fedendo nesse preciso momento?

E os cigarros idiotas que o estão matando? — Omar Yussef arrancou com um tapa o cigarro da boca de Khamis Zeydan.

O comandante da polícia lá embaixo na rua olhou para a janela do terceiro andar. Apontou e falou com dois de seus homens, que correram para o prédio de Husseini.

— Os cigarros? Você está preocupado com a minha saúde?

— Khamis Zeydan pegou outro cigarro do bolso e o acendeu.

— Não sabia que você se importava, meu caro.

— Não faça disso uma piada.

— Lá em casa em Belém, eu admito que você teria razão em se preocupar comigo — Khamis Zeydan disse. Ele agarrou o braço de Omar Yussef, seus olhos abertos e cheios de entusiasmo.

— Mas em Gaza você entendeu tudo errado. Em Belém eu bebo por depressão, solidão, desgosto com a minha vida. Em Gaza é tudo ação, e eu devo admitir que eu vicejo nela. Os quartos cheios de fumaça, as manobras sujas, e a violência. Em Gaza, eu bebo porque é parte do maior alvoroço imaginável. Mesmo esse incidente de hoje de manhã me é estimulante.

Omar Yussef desvencilhou-se da mão do chefe da polícia.

— É verdade — Khamis Zeydan disse. — É como eu sou, o homem que você chama de seu amigo. Não tenho orgulho disso e não contaria isso a ninguém mais, mas Gaza é como os bons velhos tempos, lá no Líbano com o Velho, antes de termos arruinado tudo.

— Por Alá, o que pode estar mais arruinado do que Gaza? — Omar Yussef disse.

— A verdade é que devíamos ter ficado na clandestinidade para sempre. Não sabemos governar.

— Este lugar é governado de acordo com os ditames da Idade Média.

— Vamos, professor de história. Sem aulas.

Passos se ouviram na escada.

— Emires em disputa, medo inominável que se pode provar em cada partícula de poeira de tempestade, e morte — Omar Yussef disse. — Morte até para aqueles como Husseini, que estão acostumados a brandi-la. — Omar Yussef agarrou os ombros de seu amigo de modo a que seus rostos ficassem próximos.

— Isso não é história. É o presente.

Um dos policiais chegou à porta, ofegante. Ele apontou sua Kalashnikov. Omar Yussef riu com uma exalação rouca. Andou na direção da porta.

— Identifique-se — o policial disse. Era magro, jovem, e seu bigode contorceu-se.

Omar Yussef olhou furioso para ele.

— Sou o Emir Saladino, é quem eu sou. Agora saía da minha frente. Vou tomar meu café da manhã. Há um menino nessa sala que está morto porque vocês estavam muito ocupados tomando o seu café da manhã para poderem fazer seu serviço.

O policial deu um passo para trás e baixou o cano do rifle para os joelhos. Um segundo policial chegou pela escada, resfolegando. Olhou confuso para Omar Yussef e encostou-se no corrimão para deixá-lo passar.

Omar Yussef estava em seu segundo prato de ovos mexidos quando Khamis Zeydan acenou do outro lado do salão de café da manhã, sua expressão sombria fixa no chão para evitar conversas com os delegados do Conselho Revolucionário nas outras mesas. Embora os políticos e seus assessores ocupassem quase todas as cadeiras, o salão estava todo ressabiado em função da execução de Hussein. Mexiam nervosamente com os guardanapos, numa expectativa sombria, olhando fixamente para seus cafés com expressões mal-assombradas.

Omar Yussef terminou sua xícara de café e limpou a boca no guardanapo enquanto o chefe da polícia de Belém chegava à sua mesa.

— À sua dupla saúde — Khamis Zeydan disse.

— Eu posso finalmente ter encontrado meu apetite, mas não consigo associar nada em Gaza, nem mesmo a comida, com saúde. — Omar Yussef limpou a garganta e olhou para o prato.

— Desculpe pelo meu acesso de raiva lá. Depois de ver os corpos de Hussein e dos guardas e do menino, bem, foi demais para mim.

Khamis Zeydan fez um gesto contemporizador com a mão e optou por ignorar o âmago das acusações anteriores de Omar Yussef.

— Não, você tem razão. Eu devia fumar menos. — Ele sentou ao lado de Omar, embora instalando-se com inquietação na cadeira. Desdobrou uma folha de papel que estava no bolso de dentro de seu paletó. — Este é o panfleto das Brigadas de Saladino sobre a morte de Hussein — sussurrou.

Omar Yussef ergueu as sobrancelhas e passou manteiga em sua torrada.

— Eles datilografam rápido, não?

— Diz que Hussein foi morto pelas Brigadas, porque ele era um colaboracionista que matou “o combatente e irmão Bassam Odwan após tê-lo submetido a torturas que foram cruéis e características”. Isso se refere à Manicure de Hussein, não? Como eles sabiam sobre isso?

— Eu falei sobre isso com Sami — Omar Yussef disse. — Ele me disse que eles têm espiões nas prisões.

— O panfleto acusa Hussein de agir para solapar a resistência e prender seus mais importantes combatentes. — Khamis Zeydan pôs a folha única de papel na mesa.

Yussef deu uma olhada no panfleto e comeu um triângulo de torrada em três mordidas. Enquanto mastigava, descascou um ovo cozido com os dedos, cortou-o no meio, pôs sal e comeu uma das metades. Após um dia e uma noite sem comer, ele estava famélico.

— Você está comendo como um condenado em sua última refeição — Khamis Zeydan disse. Ele esperou Omar Yussef olhar para ele. — Vai haver uma sessão de emergência do Conselho Revolucionário. Para discutir o assassinato de Hussein e ver como as forças de segurança devem reagir. — Khamis Zeydan olhou em volta o salão de café da manhã. Nas outras mesas, delegados estavam se levantando, limpando migalhas de seus ternos elegantes e dando ordens murmuradas a seus assessores.

— O que você vai fazer?

Omar Yussef engoliu.

— O que faz um condenado depois de sua última refeição? — Ele comeu a segunda metade do ovo.

— Não seja ridículo — Khamis Zeydan disse. — Ignore essa observação. Foi uma piada. Os ingleses chamam isso de *gallows humor*, humor na forca.

— Por sorte não há enforcamentos em Gaza. Eu espero ser decapitado quando chegar a hora. — Omar Yussef apontou com o dedo para as cimitarras do emblema das Brigadas de Saladino. Ele olhou com mais atenção para o panfleto.

— O que quero dizer é o seguinte: depois da reunião do Conselho Revolucionário, haverá alguma resposta contra as Brigadas de Saladino — Khamis Zeydan disse.

— Uma resposta militar. Prisões. Talvez as Brigadas reajam lutando. Pode ficar feia a coisa na rua hoje. Não podemos deixar a impressão de que eles podem ficar impunes pelo assassinato de um de nós, pouco importando que todos nós achássemos que Hussein era um grande filho da puta. Não fique no meio do fogo cruzado, certo?

Omar Yussef tirou a tampa de um pote miniatura de mel e despejou-o sobre um croissant.

— Se a minha proteção pessoal fosse minha principal prioridade, eu nem estaria em Gaza.

Khamis Zeydan deu um suspiro impaciente.

— O ambiente hoje está muito, muito perigoso. Você precisa tomar cuidado.

— Você me disse que adora essa sujeira, essa intriga e dissimulação, essa violência — Omar Yussef disse. — Mas esses prazeres são reservados para os membros de um clube seletivo? Quero tomar parte na diversão.

— Não seja ridículo. Você sabe que detesta tudo isso. Ontem você quase perdeu o ânimo quando não conseguia ter claro na cabeça as diferentes forças de segurança e as várias milícias.

— Eu aceitei o conselho que você me deu: não estou tentando ficar a par das organizações deles; só de suas intenções.

— Omar Yussef mordeu o croissant. — Querem me comer vivo.

— Isso foi só força de expressão — Khamis Zeydan chegou mais perto. — Eles realmente não se importam se você estiver vivo ou não.

Yussef sorriu e fez um gesto com o croissant.

— Quanto tempo vai demorar essa reunião do Conselho Revolucionário?

— Todo mundo vai declarar o quanto está chocado e fingir que Husseini não era um calhorda. Isso deve levar umas duas horas, eu diria. Acrescente então um pouco de tempo para alguém, provavelmente al-Fara, dizer que não se pode permitir que coisas assim ocorram em Gaza e exigir a prisão do responsável. Duas horas e quinze.

Omar Yussef assentiu e mordeu o croissant. O mel ficou em seu bigode. Ele sugou-o com o lábio inferior.

— Tenho de ir — Khamis Zeydan disse. — Por que você simplesmente não passeia na praia e fica fora de encrencas?

Omar Yussef olhou pela janela do salão de café da manhã para a poeira no vento ao longo da faixa de areia estreita.

— Está um tempo ótimo para isso — disse.

Khamis Zeydan suspirou, bateu na mesa com a prótese enluvada em exasperação e foi para a porta.

Na praia, um menino com sua cabeça coberta por um *keffiyeh* vermelho e branco jogou uma rede. O vento quente agitava sua camiseta rasgada. A primeira vez que Omar Yussef sentara naquele salão de café da manhã, três meninos estavam brigando na praia. Ele se perguntou se esse era um dos três e onde estavam os outros dois. Torceu para que estivessem apenas se abrigo da tempestade de areia.

Ele não poderia continuar sua investigação das Brigadas de Saladino e do paradeiro do míssil roubado de Odwan até ficar sabendo de Sami. Se Sami tivesse arranjado uma reunião para ele com os homens das Brigadas de Saladino, ele iria precisar ter algo para dar em troca da liberdade de Wallender. As Brigadas queriam trocar Odwan por Wallender; agora que Odwan estava morto, iriam pedir alguma outra coisa, se Wallender ainda estivesse vivo. Sami estava certo: ele não podia oferecer a eles o míssil. Mesmo se o encontrasse, sabia que teria de destruí-lo — ou levá-lo para alguém decente, que o desmontaria em vez de vendê-lo de volta às milícias.

Ele não iria dar a eles um brinquedo novo para o jogo assassino deles.

Com a ponta Odwan do quebra-cabeça bloqueada, Omar Yussef considerou a questão do professor Eyad Masharawi. Masharawi estava detido numa prisão da Segurança Preventiva.

Ele não achava que o caso do professor pudesse realmente estar conectado com o sequestro de Wallender ou a morte de Odwan. Mas supunha que se

prosseguisse com o caso de Masharawi, qualquer sujeira que descobrisse sobre a Segurança Preventiva poderia ao menos interessar às Brigadas de Saladino, em particular porque o Conselho Revolucionário — agora dominado por al-Fara — estava em vias de mandar as forças de segurança atrás deles para vingar o ataque a Husseini. Em troca da libertação de

Wallender, ele poderia oferecer aos milicianos informações que eles pudessem usar contra o líder da Segurança Preventiva.

Ele repassou os esforços que ele e Magnus tinham feito para libertar Masharawi. Antes do sequestro do sueco, ele jantara com o professor Maki e discutira o caso.

Ele decidiu investigar as verdadeiras razões de Maki para entregar às forças de segurança um professor criador de caso. Omar Yussef lembrou-se dos diplomas da al-Azhar pendurados atrás da escrivaninha do coronel al-Fara e na parede da casa de Salah em Rafah. Ele suspeitara que o diploma de al-Fara era fraudulento. Talvez os dos irmãos Salah também fossem.

Omar Yussef mordeu outro croissant e mastigou-o, pensativo. Dobrou o panfleto das Brigadas de Saladino e enfiou-o no bolso da camisa junto com o outro. O professor Maki estaria na reunião do Conselho Revolucionário naquela manhã. Omar Yussef decidiu ir até o escritório do professor e pedir à secretária dele para ver os arquivos dos irmãos Salah. Se eles tivessem comprado seus diplomas, esta seria uma informação que valeria a pena oferecer às Brigadas de Saladino: alguma sujeira quanto ao tenente morto que tinha sido exaltado como um herói e por cuja morte o homem deles, Odwan, tinha sido assassinado.

Na recepção, ele pediu a Meisoun para chamar um táxi.

— Para onde, *ustaz*? — ela perguntou, enquanto ligava para a empresa.

— Prefiro não dizer.

Ela inclinou-se para a frente, sorrindo.

— O senhor tem outra namorada? Meu pai está esperando o camelo dele. Não vai desapontá-lo, vai?

Ele tossiu.

— Estou a caminho de roubar o camelo agora, conforme prometido.

— Eu vou esperá-lo. Mas não se deixe pegar. Vão colocá-lo numa prisão especial para ladrões de camelos. Há uma prisão especial para tudo em Gaza. Até para apaixonados sem sorte.

Omar Yussef passou os dedos no bigode, embaraçado. Ainda estavam grudentos do mel.

Ele pagou o motorista do táxi na entrada da al-Azhar e passou pelos pôsteres dos terroristas suicidas a caminho do prédio principal.

Umm Rateb levantou-se com uma expressão de prazer quando Omar Yussef chegou à porta aberta dos escritórios de Maki.

— Manhã de alegria, *ustaz* Abu Ramiz — ela exclamou.

— Manhã de luz, cara Umm Rateb. — Omar Yussef tentou desviar os olhos da boca ampla e sensual dela.

— Sente-se e tome um café.

— Alá a abençoe, mas acabei de saborear um enorme café da manhã agora há pouco.

— À sua dupla saúde, *ustaz*, em seu coração.

— Obrigado, obrigado. — Omar Yussef lançou um olhar de relance ao escritório de Maki.

— Mas o professor Maki não está aqui. — Ela fez um gesto na direção das persianas fechadas sobre a janela entre o escritório dela e os aposentos privados de Maki. — Ele está no Conselho Revolucionário. Estão tendo uma reunião especial para discutir o assassinato do general Hussein.

— Eu sei — ele disse. — Vim por outra razão.

Umm Rateb pareceu confusa. E então sorriu.

— O que você está aprontando, Abu Ramiz? — Ela balançou o indicador na direção dele.

— Preciso dar uma olhada nos registros de alguns estudantes.

— Eles são confidenciais, em princípio. — O dedo continuou a subir e descer.

— Não há problema. Quando estive aqui no outro dia, o professor Maki discutiu certas questões comigo e meus colegas das Nações Unidas. De fato, suas palavras exatas foram que nós poderíamos pedir a Umm Rateb para trazer o arquivo de qualquer estudante para que pudéssemos examinar os registros, e assim por diante.

— Na realidade, eu deveria confirmar com ele.

— Ele está na reunião do Conselho Revolucionário, como você disse.

O sorriso de Umm Rateb morreu. Ela deu uma olhada para a mesa vazia onde a outra secretária estivera durante a visita anterior de Omar Yussef.

— Você teve sorte de minha colega Amina não estar aqui esta manhã. Ela é muito rigorosa. — Foi até a porta externa e a fechou. — Isso tem a ver com o marido de Salwa, *ustaz*? Com o professor Eyad Masharawi?

Omar Yussef assentiu.

— Você quer os registros de quem?

— Fathi Salah e Yasser Salah.

Umm Rateb assentiu gravemente. Foi até os arquivos cinza junto à parede e abriu um deles. Ela tirou uma pasta da gaveta e a entregou a Omar Yussef.

— Leia na mesa do professor Maki — ela disse — para o caso de alguém entrar. Não o verão atrás das persianas.

Ele abriu a pasta na mesa de Maki. Continha os históricos escolares do tenente Fathi Salah. As notas no ensino médio eram muito boas, e Omar Yussef observou com aprovação que em história ele tirara as mais altas. Em seguida havia o registro das matérias que ele fizera na al-Azhar: notas indo de C a A, o histórico completo.

Ele tirou do bolso os panfletos das Brigadas de Saladino. Pôs o mais novo de volta e desdobrou o primeiro. Abriu-o na mesa e, debaixo de onde anotara o número do celular de Sami, copiou o registro de Fathi Salah. Virou a página na pasta e encontrou uma impressão de computador do departamento de contabilidade. Listava dúzias de pagamentos, todos de quantias pequenas, o último sendo pouco antes da formatura de Fathi. Tinha o aspecto de um homem pobre se esforçando até mesmo para pagar as parcas exigências financeiras de uma universidade local. Omar Yussef fechou a pasta de Fathi, foi até a porta do escritório de Maki e a entregou de volta para Umm Rateb. Em troca, ela lhe deu outra pasta.

Eram os registros de Yasser Salah. O histórico escolar do ensino médio mostrava *Bs* em todas as matérias. O histórico de seu bacharelado: mais *Bs* em tudo. Então o de direito. Surpreenda-me, Omar Yussef pensou.

— *B* em tudo — disse em voz alta.

O resumo dos pagamentos de Yasser pelo departamento de contabilidade estava faltando. Ele escreveu no verso do panfleto das Brigadas de Saladino: Yasser Salah *B* em tudo. Nenhum pagamento. Ele virou o panfleto e releu a exigência das Brigadas da libertação de Odwan em troca da de Wallender. Poderia realmente haver uma conexão entre as notas escritas a mão no verso da folha e essa mensagem impressa na frente? Ele pôs suas anotações na mesa e foi ter com Umm Rateb, que estava junto aos arquivos, esperando. Ele deu a pasta a ela, que fechou a gaveta.

Suspiraram com alívio. Omar Yussef bateu no bolso da camisa e lembrou-se do panfleto na mesa. Deu um passo na direção do escritório de Maki para pegá-lo. E então a porta se abriu.

— Abu Ramiz, que surpresa agradável — Adnan Maki disse. Ao entrar, o reitor da universidade mordeu o lábio inferior e arregalou os olhos, maliciosamente.

— Umm Rateb, este cosmopolita e glamoroso cavalheiro da Cisjordânia a seduziu a abandonar sua moral religiosa?

Omar Yussef e Umm Rateb deram um passo para trás se afastando um do outro, como se tivessem sido pegos se agarrando ilicitamente.

— Oh, não se preocupem — Maki disse. — Tenho certeza de que vocês dois estão aprontando alguma travessura. E aprovo inteiramente. — Ele riu e pegou a mão de Omar Yussef. Acariciou o dorso com o polegar e deu um olhar malicioso, a ponta da língua no lábio superior. Seus dedos eram tão leves que Omar Yussef teve a sensação de ser tocado por uma rede de espinhas de peixe.

Maki deixou cair a pasta de couro no sofá preto para poder abraçar Omar Yussef. Deu cinco beijos e tocou o ferimento na cabeça de Omar Yussef.

— Você esteve nas guerras, como dizem na Inglaterra.

Gallows humor, Omar Yussef lembrou.

— Todo mundo está citando os ingleses para mim hoje. — Ele tossiu e acabou se engasgando.

— Umm Rateb, traga água para nosso amigo e então café — Maki disse. — Venha para meu escritório, Abu Ramiz.

Omar Yussef continuou tossindo. Ele balançou a cabeça e sentou no sofá preto, segurando a mão de Maki e o puxando para o seu lado. Lançou um olhar de esguelha para Umm Rateb e indicou com os olhos lacrimejantes o escritório de Maki, esperando que ela fosse resgatar o panfleto das Brigadas, mas em seu nervosismo ela estava cega para insinuações.

— Abu Ramiz, fique onde está — ela disse. — Vou trazer um copo de água. Abu Nabil, o que o Conselho Revolucionário decidiu?

Ela está tentando assegurar que ele não se pergunte o que eu estou fazendo aqui, Omar Yussef pensou. Umm Rateb trouxe o copo de água. Ela não sabe do papel na mesa de Maki.

— A reunião foi bem como se esperava, Umm Rateb — Maki disse. Ele abriu amplamente os braços e, enquanto Omar Yussef bebia a água, deu-lhe um tapa nas costas, fazendo-o tossir de novo. — Desculpe, Abu Ramiz, mas estou num excelente humor esta manhã.

Não é o tempo horroroso que o deixa tão animado. Deve ter sido um bom assassinato, Omar Yussef pensou.

— Na reunião do Conselho, eu falei demoradamente sobre a reação enérgica que é necessária — Maki disse. — O coronel al-Fara concordou comigo e disse que iria se unir com as outras forças de segurança para prender os assassinos do general Husseini. Foi tudo muito rápido, pois estabeleceu-se um consenso generalizado quanto ao que afirmei entre todos os membros. Foi um momento de orgulho para mim.

Omar Yussef deu uma última tossida.

— Vamos para seu escritório para termos uma conversa particular? — disse. Talvez conseguisse pegar suas anotações antes que Maki as visse.

Maki pegou sua pasta e conduziu Omar Yussef pela mão para seu escritório. O panfleto, enrugado e dobrado nas pontas, estava no meio da mesa. Maki pôs a valise deitada nela. Sem perceber o folheto, ele o cobriu. Omar Yussef olhou com atenção. Inclinou-se para a frente. A ponta do folheto ficara para fora da valise. Se Maki saísse da sala por um instante, ele poderia catá-lo de volta.

Umm Rateb trouxe dois cafés numa bandeja.

— Agora que voltou cedo, Abu Nabil — ela disse para Maki —, sua agenda adiada pode ser retomada?



Ela está tentando me salvar, me tirar daqui, Omar Yussef pensou. Ela vai fazer com que eu saia antes que eu consiga pegar o papel na mesa. Ele tentou cruzar os olhos com ela.

— Sim, claro, de volta ao trabalho. — Maki deu um largo sorriso. — Com afinco redobrado.

— Vou informar a pessoa que estava agendada como o seu próximo compromisso. — Umm Rateb piscou para Omar Yussef. Inclinou-se com a bandeja de café.

Omar Yussef sentiu o cheiro do sabonete dela. Ela pôs o café na borda da mesa. Maki puxou a valise para fazer espaço e, ocupado com os cafés, pôs descuidadamente a valise no chão perto dele. O panfleto foi junto. De que lado terá caído? Omar Yussef se perguntou. Talvez tenha ido direto para o cesto de lixo e estou salvo.

De qualquer modo, ele não poderia recuperar o papel agora.

Umm Rateb saiu para localizar a pessoa que Maki atenderia em seguida.

— Que sempre haja café para você — Omar Yussef murmurou.

— Abençoado seja—Maki disse, respondendo à fórmula de gratidão pela hospitalidade. — Fiquei sabendo do problema do seu amigo sueco. Foi discutido brevemente no Conselho Revolucionário.

— Brevemente?

— Tantos outros assuntos urgentes. Na noite passada, o coronel al-Fara pressionou o general Hussein, o falecido, para soltar Odwan para que as Brigadas libertassem seu amigo e colega.

— Bem, Odwan está morto e o general Hussein também. Por que o próprio coronel al-Fara não liberta alguém?

— Você está de volta ao assunto daquele mentiroso, o horrível professor Masharawi? — Maki entortou os cantos da boca para baixo e revirou seus olhos negros e úmidos como se tivesse acidentalmente engolido a grossa borra de café no fundo de sua pequena xícara.

— É por isso que estou aqui, afinal.

— É mesmo? — Maki disse, em tom baixo. Colocou a xícara na mesa. Uma nova voz soou na antessala. — Meu próximo compromisso chegou, Abu Ramiz. Teremos de continuar nossa discussão uma outra hora. Tenho muito o que fazer antes de comparecer ao funeral do general Husseini. — Ele se levantou.

— Eu mantenho uma agenda rigorosa aqui. É totalmente não-palestino. Mas é uma das características que adotei durante minhas viagens. — Então ele sussurrou: — No mundo civilizado. — Deu uma risadinha.

Um homem barbado chegou na porta trazendo um maço de papéis e forçando um sorriso adulator para acompanhar a risada de Maki, que se voltou para cumprimentá-lo. Quando Omar Yussef saiu, ele fechou a porta.

Yussef inclinou-se sobre a mesa de Umm Rateb.

— Quando o professor Maki sair do escritório, veja se há lá um pedaço de papel com uma declaração das Brigadas de Saladino. Deve estar no chão atrás da mesa dele. Como um tolo, eu tomei notas nele e o deixei lá.

— Vou tentar pegá-lo, Abu Ramiz. — Ela olhou nervosamente para a porta de Maki.

As persianas da janela do escritório de Maki se abriram num único movimento rápido. Maki sorriu, segurando a cordinha, acenando adeus pelo vidro para Omar Yussef.

— Como está Salwa hoje? — Omar Yussef perguntou, assentindo polidamente para Maki.

— Que sejam dadas graças a Alá — Umm Rateb disse.

— O melhor que pode, é?

— Ela está em casa. Tenho certeza de que sua companhia será bem-vinda. — Umm Rateb fez um gesto com o queixo na direção dos arquivos atrás da mesa dela. — Se você tiver descoberto alguma novidade para ela.

Omar Yussef sorriu, foi até a porta e atravessou o corredor. Saiu na poeira e fez sinal para um táxi.

Em meio às oliveiras na frente da casa de Salwa Masharawi, Omar Yussef sentiu o cheiro caseiro de pão quente no ar. Salwa estava sentada num banquinho na frente do forno de barro no canto do jardim. Ela ia se levantar ao vê-lo, mas ele fez um sinal para ela continuar trabalhando.

Salwa se curvou, espalhando a massa sobre a superfície redonda de uma frigideira de cabeça para baixo. Atiçou os carvões sob o metal escurecido, e a massa fina crepitou.

Desenrolou-a e a virou. O lado exposto do pão era amarelo cor de manteiga, pontilhado por bulbos crocantes pretos e manchas marrons onde o ar preso dentro da massa a queimara.

Omar Yussef apoiou o pé na baixa parede de tijolos em volta da área de cozinhar.

— Tempo delicioso para um churrasco — disse, fazendo um gesto para o ar poeirento em volta deles. — Vamos chamar a família toda aqui para fora.

O rosto de Salwa se contraiu quando ele mencionou a família dela, e Omar Yussef arrependeu-se de sua piada. Pigarreou.

— Minha filha, vim para lhe dizer que descobri algo que vai ajudar o seu marido.

A mulher endireitou-se no banco e olhou para Omar Yussef com atenção.

— Fui até o escritório do professor Maki. Examinei os arquivos de dois irmãos de Rafah. Descobri que o histórico escolar de um que é oficial na Segurança Preventiva do coronel al-Fara é claramente fraudulento. — Omar Yussef inclinou-se para mais perto de Salwa. — Seus registros financeiros também não cheiravam bem.

— Como isso vai ajudar Eyad?

— Agora que a ONU tem provas da acusação de Eyad contra as forças de segurança, poderemos defendê-lo argumentando que Eyad foi preso por ter exposto uma conspiração real.

Salwa assentiu, lentamente. Omar Yussef havia achado que ela ficaria mais feliz com a descoberta. Um intenso cheiro de carvão veio a eles. Salwa soltou uma interjeição e tirou o pão queimando da frigideira de cabeça para baixo. Ela se levantou com as mãos na parte de baixo das costas e se espreguiçou.

— Desculpe por essa recepção, Abu Ramiz. Para mim está difícil ver algo bom no que quer que seja no momento — ela disse.

— É compreensível, minha filha.

Ela inclinou-se para pegar a pilha de pão folha que já tinha feito.

— Não, não é. Não ajuda Eyad eu ficar deprimida. Foi por isso que decidi fazer pão hoje. Precisava mostrar a mim mesma que o mundo continua, apesar do que aconteceu.

Omar Yussef seguiu-a para a casa.

— Muito sábio da sua parte.

— Até eu queimar o pão.

Na cozinha, ela colocou o pão na pia e pôs água para fazer café.

— Foi gentil da sua parte vir trazer essa notícia, Abu Ramiz — ela disse. — Sei que está ocupado. Está trabalhando duro por meu marido e o seu amigo, o estrangeiro.

Omar Yussef encostou-se na geladeira. Salwa não o mandara para a sala de estar, mas deixara que ele a seguisse para um lugar em geral barrado para visitas do sexo masculino. Ele sentiu o aconchego de estar com uma mulher em sua cozinha e ficou maravilhado que pudesse ser tão reconfortante mesmo numa casa virada do avesso pelo medo como aquela. Quis estar com Maryam e poder chegar até ela e acariciar suas omoplatas como ela gostava.

Salwa pôs pó de café e açúcar no bule e o colocou no fogão, Seus ombros balançaram, mas só quando a ouviu soluçar Omar Yussef percebeu que ela estava chorando. Tirou o lenço do bolso da calça e o encostou na mão dela. Ela enxugou o rosto e fungou.

— Às vezes eu penso que os únicos palestinos que não estão chorando são os mortos — Salwa disse.

— Não acho que o coronel al-Fara derrame muitas lágrimas — Omar Yussef disse.

— Gostaria que ele estivesse morto, — Salwa olhou para Omar Yussef e o rosto dela ficou sem expressão, como se tivesse ficado horrorizada consigo mesma.

— Nisso, como em tudo o mais, você tem a minha inteira solidariedade — Omar Yussef sorriu para Salwa até que ela o recompensasse com uma risadinha por trás do lenço.

— Você está sendo muito bom ao ajudar meu marido dessa maneira, Abu Ramiz — ela disse.

— Sei que ele faria o mesmo por mim. Uma vez, eu tive a infelicidade de ser injustamente preso em Belém, há muito tempo. Não posso deixar um homem inocente sofrendo num lugar desses.

Salwa ergueu as sobrancelhas. Omar Yussef sabia que ela estava para lhe perguntar por que ele tinha sido preso. A última vez que ele dissera a palavra assassinato, tinha sido como se as próprias sílabas resultassem fatais para Cree. Ele não as pronunciaria para Salwa.

— Foi uma disputa política. É coisa do passado — disse. — Seu marido é tudo o que me preocupa agora.

Ela ficou olhando-o por um momento, depois sorriu.

— Estou sendo muito pouco hospitaleira. Por favor, fique à vontade na sala enquanto eu termino de fazer o café, Abu Ramiz.

Omar Yussef sentou na poltrona de onde ele vira Magnus na televisão na noite anterior. Lembrou-se de seu encontro com o professor Maki, e sua respiração se acelerou.

Esfregou a testa e se perguntou se Umm Rateb conseguiria recuperar suas anotações antes que o professor as encontrasse.

Ele ouviu uma música vindo de algum lugar perto. Era uma versão rala, eletrônica, de uma cantata de Bach, acompanhada por um zumbido grave. A princípio Omar Yussef não conseguiu entender o que era, mas então ele sentiu algo vibrando no bolso de sua calça e percebeu que era o celular de Sami. Estalou a língua com impaciência e franziu o rosto olhando para o telefone. Ele decidiu que o botão verde era o que aceitava uma ligação. Apertou-o, segurou o telefone a alguns centímetros de sua orelha e atendeu.

— Quem é?

— Queria falar com Abu Ramiz. — A voz no telefone era rude e alta.

— É ele.

— Abu Ramiz da ONU?

Omar Yussef assentiu. Ele desconfiava de celulares, mas a voz deixou-o duplamente em guarda.

— Quem é você?

— Alguém quer dizer alô.

Uma nova voz veio na linha, ofegante e grossa. Era Magnus Wallender.

— Abu Ramiz, como vai?

Omar Yussef segurou com força o telefone e o apertou contra a orelha.

— Que sejam dadas graças a Alá, Magnus. Você ainda está vivo.

— Se você diz isso.

— Onde você está?

— Não sei, Abu Ramiz. — Magnus se interrompeu e falou algo fora do telefone. A voz rude respondeu com uma ordem para “ler”. — Abu Ramiz, estou lendo, agora: As Brigadas de Saladino se vingaram do traidor e colaboracionista Hussein, o assassino do irmão Bassam Odwan. Mas as Brigadas advertem que algo ruim...

— Wallender gemeu e respirou fundo. — Algo ruim vai acontecer com o estrangeiro Wallender se todas as pessoas da ONU não partirem imediatamente de Gaza.

— Elas já partiram. — Omar Yussef pensou em sua conversa com a americana da ONU.

— Por que elas partiram, Abu Ramiz? — Magnus soou ao mesmo tempo curioso e solitário.

— Alguém em Jerusalém decidiu que era muito perigoso. — Ele pensou no cadáver queimado de James Cree. — Por causa de seu sequestro.

— Então não há ninguém a não ser você?

— Há o pessoal local. Mas eles não estão se envolvendo.

Magnus repassou isso para o outro homem. Houve um som de algo chacoalhando e a voz grosseira rosnou na linha mais uma vez.

— Você também deve partir de Gaza imediatamente, se quer que seu amigo fique seguro.

— Preciso de uma autorização especial dos israelenses para passar pelo posto de controle tão de repente assim.

A voz hesitou, mas voltou com desdenhosa determinação.

— Isso é besteira. Você é da ONU. Consiga uma autorização e caia fora.

— Deixe-me falar com Magnus de novo.

A linha ficou muda.

Omar Yussef praguejou. Salwa entrou com seu café. Ela olhou para ele com uma expressão firme, cheia de expectativa. O telefone tocou de novo. Omar Yussef apertou o botão verde.

— Magnus?

— Quê? — A voz de Khamis Zeydan estava cercada por um murmúrio de conversas.

— Os sequestradores acabaram de me ligar. Falei com Magnus.

— Então ele está vivo.

Omar Yussef olhou fixamente para o espesso negrume de seu café.

— Como eles conseguiram o telefone de Sami? Como eles sabiam que eu estava com este telefone?

Ouviu Khamis Zeydan grunhir com impaciência.

— Só estou com este telefone desde a noite passada—Omar Yussef disse. — Eles ligaram para o outro telefone de Sami primeiro?

— Você está suspeitando do homem errado, meu amigo — Khamis Zeydan disse.

— Só porque alguém o chama de meu amigo, não quer dizer que ele de fato seja seu amigo.

Outro grunhido.

— Lembre do que disse o cunhado do Profeta: Aquele que tem mil amigos não tem nem um único amigo sobrando. — Khamis Zeydan disse. — Você precisa

de Sami.

— Você deixou de lado a segunda parte da frase de Ali: E quem tem um inimigo vai encontrá-lo em toda parte.

Omar Yussef ouviu um clique e uma inalação, ao Khamis Zeydan acender um cigarro. O chefe da polícia exalou a fumaça.

— Estou a caminho de nosso hotel. Precisamos conversar.

— Estou na casa de Salwa Masharawi.

— Vou buscá-lo aí, então.

Omar Yussef olhou para os olhos de Salwa. Estavam vermelhos, mas não havia mais lágrimas. Ele balançou a cabeça no telefone.

— Ainda não. Vou ficar aqui mais um pouco.

— Não, você vai vir comigo. — Khamis Zeydan foi firme. — Vou levá-lo a um funeral.

Sami dirigiu seu jipe Cherokee em direção à varanda de mogno na frente da residência presidencial. Homens da Inteligência Militar estavam de braços dados para conter a multidão no pátio do prédio. A massa entoava “Alá é grande” e empurrava os soldados, deslocando suas boinas vermelhas e pressionando alguns deles contra o carro com ruídos surdos que faziam Omar Yussef sobressaltar-se. Um barulho contínuo de armas disparando para o ar penetrava a isolada tranquilidade do carro caro de Sami.

— Deve haver milhares de pessoas aqui — Omar Yussef disse. — Achei que Husseinini fosse impopular.

— Ele era um canalha — disse Khamis Zeydan. O chefe da polícia olhava para a multidão por cima de seu cigarro.

— Então por que essas pessoas estão transtornadas?

— Você sabe como é quando um líder árabe morre. Ninguém gostava dele, mas mesmo assim ele representava algo de bom para eles: estabilidade, um salário, apoio ao povo de sua aldeia contra outra aldeia. Isso é tudo o que você está vendo.

— Estão com raiva. Pode haver tumulto, depois do funeral.

— O funeral já é um tumulto. Depois do funeral? Alguém terá de morrer.

Sami estacionou junto à varanda. Um oficial abriu a porta e fez continência. Khamis Zeydan dirigiu-se para a entrada. Omar Yussef franziu os olhos no vento quente e poeirento, sobre a massa de cabeças. Parecia que a multidão gritando e entoando estava fazendo pressão contra ele sozinho, cerrando os punhos no ar e exigindo vingança. Não ficou nem um pouco surpreso que, no último momento, o presidente tivesse optado por ficar em Ramallah e faltar ao funeral.

Da rua da praia, um estrondo grave ribombou como as ondas de ressonância de uma bomba nos segundos após a detonação. Veio de novo, uma batida regular. Uma banda entrou e Omar Yussef se deu conta de que era um tambor grave, percutido com um movimento completo dos ombros. A banda tocava a *Marche Slav* de Tchaikovsky e o grande tambor soava a cada dois compassos. Estavam trazendo o corpo da casa de Husseinini. A multidão avolumou-se atrás do cordão militar. Omar Yussef seguiu Khamis Zeydan para dentro do prédio presidencial.



No alto de uma escadaria caiada adornada com uns poucos vasos de plantas, Omar entrou num salão de conferências cheio de fumaça e grupos murmurantes de homens bem-vestidos.

Na cabeceira da longa mesa, grandes retratos do presidente e de seu antecessor estavam pendurados na parede. De ambos os lados das fotografias, a bandeira palestina pendia de mastros da altura de um homem baixo. Um integrante da Inteligência Militar num uniforme simples e sem a boina serviu uma pequena xícara de café amargo para Omar Yussef de uma garrafa térmica plástica que fora projetada de modo a parecer o bule tradicional de cobre.

Khamis Zeydan fez um sinal de onde estava junto à janela. Ele falou em voz baixa enquanto fumava. Seus lábios mal se moviam.

— Onde você foi esta manhã?

— O que você quer dizer?

— Eu só o trouxe a este funeral porque quero ficar de olho em você. Não dá para confiar em você quanto a não se meter em encrenca. — Seus olhos percorreram rapidamente o salão.

— Então me diga, depois que fui para a reunião do Conselho Revolucionário e o deixei tomando café da manhã, onde você foi?

— Por que você não me perguntou no carro a caminho daqui?

— Isso não é para Sami ouvir. Você supostamente devia ter ido caminhar na praia.

— Esqueci de trazer meu calção de banho para Gaza.

Khamis Zeydan soprou fumaça de cigarro sobre Omar Yussef.

— Vai ter de achar um. Estão fazendo um calendário, como aqueles americanos com fotos de supermodelos brincando nas ondas. Este vai se chamar Vítimas de Assassinato na Costa de Gaza. Você vai ser a Miss Agosto.

— Minha época predileta do ano. Em todo caso, não estou com medo de incomodar pessoas. Quero libertar Magnus, mesmo que ninguém mais pareça se lembrar dele.

— Você não ficou sabendo? Ele é a Miss Setembro.

— Não estou disposto a deixar isso acontecer. — Omar Yussef endireitou os ombros e ergueu o queixo. Sentiu-o tremer de raiva. E esta manhã estava fazendo o melhor que posso para evitar a morte dele.

— Eu não acho. — A mandíbula de Khamis Zeydan retesava-se a cada palavra. — Eu acho que você estava cometendo um erro esta manhã.

— Você sabe aonde fui?

— Tenho uma boa noção. Escute, Maki não pode ajudá-lo. Você só vai se meter em problemas piores se o ficar assediando.

— Não tenho outras pistas.

— Não é uma pista. É um beco sem saída, uma parede de tijolo em que você está investindo a toda velocidade, só porque Magnus foi sequestrado logo depois de você ter jantado com Maki.

— Não era a isso que eu estava me referindo como uma pista.

— Que outras grandes conspirações você descobriu, então?

— Khamis Zeydan soltou a fumaça furiosamente, como se ela pudesse encobrir os dois da vista dos outros homens ali.

— Na parede da casa da família do tenente Fathi Salah, há diplomas da al-Azhar. Dele e de seu irmão Yasser, um oficial da Segurança Preventiva.

Khamis Zeydan deu de ombros.

— E daí?

— Esta manhã eu olhei os registros acadêmicos no escritório de Maki — Omar Yussef disse.

— Você fez o quê? Como?

Omar Yussef fez um gesto impaciente com a mão.

— O registro de Fathi está limpo, um estudante normal que evidentemente trabalhou duro para pagar todas as mensalidades. Mas o de Yasser era fraudulento, e seu pai me disse que ele foi recentemente promovido. É justamente o que Eyad Masharawi afirmou: os oficiais de al-Fara compram diplomas de Maki para serem promovidos.

— Isso não passa de um escândalo menor.

— Então por que torturaram Masharawi por torná-lo público?

— Porque tortura é uma punição menor em Gaza.

— Eu acho que há uma ligação entre a tortura de Masharawi por divulgar os diplomas falsos e o míssil Saladin I roubado.

— Yussef entrelaçou os dedos e os colocou perto da face de Khamis Zeydan. Os dois homens estavam quase se tocando. — Se for assim, o sequestro de Magnus e o assassinato de James estão conectados, também.

— Você disse que o diploma de Fathi Salah não era fraudulento. Mas era ele que estava negociando o míssil e está morto, não seu irmão Yasser. Então temos um sujeito com diploma que estava vendendo um míssil e outro com um diploma falso que não estava. Como isso se conecta? E o que tem a ver com a morte de James Cree?

— Se eu soubesse isso tudo, não estaria discutindo com você. Ainda estou tentando entender, mas tenho certeza de que há uma conexão. — Omar Yussef olhou pela janela de vidro fumê a multidão lá embaixo. Imaginou-a irrompendo nas escadas para linchá-lo. Virou-se para seu amigo. — O que você sabe sobre websites?

— Do que você está falando?

— Se alguém tivesse feito um website para mim, qualquer um seria capaz de entrar no computador e vê-lo?

Khamis Zeydan tossiu uma risada curta e zombeteira.

— Entrar no computador? Meu irmão, você está bem atrasado. Ainda limpa os dentes com a ponta áspera de um graveto de *miswak*?

Os delegados disputaram posições junto à porta. O professor Adnan Maki entrou, o braço enganchado à manga bem cortada do coronel Mahmoud al-Fara. Khamis Zeydan deu uma tragada profunda em seu cigarro e esmagou a ponta sob seu sapato no carpete.

— O agente funerário chegou — disse.



Omar Yussef esforçou-se para ver em meio à fumaça de cigarro. A multidão moveu-se hesitante na direção do coronel al-Fara, como crianças ansiosas se aproximando de um cachorro grande. Ao passar, al-Fara cumprimentava os homens com um sorriso malévolo, superior. Estava usando um terno cinza-claro, uma camisa branca cujos punhos iam 3 centímetros além das mangas do paletó para expor abotoaduras de ouro e uma sóbria gravata de seda. Seu cabelo negro escorrido caía sobre sua testa e seu bigode estava reluzente e úmido. Ele percorreu o salão dispensando sorrisos graves. Pegou um lenço de papel no bolso e expectorou. O rapaz do café estendeu a mão e al-Fara lhe deu o lenço amassado sem olhar para ele.

Maki viu Omar Yussef. Seu sorriso hesitou, e então ele ergueu a mão e moveu os dedos num cumprimento. Yussef procurou algum sinal de que Maki tivesse encontrado o panfleto das Brigadas de Saladino com suas anotações manuscritas no chão do escritório. Os lábios sibaritas do professor retorceram-se como se estivesse soprando um beijo. Ele saiu com al-Fara dos fundos do salão de conferências para um amplo balcão. Os outros homens foram atrás.

A Marche Slav estava perto. Os compassos solenes da banda pontuavam um novo nível de histeria da multidão na frente do prédio. Os músicos entraram no pátio aberto nos fundos da residência presidencial e marcharam sobre um círculo amarelo pintado no concreto como um local de pouso de helicópteros. Dois homens carregavam o tambor grave e outro o percutia usando um bastão bulboso que segurava com as duas mãos. Atrás deles, um jipe trouxe o caixão do general Moussa Hussein, envolto na bandeira palestina. Soldados com boinas vermelhas alinhavam-se junto ao jipe, protegendo o caixão, desviando os braços das pessoas

da multidão que conseguiam passar pelo cordão de isolamento. As pessoas empunhavam os braços no ar e entoavam que iriam se sacrificar por Hussein, que chamavam de mártir.

— Os idiotas acham que ele morreu por Alá? — Omar Yussef murmurou. — Um mártir?

Khamis Zeydan ergueu uma sobrancelha.

— Jihad é um conceito muito flexível — disse.

O jipe chegou ao espaço livre atrás de uma fila dupla de soldados e, enquanto a banda caminhava para o lado, circundou o canto do pátio. Duas linhas de soldados da Inteligência Militar estavam em posição de descanso com os rifles junto aos calcanhares formando um corredor para a sepultura. Ficaram em posição de sentido.

Os homens que estavam no balcão desceram os degraus para o pátio e cruzaram a pintura amarela da área de pouso de helicópteros. Um imã esperava junto à sepultura, as mãos cruzadas à frente, usando uma longa túnica branca e um turbante branco enrolado em torno de um fez escarlate. O imã ergueu o queixo do peito e cofiou sua barba grisalha curta, quando Omar Yussef e Khamis Zeydan passaram soturnamente na direção da sepultura. Os delegados jogaram fora seus cigarros quando saíram da área de pouso de helicópteros e pisaram na areia perto da cerca, onde Hussein seria sepultado. O imã os dirigiu na oração fúnebre. Os soldados na traseira do jipe ergueram o corpo de Hussein do caixão aberto e o trouxeram, envolto em dois tecidos brancos, para o lado da sepultura. Omar Yussef considerou os rituais do enterro, a tradicional lavagem do cadáver que era omitida para um mártir porque a maneira de sua morte o purificara. Um mártir era enterrado com sangue em seu rosto, onde tivesse se espalhado de seus ferimentos, e poeira sob as unhas dos dedos, por tê-las cravado no chão em agonia. Ele se perguntou o que os homens que envolveram Hussein em sua mortalha haviam feito quanto às fezes em sua cueca.

Quando desceram o corpo de Hussein dentro da sepultura, sua pele estava com uma cor verde-clara contra o branco do tecido que circundava seu rosto. O cadáver parecia pequeno, sumindo de vista, mas um soldado dentro do túmulo teve dificuldades para manobrar o corpo obeso de Hussein para o lado certo, de modo que ele descansasse voltado para Meca. A oração do imã instou os presentes a louvarem Alá e considerarem a recompensa para a qual o homem morto ia. Omar Yussef pensou que Hussein já tinha recebido sua recompensa por uma vida violenta e cruel, o cartucho de uma metralhadora esvaziado em sua espinha e seus intestinos esvaziados na cueca.

Era desnecessária qualquer outra pesagem em balanças eternas.



As orações mal tinham acabado quando os líderes do Conselho Revolucionário começaram a voltar para o prédio presidencial. Atrás deles, duas filas de homens da Inteligência Militar dispararam salvas de tiros para o ar sobre a sepultura. Maki fez uma piada e al-Fara deu um sorriso exausto. Lançou um olhar na direção da multidão e seus passos se retesaram. Sua expressão mudou para medo e então raiva.

A multidão estava rompendo o cordão de isolamento do lado do prédio. Pessoas se precipitavam pelo concreto com os punhos erguidos, indo para a sepultura. Al-Fara voltou-se para a escolta armada do funeral para proteção, mas os soldados recuaram atrás do túmulo e não se moveram na direção dos homens do partido.

Os delegados do Conselho Revolucionário se apressaram em suas velhas pernas para a segurança do prédio presidencial. Um Audi preto acelerou do lado do estacionamento pavimentado. A porta de trás se abriu e al-Fara saltou dentro. A multidão fluiu na direção dele. Uma janela se escancarou e um dos guardas de al-Fara apontou uma pistola para o ar. Disparou alguns tiros e o carro acelerou para o outro lado do prédio.

O líder da multidão chegou à sepultura e se deteve, levando repetidamente o punho ao ar e entoando louvores a Alá. Para chegar ao túmulo, a massa de pessoas na parte de trás da multidão desviou-se subitamente para o lado. O movimento delas pegou Omar Yussef, que tinha ficado para trás do grupo de dignitários escapando para o prédio presidencial. Ele viu Khamis Zeydan se virar e gritar para ele, bem quando a multidão o envolveu.

A força do enxame o empurrou alguns passos para o lado, desequilibrando-o, e ele não conseguiu ir contra o impulso. Ele caiu em seu joelho direito. Pôs a mão no chão para evitar que caísse mais. Alguém pisou em seus dedos. Ele gritou, mas não ousou mover a mão. Se fosse ao chão, seria pisoteado vivo. Um homem bateu o joelho no ombro de Omar Yussef e tropeçou sobre ele. O homem caiu de costas e rolou algumas vezes com a massa chutando-o na superfície dura da área de pouso do helicóptero do presidente.



Os gritos da multidão eram roucos. Omar Yussef sentiu sua força, como se estivesse bem fundo num curso de água ou enterrado sob considerável peso de terra. Os gritos dos homens pisoteados pontuavam o clamor da massa. A poeira estava grossa e seus olhos estavam cheios dela. O punho de alguém acertou o lado de sua cabeça e ele levou uma joelhada na parte baixa das costas. Sentiu uma mão sob seu braço direito, erguendo-o e o puxando. Ele pôs seus óculos no lugar deles no nariz e deixou-se ir com a mão que o apoiava. Piscou a poeira em seus olhos e pôs o braço em volta de Sami Jaffari.

O jovem o empurrou no sentido contrário ao fluxo da multidão, firmando as pernas contra o impulso dela, empurrando e dando cotoveladas nos que ficavam no caminho.

Omar Yussef via os membros de quem estava na multidão apenas como borrões, mas percebia claramente as faces. Ninguém olhava diretamente para ele; os olhos de todo mundo estavam anormalmente arregalados, desfocados, voltados para onde achavam que o túmulo estava. Ficaram todos doidos, ele pensou. Mesmo quando Sami os empurrava com força, não pareciam ver os dois homens na frente deles. Eles contornavam atabalhoadamente a obstrução, enxameando para o túmulo de Hussein.

Omar Yussef chegou a uma área livre, mas Sami não parou. Apressou-o na direção da esquina do prédio.

— Onde está Abu Adel? — Omar Yussef perguntou, procurando em volta Khamis Zeydan.

— Ele está lá dentro.

— Preciso sentar. Vamos lá para dentro com ele.

Sami arrastava Omar Yussef. O professor tropeçava tentando acompanhar o jovem.

— Sami, estou exausto. Onde estamos indo?

— Você vai vir comigo.

— Preciso sentar.

Sami continuou indo, virando a esquina e afastando-se da entrada do prédio presidencial.

— Aqui não. Não com eles.

No estacionamento ao lado do prédio presidencial, Sami fez Omar Yussef abaixar a cabeça com a mão em sua nuca, fazendo-o entrar no banco do passageiro

de seu jipe, batendo a porta. Ele ligou o carro e deu a volta na frente do prédio tão rápido que fez Omar Yussef colar no couro. A multidão estava mais rala no portão, pois a maior parte dela invadira a área de pouso de helicópteros. Pessoas pularam fora do caminho de Sami ao ouvir os pneus cantando na direção deles. O Cherokee virou à esquerda saindo em direção ao norte.

— Sami, o que está acontecendo?

— Eu lhe disse, você vai vir comigo.

— Evidentemente. Você está me sequestrando?

Sami estava com os olhos fixos nas ruas estreitas, avançando rapidamente por elas e mudando as marchas de seu carro poderoso. Ele se inclinou para a frente e abriu o porta-luvas. Havia duas pistolas dentro dele. Omar Yussef recostou-se o mais que pôde no banco. Sami tirou um trapo que estava embrulhando uma terceira pistola, fechou o compartimento e jogou o pano no colo de Omar.

— Percebi que você gosta de estar limpo e arrumado na companhia de outras pessoas — ele disse. — Limpe-se. Vamos encontrar alguém.

Sami foi a toda velocidade para a parte norte da Cidade de Gaza, entrando nas travessas arenosas do campo de refugiados de Jabalia. Da obscuridade da tempestade de areia, objetos pareciam voar na direção deles como se carregados no ar por um rodamoinho. Crianças perseguiam um bode na rua; latões de lixo doados pela União Europeia destacavam-se na poeira; uma carroça avançava errática numa ruela estreita. Sami desviava de todos esses obstáculos sem diminuir a velocidade.

Ele parou numa esquina perto do limite norte do campo.

— Desça — ele disse.

Uma duna mirrada se erguia no fim do quarteirão e, além de sua crista, as areias ondulavam por 1 quilômetro até a cerca marcando o fim da Faixa de Gaza e o começo de Israel. Na sombra da parede nua, um homem corpulento com a camiseta preta e a calça larga verde escuro das milícias estava encostado no capô de um jipe branco. Omar Yussef teve a sensação de que ele, Sami e o carro carro deles estavam sendo cuidadosamente avaliados.

Sami entrou numa viela que mal era ampla o bastante para seus ombros largos. O chão era de concreto, num V raso para que a água corresse no meio nos meses chuvosos.

Agora estava seco e a viela estava atulhada de lixo — embalagens de biscoitos baratos, garrafas de plástico vazias, cascas de legumes e frutas, e a sandália de uma criança pequena coberta de areia e poeira.



Omar Yussef seguiu Sami pela viela, tropeçando no lixo. Eles entraram fundo no labirinto de casebres térreos de blocos de concreto. Ele ficou atônito que Sami conhecesse o lugar tão bem. Em casa em Dehaisha, toda habitação melancólica lhe era familiar e ele podia reconhecer as semelhanças com as famílias até em crianças que não conhecia.

Mas ali toda esquina parecia idêntica e todas as crianças o olhavam com expressões silenciosas, arregaladas.

Os calmos sons domésticos de mães chamando seus filhos e de pisos de concreto sendo lavados com panos úmidos pesados ficaram para trás quando Sami enveredou por uma nova viela que ia dar na rua principal do campo. Sami abaixou-

se para se desviar dos baldes e vassouras pendurados do toldo esfarrapado de uma venda na esquina.

Ele atravessou rapidamente as faixas com o trânsito congestionado e entrou num restaurante de falafel. Omar Yussef seguiu-o passando pela frigideira enegrecida na porta, borbulhando ao receber uma nova porção de bolinhos de grão-de-bico verde. Sami cumprimentou com a cabeça um homem que picava tomates no balcão e subiu três degraus por vez uma escada improvisada nos fundos.

A escada levava a uma área de refeições de decoração barata. As paredes e o chão eram revestidos de azulejos rosa. As mesas eram estruturas pretas de metal cobertas com quadrados imitando mármore, descascando nas pontas. As cadeiras eram de tubos de cromo com almofadas. O plástico de proteção não tinha sido removido das almofadas, mas em alguns lugares estava rasgado e saindo.

Uma série de pinturas e fotografias nas duas paredes mostrava um jovem de 20 e poucos anos com cabelo liso penteado para a esquerda e uma barba espessa, macia porque nunca tinha sido feita. Algumas das fotos mostravam uma montagem do jovem tendo ao fundo a Cúpula da Rocha em Jerusalém, e em outra ele aparecia na frente da mesquita de Aqsa. Um artista local tinha copiado a foto numa pintura a óleo puerilmente desajeitada. Na parede em frente, a mesma fotografia tinha sido tecida num tapete de oração barato.

Sami sentou-se à mesa perto da janela e ficou observando a rua movimentada lá embaixo. Acendeu um cigarro.

Omar Yussef ficou de pé junto à mesa e pegou seu lenço para limpar o suor e a poeira da testa e do pescoço. Sami apontou para a cadeira na frente dele. Omar Yussef balançou a cabeça.

— Antes que eu me sente, você pode me dizer o que está acontecendo?

Sami olhou para ele, exalando a fumaça devagar.

— Desculpe-me por tê-lo tirado do funeral com tanta pressa. Mas há em vigor uma ordem para matá-lo.

Omar Yussef perguntou-se momentaneamente se ia ser Sami quem iria matá-lo; havia algo de sombrio que não vira antes nos olhos do jovem. Mas duvidou que ele o traria para um lugar tão público para a execução.

— Eu precisava tirá-lo de lá. Foi um dos homens do Conselho Revolucionário que deu a ordem — Sami disse. Deu outra tragada e olhou o relógio. — Talvez fiquemos aqui algum tempo. Sente-se e vamos comer alguma coisa.

Omar Yussef sentou-se na desconfortável cadeira. Seus joelhos estavam doendo. O vento quente chacoalhava as janelas do restaurante.

— Quem foi? Quem quer que eu seja morto?

— Não sei ainda. Mas é perigoso para você ficar perto daqueles homens do partido. — Sami apagou o cigarro num cinzeiro de latão. — Vamos comer alguma

coisa.

Um jovem magro veio à mesa deles. Sua camiseta branca estava manchada em volta da barriga onde ele limpou as mãos após picar pimentões. A camiseta ficava folgada em seus ombros estreitos e seu rosto era ossudo e avermelhado. Ele fez Omar Yussef lembrar-se do rapaz morto do café.

Pediram falafel, homus e uma travessa de picles e azeitonas. O garoto se virou para ir quando Omar Yussef perguntou a identidade do jovem nos retratos nas paredes.

— É o filho do proprietário — o menino disse. — Foi martirizado na operação no restaurante de pizzas.

Omar Yussef lembrou-se de ter ficado sabendo daquela bomba. Explodiu numa pizzaria em Tel Aviv ou em uma das cidades indistintas em seus arredores. Uma dúzia de pessoas que estava no restaurante morreu.

— Vocês estão a salvo de um ataque assim aqui — o garçom disse, — É a única vantagem de comer fora em Gaza.

— Você devia esperar eu provar a comida antes de me dizer isso. — Omar Yussef riu.

O garoto deu um sorrisinho e foi providenciar o pedido deles.

— Você está notavelmente bem-humorado — Sami disse.

— Você acha que eu não estou levando a sério a noção de que há uma ordem de me matar? Estou em suas mãos. Diga-me como lidar com isso.

— Você está na pista de algo grande, Abu Ramiz. É tudo o que posso lhe dizer. De alguma maneira, a história de Eyad Masharawi envolve coisas muito maiores do que a liberdade de um professor. Ainda não sei como, mas estou tentando descobrir.

— Deixe-me ir com você, quando estiver indo atrás da verdade.

Sami sorriu e abriu amplamente os braços.

— Eu já fiz isso.

Omar Yussef olhou em volta o restaurante vazio.

— Quem vai nos encontrar aqui?

— Eu descobri quem matou James.

— Por Alá!

— Estarão aqui a qualquer momento agora.

Omar Yussef levantou da cadeira e bateu as mãos no tampo da mesa.

— Os canalhas estão vindo aqui?

— Acalme-se, Abu Ramiz. Não acho que é deles que você está atrás.

— Eles mataram um funcionário da ONU. Mataram James.

— Porque alguém mandou que fizessem isso. Ou pagou para que fizessem. É aquele que deu a ordem quem você quer, não esses caras. Mas você precisa extrair

isso deles, cuidadosamente.

— Canalhas. — Omar Yussef bateu as mãos na mesa de novo.

— É verdade. Mas os canalhas se deram conta de que foram longe demais e agora acreditam que podem tirar o deles da reta me ajudando. — Sami estendeu os braços e gentilmente fez Yussef voltar à cadeira. — E ajudando você.

— Quem são eles?

— Homens das Brigadas de Saladino. Daqui da Cidade de Gaza. Lembre-se, as Brigadas de Saladino estão divididas. A facção mais poderosa é a de Rafah, onde o grupo foi fundado com os lucros do contrabando de armas e outras mercadorias sob a fronteira egípcia. A gangue de Rafah precisava de uma operação aqui na Cidade de Gaza, porque é o maior mercado para armas e outras mercadorias. Então eles recrutaram alguns caras aqui para estabelecer uma ala das Brigadas de Saladino.

— A gangue de Rafah contrabandeia as coisas; o pessoal da Cidade de Gaza as vende, certo?

— Sim, e todo mundo fica contente. Só que, depois de um tempo, a gangue de Rafah começou a achar que o pessoal da Cidade de Gaza estava ficando com muito mais do que uma fatia justa dos lucros. A briga ficou feia. Deram um jeito de se entender, mas ainda há rancor entre as diferentes alas do grupo — Sami disse. — O mais importante é que ninguém na gangue da Cidade de Gaza jamais está seguro de que Rafah não está a ponto de vendê-los para as forças de segurança. Isso os torna fáceis de manipular.

— Por quem? Quem os está manipulando?

— É isso que eu espero que eles nos digam. Estou esperando dois deles que virão nos encontrar aqui. Eles escolheram este restaurante. — Sami deu um sorriso ácido e fez um gesto na direção dos retratos e pinturas na parede. — As Brigadas de Saladino enviaram o filho dele para se explodir.

— Suponho que eles consigam alguma espécie de desconto na comida por causa disso? — Omar Yussef disse, com uma risada cheia de desdém.



Sami ficou quieto, fumando, olhando através do ar poeirento a rua lá embaixo. Omar Yussef o observou. Era um bom menino, um homem duro, e ele era tudo que havia entre Omar Yussef e uma morte solitária em Gaza. Lá em Belém, o clã de Omar era grande, com ligações com todas as diferentes forças de segurança e milícias. Os milicianos hesitariam antes de matá-lo lá. Em Gaza, ele era de fora, e,

no entanto, não era um estrangeiro, de modo que podiam fazê-lo desaparecer com menos problemas do que com Wallender ou Cree, e ninguém com o poder de fazer alguma coisa quanto a isso iria se importar se ele sumisse.

O garçom trouxe um pratinho com azeitonas e fatias de rabanete em conserva tingidas de púrpura com suco de beterraba. Omar Yussef olhou o relógio. Tinham esperado vinte minutos. Descobriu que estava com mais fome do que tinha pensado.

— Onde está nossa comida?

— Está vindo — o garçom murmurou.

Mais dez minutos se passaram antes de uma travessa de falafel frio e homus medíocre chegar à mesa. Omar Yussef pediu uma garrafa de água e olhou para a comida decepcionante.

Sami pegou um falafel, rolou-o no homus e deu uma mordida. Pôs a segunda metade no prato e acendeu outro cigarro.

Yussef rasgou um pedaço de pão folha e provou o homus com ele. A náusea do dia anterior voltou. Cada minúsculo pedacinho de grão-de-bico parecia cortar o céu da boca e a garganta como o cristal que sufocara Odwan. Ele tomou um copo de água e usou-a para enxaguar a boca até que o gosto de noz se fosse. Cobriu os lábios com a mão, para que Sami não percebesse a tensão trêmula que retesava o seu queixo.

Eles tinham ficado em seu posto junto à janela por uma hora. Lá embaixo o barulho dos clientes no restaurante ficou mais alto, mas nenhum deles subiu para o salão.

O proprietário do restaurante subiu a escada pouco antes das 13 horas. Era um homem de aparência triste com um bigode caído e uma magreza que sugeria que ele não tinha a comida de seu estabelecimento em muito mais alta conta do que Omar Yussef. Ele assentiu para Sami, que se endireitou no mesmo instante na cadeira. O proprietário abriu um fecho numa porta de metal nos fundos do salão. Subiu um degrau numa escada de concreto sem iluminação e sussurrou algo.

Dois homens vieram dos degraus para dentro do restaurante. O primeiro era alto, encurvado e melancólico, com cabelo grisalho e as costas e o pescoço arqueados para baixo. Olhou o salão em volta rapidamente, fazendo uma careta e tocando seus dentes irregulares na frente com a língua como se estivessem lhe causando dor. Atrás dele veio um homem mais baixo com um boné de beisebol azul e a pele quase tão clara quanto a de um europeu. Tinha uma barba preta arredondada e usava um colete preto. Os dois traziam M-16s atravessadas no peito, a mão direita no gatilho, a esquerda na coronha pronta para erguê-la e atirar. Vieram na direção de Sami e Omar Yussef, suas pesadas botas militares ressoando no chão fino.

O proprietário do restaurante desceu a escada.

Sami levantou-se para cumprimentar os homens. Omar Yussef manteve as mãos apertadas do lado do corpo, lutando contra a tentação de dar um passo a frente e esmurrar esses assassinos no rosto. Os dois homens ofereceram suas mãos. Ele olhou para o chão e deu apertos de mão rápidos, leves. O do miliciano alto era fraco, mas a mão do mais baixo fechou-se com força na de Omar Yussef. O homem alto puxou duas cadeiras da mesa onde Omar Yussef e Sami tinham estado sentados e as deixou longe o bastante para ficarem fora de alcance.

Sami apresentou Omar como o colega do funcionário da ONU que tinha sido morto. O miliciano mais baixo deu um olhar de relance para Omar Yussef. As íris eram castanho-escuras, cercadas por escleras malévolas cor de café com leite.

O miliciano alto pigarreou.

— Sinto muito, *ustaz*, pela morte de seu colega. Agimos seguindo ordens, mas fomos mal orientados. — Ele tossiu de novo. — Meu nome é Walid Bahloul, aqui do campo. Este é o irmão Khaled al-Banna, que também é das Brigadas de Saladino na Cidade de Gaza.

Os olhos do segundo homem crisparam-se, como se seu nome não devesse ter sido informado.

— Por que vocês cometeram este ato de agressão contra a ONU? — Omar Yussef perguntou. Ele se concentrou no miliciano mais alto, Walid. Seus olhos úmidos, cinza eram menos desconcertantes, e ele parecia disposto a falar.

— Realmente sentimos muito quanto ao estrangeiro, *ustaz* — Walid disse. — Achamos que haveria apenas um motorista ou alguém do pessoal local no carro.

— Pessoal local? Um palestino? Alguém como eu?

— Lembre-se do que Sami disse: acalme-se, Omar Yussef pensou.

— Não era uma operação contra a ONU, na verdade, *ustaz* — Walid disse. — Era um sinal para as forças de segurança libertarem nosso falecido irmão Bassam Odwan, que Alá seja misericordioso com ele.

— Mas vocês já tinham sequestrado Magnus Wallender e estavam querendo trocá-lo pela liberdade de Odwan.

— Quem?

— O sueco, também da ONU.

— Ele? Não fomos nós, *ustaz*.

— Quem foi? Walid olhou nervosamente para Khaled, cujos olhos estavam firmes em Omar Yussef.

— O sueco foi sequestrado por alguém de Rafah — Walid disse.

— As Brigadas de Saladino de Rafah?

— Eu não sei. Acho que sim.

— Mas não tem certeza?

— A comunicação é difícil. — O sorriso de Walid era tão fraco quanto seu aperto de mão, e ele ergueu os ombros em desculpa. — Agimos contra o carro da ONU e matamos seu colega porque achamos que seria um gesto para as Brigadas de Saladino em Rafah. Para mostrar que estávamos dispostos a ações drásticas para apoiar o homem deles, Bassam Odwan.

— Você viu o panfleto que as Brigadas de Saladino distribuíram após o sequestro do sueco? Exigindo a libertação de Odwan em troca do sueco?

— Sim.

Omar Yussef estava com raiva daqueles homens por terem matado James, mas agora eles estavam mentindo para ele, além disso.

— Vocês estavam simplesmente tentando mostrar que se o pessoal de Rafah invadiu a área de vocês para sequestrar um estrangeiro, vocês podiam fazer algo mais espetacular?

Walid voltou-se por inteiro para Khaled. O segundo homem não olhou para ele, mas passou a língua pelos lábios em meio à barba preta e fungou.

— Não há necessidade de desculpas — Khaled disse. — Walid está tentando fazer isso tudo soar decente, como se tivéssemos bons motivos. Eu não me importo com o que você acha de mim, só quero ter certeza de que não vou acabar levando a culpa por isso. Então vamos parar com a enrolação. Fomos pagos para explodir o carro da ONU.

— Por quem? Alguém na Cidade de Gaza? — Omar Yussef estava pensando nos homens do Conselho Revolucionário no funeral e na ordem para matá-lo.

— Não, ele não é daqui. Ele é um canalha de verdade.

— E vocês não têm canalhas de verdade na Cidade de Gaza?

— Temos pessoas aqui com corações duros e temos outros que têm merda na cabeça — Khaled disse. — Mas esse cara é o contrário. Sua cabeça é dura e um pedaço imundo de merda pulsa onde seu coração devia estar.

Omar Yussef achou que poderia ter gostado de Khaled, se ele não tivesse assassinado Cree.

— Quem é ele?

Khaled respirou fundo e franziu o nariz.

— Yasser Salah.

— Yasser Salah pagou a vocês para matarem o homem da ONU?

— Ele nos pagou para explodir o carro da ONU.

— Qual é a diferença?

— Era para matar quem quer que estivesse no carro.

— Querendo dizer eu, também?

Khaled deu de ombros.

— Ele nos ligou no começo da tarde de ontem. Disse que um carro da ONU estava a caminho do posto de controle. Disse que nos ia pagar para explodi-lo. Não nos deu a lista de passageiros.

— A curtíssimo prazo, então.

Walid sorriu, orgulhoso.

— Temos a região norte da estrada Saladino armada com explosivos permanentemente, para o caso dos israelenses a usarem para invadir Gaza de novo.

Khaled suspirou e ergueu os olhos brevemente para o teto.

— Bom, agora você sabe o que precisava saber. Estamos limpos com você, e você vai limpar nossa barra com a ONU?

— Você acha que eu sou um tomador de decisões da ONU? — Omar Yussef disse.

— Não foda comigo — Khaled inclinou-se para a frente.

— Eles não vão ficar sabendo de nada a menos que você queira que eles fiquem sabendo. Não somos peixes grandes, também; fomos explorados nisso tudo. Você descobre uma maneira de manter nossa barra limpa, ou você vai acabar da mesma maneira que seu colega.

— Eu ainda não sei a história toda.

— Sim, você sabe. — Khaled pôs para frente seu queixo barbado.

— Não sei. — Omar Yussef coçou o bigode e franziu os olhos para manter-se encarando Khaled. — Por que as Brigadas de Saladino mataram o general Hussein?

Khaled deixou de encará-lo com uma risada sem humor.

— A coisa da ONU é assunto seu. Você tem direito de saber sobre ela. Hussein é outro assunto.

— Eu acho que estão conectados e eu quero saber a verdade.

— Você não acha que Gaza está melhor sem o canalha? — Khaled disse.

— Isso não cabe a mim julgar. Por que vocês o mataram?

A face de Khaled ficou severa de novo.

— Ele matou nosso irmão Bassam Odwan.

— E ele estava partindo para cima de nós — Walid disse.

— No Conselho Revolucionário na noite passada, o general Hussein disse que sabia que as Brigadas de Saladino mataram o homem da ONU e jurou pegar-nos por isso.

Omar Yussef lançou um olhar para Sami. Ele estava fumando e olhando a rua, mas estava ouvindo.

— Quem disse isso a vocês? O coronel al-Fara?

Os milicianos não estavam dispostos a responder. Ambos fungaram e tossiram.

Omar Yussef tocou as pontas de seu bigode, como se algo inesperado tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Vocês sabem sobre o Saladin I?

— O o quê? — Khaled perguntou.

— Deixe para lá. Vocês ainda têm algum dos velhos mísseis Qassam?

— Mísseis Qassam? — Khaled inclinou-se para a frente. — O Saladin I é um míssil, também? Por que você quer saber sobre mísseis?

— Pode ser importante.

Khaled subiu o lábio superior na direção do nariz, ao inspirar.

— Temos alguns Qassam. Não os usamos muito; deixam os líderes do Conselho Revolucionário furiosos.

— Por quê?

— Quando disparamos Qassams sobre a cerca, os israelenses cancelam todos os cartões VIP e os chefes não podem ir a Tel Aviv foder suas prostitutas russas.

Temos um punhado de Qassams num armazém bem aqui no campo. Você quer comprar um? — Khaled empurrou sua cadeira para trás e ficou de pé.

— Estamos indo. Você garanta que a ONU não venha atrás de ninguém na Cidade de Gaza, certo? Em Rafah é que todas as cordas foram puxadas. São eles que vocês querem.

Omar Yussef lembrou-se do que Odwan lhe dissera quanto à chave para conseguir a liberdade de Wallender estar na mão do líder das Brigadas de Saladino em Rafah.

— OK, mas vocês têm de me arranjar um encontro com Abu Jamal.

Houve um longo silêncio. Sami pegou a metade que sobrara de seu falafel e roçou a casca na borda do prato. Khaled olhou o centro verde do falafel com raiva.

— Sami terá notícias nossas quanto a isso — Khaled disse.

— Esta tarde?

— Vá para Rafah. Entrarei em contato com Sami pelo celular dele e direi onde poderão encontrar Abu Jamal.

— Iremos para lá imediatamente.

Khaled engoliu em seco.

— Não tenham pressa. Abu Jamal não é assim fácil de se contatar. Sami terá notícias nossas. — Ele andou na direção da porta de metal. Walid murmurou uma despedida e o seguiu. Khaled subiu os degraus três por vez e Walid foi atrás, fechando a porta com um barulho pesado.

— O que eles disseram sobre o Conselho Revolucionário não é verdade, Sami. Você mesmo disse que ninguém mencionou o assassinato de James naquela reunião — Omar Yussef disse, todo agitado.

— Foi o que Abu Adel me disse.

— Ele estava presente na reunião. Podemos confiar no que ele disse.

Sami sorriu e deu de ombros.

— Claro.

— Yasser Salah deve ter dito a esses fulanos que Husseinini prometera prendê-los, de modo a eles assassinarem Husseinini. Mas por quê? Yasser Salah queria Odwan morto por ter assassinado seu irmão, e Husseinini fez exatamente isso: matou Odwan em sua cela na prisão.

Sami fez um gesto na direção da porta pela qual Khaled e Walid tinham ido embora.

— Esses dois estão com muito medo. Perceberam que isso é algo muito maior do que imaginavam. Eles também perceberam que vai até os altos escalões e não sabem em quem podem confiar, se nas Brigadas de Saladino ou nas forças de segurança.

— Mas por que Yasser Salah queria Husseinini morto?

Sami comeu a segunda metade de seu falafel. Enquanto engolia, acendeu outro cigarro e deixou três moedas de cinco *shekel* na mesa.

— Vamos perguntar a Abu Jamal — disse.

Quando Omar Yussef e Sami voltaram para o Cherokee, uma camada de poeira de 3 milímetros cobria a pintura preta. Omar Yussef fechou a porta e piscou para tirar a poeira dos olhos.

— Essa tempestade vai parar esta noite, Sami. Está mais forte do que antes — disse.

Sami olhou para ele ao girar a chave na ignição.

— Estaremos em Rafah tarde e você está só com uma camisa — ele disse. — Vou parar no hotel a caminho do sul para você pegar um suéter.

— Se você está tão preocupado com a minha saúde, talvez devesse me arranjar um colete à prova de balas.

— Então você não quer ser um mártir?

Omar Yussef deu uma risada engasgada.

— Se a comida naquele restaurante não me matou, nada pode.

Sami inclinou-se sobre a direção, fez uma manobra com o carro e partiu com o jipe através do campo de refugiados.

Omar Yussef segurou-se na porta e fechou os olhos. Um homem sem rosto apareceu por trás de suas pálpebras, usando o gorro cobrindo o rosto e o colete preto de um miliciano, cutucando Omar Yussef com uma Kalashnikov. O miliciano se fora quando ele abriu os olhos, que estavam ardendo por causa da poeira no ar. Estes olhos não têm descanso, pensou. Abertos, ficam cheios com a imundície que flutua por Gaza; quando os fecho, são a presa de pesadelos mortais.

Havia uma ordem para que ele fosse morto. Seria um miliciano com um gorro cobrindo o rosto que puxaria o gatilho contra ele? Iria ser rápido? Humilhante, como a morte de Moussa Hussein, na rua com a cueca cheia de merda? Aterrorizante e longa, como a tortura de Bassam Odwan? Ele era o próximo ou estava apenas segurando um número numa longa fila de vítimas? Quanto tempo ainda teria?

Sami saiu da estrada Saladino à direita e foi através do *souk* para a rua Olmar al-Mukhtar. Apertou a buzina quando um táxi parou na rua para pegar um par de mulheres com montes de sacolas de legumes.

— Essa ordem para me matar, Sami — Omar Yussef disse. — Se tiver sucesso...

— Não seja ridículo, Abu Ramiz. — Sami buzinou três vezes breves. — Vamos! — gritou, balançando a cabeça.

— É só se. Gostaria que você entrasse em contato com a minha família em Belém.

Sami sorriu e acendeu um cigarro.

— Você quer que eu diga à sua mulher que você a amava?

— Apenas diga que eu gostei muito do website.

Sami franziu o cenho.

— Que website?

— Eles vão entender.

O táxi moveu-se lentamente, e Sami seguiu-o a menos de 1 metro do para-choque traseiro dele, querendo ultrapassar.

— Abu Adel diz que às vezes é um erro contar a você o que realmente está acontecendo, porque você reage exageradamente — Sami disse.

Omar Yussef se perguntou o que mais Khamis Zeydan teria dito a Sami sobre ele.

— Você disse que há uma ordem para me matar, então o que há de exagerado na minha reação?

— Há sempre alguém querendo matá-lo, quem quer que você seja, Abu Ramiz.

— Então agora você é como Bassam Odwan, que acreditava que ia morrer quando Alá determinasse que a sua hora tinha chegado?

— Bem, havia alguma coisa que Bassam Odwan poderia ter feito quanto a esse momento? Talvez seja melhor aceitar que a morte está vindo e está nas mãos de alguma outra pessoa, seja Alá, ou o general Husseini ou esses dois sujeitos que acabamos de encontrar lá no campo. Pode não se saber quando e como a morte vem, mas em Gaza não deveria haver surpresa que ela esteja a caminho.

— Há alguém que queira matar você, Sami?

— Só essa porra desse motorista de táxi. — Sami buzinou de novo. Ele entrou na faixa contrária e acelerou passando o comprido táxi amarelo, fazendo alguns pedestres pularem para a calçada. — Abu Ramiz, eu não sou tão velho quanto você e não tenho a sua sabedoria, mas há coisas que tive de aprender rápido; coisas que talvez você nunca tenha ficado sabendo, trabalhando em sua classe na escola.

— Você passou por muitas dificuldades, meu filho, eu sei.

— Se há uma coisa que a vida me ensinou, é que matar é fácil e morrer ainda mais fácil. Sofrer é duro. — Sami olhou para Omar Yussef e, por um instante, sua face se rearranjou na de um homem muito mais velho, com rugas profundas e cedendo sob o peso de experiências perturbadoras. Omar Yussef se perguntou se Sami viveria até ser tão velho assim.

Quando eles fizeram o balão na rua da praia, a tempestade de areia estava mais forte do que nunca. O mar mal era visível além do Restaurante de Peixes Salaam. Eram 15 horas, mas Sami estava com os faróis ligados. Ele entrou na rua

da praia e passou pelo Deira Hotel, indo para o Sand's. Omar Yussef olhava fixamente a obscuridade.

As luzes de freio de um jipe pontuaram a nuvem de poeira na frente. A porta traseira foi escancarada. Um homem foi posto para fora do jipe, tropeçou e caiu. Omar Yussef inclinou-se tenso para a frente. O jipe estava na entrada do acesso para carros do Sand's Hotel.

— Sami?

— Eu vi.

Sami acelerou.

O homem esforçou-se para ficar de pé, erguendo-se sem usar os braços, que pareciam estar algemados ou amarrados nas costas. Ele deu alguns passos na direção do muro externo do Sand's Hotel, parou e olhou nas duas direções. Confuso, ele se moveu para a esquerda, depois para a direita e virou para encarar o jipe. Ele se agachou, preparou-se para correr, mas uma breve rajada de tiros derrubou-o contra a parede.

O jipe saiu a toda na poeira, sua porta traseira balançando aberta. Um homem inclinou-se para fora para fechá-la. Usava um gorro cobrindo o rosto.

A boca de Omar Yussef estava seca quando Sami derrapou o carro para o lado da rua. Ele levantou-se entorpecido do Cherokee.

O muro caiado do Sand's Hotel estava manchado de vermelho onde o homem fora jogado em sua direção. Três rastros estreitos de sangue tingiam a cal, onde ele deslizara para o chão. Ficara sentado com as pernas na frente dele e os ombros inclinados para a direita. Sangue acumulava-se na areia em torno de suas coxas.

Omar Yussef chegou ao corpo. Não tinha certeza. Ele ergueu a cabeça do homem. A orelha ficava para fora num ângulo reto, exatamente como a do filho dele. Tentou sentir o pulso no pescoço, mas Eyad Masharawi estava morto.

A cabeça de Masharawi caiu para a direita, como se ainda estivesse protegendo a orelha malformada da vista alheia, do modo que a disfarçara na fotografia em sua casa. Ele estava com a barba de alguns dias, grisalha e preta. Seus pés estavam descalços e sua camisa azul estava manchada de suor e poeira e ensopada de sangue.

Todos os botões estavam faltando, e seu torso, perfurado por três tiros, estava ferido e frouxo. Omar Yussef fechou os olhos de Masharawi com a borda da palma da mão.

— Entre no carro, Abu Ramiz — Sami disse.

Omar Yussef sentiu Sami pondo-o de pé.

— O que você está dizendo? Temos de informar o que vimos.

— Para quem? Para as pessoas que mataram este homem? Ou para as pessoas que estão querendo matá-lo?

Omar ouviu vozes se aproximando do acesso para carros do hotel. Khamis Zeydan chegou na entrada. Estava empunhando uma pistola e havia medo em seu rosto, que se dissolveu em alívio evidente quando viu Omar Yussef. Ele voltou-se no acesso e gritou:

— Fiquem onde estão, todos vocês. Eu resolvo isso. — Veio na direção de Yussef. A poeira estava grossa em seu rosto e em sua camisa; claramente ele estivera matando tempo do lado de fora do hotel, atrás do muro, esperando Omar Yussef voltar. — Você tem de ir embora daqui.

— É Eyad Masharawi — Omar Yussef disse.

Khamis Zeydan olhou para o homem morto, brevemente, piscando com a poeira.

— Providenciarei para que a esposa dele seja informada.

— Foi um jipe. Empurraram-no para fora e...

— Sami, leve-o daqui, em nome de Alá.

— Por quê? Por que tenho de ir?

— Quantos corpos mortos você precisa ver antes de desenvolver um instinto de autopreservação melhor? Acho que o doutor Najjar gostou de você, mas não tanto assim que queira vê-lo nu na mesa de autópsia de seu laboratório. — Khamis Zeydan chegou mais perto. — Meu irmão, vá embora agora.

Omar Yussef subiu de volta no jipe. Enquanto Sami ligava o carro, Khamis Zeydan guardou a pistola no coldre na parte de trás de seu cinto e observou seu velho amigo.

Quando chegaram ao entroncamento no fim da rua da praia, Khamis Zeydan era uma vaga mancha na nuvem de poeira e o corpo de Eyad Masharawi desaparecera de vista.



Sami entrou para o sul na estrada Saladino em direção a Rafah. Omar Yussef imaginou Salwa Masharawi contemplando a poeira redemoinhando pelo bosque de oliveiras na frente da casa dela e ouvindo as crianças brincando nos outros cômodos. Ele se perguntou se ela pressentira a morte do marido e o que ele diria a ela sobre a maneira que Eyad morreria.

Ele pensou, com culpa, no panfleto das Brigadas de Saladino que deixara no escritório do professor Maki. Se Maki lera as anotações no verso, ele poderia ter feito a ligação entre o interesse de Omar Yussef em Masharawi e a venda de diplomas da universidade. Ele poderia ter informado isso aos carcereiros de

Masharawi. Omar Yussef deu um murro na palma da mão. Sua própria tentativa atabalhoada de investigação podia ter matado Masharawi. Mas ele não conseguia acreditar que os agentes da segurança assassinariam um homem por algo tão menor como acusações de corrupção na universidade.

O celular de Sami tocou. Ele atendeu, respondeu em voz baixa e desligou.

— Era Khaled. Abu Jamal nos verá em Ramah nas próximas horas.

O vento estava batendo forte nas janelas do carro. Omar Yussef acabara não tendo a oportunidade de pegar um suéter no hotel, afinal. Ele tremia.

Curvadas por mochilas com o dobro do tamanho de seus torsos, torrentes de crianças saindo das escolas iam para suas casas de telhado metálico esgarçado ao longo da costa perto de Rafah. Nas dunas, coberturas de plástico esfarrapadas batiam contra as estruturas de metal das estufas deixadas para trás pelos israelenses quando abandonaram seus assentamentos. Sami balançou a cabeça.

— Podia ser bonito aqui. Se ao menos as coisas fossem diferentes.

— Prefiro as colinas em volta de Belém — Omar Yussef disse. — As pedras e as encostas íngremes e o nascer do sol sobre as montanhas além do mar Morto.

— O sol também nasce aqui, Abu Ramiz.

Omar Yussef fez um gesto para a pálida escuridão da tempestade de areia.

— Se Alá quiser.

A estrada entrava para o continente distanciando-se dos palmeirais perto da fronteira egípcia e descia para Rafah. A cidade parecia uma pilha de rochas espalhadas descuidadamente pela areia por uma bola de demolição. O metal corrugado escuro da cerca da fronteira deslizava pela cidade como uma serpente, silenciosa, muscular e venenosa. Os prédios alvejados na borda de Rafah pareciam o sorriso de um combatente de rua, os dentes arrancados, quebrados e enegrecidos.

Eles passaram pela extremidade sul da cidade na direção do Portão de Saladino. Sami estacionou o carro na sombra de um toldo em frente a um armazém fechado. Um menino de uns 3 anos estava no telhado da loja, jogando pedrinhas minúsculas em Omar Yussef quando ele saiu do carro. Ele balançou o indicador na direção do menino. Outra pedra bateu no capô do carro. O rosto redondo, trigueiro do menino tinha uma expressão ressentida e feroz e seus pés estavam abertos e bem plantados. Ele está treinando o braço para as batalhas que virão, Omar Yussef pensou. Respirou fundo e voltou para o carro para esperar o chamado de Abu Jamal.

Sami brincava com seu celular. As pedrinhas continuaram no teto do carro, um contraponto aos constantes impactos da areia nas rajadas do vento quente. A cabeça de Omar Yussef caiu para a frente e ele fechou os olhos. Quando os abriu de novo, foi com o celular de Sami tocando e uma sensação de que a luz diminuiria. Sami atendeu e murmurou concordância no telefone enquanto ligava o motor do carro. Desligou o telefone e partiu ao longo da rua principal da cidade.

— Eu dormi? — Omar Yussef perguntou, bocejando. Sua boca estava seca.

— Por umas três horas.

— Ficamos esperando todo esse tempo? Por que você não me acordou?

— Você precisava dormir, e eu não precisava de companhia.

— Sami espiou através da poeira. A rua estava quase vazia. A cidade estava se escondendo da poeira no ar. Os poucos pedestres eram sombras sinistras na tempestade de areia. Luz fluorescente fantasmagórica tremulava nas frentes das lojas.

Sami localizou uma papelaria numa esquina da rua principal.

— É ali o lugar — disse. Estacionou numa travessa. Uma porta metálica azul se abriu revelando uma escada escura. Omar Yussef viu a vaga forma da cabeça de um homem e uma das mãos fazendo sinal para eles. Sami se inclinou, pegou a pistola em sua cintura e colocou-a no porta-luvas.

— Não vamos precisar disso? — Omar Yussef perguntou.

— Na hora que precisarmos dela, já estaremos mortos — Sami sorriu. — De qualquer modo, esses caras iriam tirar a arma de mim antes de me deixarem encontrar com Abu Jamal.

Na escada, houve um aperto de mão para cada um deles, mas os olhos de Omar Yussef não conseguiram se ajustar à escuridão mais profunda. A mão conduziu por um lance de degraus mal-acabados. O couro de seus mocassins fez um som como o de madeira sendo lixada no concreto aparente, e ele tropeçou duas vezes no escuro.

No alto da escada, entraram num cômodo comprido e estreito. Um par de mãos apalpou suas cinturas e peitos, procurando armas. Três sofás estavam apertados em forma de ferradura sob uma pequena janela. Uma única lâmpada fluorescente, no braço de um dos sofás, fornecia toda a luz da sala. Omar Yussef franziu os olhos e espiou na escuridão. Um homem magro e de barba com 30 e poucos anos estava fazendo suas orações da noite no canto mais distante da janela. De cada lado dele, um ventilador barulhento circulava o ar na sala, mas estava sufocantemente quente e quase tão poeirento quanto lá fora. Um sussurro rítmico do vento murmurava pelas brechas na esquadria da janela.

Eles sentaram no sofá em frente ao da lâmpada fluorescente. O homem que os cumprimentara na porta posicionou a luz numa mesinha de mogno entre os dois sofás. Quando ele a moveu, o clarão frio iluminou suas mãos e seu rosto. Eram os mesmos traços amplos que Omar Yussef notara em Bassam Odwan. A testa alta do homem estava alta, retesada com a concentração. Seus olhos eram negros e vigilantes.

— Você é parente de Bassam Odwan? — Omar Yussef perguntou.

— Meu irmão — ele disse, numa voz rouca, soturna.

— Que Alá seja misericordioso com ele. Encontrei-o brevemente na prisão. Acho que ele estava tranquilo com a perspectiva da morte.

— Não acho que tranquilo seja a palavra certa.

— Qual é o seu nome?

— Attiah Odwan.

— Qual seria a palavra certa, Attiah?

— Preparado. Essa seria a palavra certa.

O homem no canto completou as cinco prostrações das orações Maghrib, mas não parou. Omar Yussef contou mais duas repetições dos movimentos — o levantar-se e o ajoelhar-se, o momento de consideração pausada e o curvar-se até o chão — que constituíam uma única prostração. As orações a mais indicavam a preparação para uma missão iminente e, talvez, a morte.

Quando as orações acabaram, uma mulher, compelida a ficar fora da vista dos visitantes, passou uma bandeja de café pela porta, e Attiah a colocou na mesa. O homem no canto os cumprimentou. Sua mão, quando Omar Yussef a apertou, era deformada, os ossos quebrados e mal se unindo, a pele anormalmente lisa e sem pelo onde tinha sido queimada. Omar Yussef retraiu-se.

— Obra de um obus de um tanque israelense — o homem disse. Sua voz era grave e áspera. Seus olhos negros, fundos, eram secos e avermelhados. Sob eles havia anéis grossos da cor e da textura de casca de canela. Sua barba era macia e brilhava negra. Ele tirou um lenço de papel de uma caixa na mesa e expectorou nele.

Tirou um pacote de pastilhas para a garganta do bolso, pôs uma na boca e pegou sua xícara de café. — Como se você estivesse com seus parentes e em sua casa — ele disse.

— Você é Abu Jamal? — Omar Yussef perguntou.

O homem assentiu e recuou na escuridão.

Omar Yussef tentou diminuir a tensão na sala.

— Viemos ao lugar certo? — disse com uma risada. — Não esperava encontrá-lo orando. Talvez tenhamos chegado ao quartel-general dos islâmicos por engano.

Abu Jamal sorriu levemente.

— Entre a resistência, aqueles que nunca costumavam orar estão conectados com Alá agora, porque a morte parece muito próxima. Estamos todos prontos para ser mártires perante Alá a qualquer momento. Colocamos nossas almas nas mãos de Alá.

— Sou Omar Yussef Sirhan, do Campo de Dehaisha. Trabalho para a UNRWA. Um dos meus colegas, um sueco, foi sequestrado pelas Brigadas de Saladino e outro foi morto, também pelas Brigadas de Saladino.

— Foi o pessoal da Cidade de Gaza que fez isso — Abu Jamal disse, tossindo e pegando outro lenço.

— O assassinato? Sim, bem, de certo modo.

— O que você quer dizer? — A cabeça de Abu Jamal inclinou-se, ameaçadora.

— As pessoas da Cidade de Gaza agiram cumprindo ordens pagas por alguém em Rafah.

— Eu saberia disso, se fosse verdade. — Abu Jamal triturou a pastilha para garganta com os dentes de trás.

Omar Yussef sentiu o cheiro de mentol atravessando a sala.

— Talvez tenha sido alguém de Rafah, mas não alguém das Brigadas de Saladino.

Abu Jamal manteve-se em silêncio. Bebeu o café e limpou o bigode com o dorso da mão deformada.

— Meu colega, o sueco, veio para inspecionar as escolas e descobriu que um de nossos professores tinha sido preso — Omar Yussef disse. — Deveria ter sido um assunto simples, mas de alguma maneira que não compreendemos completamente, repercutiu em outros problemas muito além do caso do professor aprisionado. Problemas perigosos.

— O que você quer de mim?

— Gostaria que você libertasse o sueco.

— Como posso fazer isso?

— Não há mais necessidade de mantê-lo em cativeiro, agora que o irmão Bassam Odwan está morto.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu não estou com ele.

Omar Yussef inclinou a cabeça e deu às suas palavras um acento escarninho, sarcástico.

— Você quer dizer que a ala da Cidade de Gaza das Brigadas de Saladino matou o homem da ONU e fez o sequestro, também?

Abu Jamal achou outro pedaço da pastilha para triturar.

— Talvez.

— Não foi o que nos disseram.

— O que lhes disseram?

— Que o sueco foi pego por alguém de Rafah.

— Pelas Brigadas de Saladino de Rafah?

Omar Yussef pensou bem.

— Apenas disseram que foi alguém de Rafah.

— Há 160 mil pessoas em Rafah. Sou só uma delas. — Abu Jamal compartilhou um sorriso desdenhoso com Attiah, cujo vulto estava encoberto pela escuridão na outra ponta do sofá.

— As Brigadas de Saladino distribuíram um panfleto, anunciando que o sueco seria solto em troca da libertação de Bassam Odwan — Omar Yussef disse. —

Além disso, eu testemunhei o sequestro. Os milicianos usavam faixas das Brigadas de Saladino na cabeça.

— Qualquer um pode providenciar que faixas sejam feitas e qualquer um com um computador e um fax pode dizer que é as Brigadas de Saladino. O panfleto não veio de nós.

— Se você não está com ele, onde devo procurar?

— Não é fácil saber em quem confiar e de quem suspeitar em Rafah — Abu Jamal disse. — Claro, esperamos ser atacados pelos judeus; nosso sagrado Corão diz que estaremos em batalha contínua até o Dia do Julgamento. Mas agora são outros palestinos que matam meus homens.

— Como Bassam Odwan.

— Como ele.

— Esses outros palestinos, eles roubam seus mísseis novos, também?

O rosto de Abu Jamal manteve-se imóvel. Consegui a atenção dele, Omar Yussef pensou.

— Se você encontrar o sueco — Omar Yussef disse — talvez encontre o seu míssil, também.

Os olhos escuros de Abu Jamal tremularam.

Omar Yussef foi resolvendo o que ia dizer enquanto prosseguia, falando devagar e com determinação.

— O sueco foi raptado porque questionou a compra de diplomas universitários pelos oficiais da Segurança Preventiva.

Bassam Odwan foi morto por ter atirado no tenente Fathi Salah. O irmão de Fathi, Yasser, é da Segurança Preventiva. Odwan me disse que ele estava sozinho com Fathi quando os tiros foram dados por um único atirador.

— Você encontrou com Bassam?

— Na sua cela na prisão. Outro homem da ONU, James Cree, foi explodido pelas Brigadas de Saladino da Cidade de Gaza, mas foi sob as ordens de alguém em Rafah que poderia estar, na verdade, tentando me matar.

Abu Jamal estremeceu com a menção a James Cree. Alguém poderoso atribuiu a vocês a culpa de um embaraçoso ataque à ONU, Omar Yussef pensou.

— As ordens para matar o homem da ONU vieram de Rafah — Omar Yussef disse. — De Yasser Salah.

Então Abu Jamal falou devagar e cuidadosamente.

— Por que Salah quer matá-lo?

— Eu estive na casa de sua família para investigar o sequestro do sueco. Yasser Salah é a figura que conecta todas essas tramas. É onde você vai encontrar o míssil.

Abu Jamal tossiu e cuspiu num lenço de papel.

— O tenente Fathi Salah veio nos oferecer o míssil. Ele era um oficial da Inteligência Militar. Talvez eles tenham o míssil.

Omar Yussef balançou a cabeça e acariciou o bigode.

— Fathi estava com medo e sozinho quando encontrou com Odwan. Isso porque estava operando sem permissão de seu chefe, o general Husseini.

— Por que ele não vendeu o míssil para o general Husseini?

— Ele teria feito isso, mas Yasser não podia permitir. Se o chefe dele, o coronel al-Fara, descobrisse que ele vendera uma arma tão estratégica ao seu maior rival, teria sido o fim da linha para Yasser.

— Vender o míssil para as Brigadas de Saladino era a opção neutra?

Omar Yussef assentiu.

— Mas algo deu errado na venda. Isso não importava para Salah, porque ele ainda poderia vender o míssil para o coronel al-Fara. Mas ele tinha de se livrar de seu irmão primeiro. — Omar Yussef esfregou as palmas das mãos como se as estivesse lavando. — Ele sabia que o general Husseini iria culpar Odwan pela morte de Fathi.

— Então Yasser Salah vendeu seu próprio irmão. Mas por que ele iria sequestrar o sueco?

— Isso eu ainda não sei. Talvez tenha a ver com seu diploma da al-Azhar. Ele comprou o diploma para poder ser promovido. Talvez temesse ser demovido ou punido por corrupção, se o diploma fraudulento fosse tornado público.

Abu Jamal balançou a cabeça.

— Seria muito arriscado para Yasser. De qualquer forma, os oficiais de al-Fara recebem promoções por corrupção. Mas talvez você esteja certo quanto ao míssil.

— Ele inclinou-se na direção de Attiah e sussurrou. O homem corpulento foi até os fundos do apartamento e falou ao telefone em voz baixa. — Vamos procurar o míssil na casa de Salah — Abu Jamal disse.

— Quando?

— Tínhamos outra missão planejada para hoje, tarde da noite, de modo que todos estavam de sobreaviso. Logo estaremos preparados.

— Nós iremos com vocês.

Abu Jamal estalou a língua e ergueu o queixo. Não.

— Você está esquecendo o sueco — Omar Yussef encarou Abu Jamal.

O líder das Brigadas de Saladino apertou o queixo com a mão boa.

— Está bem. Fique fora do caminho, todavia. Não quero a morte de outro sujeito da ONU atribuída às Brigadas de Saladino.



Se eu morrer, Omar Yussef pensou, você não terá problema nenhum. Ninguém vai nem mesmo pegar o telefone para ligar para você.

Eram 23 horas quando Abu Jamal decidiu que tinha reunido armamento suficiente para ter certeza de tomar a casa de Salah. Omar Yussef ficou indo e vindo na escuridão sobre a papelaria. Ele tinha certeza de que Yasser estava com o míssil, mas não estava completamente seguro de que esse segundo irmão Salah também estava por trás do sequestro de Wallender. Se estivesse errado, queria saber logo, para poder seguir pistas diferentes para libertar o sueco.

Omar Yussef deu um gemido baixo de frustração. Essas eram considerações inúteis — se Wallender não estivesse na casa de Saian, ele não iria achá-lo de jeito nenhum.

Seu colega continuaria à mercê das várias gangues que poderiam estar mantendo-o em cativeiro. As Brigadas de Saladino iriam recuperar o míssil deles, copiá-lo, dispará-lo sobre a fronteira para Israel e trazer uma nova guerra contra o povo de Gaza. Ao menos alguém ficará satisfeito, ele pensou. Cerrou os punhos atrás das costas.

Passos pesados aproximaram-se rápidos dos fundos do apartamento. Na escuridão em torno do sofá mais longe, a ponta laranja do cigarro de Sami mergulhou na direção da mesinha e foi esmagada. Ele estava de pé ao lado de Omar Yussef quando Attiah Odwan entrou pela porta. Sobre seu peito forte e musculoso, empunhava uma submetralhadora Cari Gustav. Tinha oito granadas presas no cinto e seu colete estava volumoso com cartuchos sobressalentes para a arma. Fez um gesto com a cabeça para que eles o seguissem.

Na base da escada, três jipes estavam em ponto morto com os faróis desligados. Os homens dentro deles tinham envolto seus *keffiyehs* em torno dos rostos contra a poeira. Omar Yussef nunca usava esse lenço xadrez, mas gostaria de ter um agora, mesmo sendo um sinal de simplicidade rústica. Ele não sabia se estava com frio porque usava apenas uma camisa ou porque a tensão em seus músculos impedia a circulação do sangue. Ele tossiu e sentou-se ao lado de Sami no primeiro jipe. Abu Jamal desceu rapidamente a escada. Pôs um boné verde com abas e sentou-se em seu lugar no banco da frente. Attiah Odwan correu até a esquina da rua principal e esquadrinhou-a rapidamente antes de dar o sinal para o comboio partir. Entrou no banco de trás ao lado de Omar Yussef.

Quando ele se deslocou no banco para dar espaço, Omar Yussef bateu a cabeça em algo de metal. O golpe reacendeu os ferimentos do sequestro de Wallender e ele grunhiu de dor. Virou-se para dar um olhar irritado para um dos milicianos no espaço de bagagem do jipe, que estava retirando o tubo grosso de um

míssil de lançar apoiado no ombro como o que Omar Yussef vira ser usado contra a casa do general Hussein naquela manhã.

O miliciano pôs o míssil junto a outro que ele mantinha vertical entre as pernas. Deu um tapinha com os nós dos dedos no lançador de míssil onde tinha acertado a cabeça de Omar Yussef e deu de ombros, seus olhos pedindo desculpas aparecendo entre as dobras do keffiyeh.

— Tenha cuidado — Omar Yussef disse. — Basta uma bala para explodir minha cabeça. Não gaste o seu míssil à toa.

Abu Jamal deu um olhar de relance para a parte de trás do jipe e falou com o homem com os mísseis antitanque LAW.

— Quando chegarmos lá, mantenha-se perto de mim.

Os jipes desceram rápido a rua principal. Se estava tranquila no começo da noite, agora estava vazia e fantasmagórica. As noites em Rafah pertenciam às milícias, aos contrabandistas e, às vezes, aos esquadrões israelenses incógnitos.

Sami acendeu um cigarro e ofereceu o maço para o miliciano atrás, que ficou grato. Attiah Odwan declinou a oferta de cigarros.

— O que você pretende fazer na casa de Salah? — Omar Yussef perguntou a Abu Jamal.

A cabeça e os ombros de Abu Jamal balançavam com os solavancos do jipe na rua malconservada. Ele estava calmo e relaxado.

— Vamos ter a vingança pelo irmão de Attiah — ele disse.

Omar Yussef sabia que haveria mais mortes naquela noite.

Na tranquilidade do jipe, ele se perguntou se seu raciocínio sobre Yasser Salah estava correto. E se ele estivesse levando essa força pesadamente armada e implacável para a casa de uma família inocente? Uma sensação de pânico pulsou através dele. Pensou que talvez devesse diminuir o ímpeto dos milicianos, enquanto repassava sua lógica.

— Vocês poderão precisar de Yasser Salah vivo — disse. — Para guiá-los para onde o míssil está escondido.

— Alguém na família vai ficar vivo para nos mostrar — Abu Jamal disse. — Não imagino que vá ser Yasser. Ele não é do tipo.

— Yasser sabe a verdade — Attiah disse, em tom baixo.

Omar Yussef virou-se para o homem corpulento apertado no banco ao lado dele.

— A verdade, Attiah?

— A família Salah exigiu a morte de meu irmão Bassam, porque disseram que ele matara o filho deles — Attiah disse, com os olhos fixos na escuridão poeirenta fora da janela. — A exigência deles estava correta segundo nossas tradições de

vingança de sangue. Mas não era verdade que Bassam foi o assassino. Agora, segundo essas mesmas tradições, eu me vingarei. A minha vingança é verdadeira.

Omar Yussef pensou um pouco sobre isso.

— Você acha que os Salah vão reagir lutando muito, Abu Jamal?

Abu Jamal ergueu as mãos à frente dele e deu de ombros.

— Aqueles que morrem lutando pela resistência vão para o Céu — disse. — Aqueles que nós matamos vão para o Inferno.

Eu não acredito no Céu, Omar Yussef pensou. Olhou para a noite sombria. Estavam na seção semidemolida de Rafah, onde as paredes eram perfuradas de buracos de bala, enquadradas por bordas despedaçadas e explodidas por obuses de tanques. E o Inferno é bem aqui.

O primeiro jipe diminuiu a velocidade e virou a esquina na viela que levava à casa da família de Salah. Avançou até o espaço arenoso onde James Cree estacionara o Suburban da ONU um dia e meio antes. Omar Yussef franziu o cenho. Parecia tanto tempo atrás, quase como se Cree estivesse morto há tantos anos quanto o seu homônimo no Cemitério Militar Britânico. Quantos anos de idade isso significaria para mim?, ele pensou. Vivi vidas inteiras hoje.

O segundo jipe chegou ao lado deles e o último foi para o oeste da casa. Os milicianos desceram silenciosamente dos jipes. Omar Yussef pisou rigidamente na areia, flexionando os ombros após ter ficado espremido entre Sami e Attiah.

A casa estava escura. Através da poeira dançando no ar, Omar Yussef podia ver a lona preta da tenda de luto agitando-se com o vento e ouvir suas ressonâncias graves, incessantes. As oliveiras balançavam contra o muro da casa. Ele deu alguns passos na rua e olhou na direção da garagem nos fundos da casa, pela qual ele e Cree tinham passado ao irem embora no dia anterior. Forçou os olhos na escuridão. Uma fraca luz saía das frestas da porta entre a garagem e o jardim. Veio uma rajada de vento, e Omar Yussef piscou por causa da poeira. Quando abriu os olhos, a luz da garagem estava apagada. Alguém sabia que eles estavam lá.

Os milicianos avançaram na areia para o muro. Omar foi atrás deles. Ele distinguiu Abu Jamal pela ponta de seu boné e sussurrou o nome dele. Queria lhe avisar sobre a luz da garagem. Abu Jamal se virou.

Uma súbita explosão de disparos cerrados projetou-se da casa. Seu tom barítono harmonizava-se com o baixo da tenda de lona batendo. Abu Jamal ajoelhou-se. Empunhou sua Kalashnikov e abriu fogo contra uma janela no andar superior da casa de Salah. Seus homens se protegeram atrás do muro em volta do bosque de oliveiras. Abu Jamal seguiu-os rapidamente, ainda atirando.

Omar Yussef se abaixou no meio da areia, bem onde estava quando os tiros começaram. Via os clarões laranja nas pontas das armas no andar superior da casa de Salah, mas quando olhava em volta na escuridão, tudo ficava negro. Alguém

agarrou-o pela cintura e o fez avançar para a cobertura do muro. Ele caiu para a frente, mas continuou indo, atabalhoadamente, de quatro pela areia. Jogou-se no chão junto à parede e pôs os óculos de volta no lugar. Virou-se, ofegante. Sami sorriu e lhe deu um tapinha no ombro.

Os milicianos se juntaram dos dois lados do poste, se preparando-se para atacar a casa. Um clarão rasgou a escuridão e parte do muro se desintegrou. A explosão levou ao ar dois dos milicianos e jogou-os na areia a alguns metros do muro. Omar Yussef sentiu a explosão como uma onda de calor maior na noite úmida. Yasser pôs uma armadilha na entrada, ele pensou. Um dos homens na areia gritou de dor. Outra rajada veio da metralhadora na janela do andar de cima e ambos os milicianos caídos ficaram imóveis. Attiah levantou-se e disparou contra a janela.

Abu Jamal fez um sinal para o homem com os dois mísseis LAW presos às costas. O homem assentiu, preparou um dos mísseis e avançou para o portão. Seus ombros se ergueram ao inspirar profundamente. Deu um passo no espaço aberto e disparou contra o alto da casa. O míssil atravessou com um vermelho e azul brilhantes a janela de onde os tiros se originavam. Atingiu o cimento dentro com um som similar ao de uma árvore grande caindo e encheu o quarto de luz.

Os milicianos ergueram a cabeça e observaram o clarão tornar-se um vagalhão de fumaça escura. O homem com o míssil virou-se para Abu Jamal, assentindo entusiasmado.

Uma rajada de tiros veio de outra janela do andar de cima e ele caiu. Largou o lançador de mísseis e agarrou a barriga. Abu Jamal arrastou-o para fora da linha de fogo. Virou o miliciano gemendo de lado, tirou o míssil remanescente de suas costas e o apoiou no muro. Rasgou a camiseta do homem para examinar o ferimento.

Attiah encostou-se na parte destruída do muro, devolvendo o fogo. A fumaça do quarto que o míssil atingira estava mais grossa agora, obscurecendo o andar de cima quase completamente. O fogo se espalhara para os outros quartos. Em meio ao tiroteio, Omar Yussef ouviu uma mulher gritar. Attiah deu a volta no muro e, mantendo-se abaixado, investiu na direção da porta da frente da casa.

Omar Yussef agarrou o ombro de Sami.

— Tem uma garagem nos fundos. Vi uma luz lá antes do tiroteio começar.

Sami assentiu. Eles se esgueiraram atrás do muro, passando pelo lado da casa.

— Levante-me para eu pular para o jardim — Omar Yussef disse. — Você está em forma o bastante para pular por conta própria.



O muro tinha pouco mais de 2 metros de altura. Omar Yussef pôs o pé nos dedos entrelaçados de Sami e o homem mais jovem o empurrou até ele conseguir pôr o joelho sobre o muro. Havia cacos de vidro sobre ele, e Omar Yussef sentiu-os cortando suas mãos e pernas. Berrando entre os dentes cerrados, ele pulou rapidamente e caiu no chão do outro lado de costas. Ele rolou para ficar de frente, mantendo as mãos ensanguentadas fora da areia. Ficou de joelhos e agarrou a frente da camisa firmemente para estancar o sangramento em suas palmas.

— Sami, há cacos de vidro no muro. Cuidado.

— OK.

Ao menos duas armas pareciam estar sendo disparadas no interior da casa. Enquanto Omar Yussef fazia uma careta por causa da dor em suas mãos, um homem com uma camiseta branca precipitou-se para fora da porta dos fundos, descendo os degraus. Disparou alguns tiros para dentro da casa e fugiu pelo jardim. Só quando o homem estava perto ele viu que era Yasser Salah.

O impacto de uma bala disparada da casa lascou uma oliveira, e Yasser Salah abaixou-se apoiado num joelho. Attiah Odwan saiu da porta dos fundos, espalhando tiros pelo jardim. Omar Yussef deitou-se no chão. Yasser rapidamente mirou e disparou.

Puxou o gatilho pelo mais breve dos momentos, mas foi tempo o bastante para acertar Attiah com seis tiros. O homem corpulento caiu, morto. Omar Yussef ficou pasmo.

Yasser parou. Olhou na direção de Yussef, esquadrinhando a escuridão entre as oliveiras. Omar Yussef manteve-se imóvel na areia.

Sobre ele, ouviu um gemido e Sami apareceu no muro. Yasser empunhou o rifle e disparou. Sami caiu de volta da parede silenciosamente. Yasser correu para a garagem, abriu a porta e fechou-a depois de entrar.

— Sami? — Omar Yussef disse.

— Tudo bem, Abu Ramiz. Estarei aí com você num minuto.

— Foi atingido?

— Na verdade não.

— O que isso quer dizer?

— Só um raspão no ombro. Dê-me um segundo, OK?

Omar Yussef ficou olhando a porta da garagem precária. Ouviu tiros dentro da casa e mais de uma mulher gritando agora. Atravessou abaixado o jardim arenoso

até a garagem. O mais silenciosamente que conseguiu, Omar Yussef abriu a porta.

Um pequeno lampião estava num banco num canto. Balançou quando Yasser Salah o pegou, projetando uma penumbra cálida à sua volta, mas a luz não revelou a entrada de Omar Yussef. Com a outra mão, Salah estendeu o braço e puxou um homem em sua direção. As mãos do homem estavam amarradas na frente, e sua boca estava coberta com fita isolante preta. Seu cabelo ondulado, louro ficando grisalho, estava seco e desgrenhado.

Omar Yussef resistiu à tentação de chamar Magnus Wallender. Ele esgueirou-se pelas sombras até o canto iluminado da garagem.

Salah puxou um aquecedor à parafina para longe da parede. No lugar onde ele estava havia um alçapão no chão. Seu túnel de contrabando, Omar Yussef pensou. Salah abriu o alçapão. A entrada era um quadrado de apenas 90 centímetros com uma esquadria de madeira. Ele cortou a corda nas mãos de Wallender e arrancou a fita de seu rosto. Wallender urrou de dor, pondo a mão na boca. Escorreu sangue de sua barba curta para sua camisa. Salah pisou numa escada dentro do túnel, segurando a lanterna. Tirou uma pistola detrás das costas e apontou-a para Wallender. — Siga-me aqui embaixo — disse. Wallender assentiu, exageradamente obediente. Seus pés estavam no primeiro degrau.

Omar Yussef abriu a boca para chamar Wallender. Mas suas palavras foram engolidas pela explosão estrondosa do outro míssil do lançador, que atingiu o lado da garagem derrubando-o e levando com ele parte do muro atrás.

Ele forçou-se em seus joelhos e rastejou até a entrada do túnel. A garagem precária rachara com o impacto do míssil, e ele sabia que estava para desabar. Quando desceu no túnel, o telhado de madeira da garagem caiu. Ele olhou para baixo. Na base do poço, 3,5 metros abaixo, a luz da lanterna iluminava a parte de cima do corpo de Magnus. As pernas do sueco estavam voltadas para o túnel estreito que devia passar sob a fronteira. Omar Yussef não viu Salah. Suas mãos ensanguentaram os degraus da escada quando ele desceu.

Sobre ele, ouviu outra parede cair. Os suportes de madeira do poço rangeram e poeira saiu das frestas entre as tábuas.

Omar Yussef chegou ao fim da escada. Wallender estava de bruços, movendo-se para trás no túnel. Diferentemente do poço, ali não havia suportes de madeira e era ainda mais estreito: cerca de 60 centímetros de lado. Omar Yussef ficou de quatro.

— Magnus — ele sussurrou.

O sueco olhou na meia-luz que vinha detrás dele do lampião. Sua face ensanguentada demonstrou reconhecimento. O suor levou poeira aos olhos de Omar Yussef enquanto ele se esforçava para enxergar atrás de Wallender, mas o

corpo do sueco bloqueava a visão do túnel. A terra em volta deles murmurou e caiu poeira do teto.

Ele tinha de fazer com que eles voltassem.

— Yasser! — ele gritou para dentro do túnel.

— Vá se foder — Yasser berrou. — Vou atirar no estrangeiro.

— Vamos todos sair daqui, Yasser. Vai desabar.

A poeira caindo tornou-se constante, como chuva em todo o túnel. Então a terra gemeu como um homem levando um soco e o teto do túnel desabou. Omar Yussef mergulhou para agarrar o braço de Wallender. Ele puxou com força, e o sueco empurrou-se para a frente. O poço em volta de Omar Yussef encheu-se de poeira grossa. Na escuridão, ele tentou gritar o nome de Magnus, mas só conseguiu tossir. Segurava o braço do homem e podia sentir o sueco se movendo desesperadamente para libertar as pernas e a cintura, até a resistência ceder. Ele caiu para trás nas tábuas do poço quando Magnus saiu do túnel e ficou de joelhos. Ele pôs os braços em torno do sueco e eles se abraçaram. Empurrou Magnus escada acima e começou a subir atrás dele no ar espesso. Ouviu pedras batendo umas contra as outras sobre ele.

— Não consigo sair, Abu Ramiz — Wallender disse do alto da escada. — Está bloqueado.

Quando o telhado da garagem caiu, cobrira a saída do túnel. Tossindo, Omar Yussef e Wallender gritaram que estavam soterrados. Ouviram atentamente o silêncio profundo, e então gritaram de novo.

Enquanto esperavam, Omar Yussef sentiu tranquilidade. Ele tinha encontrado Magnus. Mesmo que fosse para os dois ficarem presos naquele túnel para sempre, sem que ninguém lá em cima soubesse do destino deles, ele mostrara ao sueco o tipo de homem que era. Eu talvez fique aqui, pensou, enterrado em Gaza com o bisavô de James Cree. Ele franziu o cenho. Um clarão passou por sua mente por um momento, ligando o velho esqueleto no necrotério do doutor Najjar e o Cemitério Militar Britânico. Ele tentou juntar as duas imagens mais uma vez, mas distraiu-se com Magnus gritando através da madeira e das pedras por socorro.

Magnus estava ofegante. Pôs a mão no ombro de Omar Yussef.

— Abu Ramiz, enquanto estive em cativeiro, me senti muito solitário — murmurou. — Embora eu ainda esteja preso, ao menos agora tenho um bom amigo comigo.

— E então ele ergueu a voz: — Diga-me, a Suécia invadiu a Noruega? — Deu um tapa no ombro de Omar Yussef e virou a cabeça para trás, rindo. Omar Yussef viu que seu companheiro estava tão aliviado de se ver livre de Yasser Salah que mesmo a perspectiva de ser enterrado vivo não prejudicava seu bom humor. Ele tossiu poeira e deu um sorriso.

O entulho acima deles fez barulho ao ser removido. A entrada do poço foi aberta e Wallender foi puxado da escada. Omar Yussef seguiu-o. Sami pegou-o sob os braços, fazendo uma careta por causa do ferimento leve em seu ombro, e o colocou sobre as pedras da parede desabada da garagem. Omar Yussef ficou ofegante e suando ao lado de Magnus. A tempestade de areia ainda cobria Rafah de sujeira e umidade, mas para Omar Yussef pareceu fresco e estimulante, como o ar das montanhas, depois da poeira do túnel.

Sami inclinou-se no poço que levava ao túnel e olhou a escuridão.

— Ninguém mais lá embaixo?

Omar Yussef ergueu a cabeça para dizer o nome de Yasser Salah, mas ele engasgou-se e tossiu até seu diafragma pressionar os pulmões.

Abu Jamal atravessou o entulho da garagem desabada, empunhando uma lanterna. Seus homens estavam jogando vigas de madeira e pedaços do telhado de metal para o jardim, dando uma busca em meio à destruição. O chefe dos milicianos encarou o sueco exausto. Agachado e respirando fundo, Wallender estava coberto de terra dos pés à cabeça.

Ele protegeu os olhos do facho da lanterna de Abu Jamal.

Omar Yussef endireitou-se e dirigiu-se a Abu Jamal.

— Este é Magnus Wallender da ONU, que foi sequestrado por Yasser Salah. Yasser está morto, lá embaixo no túnel.

Abu Jamal olhou para Wallender como se Omar Yussef o tivesse apresentado para o mais imundo dos cães vira-lata de Gaza. Ele virou a lanterna para Omar Yussef, tirou sua pistola do coldre e apontou-a para ele.

— Seu canalha, onde está a porra do meu míssil?

Magnus Wallender levantou-se, ofegante. Apele em volta de sua boca, de onde Yasser Salah arrancara a fita isolante, estava sangrando e com barro úmido colado. Seu cabelo cheio estava eriçado em tufo medonhos e seus olhos azuis-claros se destacavam acentuadamente numa face coberta de pó. Ele flexionou os ombros, piscou para tirar a poeira e ficou em frente de Abu Jamal.

— Quem quer que você seja — ele disse —, baixe essa arma.

Abu Jamal olhou Wallender de cima a baixo. Lançou um olhar de relance para trás dele, onde seus homens estavam tirando o entulho, esperando achar o míssil.

— Sei quem você é, mesmo que você não me conheça — disse. — Sua sorte é que eu não quero problemas com a ONU, porque senão eu iria matá-lo.

Wallender estendeu a mão para a pistola de Abu Jamal. Abu Jamal desviou-se dele, mas pôs a arma no coldre de couro.

O miliciano coçou a nuca e deu um chute mal-humorado num bloco de concreto quebrado. Deu um passo para o lado de Wallender, para poder dirigir sua reclamação para Omar Yussef.

— Então, onde está o Saladin I?

— Yasser deve tê-lo escondido — Omar Yussef disse. Ele levantou-se devagar olhando para as palmas da mão sangrando.

— Preciso de algo para enfaixar minhas mãos.

— Que se fodam as suas mãos. Se você sangrar até morrer, as Nações Unidas não poderão me culpar por isso. — Abu Jamal foi para a casa.

Um dos milicianos saiu da porta dos fundos, empurrando o pai de Yasser e Fathi Salah escada abaixo na frente dele. Abu Jamal dobrou o passo e sacou a pistola ao atravessar o jardim arenoso. Quando chegou até Zaki Salah, pôs a mão no ombro do velho, forçou-o a ficar de joelhos e enfiou-lhe o cano da arma dentro da boca.

— Onde está o míssil? — gritou.

Zaki balançou a cabeça. Abu Jamal gritou de novo, depois berrou a questão uma terceira vez. Tirou a pistola da boca do velho, deu uma pancada com o cano no rosto de Salah e voltou-o para acertar o nariz. Escorreu sangue pela comprida *jalabiya* branca de Salah.

Abu Jamal agarrou a barba de Salah e puxou-o pela areia até onde o corpo de Attiah Odwan estava. Empurrou o velho para o chão junto ao corpo grande, musculoso. Salah olhou para a face do miliciano morto e murmurou uma bênção.

— Cale a boca — Abu Jamal gritou. — O canalha do seu filho o matou. O canalha do seu filho Yasser, que está morto e enterrado sob terra debaixo de sua

garagem.

Salah murmurou de novo, fechando os olhos e rezando pela alma de seu filho. Abu Jamal chutou o velho no estômago. Fez um gesto para o miliciano que trouxera Salah da casa.

— Levante-o.

Omar Yussef avançou no jardim. Foi na direção de Abu Jamal. Sami segurou seu pulso e balançou a cabeça. Omar Yussef o ignorou.

— Esse velho não sabe onde o míssil está — disse.

Abu Jamal virou-se e o olhou furioso.

— Você acha que um homem como Yasser iria confiar em alguém? Mesmo em seu próprio pai — Omar Yussef disse.

Abu Jamal olhou para Salah e depois olhou de volta para Omar Yussef.

— Se ele não sabe, então como nós vamos encontrá-lo?

— Você nunca vai encontrá-lo.

— Resposta errada.

— Não era uma resposta, era um desejo. — Omar Yussef ergueu o queixo para Abu Jamal. Cerrou as mãos ensanguentadas e as sentiu tremer.

— Se esse velho não sabe onde o míssil está... — Abu Jamal manteve seus olhos em Omar Yussef, enquanto erguia a arma para a cabeça de Salah — ...não preciso dele vivo. — Puxou o gatilho, e Zaki Salah caiu sobre o cadáver de Attiah Odwan.

Omar Yussef soltou uma interjeição de pasmo. As pernas do velho dobraram-se nos joelhos de um jeito não natural. O ferimento em sua testa era um pequeno buraco negro, mas o sangue jorrava da parte de trás de sua cabeça na areia. Omar Yussef estendeu o braço e pegou a mão deformada de Abu Jamal. Apontou para o corpo de Attiah Odwan sob o velho morto.

— Ao menos Attiah morreu bravamente — disse. — Você nunca terá essa honra.

Abu Jamal franziu os olhos, dirigindo-os por cima do ombro de Omar Yussef para Magnus Wallender. Yussef se perguntou se o miliciano estava considerando um novo sequestro, que poderia lhe permitir arrancar alguma recompensa do governo como compensação pela operação infrutífera daquela noite. Mas matar Zaki Salah parecia tê-lo acalmado.

Ele falou, num tom baixo.

— Como Attiah, estou pronto para ser martirizado — disse.

Omar Yussef sentiu o cheiro do mentol das pastilhas para garganta no hálito de Abu Jamal.

— Se Alá quiser.

Abu Jamal guardou sua arma. Seus olhos vermelhos estavam distantes.

— Isso também é um desejo?

— Abaixem-se! — um dos milicianos gritou de dentro das ruínas da garagem.

Abu Jamal e Omar Yussef se jogaram no chão. Ouviram um som oco quando algo veio pulando no chão na direção deles. Uma pedra, de uns 30 centímetros de diâmetro, acabou parando junto a uma oliveira a 1 metro deles. Não soou como uma pedra e pulara muito levemente. Omar Yussef retesou o corpo todo e esperou.

Um dos milicianos atravessou a areia vindo da garagem.

— Desculpe, chefe. Estava jogando entulho fora da garagem e joguei aquela pedra sem me dar conta do que era. Acho que é uma cobertura disfarçada de fibra de vidro para uma bomba de estrada. Quando a joguei, me dei conta de que era leve demais para ser uma pedra e achei que talvez já houvesse uma bomba no interior.

Foi por isso que gritei. — Ele ajoelhou junto à pedra.

— Não parece estar armada.

— O que mais há lá dentro? — Abu Jamal fez um gesto na direção do entulho.

— Algumas dúzias de Kalashnikovs e um monte de granadas sob os destroços. O depósito de armas de Salah. Um carregamento e tanto.

— Traga o jipe para cá e o coloque nele. — Abu Jamal disse.

— Agora está satisfeito? — Omar Yussef ajoelhou-se.

— Agora posso continuar nossa resistência. Até o meu martírio. — Abu Jamal chutou a pedra de fibra de vidro. Omar Yussef jogou-se no chão de novo. A pedra rolou para longe deles. Abu Jamal riu, de leve e zombeteiro.

Sami rasgara uma tira de sua camiseta e a amarrara em seu ombro, onde a bala de Yasser Salah o atingira de raspão. Ele se ajoelhou junto a Omar Yussef com uma panela de água e limpou a sujeira de suas mãos laceradas.

— Você quase foi enterrado vivo ali, Abu Ramiz — ele disse.

— É, pensei que ia ser meu túmulo eterno. — Omar Yussef lembrou-se da maneira como as imagens do esqueleto no necrotério e do Cemitério Militar Britânico tinham ocorrido a ele no túnel. Era como se tudo tivesse estado lá embaixo junto no mesmo buraco no chão com ele e Yasser Salah. Ele esfregou a testa.

— Eu não o teria deixado ali embaixo. Teria escavado e enviado seu corpo para Belém. Gaza é um lugar terrível para ficar, mesmo se forem só seus ossos. — Sami rasgou outra tira de sua camiseta e amarrou-a em volta da palma da mão de Omar Yussef.

Mesmo se forem só seus ossos. O Omar Yussef pensou em Yasser Salah, esmagado no túnel desabado. Embora Salah tivesse partido, outros iriam morrer quando seu estoque de armas fosse usado contra eles. Além da sepultura, os

homens em Gaza ainda podiam brandir a morte. Ele pensou no esqueleto na mesa de dissecação do patologista.

Quem você levantou dos mortos para matar?

A aurora dava um reflexo rosado à nuvem de poeira enquanto Sami acelerava saindo de Rafah, ao norte na estrada Saladino para a Cidade de Gaza. Wallender tinha lavado a pele rasgada em torno de sua boca sob uma torneira, mas seu rosto permanecia sujo e ensanguentado. O purificador de ar de pinho pendurado no retrovisor do jipe Cherokee brigava com o cheiro de suor e terra dos passageiros. Omar Yussef se perguntou se algum dia seu corpo iria ficar limpo da poeira que lhe constringia a respiração e entupia sua garganta.

No banco de trás, Wallender estivera tagarelando pela emoção com a liberdade readquirida desde que deixaram os homens das Brigadas de Saladino na papelaria, seus jipes carregados com as armas de Yasser Salah e os corpos de quatro de seus camaradas mortos.

Vou deixar que ele se lave e descanse antes de lhe contar sobre James, Omar Yussef pensou. Ou sobre Eyad Masharawi. Talvez eu não lhe conte o resto, jamais. Talvez assim eu consiga esquecer, também.

Ele contemplou as plantações de repolho. O vento tinha inclinado e retorcido os grupos isolados de figueiras. A tempestade de areia estava crescendo para a sua última borrasca. Talvez ela fosse enfim se encerrar e ele pudesse voltar a ver a luz do sol antes de ir embora de Gaza, afinal.

Quando passavam por Deir el-Balah, as altas palmeiras se arqueavam com o vento. As plantações de repolho ondulavam como a superfície esmeralda do mar, estendendo-se até a bem cuidada cerca viva em torno do Cemitério Militar Britânico. As rajadas vinham do leste com a aurora, como se a luz aumentando estivesse soprando sobre Gaza.

Omar Yussef olhou fixamente a cerca viva quando eles estavam se aproximando do cemitério. No túnel, foi como se este lugar de túmulos estivesse lá embaixo comigo e Yasser Salah. O velho esqueleto estava lá, também. Ele franziu o cenho.

— Sami, pare no entroncamento — ele disse, apontando na direção da pequena casa de fazenda do zelador.

O esqueleto misterioso no necrotério foi descoberto no canto de uma plantação aqui perto, ele pensou. Recordou-se das sepulturas profanadas quando visitara o cemitério com Cree. As palavras que Khamis Zeydan dissera para ele quando chegara a Gaza ressoaram em sua cabeça: Não há crime único, isolado, em Gaza. Cada um é conectado a muitos outros.

Omar Yussef saiu do carro e foi apressado até o portão do pátio do zelador, a cabeça curvada contra o vento. O zelador ficou apavorado quando viu Omar

Yussef, com as roupas imundas e cobertas de sangue e a cabeça coberta de poeira.

— Lembra-se de mim, Suleiman? Estive aqui com o senhor James Cree das Nações Unidas.

Suleiman Jouda assentiu, embora sua expressão permanecesse chocada.

Omar Yussef tossiu.

— Este é o amigo do senhor Cree, o senhor Wallender. Também das Nações Unidas.

Jouda olhou boquiaberto o rosto ensanguentado de Wallender e suas roupas imundas.

Omar Yussef passou pelo zelador.

— Ele é da Suécia — disse, com uma piscadela, como se isso explicasse o estranho aparecimento deles na porta de Jouda ao amanhecer. Jouda assentiu, hesitante.

— Precisamos inspecionar o cemitério por uma razão muito importante para a segurança das Nações Unidas, Suleiman.

Omar Yussef atravessou o pátio de terra batida, passando por um carrinho de mão e algumas ferramentas apoiadas na parede. Jouda abriu o portão do cemitério e entrou.

Omar Yussef pegou a pá de cabo comprido e a entregou a Sami. Ele ignorou a expressão perplexa de Sami e seguiu Jouda para o verdejante gramado do cemitério.

Wallender contemplou o bem cuidado cemitério.

— Isso não parece Gaza. O que estamos fazendo aqui, Abu Ramiz?

— Estamos prestando nossas homenagens — Omar Yussef disse. Voltou-se para Jouda. — Suleiman, mostre-nos as sepulturas que foram recentemente profanadas. Foram estas, perto do fim do caminho?

Jouda levou-os até a esquina do primeiro quadrado de lápides voltadas para o obelisco central no gramado.

— Foram apenas estas aqui, *ustaz* — ele disse. — Mas poderia me dizer, por favor, qual é o problema? Sinto muito perguntar, tio, mas o Consulado Britânico vai mandar alguém hoje para inspecionar os consertos que fiz nas lápides danificadas. Sua visita tem alguma conexão com isso?

— De certa forma. Tudo vai ficar bem. Não se preocupe.

— Essa é a *minha* pá? — Jouda disse, nervoso e agora levemente indignado.

— Confie em mim, Suleiman. — Omar Yussef saiu do caminho de pedregulhos para a grama.



Jouda tinha emendado as peças das lápides quebradas e replantado a grama em volta delas. A que tinha sido marcada com a pichação se destacava. A limpeza de Jouda tinha apagado os slogans dos vândalos, mas também removera noventa anos de poeira, deixando uma faixa diagonal ao longo da pedra.

Omar Yussef aproximou-se da sepultura. Leu a inscrição. *Soldado Eynon Price. Royal Army Medical Corps, 53rd (Welsh) Casualty Clearing Section, 28 anos. 4/5/1917.* Ele leu a inscrição de novo. Eynon Price, Eynon Price. Como se pronuncia esse nome? “Ai”, “ei” ou “i”? Eynon Price. Tinha certeza de que conhecia esse nome. Talvez um estrangeiro que trabalhava na ONU tivesse um nome parecido, mas ele não conseguia atinar quem podia ser. Então lembrou: tinha ouvido essas palavras, pronunciadas por uma língua não acostumada ao inglês. Na cela de Odwan. Quando o homem condenado contara a tagarelice sem sentido do tenente Fathi Salah antes de levar o tiro.

High Noon Price, Odwan achou que Salah dissera.

Odwan achara que Fathi Salah estava negociando o preço do míssil, mas o oficial assustado estava, lhe dizendo onde encontrar a arma. Era aqui seu esconderijo, disfarçado de profanação de sepulturas.

Omar Yussef sentiu um impulso de força e excitação. Tinha descoberto a verdade e agora estava para revelar o Saladin I.

— Sami, comece a cavar bem aqui.

Jouda protestou. Omar Yussef pôs as mãos nos ombros do homem e falou num tom reconfortante.

— Suleiman, houve um terrível ato criminoso. Você ouviu falar dos ossos que foram encontrados aqui perto e levados para o necrotério do Hospital Shifa?

Jouda assentiu.

— Estava no jornal, *ustaz* — ele disse. Manteve os olhos na sepultura, onde Sami estava tirando a grama que o zelador replantara tão recentemente.

— São aqueles ossos que deviam estar nesta sepultura.

— Então o que está na sepultura agora?

— Todo o mal de Gaza.

— Deixe-o aí, então. — Jouda não questionou que o mal ficaria debaixo da terra.

— Não podemos fazer isso. Onde descansariam os ossos do soldado?

Sami estava trabalhando duro, já chegando ao peito a terra arenosa, o curativo no ombro cheio de sangue. Omar Yussef sentiu o ar ficando quente com o sol nascendo.

Pensou no tenente Fathi Salah, um bom aluno e mais tarde um oficial decente, mas um homem pobre, com um irmão mau, que o pressionou a fazer o negócio do míssil com as Brigadas de Saladino. Fathi não conseguiu ir até o fim no negócio sujo de Yasser e perdeu o controle. Quando Fathi informou a localização do míssil a Odwan, seu irmão o matou com um tiro. Omar Yussef lembrou-se da palestra no jantar do professor Adnan Maki sobre os invasores estrangeiros que tinham vindo a Gaza durante séculos, incluindo esses ingleses nas sepulturas sob seus pés. Mas não eram os estrangeiros que extorquiam o custo mais alto em sangue de Gaza: eram os homens como Yasser Salah, que matavam seus irmãos.

— Abu Ramiz. — Sami jogou a pá para fora da sepultura. Ergueu uma caixa de compensado de dentro dela. Tinha o comprimento de um caixão, mas estava amarrada com arame e a madeira era brilhante e nova.

Wallender ajudou Sami a colocar a caixa na grama. Sami enviou Jouda de volta ao pátio para buscar um cortador de arame. Ele sorriu para Omar Yussef, perplexo e com admiração. Quando Jouda voltou, Sami cortou o arame e usou o cabo da pá para abrir a tampa pregada da caixa.



O míssil era cinza e surpreendentemente estreito — não mais largo que o torso de uma criança pequena. Uma faixa amarela fazia um círculo em torno da extremidade pontiaguda e outra junto às barbatanas na base. Três peças de isopor o mantinham no lugar e estava envolto por sacos plásticos com ar.

— Suleiman, ligue para o hospital e fale com o doutor Najjar, o patologista. Diga a ele que você descobriu de onde são os ossos — Omar Yussef disse. — Diga-lhe que ligarei para o necrotério para explicar assim que puder.

O zelador foi apressado para a sua casa.

Omar Yussef curvou-se para fechar o engradado do míssil.

— De que se trata isso tudo? — Wallender perguntou.

— Este é o Saladin I — Omar Yussef disse. Martelou a tampa no lugar com a base da mão.

Sami aproximou-se de Omar Yussef.

— Como você pretende destruir o míssil, Abu Ramiz?

— Destruir o míssil? — Omar Yussef riu. — Nós vamos é vendê-lo.

Com o vento cessando, a nuvem de poeira assentou-se como uma película arenosa final sobre a rua Émile Zola, Omar Yussef piscou olhando para o céu. Um azul profundo passou através da poeira pela primeira vez em quatro dias. A bandeira tricolor no Centro Cultural Francês, ao lado da casa de Maki, pendia de seu mastro como se estivesse murchando com o calor do começo da manhã. Sami ficou com o Cherokee em ponto morto junto à calçada. Bateu com o punho no engradado de compensado do míssil, que estava sobre os bancos traseiros dobrados, e fez o sinal com o polegar para cima. Omar Yussef assentiu para ele e tocou a campainha no portão do professor.

A porta metálica azul se abriu e Omar Yussef entrou no jardim de arbustos luxuriantes e altas palmeiras. Acalmou-se com uma respiração profunda e notou que aquela era a primeira vez que inspirava sem também engolir um punhado de areia. Junto à fonte, a corça de plástico esticava o pescoço detrás de um arbusto, e Omar Yussef deixou seu focinho aninhar-se na crosta de sangue e suor na palma da mão enfaixada.

A criada do Sri Lanka o esperava na grande porta de mogno. Ela não deu a menor atenção à terra que cobria seu rosto e cabelo nem ao sangue que manchara a camisa onde ele tinha estancado os cortes das mãos. Ele se perguntou que tipo de pessoas estranhas vinham por aquela entrada para que a mulher minúscula pudesse receber, com um sorriso polido, uma aparição tão horrorosa como a que ele certamente estava.

— O professor Adnan ainda não se levantou — ela disse. — Mas se o senhor estiver com pressa, posso dizer a ele que o senhor está aqui.

— Por favor, faça isso. Obrigado.

A criada foi atrás de Adnan Maki. Omar Yussef puxou uma das cadeiras de madeira da mesa de jantar, para não sujar o sofá e dar trabalho a ela. Suas costas doíam e sua cabeça latejava. Magnus estaria tomando banho e se barbeando no Sand's Hotel naquele momento, e ele se perguntou quanto tempo demoraria para ele poder fazer a mesma coisa. Ele esfregou a barba crescida no queixo e dela caiu poeira, sujando o reluzente tampo da mesa. Ele limpou a terra com a borda da mão. O curativo deixou uma mancha úmida na superfície polida. Ele suspirou e balançou a cabeça.

A criada do Sri Lanka voltou. Sorriu e sugeriu um café. Omar Yussef pediu a ela sem açúcar e ela foi para a cozinha. Estava ouvindo os sons do café sendo feito, quando percebeu Maki observando-o por trás do biombo cloisonné chinês que ocultava o corredor. Maki usava um robe de seda vermelho e pijamas de seda

creme. Seu cabelo grisalho estava desgrenhado. Omar Yussef olhou o relógio. Eram 8h30.

— Manhã de luz, Abu Nabil — ele disse.

— Manhã de alegria — Maki disse. Sua voz estava baixa. Ele encarou Omar Yussef, bocejou e esfregou as mãos no rosto para acordar.

— Desculpe incomodá-lo.

Maki pareceu se livrar de sua sonolência num instante. Já estava exuberante e vivaz como sempre.

— De forma alguma, Abu Ramiz. Seja bem-vindo para tomar café da manhã comigo. Se boa companhia é rara em Gaza no jantar, no café da manhã é algo que nunca acontece. — Deu um sorriso malicioso.

Omar Yussef se perguntou que tipo de companhia Maki tinha no café da manhã em seu apartamento de Paris, longe dos olhos conservadores de Gaza. Provavelmente não teria muito mais classe do que Omar Yussef devia estar parecendo naquele momento.

— Peço desculpas pelo meu estado.

— Você gostaria de se lavar no banheiro? O que aconteceu com você?

A mulher do Sri Lanka trouxe o café. Maki disse a ela para trazer *croissants* e torradas.

— Eu realmente não estou com fome, Abu Nabil — Omar Yussef disse.

— Não, não, eu insisto que tomemos um café da manhã tranquilo, nós dois. — Maki sentou à mesa, — Sua excelente companhia é muito bem-vinda para mim. A reunião do Conselho Revolucionário acabou. Meus amigos cultos entre os delegados estão retornando à Cisjordânia. Tudo em Gaza voltou a uma calma mortal. Mortal, mortal, mortal.

Omar Yussef detectou uma camada mais profunda de sentido na repetição da última palavra por Maki. Talvez ele tivesse visto as anotações de Omar Yussef no verso do panfleto das Brigadas de Saladino, afinal. Mas isso não importava, agora. Omar Yussef tinha seu trunfo.

— Eu não vim para uma conversa culta. Quero fazer negócios — ele disse.

Maki inclinou a cabeça e abriu a mão.

— Tenho algo a oferecer, para negociar — Omar Yussef disse. A criada trouxe uma travessa com pães. Maki empurrou-a através da mesa para Omar Yussef, sorrindo.

— Esta é outra negociação pela liberdade de seu amigo, o professor Masharawi?

— Você sabe tão bem quanto eu que Masharawi está morto — Omar Yussef disse.

O sorriso desapareceu do rosto de Maki. Puxou a travessa de volta na mesa e pegou um croissant de chocolate. Enquanto mastigava, os olhos úmidos, negros, de girino dele se estreitaram até ficarem implacáveis e astutos. Ele limpou algumas migalhas do pão em seu largo lábio superior.

— Não sei tão bem quanto você, mas é verdade que eu sei.

— Eu tenho o Saladin I.

— O o quê?

— O protótipo do míssil que você e Yasser Salah roubaram das Brigadas de Saladino.

— Não sei do que você está falando. Quem é Yasser Salah? — Ele baixou o queixo como um cachorro preparando-se para investir.

Omar Yussef lutou contra seu cansaço para se concentrar.

— Yasser Salah era um oficial da Segurança Preventiva em Rafah. Você vendeu a ele diplomas universitários, para que ele pudesse ser promovido.

— Ele era um oficial da Segurança Preventiva, você disse?

— Ele está morto agora. Enterrado vivo em seu túnel de contrabando sob a fronteira egípcia. Fui até a casa dele na noite passada e encontrei meu colega sueco sequestrado lá, felizmente ainda em boa forma.

— O sueco está salvo? Então, tudo está resolvido para a sua satisfação. — Maki abriu amplamente os braços, expondo os pelos grisalhos em seu peito no colarinho do pijama.

— Não tudo. Quero vender o míssil para você.

Maki balançou a cabeça, como se profundamente intrigado.

— Por que eu iria querê-lo?

— Porque se você não o comprar, vou vendê-lo ao coronel al-Fara.

— E...?

— Ele vai querer saber como este míssil, que foi contrabandeado para Gaza pelas Brigadas de Saladino, acabou parando nas mãos de um professor da ONU.

— E o que você vai lhe dizer?

— Que seu aliado no Conselho Revolucionário, o professor Maki, queria uma fatia do tráfico de armas. Providenciou que diplomas da Universidade al-Azhar fossem concedidos a um João-Ninguém em Rafah chamado Yasser Salah, para que ele pudesse ser promovido a um cargo poderoso no ramo local da Segurança Preventiva.

Maki riu e bateu palmas.

— Abu Ramiz, a tempestade de areia afetou o seu cérebro, talvez. Tudo isso é extremamente fantasioso.

Omar Yussef o ignorou.

— Com o seu status nas forças de segurança protegendo-o dos contrabandistas rivais, Salah podia trazer armas e vendê-las facilmente. Quando ele ficou sabendo que as Brigadas de Saladino estavam trazendo um novo míssil, Salah considerou uma oportunidade e tanto roubar o protótipo e vendê-lo de volta aos milicianos.

Maki parou de rir. Seu queixo ficou tenso.

— Salah usou seu irmão, um oficial da Inteligência Militar, para fazer o negócio — Omar Yussef disse — para que as Brigadas de Saladino culpassem a Inteligência Militar pelo roubo. Seu irmão não conseguiu ir até o fim e estragou o negócio, então Salah o matou. Ele estava se preparando para vender o míssil para o coronel al-Fara, acredito, quando as coisas começaram a dar errado.

— Eu nada sei sobre esse míssil.

— Sim, você sabe. Yasser Salah tinha dois diplomas universitários fajutos, mas ele não era historiador. O míssil estava escondido numa sepultura no Cemitério Militar Britânico. Esse foi o seu toque, professor. Você é o homem da história. — Omar Yussef observou Maki atentamente. — Precisarei lembrá-lo de sua palestra no jantar sobre os britânicos na Primeira Guerra Mundial?

O professor desfez um croissant em pedaços. Colocou-os no prato, lado a lado.

— Os diplomas que você vendia para os homens da Segurança Preventiva como Salah lhe deram uma rede poderosa em toda a Gaza. Esses homens deviam suas promoções e poder a você, que os usava para vender as armas. Salah fazia o contrabando sob a fronteira. — Omar Yussef ergueu o indicador e olhou firme para Maki. — Mas se o coronel al-Fara descobrisse que você estava usando a venda de diplomas para mais do que só um pouco de dinheiro extra, ele o esmagaria. Ele não iria querer que seu pessoal tivesse nem mesmo uma cumplicidade parcial com ninguém mais.

— Eu vendi um diploma para al-Fara, também. — Maki sorriu. — De modo que pare de agir como se você estivesse em vantagem aqui.

— Eu tenho o míssil, lembre-se — Omar Yussef disse.

Maki descartou isso com um gesto da mão.

— Todos os mísseis parecem iguais para mim. Salah cuidava dessa parte do negócio.

— Você foi longe demais, Abu Nabil — Omar Yussef disse.

— Quando o professor Masharawi fez suas acusações quanto à corrupção na universidade, você fez sua rede na Segurança Preventiva enquadrá-lo como um espião.

No fim, sequestrou o sueco, explodiu James Cree e mandou matar Masharawi, porque viu que nós estávamos chegando perto demais da verdade.

— Eu não mandei que o sujeito da ONU fosse explodido — Maki disse. — Isso foi estupidez de Salah. Em todo caso, ele achou que você estaria no carro, em vez do estrangeiro.

— Mas você queria que eu fosse morto?

Maki ergueu o queixo com arrogância, depois o deixou cair e foi como se o ânimo de lutar tivesse se esvaído nele.

— Encontrei um panfleto das Brigadas de Saladino em meu escritório depois que você saiu, com as anotações sobre os irmãos Salah no verso. Havia um número de telefone também, então eu fiz Salah ligar para ele. Quando você atendeu, ele pôs o sueco na linha, para amedrontá-lo. Não funcionou, então eu dei a ordem para matá-lo. — Ele deu de ombros. — Mas seu amigo escocês já estava morto. Quando ele morreu, asseguro-lhe que eu não o queria morto. Aquela bomba na estrada foi demais.

Omar Yussef sentiu uma pontada no ombro onde a pedra o atingira perto do veículo incendiado de Cree. Era um ferimento em meio a outros, mas ele sentiu-o fundo no músculo agora.

— Foi demais para mim — ele disse. — Para você, era só parte da longa e fatal história de Gaza.

— Não sou um monstro, Abu Ramiz. Sou um político.

— Maki pôs as duas mãos sobre o coração e franziu o cenho.

— Como você acha que se faz política em Gaza? Com discussões sensatas entre homens que se tratam por “honrado cavalheiro”? Eu tinha a esperança de que você percebesse que estava envolvido em algo mais do que uma disputa trivial entre um professor em tempo parcial e o reitor da universidade. A tortura de Masharawi devia ter deixado claro para você que era muito maior do que isso. — Maki balançou a cabeça lentamente. — Se você tivesse sido mais esperto, seu amigo da ONU ainda estaria vivo. Não foi culpa dele não entender o jeito que Gaza funciona. Mas você é um palestino, e eu lhe disse para tirar os estrangeiros do caso de Masharawi. Ainda assim, você prosseguiu em sua investigação estúpida. Se alguém matou o escocês, foi você.

O queixo de Omar Yussef tremeu e suas mãos sacudiram de raiva.

— Você admitiu que estava preparado para ir ainda mais longe — disse, o mais calmamente que pôde. — Você emitiu uma ordem para que eu fosse morto.

— Essa era uma coisa muito menor que o assassinato do escocês. Você acha que alguém nas Nações Unidas iria se preocupar com a sua morte? — Maki disse. Ele sorriu, parecendo ganhar energia da raiva evidente de Omar Yussef. — Mesmo assim, a morte do escocês não vai dar em nada. Se a ONU descobrir que eu estive envolvido no assassinato dele, o que eles não terão como provar, pode acreditar em mim, os diplomatas deles vão abafar o assunto.

— Um dos colegas deles está morto.

— Ah, sim, você pode achar que eles vão querer justiça para o seu finado camarada. Mas eles ficarão bem mais preocupados com as negociações de paz. Não estarão dispostos a culpar um membro do Conselho Revolucionário por assassinato. — Maki fez um gesto para a sala em volta, como se seu luxo fosse prova de que ele estava acima da justiça e da lei. — A ONU vai fechar os olhos para isso, concordar que foi o resultado de alguma disputa interna entre milicianos criminosos e pagar uma pensão para a família do pobre homem, se ele tiver uma.

Omar Yussef recordou com amargura quão rápida a equipe de negociação da ONU tinha sido ao dar meia-volta para Jerusalém, depois que a bomba matou James Cree.

— Talvez você tenha razão. Deixarão o incidente ser abafado — disse. — Por que apenas os palestinos seriam corruptos em Gaza?

— Você veio me ouvir confessar? Você acha que três mil anos de morte em Gaza vão terminar se você me levar para a polícia? Eu dei a você uma aula sobre a história de Gaza quando jantamos naquela noite. Mas você não prestou atenção.

— Maki inclinou-se sobre a mesa e brandiu o indicador para Omar Yussef. Havia um pouco de chocolate derretido no nó. Maki o lambeu. Sorriu e estalou os lábios.

— Yasser Salah, Eyad Masharawi e seu homem da ONU são todos problemas menores. Esses três homens se beneficiaram da violência e da corrupção daqui: Salah vendia armas, Masharawi era o íntegro defensor da justiça e seu homem da ONU recebia um salário livre de impostos e a sensação agradável de estar ajudando os pobres nativos de cor.

— Custou a vida a eles.

— Esse foi o risco que correram. Enquanto viviam, prosperaram no mesmo sistema que acabou matando-os.

Omar Yussef fez um gesto com sua mão enfaixada.

— Vamos esquecer que somos ambos professores de história. Não estou preocupado com terminar a história violenta de Gaza. Quando me convidou para jantar em sua casa, você disse que poderia me oferecer incentivos para enterrar o caso de Masharawi. Entendi o que quis dizer com isso e estou disposto a deixá-lo comprar o meu silêncio agora.

Maki ficou imóvel. Sorriu hesitante, depois ergueu as sobrancelhas e riu. Bateu no tampo da mesa com as duas mãos e riu mais forte.

— Abu Ramiz, gostei de você no momento que o conheci.

— Ele apontou o dedo para Omar Yussef. — Você é um homem muito, muito mau, meu amigo. Meu caro, querido amigo. Um homem muito mau.

Maki pediu um uísque à criada do Sri Lanka. Ela o trouxe antes que ele tivesse parado de rir, e ele deu uma pausa apenas para virar a bebida. Ergueu o copo.

— Um para você, Abu Ramiz?

Omar Yussef balançou a cabeça.

— Quero 20 mil dólares — disse.

— Isso tudo?

— Esse foi o preço pelo qual você ofereceu o míssil às Brigadas de Saladino.

— Bom, tenho certeza de que posso conseguir isso.

— Em dinheiro. Agora.

Maki parou de rir e suspirou. Sorriu.

— Como vou saber que você está com o míssil?

— Abra a porta da sua garagem. Meu assistente entrará com o carro e deixará o míssil nela para você.

Maki conduziu Omar Yussef pela cozinha até a entrada lateral da garagem. Ele abriu a porta da rua e tirou seu Mercedes para abrir espaço. Omar Yussef fez um sinal para Sami, que entrou de marcha a ré na garagem. Com Sami, ele manobrou o engradado de compensado do míssil para tirá-lo da traseira do jipe e colocá-lo no chão manchado de óleo. Maki voltou e fechou a porta. Sami abriu a tampa do engradado.

Maki olhou para dentro e sorriu. Passou a mão ao longo do míssil, sem fôlego, como se fosse uma mulher nua.

— O Saladin I. Pode fechar, Abu Ramiz. Vou pegar o dinheiro para você.

Na sala de estar de Maki, Omar Yussef ficou indo e voltando no chão reluzente de mármore. O professor retornou com uma valise de couro preta. Colocou-a sobre a mesa de jantar e a abriu. Dentro havia vinte maços de dólares americanos. Omar Yussef folheou um dos maços.

— Não é preciso contar, Abu Ramiz. — Maki riu. — Considero o preço ótimo e o negócio excelente.

— O que você vai fazer com o míssil?

— Tenho certeza de que o coronel al-Fara vai achar um excelente negócio, também.

— Você vai dá-lo a ele?

— Dar? Abu Ramiz, você e eu estamos ambos envolvidos no tráfico de armas agora, de modo que nada de melindres. O coronel al-Fara sabia da tentativa das Brigadas de Saladino de contrabandear um novo protótipo. Ficou preocupado, porque isso daria a eles uma arma importante para ameaçar os israelenses.

— E, portanto, uma ferramenta para chantagear o partido e o governo por dinheiro — Omar Yussef disse.

— Se não fossem pagos, bombardeariam Israel com os mísseis Saladin I, e então os israelenses invadiriam Gaza. — Maki riu.

— Isso seria embaraçoso para o coronel al-Fara.

— Se al-Fara perdesse o controle da segurança em Gaza, logo tudo estaria terminado para ele. — Maki deu um murro na palma da mão. — Era minha intenção que Yasser Salah fizesse o negócio, mantendo-me fora dele. Mas vai funcionar do mesmo jeito se eu usar a minha relação pessoal com al-Fara. Assim que você for embora, vou ligar para o coronel e dizer-lhe que um intermediário ofereceu vender o Saladin I para ele.

— Com um pequeno lucro para você.

Maki fez uma medida, com um sorriso.

— Ele não vai se incomodar com uma pequena comissão, um honorário de consultor, se preferir. O coronel ficará bastante contente com o trabalho dessa semana. Primeiro, um homem da Inteligência Militar é morto e as Brigadas de Saladino levam a culpa. Como resultado, um homem das Brigadas, esse Bassam Odwan, é morto pela Inteligência Militar e em vingança as Brigadas executam o general Hussein, o maior rival do coronel al-Fara. Agora o coronel poderá comprar o míssil pelo qual todos os outros estavam brigando. Um resultado final dos mais satisfatórios para ele, você não acha?



Omar Yussef pegou a valise e foi para a porta. Estava no jardim com a mão no focinho da corça quando Maki falou com ele da porta.

— Qual é a sensação de carregar esse dinheiro, Abu Ramiz?

Omar Yussef deu de ombros.

— Você não se sente um pouco sujo, até um pouco excitado? Você está acostumado a carregar uma grande quantia de dinheiro de uma transação ilegal?

— Não. Mas estou acostumado a carregar livros escolares. — Omar Yussef ergueu a valise e deu um tapinha no lado dela. — Este é o manual da história de Gaza.

Omar Yussef galgou a viela, areia encobrindo a frente de seus mocassins, e apoiou a mão no mural da Cúpula da Rocha envolta em arame farpado. Ele sorriu. Mesmo que o arame fosse real, não poderia cortar sua palma muito mais do que os cacos de vidros ao longo do muro da casa de Salah. Talvez a morte tivesse ficado em seu encaixe em Gaza, como imaginara, mas apenas como uma lembrança de sua mortalidade, incitando-o a ações melhores. Em todo caso, não o pegara. Ele apertou seus curativos, abriu o portão e atravessou devagar as oliveiras e os limoeiros da casa de Masharawi, a valise de Maki batendo em seu joelho a cada passo.

O pátio de areia em frente à porta de entrada estava coberto por um toldo de lona preta, onde a família iria receber quem viesse lhe dar as condolências. Sob ele, Naji estava sentado numa cadeira plástica de jardim com uma garrafa térmica de café amargo e alguns minúsculos copos de poliestireno, pronto para cumprimentar as visitas. O menino não notou Omar Yussef chegando. Ele estava sozinho, desconsoladamente brincando com a orelha que, por seu ângulo insólito, o marcava como o filho de seu pai, o filho de um homem rotulado de colaboracionista. O menino estava com os olhos fixos no emaranhado de sombra sob as oliveiras. O suave arrulho de suas pombas pairava no ar quente. Omar foi silenciosamente para a casa.

Na sala de estar nos fundos da casa, encontrou Salwa Masharawi e Umm Rateb. As duas mulheres estavam sentadas de mãos dadas, Umm Rateb com os olhos fixos nos dedos de sua amiga com o desespero de um pai velando uma criança doente. Salwa olhava para a foto de seu marido na estante. Com a mão livre, levou um lenço pequeno, de renda, aos olhos. Omar Yussef as teria deixado em paz, mas ele precisava falar com Salwa. Ele passou pela porta.

— Abu Ramiz, manhã de alegria — Salwa disse. Sua voz estava sonhadora e lenta. Ela não pareceu notar as roupas sujas e mãos enfaixadas de Omar Yussef.

— Manhã de luz, minha filha — Omar Yussef disse. — Que Alá seja misericordioso com seu falecido marido.

— Obrigada, Abu Ramiz. Bem-vindo, bem-vindo — ela disse.

Umm Rateb se levantou. Ela ergueu as palmas das mãos como se tivesse as mãos enfaixadas de Omar Yussef nelas e olhou para ele preocupada. Ele balançou a cabeça.

— Precisamos lhe servir um café, Abu Ramiz — ela disse.

— Você não viu Naji na tenda de luto?

— O menino está de luto pelo pai dele, Umm Rateb. Ele não é um garçom. Deixe-o em paz.

— Eu farei café para você, *ustaz*. Sente-se com Salwa. — Umm Rateb foi para a cozinha.

Omar Yussef instalou-se no sofá. Suas coxas doíam e ele deu um gemido ao relaxar.

— Sinto muito não ter podido ir no funeral esta manhã — disse. — Encontrei meu amigo sueco sequestrado e pude libertá-lo. Acabamos de trazê-lo de Rafah.

— Que sejam dadas graças a Alá.

— Quero lhe dizer que, com todo o meu coração, me esforcei para evitar o que aconteceu com o seu marido.

— Eu sei, Abu Ramiz. — Salwa secou uma lágrima sob o olho com o lenço. — Em Gaza, um homem como Eyad pode falar o que pensa e pagar um preço terrível, ou ele pode ignorar o que está errado no mundo e sua vida dar a sensação de não ser melhor que a morte. Eyad escolheu o seu caminho. É por isso que eu o amava.

— Você está certa, minha filha. — Omar Yussef ergueu a valise e a colocou no colo de Salwa. Ela o olhou por um instante, e ele assentiu para que ela abrisse a pasta.

Salwa abriu os fechos e soltou uma interjeição de pasmo.

— Abu Ramiz, o que você fez?

— Isso é o mais parecido com o pagamento de um seguro de vida que a universidade lhe fará. Claro, nosso amigo entrará em contato com você quanto a uma pensão das Nações Unidas.

Salwa conteve outra lágrima no canto do olho. Abriu a boca para fazer outra pergunta, mas Omar Yussef estalou a língua. Ela voltou o olhar para a fotografia do marido.

— Obrigada, Abu Ramiz. — Ela fechou a valise e a colocou atrás do sofá. Umm Rateb trouxe uma pequena xícara de café.

— Que Alá abençoe suas mãos — Omar Yussef disse.

— Abençoado seja — Umm Rateb disse.



Omar Yussef sentiu o cheiro de água de rosa do sabão da mulher e sentiu a culpa de sua atração mais uma vez. E numa casa de luto, ainda por cima, pensou, balançando a cabeça. Mas ele se perdoou no mesmo instante. Não tinha razões para

duvidar de que era um bom homem, quaisquer que fossem seus impulsos menos elogiáveis.

Umm Rateb sentou-se na poltrona em frente a ele, soltando o ar das bochechas. Pigarreou.

— Abu Ramiz, espero que não seja tarde demais, mas lembra-se do panfleto que você deixou no escritório do professor Maki?

— Sei o que aconteceu com ele.

— Sabe? Eu o achei no chão atrás da escrivaninha dele. Havia a marca de um sapato nele. Talvez ele tenha pisado nele sem vê-lo.

— Ele com certeza o achou, Umm Rateb.

— Sinto muito. Tentei falar com você no hotel para dizer que estava com ele, mas você tinha saído. — O olhar de preocupação de Umm Rateb desvaneceu-se e ela sorriu com um ar cúmplice.

— A dama que atendeu ao telefone na recepção riu e disse que você estava “solucionando um caso”.

Meisoun. Agente O. Omar Yussef sentiu seu pescoço ficar quente e pigarreou.

— Nem imagino o que ela quis dizer. — Sua xícara de café chacoalhou no pires.

Ele despediu-se das mulheres e saiu para a sombra úmida do toldo. Sentou na cadeira de plástico ao lado do filho solitário, desajeitado, de Eyad Masharawi.

O menino mal ergueu os olhos. Alcançou uma das mãos enfaixadas de Omar Yussef e pôs seus dedos finos sobre ela. Os ombros de Naji balançaram. Os soluços vieram no mesmo ritmo do arrulhar das pombas na gaiola no andar de cima. Ele apoiou a testa no peito de Omar Yussef. O professor acariciou o cabelo escuro do menino com as pontas dos dedos da outra mão. Ficou sentado firme e imóvel por uma hora, até o menino acabar seu choro.

Sami parou o jipe em frente ao Sand's Hotel para pegar Magnus Wallender e Khamis Zeydan. O sueco estava quieto e sério — Omar Yussef pedira a Khamis Zeydan para dar a ele os detalhes da morte de Cree, enquanto visitava Salwa Masharawi. O chefe da polícia de Belém, todavia, estava positivamente transbordando excitação, ao entregar uma camisa limpa para Omar Yussef.

— O professor Adnan Maki está morto — ele disse.

Omar Yussef virou-se em seu banco e ficou boquiaberto.

Khamis Zeydan deu um tapa com a mão boa na prótese enluvada.

— Vai haver uma reunião especial do Conselho Revolucionário para discutir a situação. Afinal, esse é o segundo membro do Conselho assassinado em dois dias.

— Como aconteceu? — Omar Yussef tirou desajeitadamente sua camisa ensanguentada e pôs a limpa.

— A explicação oficial só estará disponível depois da reunião do Conselho Revolucionário, é claro.

— Claro. — Omar Yussef ergueu o queixo num rápido gesto de cinismo.

— Maki disse ao coronel al-Fara que ele podia providenciar para ele a compra do novo protótipo de míssil, aquele que estão chamando de Saladin I. Al-Fara deu o dinheiro para Maki, que lhe levou o míssil. Mas não era o novo míssil. Era um dos velhos mísseis Qassam. Há centenas deles em Gaza, e al-Fara o reconheceu imediatamente como um dos velhos. Ele já tinha um estoque próprio desses.

— Maki não conseguiu sair-se dessa passando uma conversa no coronel?

— Talvez tivesse podido, mas al-Fara recebera uma ligação de Abu Jamal de Rafah. Ele informou ao coronel sobre Yasser Salah e o roubo do novo míssil. — Khamis Zeydan deu um tapa na coxa em sua agitação. — Abu Jamal acusou o coronel de roubar o míssil, porque Yasser Salah era um oficial dele, afinal. Parece que Abu Jamal culpou Yasser Salah e, portanto, al-Fara, pela morte de vários de seus homens no embate armado em que você salvou Magnus.

Quando deixou Wallender no hotel com Khamis Zeydan, Omar Yussef contara os eventos da noite anterior apenas até o resgate do sueco. Tinha dito a Wallender para ficar calado quanto à descoberta do míssil no cemitério, e a venda do míssil para Maki tinha ficado apenas entre ele e Sami.

— Então ou seria uma guerra total entre Abu Jamal e al-Fara — Omar Yussef disse — ou culpar alguma outra pessoa.

— Isso mesmo. O coronel lembrou que Salah tinha sido recentemente promovido após ter recebido seu diploma em direito.

Ele sabia o tempo todo das vendas de diplomas por Maki; aparentemente ele até comprara seu próprio diploma de direito.

As vendas permitiam conectar Salah e Maki. Ele percebeu que tinha sido traído e também achou seu bode expiatório.

— Ele matou Maki? — Omar Yussef perguntou.

Khamis Zeydan assentiu.

— Maki foi encontrado há menos de uma hora em seu jardim, caído na fonte. Ele foi alvejado no estilo de Moçambique.

— O que isso quer dizer?

— Uma bala em cada lado do peito e uma na testa. É uma técnica altamente profissional de assassinato. Os treinadores da CIA a ensinaram para os agentes de al-Fara. Ninguém mais age assim em Gaza. Ficará claro para Abu Jamal que al-Fara ordenou o assassinato como compensação pelo roubo do míssil.

— É isso que o Conselho Revolucionário vai decidir?

— Escute, al-Fara matou Maki. Talvez ele também tenha tido algo a ver com a morte do general Hussein. Se você estivesse no Conselho Revolucionário, você iria apontar o dedo para ele? — Khamis Zeydan fez um gesto de desdém. — Vamos pôr a culpa num dos grupos islâmicos e vamos ser todos muito, muito polidos com o coronel al-Fara.

Eles seguiram pela estrada Saladino ao sul para Deir al-Balah.



Sami estacionou na sombra da alta palmeira em frente à casa do zelador do Cemitério Militar Britânico. Uma ambulância estava parada junto à cerca viva e o doutor Najjar estava no portão do pátio do zelador, gritando instruções para os paramédicos. O patologista cumprimentou Omar Yussef com cinco beijos e o levou ao cemitério.

Omar olhou para o céu. A tempestade de areia tinha cessado de vez durante o resto da manhã. O sol parecia estar fazendo um furo bem entre os poucos fios de cabelo no alto de seu couro cabeludo, direto no cérebro. Era exatamente meio-dia: *high noon*, em inglês, como o misterioso preço que deixara Bassam Odwan intrigado na cadeia.



A sepultura do soldado Eynon Price era um retângulo bem cavado, pronto para os restos mortais do soldado serem enterrados mais uma vez. Na frente do mais distante grupo de túmulos, Suleiman Jouda jogou a pá na grama ao sair da segunda vala. Suando do trabalho, ele se aproximou de Omar Yussef.

— Quando eu peguei este emprego, o cemitério tinha 80 anos. Não esperava ficar cavando mais sepulturas — ele disse, enxugando a testa na manga de sua camiseta.

— Você parece ter feito um bom trabalho — Omar Yussef disse. — Daria para pensar que você vem cavando sepulturas a vida toda.

— Sou de Gaza, *ustaz*. Está no meu sangue — Jouda disse.

— Seja como for, espero ter cavado esta no lugar certo.

Omar Yussef deu um passo para a nova sepultura. Estava alinhada com uma das primeiras lápides: *Soldado James Cree. 4 Battalion Queen's Edinburgh Rifles. 21 anos. 5/11/17.*

— Sim, Suleiman, você cavou precisamente no lugar certo. Bom trabalho.

— O cavalheiro do consulado britânico está a caminho para o segundo enterro do soldado Eynon Price — Jouda disse. — Ele disse que não há necessidade de retardar o funeral até ele chegar, porque o senhor Cree não era atualmente membro de uma organização britânica. Ele disse que deixaria o senhor Wallender se encarregar, como o representante das Nações Unidas.



Os paramédicos trouxeram dois caixões do pátio da casa do zelador. O primeiro era simples, de pinho cru. O doutor Najjar instruiu-os a colocá-lo ao lado da sepultura de Eynon Price, até o oficial consular britânico chegar. O segundo era um comprido engradado de compensado, que eles trouxeram para a sepultura de James Cree.

— Material estranho para um caixão — Khamis Zeydan disse, em voz baixa.

Suleiman Jouda pulou na sepultura de Cree e pegou o peso do caixão dos homens da ambulância. Ele subiu de volta e esperou Magnus falar.

O sueco não olhou para o caixão. Fixou os olhos no céu, enfiou um dedo atrás dos óculos para enxugar uma lágrima e leu um serviço funerário breve de um livrinho de orações. Ele fechou o livro.

— Os eventos em que James e eu tomamos parte nessa semana me ensinaram que as pessoas do Ocidente, como eu, têm uma visão muito simplista do que é certo e do que é errado aqui no Oriente Médio. Acreditamos que o bem deve triunfar sobre o mal, mas então apoiamos homens maus, quando é politicamente conveniente. James nunca aceitou isso, porque ele se importava realmente com esta terra e seu povo. Então eu sempre me lembrarei dele, aqui em sua sepultura em Gaza.

Jouda jogou a terra seca sobre a caixa de compensado.

O doutor Najjar apertou a mão de Wallender.

— Que Alá tenha misericórdia dele, o homem que se foi — ele disse.

— Obrigado, doutor — Wallender disse. — Obrigado por cuidar do corpo dele.

O médico pigarreou.

— Sim, sim, não há de quê. Agora, eu preciso que você assine alguns papéis. Há alguns requerimentos oficiais, e você é o representante das Nações Unidas.

— Claro. — Wallender pegou os papéis. Franziu o cenho.

— Mas são para o traslado do corpo.

— Correto.

— Mas estamos enterrando-o aqui. — Wallender virou a página. — Estes são para as autoridades israelenses. Para a passagem do caixão pelo posto de controle para fora de Gaza.

Omar Yussef pegou o braço de Wallender.

— Doutor Najjar, é melhor ir preparando o outro corpo para o enterro, enquanto Magnus olha esses documentos.

O médico atravessou o gramado com um sorriso.

— Abu Ramiz, o que está acontecendo? — Wallender perguntou.

— O corpo de James será trasladado para Israel e de lá seguirá de avião para a Escócia. Foi tudo providenciado pelo pessoal das Nações Unidas em Jerusalém. Eles apenas precisam que você assine as autorizações deste lado.

— Não estou entendendo.

— O corpo de James ainda está no necrotério.

— Então, quem está na sepultura?

— Não quem, mas o quê.

— Não entendi, Abu Ramiz.

— Nós simplesmente acabamos de enterrar algo que as pessoas estavam dispostas a matar para obter. Ficará aqui por um século ou talvez para sempre. Pelo

menos por tempo suficiente para se tornar obsoleto.

Wallender olhou fixamente para a sepultura, até entender.

— O novo míssil?

Omar Yussef assentiu.

— Troquei-o por um velho míssil Qassam, que então Maki tentou vender ao coronel.

— Onde você conseguiu o velho, para fazer a troca?

Omar Yussef deu um tapinha do lado do nariz e pensou nos dois homens das Brigadas de Saladino da Cidade de Gaza, Walid e Khaled, que entregaram um único míssil de seu estoque e agora podiam se considerar limpos com as Nações Unidas quanto ao ataque a Cree. O Saladin I nunca saía do cemitério.

— Vamos lá permitir que aquele pobre soldado descanse em paz — ele disse.

Suleiman Jouda bateu no pequeno monte de terra sobre a nova sepultura com a parte de trás da pá e colocou uma cruz temporária com o nome de James Cree.

Um homem alto, balofo, exuberante de terno cáqui de verão entrou no cemitério. Acenou todo simpático e foi para o túmulo do soldado Eynon Price. Era o homem do consulado britânico em Jerusalém. Ele enxugou o suor na testa e no pescoço com um lenço.

— Danado de quente aqui hoje — disse. — Ainda assim, fiquei sabendo que por pouco não pegava a tempestade de areia. Graças a Deus pelas pequenas misericórdias, não? — Tirou alguns papéis impressos do bolso e leu o serviço funerário, com os outros reunidos em volta da sepultura de cabeça baixa.



O céu estava de um azul profundo. Omar Yussef lembrou a história de Nadia sobre as lágrimas de Atum. Se a divindade egípcia chorou e suas lágrimas se tornaram os seres humanos, não era, afinal, um deus em que Omar Yussef podia acreditar. Seu deus tinha chorado poeira, uma tempestade de poeira que lhe negara a visão e o sufocara até ele se ver forçado a terminar o choro por conta própria. Omar Yussef olhou para o céu azul e sorriu. Os olhos do deus estavam finalmente secos, por terem chorado demais.

Table of Contents

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32